

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

VICTOR GAVA KAMIGASHIMA

A CULTURA POLÍTICA NÔMADE NA REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA. DA
PRESENÇA RUS À INSTALAÇÃO DA HORDA DOURADA

CURITIBA

2024

VICTOR GAVA KAMIGASHIMA

A CULTURA POLÍTICA NÔMADE NA REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA. DA
PRESENÇA RUS À INSTALAÇÃO DA HORDA DOURADA

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História. Programa de Pós-graduação em História – do Departamento de História, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto

CURITIBA

2024

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DE CIÊNCIAS HUMANAS

Kamigashima, Victor Gava

A cultura política nômade na região Ponto-Balto-Cáspia : da presença Rus à instalação da Horda Dourada. / Victor Gava Kamigashima. – Curitiba, 2024.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História.

Orientador: Prof. Dr. Otávio Luiz Vieira Pinto.

1. Nômades – Ásia, Centro - História. 2. Nômades – Estepes. 3. Rússia de Kiev. 4. Kaghanato Khazar. I. Pinto, Otávio Luiz Vieira, 1988-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação do Mestrado em História. III. Título.

Bibliotecária: Fernanda Emanóela Nogueira Dias CRB-9/1607

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação HISTÓRIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **VICTOR GAVA KAMIGASHIMA** intitulada: **A Cultura Política Nômade na região Ponto-Balto-Caspia. Da presença Rus à Instalação da Horda Dourada**, que após terem inquirido o aluno e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua **APROVAÇÃO** no rito de defesa. A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 16 de Fevereiro de 2024.

Assinatura Eletrônica

16/02/2024 17:19:55.0

RAFAEL FARACO BENTHIEN

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

16/02/2024 17:17:48.0

FABIO AFONSO FRIZZO DE MORAES LIMA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO)

Assinatura Eletrônica

16/02/2024 19:10:50.0

BRUNO UCHOA BORGONGINO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO)

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais, Heitor e Ivana, que sempre foram tão vocais e ativos incentivadores da minha educação e formação ao longo de toda a jornada que me trouxe até aqui. Ao professor Otávio, cuja orientação, sempre tão prestativa e atenta, certamente foi vital para realizar este e tantos outros trabalhos e cujas palavras sábias de apoio sempre se fizeram presentes. Aos professores Bruno Uchoa e Fábio Frizzo pela atenção, conselhos e contribuições para a realização deste trabalho. À minha companheira Yana, que acompanhou de perto todo esse processo e enfrentou tantas atribulações e sanou ansiedades que quase impossibilitaram o desenvolvimento do trabalho. Aos meus amigos, que vêm de muito tempo ou chegaram mais recentemente, cujos ouvidos atentos e mentes afiadas também ouviram tantas ideias e deram suas devidas contribuições, por mais distante que o tema seja de seus respectivos objetos de estudo e cujas companhias também me permitiram atravessar horas sombrias.

“Bárbaros” certamente não são uma cultura ou a falta de uma. Nem são eles um “estágio” de progresso histórico ou evolutivo em que o mais alto estágio é a vida no estado como um contribuinte, alinhado aos discursos históricos de incorporação compartilhados por romanos e chineses. (...) Colocado clinicamente e estruturalmente, “bárbaro” é melhor entendido como uma posição vis-a-vis um estado ou império. Bárbaros são um povo adjacente ao estado mas não parte dele. (...) A membrana entre as duas esferas era permeável, mas apenas em uma direção. Primitivos poderiam adentrar a esfera da civilização — isso era, enfim, a grande narrativa — mas era inconcebível que o “civilizado” pudesse em algum momento se reverter ao primitivismo. Nós sabemos que essa visão é, a partir da evidência histórica, fundamentalmente errada.

James C. Scott

RESUMO

Ao longo de toda a História, o continente Eurasiático foi palco de inúmeros processos de formação e expansão de um infinidade de formas de organização política: reinos, impérios, khanatos e kaghanatos, etc... e, especialmente, palco de contatos entre eles. Esses contatos se deram de muitas formas, como embates bélicos, alianças, tratados comerciais e trocas diplomáticas. A História tem, tradicionalmente, prestado atenção especial àqueles que detiveram a tradição da escrita que preservou suas experiências registradas em crônicas, anais e correspondências oficiais e nas relações que se davam entre eles. Esses detentores da escrita, como pretendemos argumentar neste trabalho, sempre mantiveram contatos e relações próximas com vizinhos que não compartilhavam dessa tradição. Estes, por sua vez e por esse motivo, não nos legaram seus registros próprios de suas experiências e perspectivas (ou o fizeram apenas em raros casos) e, assim, têm tido suas agências e protagonismos históricos negados pela nossa ciência por séculos. Um grupo que forma um dos maiores expoentes desses não detentores da escrita que manteve contatos constantes com seus vizinhos escritores por séculos foram os *nômades pastoralistas das estepes* e, nas últimas décadas, um campo especializado para estudá-los tem se formado na História e buscado desenvolver ferramentas para superar essas barreiras teórico-metodológicas. O presente trabalho tem como objetivo principal investigar e testar a *Cultura Política Nômade* como uma ferramenta para estudar as populações nômades das estepes em sua própria agência histórica. Foi selecionada como recorte geográfico a região delimitada como *Ponto-Balto-Cáspia* e como recorte temporal o período compreendido entre o início da presença dos comerciantes escandinavos que tomaram o nome de *rus* na região, em meados do século VIII e a conquista mongol que deu origem à Horda Dourada na mesma região, em meados do século XIII. Ao longo do trabalho, observaremos e analisaremos a *Cultura Política Nômade* em atuação nas relações intersocietárias que transpassam esse recorte temporal e geográfico. A *Cultura Política Nômade* é concebida como um conjunto de elementos simbólicos e práticos voltados para reger e ordenar a vida em sociedade no ambiente das estepes eurasiáticas. Essa cultura política ganha ainda mais proeminência em contextos de maior agregação social em torno das grandes confederações e impérios nomádicos, que se formam nesses ambientes e muitas vezes ultrapassam o limite geográfico das estepes, servindo como fonte de legitimação para os clãs que governam essas entidades políticas. Será observado, portanto, através da ótica da *Cultura Política Nômade*, o desenrolar das relações entre diversas sociedades através do tempo dentro da região Ponto-Balto-Cáspia, como os citas, em um primeiro exemplo na Antiguidade Clássica, os khazares, rus, pechenegues, kipchaks e mongóis, também os contextualizando em suas relações externas com espaços vizinhos, como bizâncio, o mundo islâmico e latino. Utilizaremos uma variedade de fontes históricas pois acreditamos que é no confronto entre diversas narrativas externas que podemos identificar indícios cada vez mais consistentes e historicizáveis da *Cultura Política Nômade*.

Palavras-chaves: cultura política nômade; relações intersocietárias; Horda Dourada; Kaghanato Khazar; Rus Kievana.

ABSTRACT

Throughout history, the Eurasian continent has been the scene of numerous processes of formation and expansion of a multitude of forms of political organization: kingdoms, empires, khanates and kaghanates, etc... and, especially, stage of contacts between them. These contacts took place in many forms, such as military clashes, alliances, commercial treaties and diplomatic exchanges. History has traditionally paid special attention to those who held the tradition of writing that preserved their experiences recorded in chronicles, annals and official correspondence and in the relationships that took place between them. These holders of writing, as we intend to argue in this work, always maintained close contacts and relations with neighbors who did not share this tradition. These, in turn and for this reason, have not bequeathed us their own records of their experiences and perspectives (or have done so only in rare cases) and, thus, have had their historical agencies and protagonisms denied by our science for centuries. A group that forms one of the greatest exponents of these non-holders of writing that maintained constant contacts with their writer neighbors for centuries were the pastoralist steppe nomads and in recent decades, a specialized field to study them has been formed in History and has sought to develop tools to overcome these theoretical and methodological barriers. The main objective of this study is to investigate and test the Nomadic Political Culture as a tool for studying the nomadic populations of the steppes in their own historical agency. It was selected as geographical cut the region delimited as Pontus-Balto-Caspian and as temporal cut the period between the beginning of the presence of the Scandinavian traders who took the name of rus in the region in the mid-eighth century and the mongol conquest that gave rise to the Golden Horde in the same region in the mid-thirteenth century. Throughout the work, we will observe and analyze the Nomadic Political Culture acting in intersocietal relations that transcend this temporal and geographical cut. Nomadic Political Culture is designed as a set of symbolic and practical elements aimed at regulating and ordering life in society in the environment of the Eurasian steppes. This political culture gains even more prominence in contexts of greater social aggregation around the great confederations and nomadic empires, which are formed in these environments and often exceed the geographical limit of the steppes, serving as a source of legitimacy for the clans that govern these political entities. It will be looked at it through the lens of Nomadic Political Culture, the unfolding of relations between diverse societies through time within the Pontus-Balto-Caspian region, such as the Scythians, in a first example in Classical Antiquity, the Khazars, Rus, Pechenegs, Kipchaks and Mongols, also contextualizing them in their external relations with neighboring spaces, such as Byzantium, the Islamic and Latin world. It will be used a variety of historical sources because we believe that it is in the confrontation between different external narratives that we can identify increasingly consistent and historicizable evidence of the Nomadic Political Culture.

Key-words: nomadic political culture; intersocietal relations; Golden Horde; Khazar Kaghanate; Kievan Rus.

LISTA DE MAPAS

MAPA - 1 Visão da região Ponto-Balto-Cáspia com alguns marcos geográficos destacados.	23
MAPA - 2 A Horda Dourada destacados.....	24
MAPA - 3 Tipos de Vegetação Natural Predominante da Eurásia.....	25
MAPA - 4 Estepes Euroasiáticas.....	26
MAPA - 5 Mapa Político do Mundo Antigo, Século VI a.C. - Século VI d.C.....	27
MAPA - 6 Rotas comerciais dos Séculos XIII e XIV.....	28
MAPA - 7 A Rus Kievana e seus vizinhos, ca. 1100.....	89
MAPA - 8 Os Principados Rus no século XIII.....	97

GLOSSÁRIO

ANDA: “Amigo juramentado”, “Amigo de sangue” ou “Irmão de sangue”; uma forma de aliança selada através de um ritual de sangue comum em toda a Eurásia, presente na narrativa da História Secreta dos Mongóis.

BATTUE: “Caça em anel”, estratégia de caça em que uma linha de caçadores forma um círculo amplo que progressivamente se fecha empurrando os animais para o centro.

Boiardos:

DRUZHINA: A comitiva de guerreiros e servos que acompanha um príncipe rus como sua corte e fonte de poder político e militar.

KAGHAN: Equivalente ao título imperial das estepes, o governante de uma grande confederação que inclui uma variedade de entidades menores e detentor de legitimidade para carregar o título.

KNYAZ: Título principesco rus, essencialmente, os príncipes das cidades rus.

KURGAN: Túmulo circular usado por muitas populações nômades encontrado por toda a estepe, uma das principais fontes de achados arqueológicos sobre essas populações.

KURULTAI: Assembléia das lideranças tribais nômades das estepes para tomar decisões importantes como o decorrer de campanhas militares ou o novo governante.

NÖKER: Guerreiros ou seguidores de maior confiança de um líder turco-mongol, frequentemente encarregados de tarefas importantes militares ou administrativas, como o comando de tropas e coleta de impostos.

NOYAN (pl. NOYAT): Título de comando militar imperial e pós-imperial mongol. Dependendo do contexto, poderia ser o mais alto que um comandante externo à família imperial poderia receber. Equivalente a general ou comandante.

POSADNIK: Essencialmente, um governador apontado pelo Grão-Príncipe de Kiev nas cidades rus em geral e eleito pelos boiardos em Novgorod.

TAMGA: Inicialmente, o selo de um governante mongol, passou a ser usado para cunhar moedas e marcar os produtos coletados como tributos e até ser usado para se referir a estes.

ULUS: O apanágio de um líder nômade das estepes, suas posses representadas, inicialmente, por pessoas, animais e bens materiais, no contexto imperial mongol inclui cidades e terras.

VECHE: A assembleia de lideranças rus, tanto a instituição quanto a reunião em si. Em Novgorod, era a verdadeira força que governava a cidade.

YURT OU GER: As tendas de feltro que servem de moradia para as populações nômades das estepes.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1 A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA NO ESPAÇO E NO TEMPO.....	22
1.1 GEOGRAFIA FÍSICA.....	23
1.2 O ESPAÇO NO ESPAÇO, A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA CONCEITUALIZADA NA EURÁSIA.....	29
1.3 SISTEMAS-MUNDO E RELAÇÕES INTERSOCIETÁRIAS NA PRÉ-MODERNIDADE.....	32
1.4 OS CITAS E A CULTURA POLÍTICA NÔMADE.....	36
1.4 INTERLÚDIO — A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA ENTRE OS CITAS E OS KHAZARES.....	46
2 SOBRE SELAS E DRAKKARS, A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA ENTRE OS DOMÍNIOS KHAZAR E RUS.....	49
2.1 A ERA KHAZAR.....	50
2.1.1 O Kaghanato Khazar.....	50
2.1.2 Chegam os rus.....	57
2.1.3 Entre Hâkan e o kaghan.....	63
2.1.4 Um kaghan sem kaghanato?.....	70
2.1.5 Entre o Kaghanato Rus e a Rus Kievana.....	74
2.2 O FIM DA HEGEMONIA KHAZAR E AS REORGANIZAÇÕES DAS FORÇAS QUE A SUCEDERAM.....	81
2.2.1 Um novo poder regional: A Rus Kievana e seus vizinhos.....	87
2.2.2 O mar de grama em volta da ilha de cidades.....	90
2.3.3 A Regionalização do Poder Regional, a Rus Kievana se Fragmenta.....	95
2.3.4 Fragmentação do Reino Rus, o Caso de Novgorod.....	99
2.4 INTERLÚDIO — A PERIFERIA DA REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA ÀS VÉSPERAS DO YEKE MONGFOL ULUS.....	102

3 NÔMADES DAS ESTEPES COMO AGENTES E PROTAGONISTAS HISTÓRICOS	105
.....	
3.1 NOMADISMO PASTORIL DAS ESTEPES.....	106
3.2 CULTURA POLÍTICA NÔMADE.....	113
3.2.1 Primeiros expoentes.....	114
3.2.2 Simbologia animal.....	115
3.2.3 Cavalaria.....	118
3.2.4 Caçada.....	119
3.2.5 Religiões.....	121
3.2.6 Carisma Divino e Governo do Clã.....	124
3.2.7 Economia Política Nômade.....	125
3.3 A FORMAÇÃO DO YEKE MONGFOL ULUS.....	139
4 A FORMAÇÃO DA HORDA DOURADA NA REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA.....	141
.....	
4.1 OS PORTÕES PARA O OESTE.....	141
4.2 O CAMINHO PARA O OESTE.....	145
4.3 AS CAMPANHAS OCIDENTAIS E A FORMAÇÃO DA HORDA DOURADA.....	150
4.4 CONTORNANDO O MAR CÁSPIO.....	151
4.5 A HORDA DOURADA.....	155
4.6 A CULTURA POLÍTICA NÔMADE EM OPERAÇÃO NA HORDA DOURADA.....	170
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	176
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:.....	186

INTRODUÇÃO

Através do tempo, grupos humanos seguem seu rumo e, na pré-modernidade, um dos maiores motores da História era o contato entre sociedades ou civilizações. Através do comércio, guerras e alianças, missões de proselitismo religioso e até embates retóricos sobre a legitimidade para reivindicar um título ou território, esses contatos moveram pessoas, palavras, ideias e mercadorias por centenas de quilômetros e milhares de anos. Um palco tradicionalmente negligenciado de uma infinidade dessas relações foi o Cinturão de Estepe Euroasiático, onde, regradas por uma *Cultura Política Nômade*, essas relações conectaram as extremidades opostas da Eurásia por cerca de dois mil anos.

O Cinturão de Estepe Euroasiático, composto pelas planícies que se estendem da Europa Central contemporânea até o coração da Manchúria, cobertas majoritariamente por uma vegetação rasteira, é o lar dos povos que conhecemos como *Nômades Pastoris das Estepes* há aproximadamente três milênios. A disposição e organização dessas populações nômades através das estepes e suas eventuais expansões para os territórios adjacentes variaram extremamente ao longo de todo este tempo. O surgimento de uma *Cultura Política Nômade* entre o segundo e o primeiro milênio que precederam a chamada Era Cristã e seu desenvolvimento ao longo deste primeiro milênio, possibilitaram a essas populações a organização em estruturas políticas cada vez maiores e mais complexas, como as confederações cita e xiōngnú que dominaram as duas extremidades das estepes entre os séculos III a.C. e II d.C.¹

O primeiro milênio da Era Cristã viu outras confederações nômades conquistarem e governarem porções cada vez maiores de espaços tradicionalmente sedentários, adaptando-se (ou não) a esse e outros costumes locais. Na virada para o segundo milênio, nômades das estepes (ou ao menos seus descendentes), governavam o norte da China, muitas das cidades comerciais da Ásia Central e do Sudoeste Asiático Islâmico. Podemos observar a superestrutura política mongol do século XIII como um ápice desse fenômeno: o *Yeke Mongyol Ulus*, a “Grande Nação Mongol”, também conhecido como Império Mongol, foi o maior império de território contíguo da história e o segundo maior de todos, superado apenas pelo Britânico, sete séculos depois.²

¹ BIRAN, Michal. Introduction: Nomadic Culture. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015a.

² MAY, Timothy. **The Mongol Empire**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018. p. xxi

Apesar de ter sido o maior em extensão, seus antecessores certamente contribuíram para torná-lo o que foi — e seus sucessores também foram formidáveis superpoderes eurasiáticos, sejam eles os sucessores diretos, isto é, os khanatos que surgiram da fragmentação política do *Yeke Mongyol Ulus* por volta de 1264, ou seus sucessores como representantes da Cultura Política Nômade (e, de certa forma, também surgidos na dissolução desses khanatos, como o Império Timurida no sul da Ásia Central e os khanatos que se formaram ao norte dela, e até os Impérios Mughal na Índia e o Otomano que se expandiu a partir da Anatólia e demonstraram maior grau de sedentarização ao longo de sua história).³

Todos esses foram, de certa forma, expoentes dessa *Cultura Política Nômade* que autores como Michal Biran,⁴ Peter B. Golden⁵ e Anatoly Khazanov⁶ têm identificado e demonstrado de forma cada vez mais bem delimitada nas últimas décadas. Diferente daqueles que se instalaram de forma sedentária às margens férteis de grandes rios para construir sociedades agrárias, os povos nômades que habitavam (e ainda habitam, mas trataremos no tempo pretérito daqui em diante pelo recorte temporal do trabalho) as estepes eurasiáticas, precisaram desenvolver uma forma de vida extremamente móvel para sustentarem-se nesse ambiente pouco fértil e viável para a agricultura. As necessidades em comum para a sobrevivência resultaram em desenvolvimentos semelhantes para a organização social nesse espaço, enquanto a alta mobilidade proporcionou contato constante através da estepe que resultou em notáveis níveis de homogeneização desses desenvolvimentos que já poderiam ser identificados entre os nômades de toda a estepe nos séculos imediatos antes de Cristo.

Esses desenvolvimentos que vieram para organizar social e politicamente as populações nômades logo se tornaram uma cultura nômade propriamente dita e, com a organização dessas populações em sociedades cada vez maiores em proporções e centralização da autoridade, como coloca Biran, “essa cultura era principalmente política” pois

³ HODGSON, Marshall G. S. **The venture of Islam. 3: The gunpowder empires and modern times.** Paperb. ed., 14. pr. Chicago, Ill: Univ. of Chicago Press, 2015.

⁴ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2015a; AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal (Orgs.). **Mongols, Turks, and others: Eurasian nomads and the sedentary world.** Leiden ; Boston: Brill, 2005.

⁵ KHAZANOV, Anatoly M. The Scythians and Their Neighbours. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors.** Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015; KHAZANOV, Anatoly M. **Nomads and the outside world.** 2nd ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1994.

⁶ GOLDEN, Peter B. **An Introduction to the History of the Turkic Peoples: Ethnogenesis and State-Formation in Medieval and Early Modern Eurasia and the Middle East.** Otto Harrassowitz, Wiesbaden, 1992; GOLDEN, Peter B. **Nomads and their neighbours in the Russian steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs.** Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003the question.

(...) uma sofisticada cultura nômade existe, que tem tido uma impressionante continuidade através do tempo e espaço. Essa cultura era principalmente política, pois interesses políticos (às vezes apoiados por laços étnicos ou de parentesco reais ou fictícios) foram a principal cola que mantinha os nômades juntos, fosse na estrutura de tribos ou em unidades políticas maiores. A cultura política nômade tinha tanto componentes religioso-ideológicos quanto meios prático-organizacionais. Seu principal objetivo era conquistar, dos súditos, a aceitação de uma única e legítima autoridade política. Isso era especialmente necessário para legitimar a formação e existência continuada de uma unidade supra tribal como um império nômade. Sobretudo, o nível tribal servia para conduzir a maior parte dos aspectos da vida cotidiana dos nômades (...).⁷

Assim, portanto, surge a *Cultura Política Nômade* que será o ponto central a ser observado e analisado ao longo deste trabalho: um desenvolvimento específico do ambiente da estepe, uma tecnologia política e social para organizar uma sociedade altamente móvel, dependente de outras formas de subsistência que não a agricultura, a saber, o pastoralismo complementado pela caça e comércio, voltado para a formação e manutenção de estruturas de poder que resistam às longas distâncias e adversidades da vida na estepe. Entre os vários elementos que compõem a essa cultura política, daremos destaque para um em específico que tem maior ligação com as relações intersocietárias: a *Economia Política Nômade*, um sistema de valores políticos atribuídos à captação e distribuição de riquezas pelas lideranças nômades das estepes que serve como principal legitimador dessas lideranças dentro da *Cultura Política Nômade*.

Os séculos mais recentes, por sua vez, trouxeram-nos a gradual extinção dessas grandes estruturas políticas nômades de dimensões continentais que dominaram muito da Eurásia e do norte da África por parte considerável dos últimos dois mil e quinhentos anos. Os povos nômades das estepes foram grandes jogadores no tabuleiro geopolítico do Velho Mundo por tanto tempo quanto seus vizinhos sedentários têm registrado a História através da escrita, mas seus papéis em seus respectivos contextos e suas contribuições na formação do mundo contemporâneo ainda têm muito que serem estudados, visto que, frequentemente, os nômades são vítimas da sina de ser o *Outro*, tanto no registro documental histórico quanto na produção historiográfica posterior.

Esta dissertação de mestrado, de certa forma, se afastou significativamente de seu plano original e até de outras mudanças ao longo do caminho e, por fim, acreditamos ter alcançado os objetivos iniciais do projeto por um caminho diferente. O projeto enviado ao Programa de Pós Graduação em História da UFPR tinha como objetivo “compreender as relações construídas entre o *Ulus* de Jöchi e seus súditos nômades e sedentários no oeste

⁷ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2015a. p. 2.

asiático e na região que viria a compor a Rússia Moderna.” e, em certa medida, acreditamos tê-lo feito. A proposta, porém, era analisar em profundidade essas relações sob égide da Horda Dourada e através da *Crônica de Novgorod* e da *Rihla* de ibn Baṭṭūṭa como fontes históricas, sendo a *Cultura Política Nômade* apenas uma das lentes através das quais planejávamos observá-las.

Uma série de mudanças ao longo da pesquisa e do curso de mestrado nos levaram a seguir um caminho diferente e diminuir a centralidade, tanto da Horda Dourada quanto dessas duas fontes. Durante as leituras contextuais dos períodos anteriores ao estabelecimento da Horda Dourada, sentimos uma espécie de força gravitacional puxando a análise para os contextos anteriores, que se tornaram tão interessantes como objeto de pesquisa quanto o próprio *Ulus* de Jöchi. Ao mesmo tempo, as discussões sobre História Global com que tivemos contato especialmente nas fases finais do curso de mestrado nos instigaram a aplicar as ferramentas investigativas desse campo historiográfico ao recorte maior que compreende os contextos anteriores e a Horda Dourada.

Daí surgiu a ideia de propor um “Sistema-mundo Ponto-Balto-Cáspio” a partir das proposições de Chase-Dunn e Hall,⁸ que propõem a análise de redes de relações intersocietárias a partir de conceitos como exploração, hierarquia e diferenciação centro/periferia/semiperiferia e buscam, diferente de conceitos anteriores de sistemas-mundo, relações não só comerciais, mas de poder, trocas culturais, ideológicas e militares. Tendo, então, observado a existência de uma série de relações intersocietárias que existiam no espaço em que a Horda Dourada veio a se formar (entre os mares Negro — o *Pontus* das fontes clássicas —, Cáspio e Báltico) e sobreviveram através dos séculos e das diversas entidades políticas que vieram e foram, acreditamos interessante a investigação da existência ou não deste sistema-mundo. O momento tardio em que essa ideia surgiu, contudo, não permitiu que conseguíssemos explorá-la e elaborá-la a fundo.

Buscamos restringir essa análise ao recorte da chegada rus à chegada mongol. No fim, porém, acreditamos não ter conseguido identificar, apresentar e escrutinar as relações em quantidade e qualidade suficientes para, de fato, defender a existência deste sistema-mundo. Por outro lado, com os resultados obtidos, identificamos a prevalência e protagonismo de outro fenômeno que já fazia parte de nossa proposta original, a *Cultura Política Nômade*. De modo que este estudo se tornou uma observação desse fenômeno em atuação ao longo do

⁸ CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. Conceptualizing Core/Periphery Hierarchies. In: CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds**. Londres: Routledge, 1991.

recorte temporal proposto para o sistema-mundo e a partir das relações intersocietárias que teriam o formado, mas agora restritas à esfera da *Cultura Política Nômade*.

Já observamos anteriormente a grande adaptabilidade das populações nômades às mais diferentes sociedades, culturas e ambientes políticos, sua grande propensão em se apropriar e adaptar elementos locais dos diferentes espaços aos quais eles se deslocam, frequentemente resultando na construção de sociedades e governos e uma cultura “amalgamada”, que combinam com relativa harmonia fatores nomádicos nativos desses povos com outros sedentários ou mesmo nomádicos mais próprios das populações que já se encontravam naqueles lugares.⁹

Observamos isso no caso específico do Ilkhanato da Pérsia, o vizinho e “primo” meridional da Horda Dourada, outro khanato sucessor do *Yeke Mongyol Ulus*, fundado por outra dinastia de descendentes de Chinggis Khan também na década de 1250. O Ilkhanato da Pérsia precisou equilibrar os interesses políticos de muçulmanos, xamanistas, budistas e cristãos, especialmente nestorianos, num reino que se estendia da Ásia Central ao Levante entre os séculos XIII e XIV. Nas primeiras décadas, os Ilkhans demonstraram certo favorecimento aos cristãos, presentes tanto entre os mongóis que vieram com eles para a região, quanto entre as populações locais conquistadas e seus vizinhos nos Reinos Cruzados Latinos e no Império Bizantino. Naquele momento, a principal ameaça era o Sultanato Mameluco do Egito, e tanto os reinos cristãos quanto a dinastia mongol buscaram uns nos outros possíveis aliados contra eles. Em momentos mais tardios, com a estabilização da fronteira com o Sultanato Mameluco, o enfraquecimento do movimento de cruzadas e a reorganização das elites islâmicas nativas, os Ilkhans voltaram-se com muito mais atenção para elementos muçulmanos persianizados locais, por exemplo, convertendo-se para o Islã e assumindo o título de “Sultão” ao lado do de Ilkhan.

Neste trabalho, então, buscamos realizar uma análise das relações nômade-sedentário e nômade-nômade em um recorte temporal ampliado para demonstrar a permanência dessas relações ao longo dos séculos e através dos reinos, como defendido pelos teóricos da *Cultura Política Nômade*, justamente sob a ótica deste conceito.

Como pretendemos demonstrar no decorrer de nossa arguição, os processos que permeiam essas relações intersocietárias e são pertinentes à *Cultura Política Nômade* que pretendemos observar em nossa análise são processos como: o favorecimento ou não de

⁹ KAMIGASHIMA, Víctor Gava. **Continuidade no Colapso: O Império Mongol e o Ilkhanato da Pérsia entre os Séculos XIII e XIV**. Orientador: Otávio Luiz Vieira Pinto. 2021. 119 pgs. TCC — História, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba; 2021.

diferentes fés, grupos e interesses políticos e econômicos que compõem as sociedades em contato; a possibilidade de mudanças nesses favorecimentos e os motivos por trás das mudanças; como questões internas a essas sociedades podem interferir suas relações internas, como na busca de aliados externos por parte de grupos internos contra seus adversários internos; etc.. Nominalmente, esses processos e relações se concretizarão majoritariamente através de: alianças militares; casamentos dinásticos; investidas militares de maior ou menor escala; embargos, monopólios, sanções ou acordos comerciais mais ou menos favoráveis; missões de proselitismo religioso; interferências e sabotagens políticas na estrutura alheia; etc.

Além da *Cultura Política Nômade*, as reflexões propostas por James C. Scott¹⁰ e Christian Beckwith¹¹ sobre bárbaros e barbarismo farão parte de toda a análise dessas relações e da própria *Cultura Política Nômade*. Ambos os autores discorrem sobre como as sociedades sedentárias, detentoras, quase exclusivas, da escrita registravam o *Outro*, neste caso, os nômades das estepes, como bárbaros e selvagens, distantes da civilização. Beckwith e Scott também apresentam alternativas e perspectivas sobre como trabalhar com essa tendência nas fontes e procurar nas entrelinhas, no que fica implícito e através da comparação e do escrutínio lógico narrativas, perspectivas, protagonismos e agências históricas que não foram explicitamente registradas. As reflexões possibilitadas por esses autores permearão todo o trabalho, mas se farão mais presentes e serão diretamente abordadas na exposição específica relativa à *Cultura Política Nômade*.

As reflexões conceituais e historiográficas sobre a existência e o estudo de sistemas-mundo pré-modernos também ainda se farão presentes no trabalho. Não terão o protagonismo e centralidade antes pretendido, mas este trabalho não teria sido possível sem as leituras de Janet Abu-Lughod¹² e Christopher Chase-Dunn e Thomas D. Hall.¹³ Essas obras nos auxiliam a situar as diversas sociedades analisadas em um contexto geopolítico maior, que ultrapassa os limites geográficos de nossa proposta para promover uma análise verdadeiramente globalizada dessas relações. Abu-Lughod desenvolveu o Sistema-mundo do Século XIII, analisando em profundidade como as relações comerciais entre diversos grupos de cidades se desenvolveram nos séculos anteriores e a conexão entre elas resultou neste

¹⁰ SCOTT, James C. **Against the Grain: A Deep History of the Earliest States**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2017.

¹¹ BECKWITH, Christopher I. **Empires of the Silk Road: A History of Central Asia from the Bronze Age to the Present**. Princeton: Princeton University Press, 2009.

¹² ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350**. Nova York: Oxford University Press, 1989.

¹³ CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). *Op Cit*, 1991.

sistema-mundo a partir de meados do século XIII. Chase-Dunn e Hall buscaram expandir o escopo de análise da teoria de sistemas-mundo para incluir mais formas de agrupamentos sociais e diferentes formas de relação entre eles. Esses autores serão brevemente retomados para observarmos melhor suas proposições e as contribuições delas para este trabalho.

O primeiro capítulo consistirá de uma exposição geral da região Ponto-Balto-Cáspia, apresentando sua geografia física e política, divisões conceituais do continente Eurasiático que envolvem esse espaço e um apanhado geral da história da região. Esse apanhado geral será protagonizado pela Confederação Cita, a primeira das confederações nômades das estepes com maiores graus de centralização do poder e em que já podemos perceber a *Cultura Política Nômade* devidamente formada. Observaremos brevemente os citas, já a partir dos séculos VII e VI a.C., estabelecendo uma série de relações com seus vizinhos e colocando em funcionamento o primeiro exemplo da *Economia Política Nômade* registrado em documentos históricos.

O segundo capítulo trará a primeira parte do contexto específico de análise proposto por este trabalho: os cinco séculos que precedem o estabelecimento da Horda Dourada como força hegemônica da região Ponto-Balto-Cáspia. Neste momento do trabalho, lançaremos mão de uma variedade de documentos que retratam as relações intersocietárias envolvendo nômades das estepes e a *Cultura Política Nômade*. Infelizmente, em muitos deles, nossos objetos de análise serão apenas detalhes abordados superficialmente pelas fontes, e precisaremos nos apoiar em larga escala na bibliografia especializada que teve acesso a uma quantidade muito maior de fontes, tanto escritas, quanto arqueológicas, além de análises linguísticas e filológicas e até genéticas.

Os documentos que serão utilizados são as crônicas rus, nominalmente a *Povest' vremennykh let*, a “Crônica Primária Russa”¹⁴ e a *Novgorodskaia pervaiia letopis'*, a “Crônica de Novgorod”¹⁵ que fazia parte da proposta inicial do trabalho; além delas, traremos também uma série de documentos que pontualmente contribuem para a discussão: o relato da missão diplomática de ibn Fadlān à Bulgária do Volga,¹⁶ os *Annales Bertiniani*,¹⁷ que narram a

¹⁴ CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. **The Russian Primary Chronicle: Laurentian Text**. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1953.

¹⁵ THE CHRONICLE of Novgorod, 1016-1471. Traduzida do russo para o inglês por Robert Michell e Nevill Forbes, com a introdução por Charles Raymond Beazley e uma apresentação do texto por Alexei Alexandrovich Shakhmatov. Londres: Offices of the Society, 1914.

¹⁶ IBN FAḌLĀN, Aḥmad; MONTGOMERY, James E.; KENNEDY, Philip F.; et al. **Mission to the Volga**. New York: New York University Press, 2017.

¹⁷ THE ANNALS of St-Bertin: Ninth-Century Histories, Volume I. Trad. Janet Nelson. Manchester: Manchester University Press. 2013; WAITZ, Recensuit G. **Annales Bertiniani**. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniahii, 1883.

chegada de uma embaixada rus à corte carolíngia; A *Chronicon Salernitanum*,¹⁸ que preserva partes de uma troca de correspondências entre as cortes carolíngia e bizantina sobre os rus e khazares; Os sermões do Patriarca Fócio¹⁹ que narram um saque rus a Constantinopla; e o *De administrando imperio*,²⁰ o manual deixado por Constantino VII para seu filho em que ele entra em detalhes sobre os vizinhos de bizâncio, incluindo pechenegues e khazares e sobre como se relacionar com eles.

Começamos com um sistema, uma rede de relações intersocietárias, relativamente estável, em que o Kaghanato Khazar, um exemplar império das estepes fundado no início do século VII e em seu auge a partir do VIII, reina, através da *Economia Política Nômade*, sobre muito desse território e sobre as outras sociedades que o habitam a partir de sua sede de poder no Baixo Volga. Os khazares mantinham intensos laços em pé de igualdade com seus impérios vizinhos bizantino e árabo-persas ao sul e laços de suserania com aqueles com quem eles compartilhavam a região, das florestas setentrionais às estepes ao redor de seu centro de poder, também nas estepes. A principal força dos khazares era seu poder econômico, construído com o controle do rico comércio que atravessava seus domínios em todas as direções e sentidos. Esse comércio sustentava a estrutura política e os exércitos, ambos nômades das estepes, com o posterior reforço do exército com mercenários iranianos corásmios, que de certa forma eram descendentes de nômades das estepes da era dos citas.

Observaremos, então, a entrada de comerciantes escandinavos buscando, a partir de meados do século VIII, construir um espaço para si neste sistema. Eles entram como súditos ou protegidos do khazares e vão ganhando força econômica, política e militar. Deixam sua primeira marca no registro histórico escrito em correspondências entre os imperadores carolíngios e bizantinos e, não muito tempo depois, estão tomando a cidade de Kiev de súditos khazares e, cada vez mais ocupando o papel de seus antigos senhores na região Ponto-Balto-Cáspia. Ao mesmo tempo, do outro lado da sede de poder khazar, outros antigos súditos dos *kaghans* khazares também ocupam sua parte do espaço antes ocupado pelos suseranos, os Búlgaros do Volga, que se estabelecem como um importante centro comercial para o mundo islâmico, especialmente após sua conversão em 922.

Neste momento, os khazares já se encontram muito fragilizados e os rus, esse foi o nome tomado pelos viajantes escandinavos em algum momento antes de 839, consolidavam

¹⁸ CHRONICON Salernitanum: A Critical Edition with Studies on Literary and Historical Sources and on Language. Estocolmo: Acta Universitatis Stockholmiensis, Studia Latina 3. 1956.

¹⁹ MANGO, Cyril. **The Homilies of Photius, Patriarch of Constantinople: English Translation, Introduction and Commentary.** Cambridge, Massachusetts: Harbard University Press, 1958.

²⁰ CONSTANTINE; MORAVCSIK, Gyula. **De administrando imperio.** New, rev. ed. Washington, D.C: Dumbarton Oaks Center for Byzantine Studies, 1967.

seu poder na área dos rios e florestas no norte da região Ponto-Balto-Cáspia. Gradualmente, novos grupos nômades ocupam a porção sul dessa região, composta majoritariamente pelas estepes Ponto-Cáspias e continuaremos observando a construção e manutenção de relações entre os rus, agora o maior poder da região, e os nômades que se instalam ao seu redor. Em um primeiro momento, as estepes são ocupadas pelos clãs pechenegues que, apesar de comporem uma poderosa confederação, nunca formam uma entidade com poder centralizado como a dos khazares. Os pechenegues são, eventualmente, suplantados pela presença dos kipchaks, outra confederação que não expressa uma centralização da autoridade. Ao longo desse processo, continuaremos observando a, agora, Rus Kievana se formando, institucionalizando e fragmentando em uma dezena de principados que, mesmo cristianizados, nunca rompem o contato com as estepes cujos povos, por sua vez e respectivamente, exercem as suas versões da *Economia Política Nômade*. Seguiremos observando essas relações até a abertura do século XIII, quando um fenômeno sem precedentes desde o século VII surge no horizonte leste dos príncipes rus e kipchaks: o Império Mongol.

Com isso, fecharemos o segundo capítulo e embarcaremos para o terceiro, a apresentação, de fato e por extenso, da *Cultura Política Nômade*. Optamos por essa abordagem menos convencional de trazer essa discussão mais adiante no trabalho tendo em vista tanto uma sequência cronológica quanto conceitual e narrativa. Cronológica no caso das fontes utilizadas, tendo em vista que a principal aqui será a *Mongyol-un niyuca tobci'a*,²¹ a *História Secreta dos Mongóis* o épico que narra a ascensão de Chinggis Khan ao trono imperial da mongólia e seu reinado, as conquistas e leis estabelecidas por ele. Consideramos esse documento de valor imensurável para observarmos a *Cultura Política Nômade* a partir de uma narrativa própria nômade, no caso mongol, sobre eles mesmos, suas experiências e perspectivas da vida do imperador e da formação do império. Conceitual e narrativa pois esse capítulo também culmina na formação do Império Mongol, mas observa o contexto de sua concepção mais detalhadamente e, claro, observando a *Cultura Política Nômade* em operação na narrativa do nascimento do império na *História Secreta*.

Este terceiro capítulo discute em maior detalhe o desenvolvimento do *Nomadismo Pastoril das Estepes* praticado pela maior parte das populações que protagonizam nosso estudo, para então examinar ponto a ponto a *Cultura Política Nômade* propriamente dita. Partiremos de uma série de exemplos, sendo a maior parte e os mais ricos a *História Secreta*

²¹ THE SECRET History of the Mongols: A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century. Tradução para o inglês de Igor de Rachewiltz, Versão Resumida por John C. Street, University of Wisconsin, 2015.

dos Mongóis. Observaremos ao longo do capítulo também outros exemplos de sociedades nômades das estepes e de elementos da *Cultura Política Nômade*, como a simbologia animal, o papel da cavalaria e da caçada na organização social desses povos, sua postura em relação às religiões, tanto a sua religião nativa xamanística quanto as religiões de origens externas com que eles entram em contato, a noção do Carisma Divino que legitima o governo do clã imperial e, finalmente, a *Economia Política Nômade*. Novamente, elencaremos uma série de casos de diferentes estruturas políticas nômades, em diferentes espaços e momentos, indicando e analisando como estas fazem uso da *Economia Política Nômade* nas suas respectivas organizações internas e relações externas. As últimas dessas estruturas observadas serão as que produzem o contexto no qual o Império Mongol se forma. E, enfim, analisaremos a formação desse império apontando episódios notáveis da *Cultura Política Nômade* na narrativa da *História Secreta*.

Com o império fundado, entraremos no quarto e último capítulo, observando a entrada deste como um jogador na geopolítica internacional, e seus primeiros contatos com as entidades políticas à sua volta. Contatos esses que logo fazem os comandantes, príncipes e o próprio imperador mongol voltarem suas atenções para o oeste e iniciar os processos que logo darão origem à Horda Dourada na região Ponto-Balto-Cáspia. Agora retornaremos para a região Ponto-Balto-Cáspia munidos de maiores conhecimentos sobre a *Cultura Política Nômade*, precisamente indicados e examinados, para observá-los em operação na construção da Horda Dourada nesta região. Os mongóis conquistam e incorporam as populações nômades e seminômades dessa região, com quem compartilham a *Cultura Política Nômade*, como os kipchaks e Búlgaros do Volga e logo conquistam os principados rus, com quem estabelecem uma nova forma de relação intersocietária, mais semelhante às dos tempos dos citas e dos khazares, em que há uma clara soberania da entidade nômade sobre os súditos sedentários, mas própria do contexto em questão.

Neste momento, com o fim do alcance da narrativa da *História Secreta*, retornamos à *Crônica de Novgorod*, cuja narrativa perpassa a conquista e todo o período de dominação mongol. Ela, contudo, não relata, de forma clara e explícita esses processos. A crônica novgorodiana busca contornar a admissão da suserania mongol sobre os príncipes rus no que Charles Halperin descreve e como *Ideologia do Silêncio*.²² A discussão de Halperin sobre a *Ideologia do Silêncio* vem no mesmo sentido das discussões de Scott e Beckwith, de reconhecer nas narrativas sedentárias fatores sobre os povos nômades e das relações com eles

²² HALPERIN, Charles J. **Russia and the Golden Horde: the Mongol impact on medieval Russian history**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

que o discurso explícito buscava esconder. Essa ideologia é um desenvolvimento da prática comum de atribuir à vontade Divina as vitórias e principalmente reveses em mãos não cristãs, mas agora adaptada para descrever, sem descrever, um domínio não cristão sobre si. De certa forma, a elaboração de Halperin também foi usada ao analisarmos a *Crônica Primária* e os momentos anteriores da novgorodiana, mas não diretamente, pois a proposta de Halperin é voltada especificamente para o contexto da dominação mongol.

Com tudo isso em mente, consideramos este trabalho uma análise da *Cultura Política Nômade* em operação através do tempo nas relações intersocietárias de seus membros — as entidades política nômades das estepes —, com recortes geográfico e temporal relativamente flexíveis, para conseguirmos observar com maior distanciamento o panorama geral desses contatos, mas com foco principal na região Ponto-Balto-Cáspia dos séculos VIII ao XIII. Compreendemos que essa abordagem foge do *modus operandi* da ciência histórica nas últimas décadas, que tem prezado por abordagens mais focadas em recortes temporais e geográficos relativamente menores tendo em vista a profundidade da abordagem. Também foge do que estamos acostumados a fazer como pesquisadores em trabalhos anteriores, então também encaramos este trabalho como uma espécie de exercício: uma tentativa inicial de propor um sistema-mundo, que não obteve sucesso mas acreditamos ainda promissora; bem como uma procura por metodologias voltadas para estudar formas de organização social e política que não têm sido, tradicionalmente, os protagonistas e principais objetos de estudo da História.

Ora, se este trabalho não segue à risca os modelos mais estabelecidos dos estudos históricos pré-modernos, mesmo os mais atualizados destes, a História como um todo também não foi formulada para observar os objetos de estudo que observamos neste trabalho. Esperamos que esta dissertação seja uma contribuição para a formulação de novas ferramentas analíticas para estudar nosso passado pré-moderno e especialmente as populações nômades das estepes que tanto atuaram nele, de tantas formas diferentes, mas foram historicamente reduzidas a meros bárbaros além dos limites da civilização.

1 A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA NO ESPAÇO E NO TEMPO

Tendo como ponto inicial o centro comercial dos borysthenites, que fica bem no meio o litoral da Cítia, a primeira tribo são os callippidae, que são citas gregos, então além deles existe outra tribo chamada de alizonas. Os costumes de ambas essas tribos são basicamente citas, exceto por eles cultivarem e consumirem grãos (...) Ao leste dos citas agrícolas, do outro lado do Rio Panticapes vivem as tribos citas nômades que não colhem plantações ou cultivam o solo; além do mais, essa parte do mundo (...) é completamente sem árvores. (...) Do outro lado do Gerrhus fica o Reino, como é chamado, que é habitado pela maior e mais avançada tribo cita, que considera todos os outros citas como seus escravos. (...) Ao norte desses Citas Reais vive outra tribo não-cita, chamada de Capas Pretas, e ao norte deles há lagos, mas não seres humanos, até onde se sabe.

Heródoto

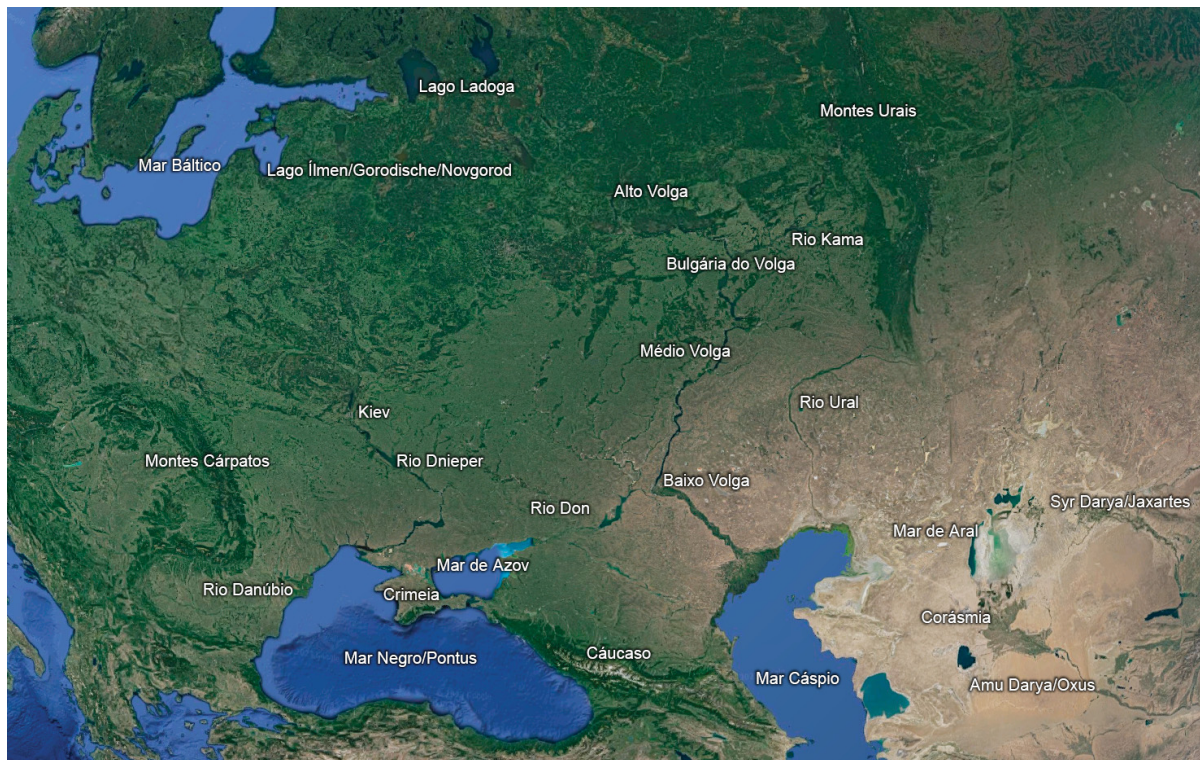
Neste capítulo, buscaremos conceitualizar o território e as sociedades e culturas que compõem nosso objeto de estudo, o centro-oeste eurasiático ou, a região Ponto-Balto-Cáspia, observando a formação de relações intersocietárias entre diferentes agentes históricos internos aos limites geográficos da região e com seus vizinhos imediatos já na antiguidade.

Iniciaremos o capítulo apresentando fisicamente a geografia do território entre as fronteiras políticas do que conceitualizamos como a região Ponto-Balto-Cáspia. O território em questão pode ser compreendido, essencialmente, como o norte da Ásia Central e o leste e nordeste do Leste Europeu que atualmente compõem os territórios da Ucrânia, Rússia e Cazaquistão. Identificaremos as principais formas de organização social e política nesses espaços no período da antiguidade e as principais interações entre elas. Observaremos o estabelecimento dos reinos citas e a construção de laços com seus vizinhos, estabelecendo uma relação de domínio com as tribos agrárias do norte do Mar Negro e laços comerciais e políticos com os mundos grego e persa.

Com essa delimitação então, buscaremos compreender no restante do trabalho a construção e manutenção das relações entre os povos nômades que ocupam as estepes Pôntico-Cáspias e seus vizinhos ao redor delas, especialmente centradas na região Ponto-Balto-Cáspia. As relações construídas inicialmente pelos citas não se distinguirão por completo das estabelecidas por outros povos estepários na região com seus vizinhos, como demonstraremos. Claro, elas se adaptam e se transformam de acordo com os agentes envolvidos e diferentes condições dadas, mas mantêm um elemento em comum, como pretendemos demonstrar, a *Cultura Política Nômade*.

1.1 GEOGRAFIA FÍSICA

MAPA - 1 Visão da região Ponto-Balto-Cáspia com alguns marcos geográficos destacados²³



Conhecer a geografia física do objeto de estudo é uma parte muito importante da construção do conhecimento historiográfico, especialmente ao se analisar processos históricos que envolvem uma pluralidade de povos, culturas, línguas, religiões e modos de vida, que se estendem por grandes dimensões territoriais e temporais, atravessando as fronteiras políticas da época e contemporâneas e se encontram classificados como parte de uma Longa Duração historiográfica. Por esse motivo, iniciaremos nossa discussão com uma breve apresentação da geografia física dos territórios que compõem a região Ponto-Balto-Cáspia, suas zonas climáticas, biomas, relevo e como esses fatores influenciaram a organização das populações que se instalaram nessas regiões. Essa sessão será rica em mapas, pois muitos dos elementos geográficos mencionados aqui serão retomados diversas vezes ao longo do trabalho, marcando fronteiras e espaços de contatos, sendo focos de disputas, palcos de eventos ou mesmo usados para apenas situar geograficamente a discussão.

²³ **Visão da região Ponto-Balto-Cáspia** Adaptado de Google Earth. Disponível em: <https://earth.google.com/web/@41.90782231,64.96584908,507.00504249a,4703624,18822944d,35y,0h,0t,0r>. Acesso em Setembro de 2023.

MAPA - 2 A Horda Dourada destacados.²⁴

Delimitamos, grosso modo, a região Ponto-Balto-Cáspia, como o espaço entre e as imediações em volta dos mares Negro, Báltico e Cáspio, estendendo-se, aproximadamente, do Rio Danúbio, ao oeste, ao Lago Balkash no leste e possuía o Mar Negro e o Cáucaso como principais delimitações ao Sul. Essa definição, não por acaso, coincide aproximadamente ao território que veio a ser ocupado pela Horda Dourada, conforme observado no Mapa 2.

As extremidades setentrionais da região Ponto-Balto-Cáspia são cobertas pelas densas florestas de coníferas da taiga russa, mais concentradas na região Volga-Urálica, onde essa vegetação se estende mais ao sul. Esse espaço era povoado, majoritariamente, pelas populações fino-úgricas conhecidas como Povos da Floresta, que viviam modos de vida sedentários ou semi-nomádicos, praticando a caça e a coleta e eram os principais fornecedores desses produtos para o agitado mercado de comércio de peles eurasiático.²⁵ Essa região também é rica em grandes lagos e possui uma infinidade de rios, muitos dos quais

²⁴ Adaptado de MAY, Timothy. *Op Cit*, 2018. p. 281.

²⁵ GOLDEN, Peter B. The Peoples of the Russian Forest Belt. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1990. p. 229-234.

descem em direção ao sul (mesmo que corram para o norte) e servem como um verdadeiro sistema viário fluvial russo.

MAPA - 3 Tipos de Vegetação Natural Predominante da Eurásia.²⁶



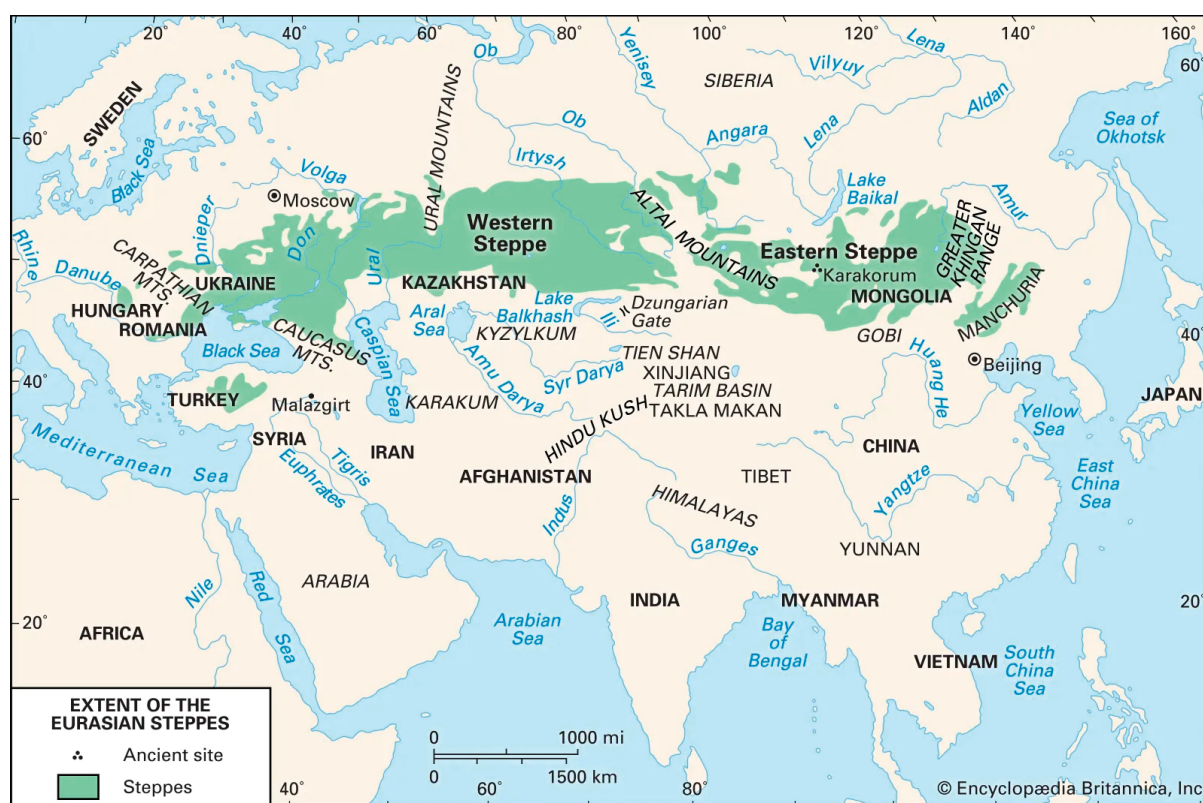
Um dos principais lago é o Ladoga, que possivelmente foi conectado com o Mar Báltico através do Golfo da Finlândia no passado e pode ser visto em todos os mapas apresentados em que o Báltico aparece, logo ao lado dele. O Ladoga serve como foz do Rio Volkhov, que corre de outro importante lago, o Ílmen, cerca de 180 quilômetros ao sul. Às margens deles, estão localizadas as importantes cidades de São Petersburgo e Novgorod.

A região de florestas da região Ponto-Balto-Cáspia se estende para o sudoeste, até o atual Leste Europeu, com um bioma transitório de taiga e florestas temperadas mistas, seguido das florestas temperadas propriamente ditas. Os territórios imediatamente ao norte do

²⁶ Adaptado de Tipos de Vegetação Natural. THE TIMES Atlas of The World. Houghton Mifflin Company, Boston. 1958 p. 20.

Mar Negro possuem um solo pouco fértil e clima mais árido, de modo que são cobertos por estepes, mas os biomas de floresta ao norte dessa estepe são formados por uma terra escura que representa um solo muito fértil, sendo próprio e amplamente utilizado para a agricultura. É nessa região, regada por importantes rios como o Volga, o Don e o Dniro, que encontramos as cidades rus, e povos como os eslavos que se desenvolvem na região a partir do século V d.C., com sua população sedentária e agrária, com sua subsistência profundamente baseada na produção de cereais como o trigo. A maior parte deste solo escuro está localizada na atual Ucrânia, que ainda hoje é vista como o “Celeiro da Europa” por sua imensa produção granária.

MAPA - 4 Estepes Euroasiáticas.²⁷

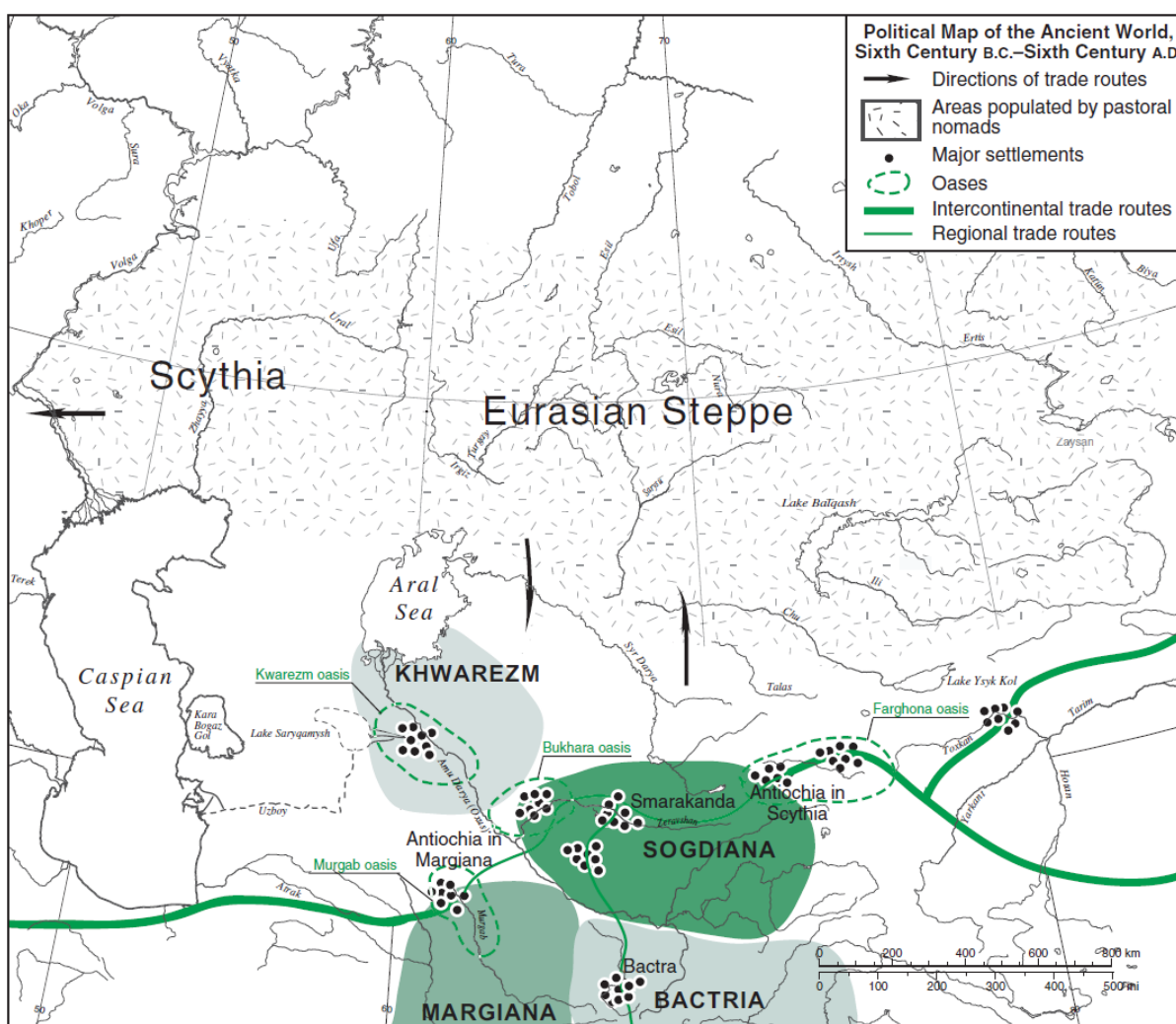


Logo ao sul das zonas de floresta, situa-se a região conhecida como floresta-estepe, uma zona transitória entre os biomas mais densamente florestados e os territórios ao sul de Estepe. As estepes, com sua característica vegetação, majoritariamente gramínea, vastas planícies e clima seco continental, estendem-se da atual Hungria até a Manchúria, seguindo

²⁷ **Eurasian Steppes.** MCNEILL, William. The Steppe. In: **Encyclopaedia Britannica.** Disponível em: <<https://www.britannica.com/place/the-Steppe>>. Acesso em setembro de 2023.

aproximadamente a mesma latitude, paralelas às zonas de floresta acima e as desérticas abaixo. A cadeia de montanhas Altai é a principal formação geográfica que interrompe, mas não completamente, o cinturão de estepes e divide esse bioma em suas porções ocidental e oriental. As estepes eram majoritariamente habitadas por populações nômades com uma imensa variedade de identificações etno-linguísticas e políticas ao longo do tempo, mas profundamente conectadas pela *Cultura Política Nômade*. A distribuição da zona de estepes através da Eurásia pode ser observada nos Mapas 3 e 4.

MAPA - 5 Mapa Político do Mundo Antigo, Século VI a.C. - Século VI d.C.²⁸

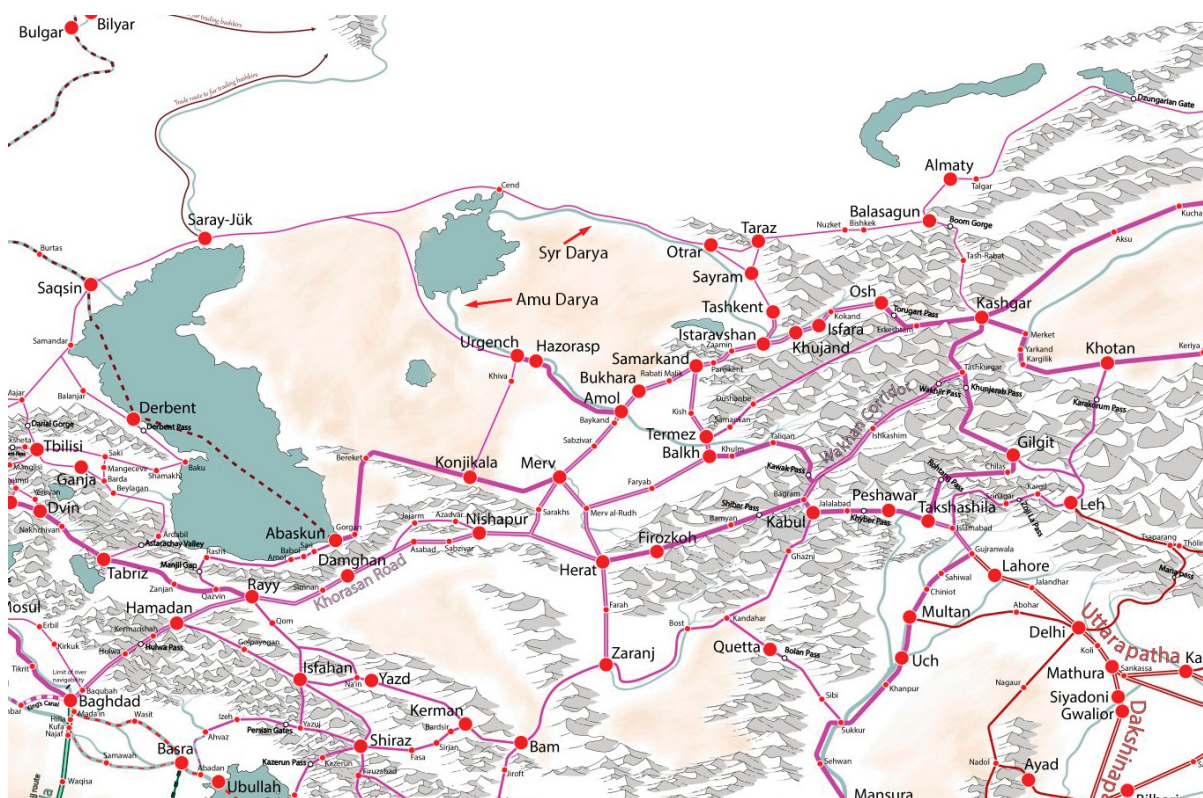


As estepes têm como limites meridionais os mares Negro e Cáspio e a cadeia de montanhas do Cáucaso no oeste e as regiões desérticas na Ásia Central e Leste Asiático. Os

²⁸ ABAZOV, Rafis. *The Palgrave concise historical atlas of Central Asia*. New York Palgrave Macmillan, 2008. p. 24.

desertos são as regiões mais esparsamente populadas, mas de forma alguma deixam de ser importantes para a organização cultural e geopolítica das sociedades que ocuparam a região através do tempo, como *Ulus* de Jochi, seus vizinhos mongóis e os povos nativos da região. Os desertos Centro-Asiáticos são cortados por dois rios, que nascem nas cadeias de montanhas ao leste e desaguam no (agora seco) Mar de Aral: o Syr Darya e o Amu Darya, em persa, ou *Jaxartes* e *Oxus*, como são conhecidos pelas fontes gregas e romanas. O nome *Ōxus*, dado ao Amu Darya, inclusive, também dá nome de Transoxiana à importante região nordeste da Ásia Central: “a região atravessada pelo rio Oxus”. É nos vales férteis em torno desses dois rios que as sociedades nativas centro-asiáticas vão surgir e se desenvolver, dando origem a importantes cidades como Samarkanda, Bukhara, Balkh e Otrar, que se tornaram os centros das grandes rotas comerciais que passaram pela região por milênios.

MAPA - 6 Rotas comerciais dos Séculos XIII e XIV.²⁹



Os mapas 5 e 6 demonstram a disposição do povoamento da Ásia Central mais concentrado nas zonas montanhosas e em torno dos rios, as regiões com terras mais férteis, irrigadas por rios ou pela água pluvial. O Mapa 5 destaca as principais zonas culturais da

²⁹ Adaptado de MARTINMNSSON. **Medieval trade networks**. 2018. Disponível em: <https://imgur.com/MsXaOdV>. Acesso em Julho de 2023.

Ásia Central, enquanto o Mapa 6 tem como foco principal os caminhos das rotas comerciais pré-Modernas centro-asiáticas. No Mapa 6, também pode-se perceber as cadeias de montanhas que contornam a região pelo Sul e pelo Leste, responsáveis pela Sombra de Chuva que torna o interior da região tão árido. A precipitação ainda acontece em quantidades relativamente grandes nas regiões montanhosas, tornando seu solo também favorável para a agricultura. Essas cadeias de montanhas são: Kopet Dag, ao sul, marcando a fronteira entre os atuais Irã e Turcomenistão; a Hindu-Kush e as Pamires, separando os atuais Tajiquistão, Afeganistão, Paquistão e China; e as montanhas Altai e Tiān Shān no leste, que marcam as fronteiras atuais do Cazaquistão com a Mongólia e do Quirguistão com a China, respectivamente.

1.2 O ESPAÇO NO ESPAÇO, A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA CONCEITUALIZADA NA EURÁSIA

Discutiremos e conceitualizaremos, agora, algumas definições geográficas usadas para delimitar diversas divisões da Eurásia em zonas geográficas, políticas ou culturais. Temos usado até então as definições contemporâneas dos continentes Europeu e Asiático. Na falta de um consenso internacional sobre a divisa entre os dois e por pura arbitrariedade, utilizaremos o Rio e os Montes Urais como divisa na zona continental eurasiática. Essa delimitação dificilmente será relevante para este trabalho e provavelmente não será um ponto de debate, por justamente estarmos estudando a integração entre estes espaços através das relações intersocietárias, antitética à ideia de uma fronteira cultural continental neste espaço.

Em relação a isso, Martin Lewis e Kären Wigen argumentam a “irrelevância dos continentes” em suas definições contemporâneas para estudos globalizados e discorrem sobre como, especialmente no caso da separação dos continentes asiático e europeu,

Forçar dados históricos e culturais em uma estrutura continental fundamentalmente distorce padrões espaciais básicos, levando a representações errôneas de diferenciações culturais e sociais. Em nenhum lugar essa representação errônea é mais claramente exemplificada que na suposta divisão continental entre a Europa e a Ásia.³⁰

Esse efeito é potencializado ao estudarmos justamente essa região de “fronteira” entre as duas supostas massas de terra. Chamá-la de “espaço de contato” entre Ásia e Europa

³⁰ LEWIS, Martin W.; WIGEN, Kären. **The myth of continents: a critique of metageography**. Berkeley: University of California Press, 1997. p. 35

também não é o ideal e o mais preciso seguindo essa argumentação, pois o contato se dá entre duas coisas distintas, o que teoricamente não seria o caso. Por esses motivos, compreendemos a separação entre Europa e Ásia como uma construção ideológica posterior aos contextos que analisamos e discutimos neste trabalho, assim, evitaremos utilizá-los, apenas o fazendo como indicadores geográficos das regiões atualmente compreendidas como tal na falta de definições mais precisas e pertinentes. O mesmo será feito com os termos “ocidental” e “oriental”, que usaremos significando “ao oeste” e “ao leste”, respectivamente, como simples indicativos geográficos.

Apesar de também carregado por uma série de construções ideológicas — da simples oposição à ideia de uma separação entre os dois continentes às idéias nacionalistas do eurasianismo russo —, acreditamos ser o conceito de *Eurásia* mais preciso dentro das próprias definições do que é continente: uma grande massa de terra separada de outras por corpos de água salgada. Ainda assim, até recentemente com a construção do Canal de Suez — e pode-se questionar o quanto um canal criado artificialmente poderia servir de divisa continental —, o Egito conectava por terra a Ásia e a África na Península de Sinai, formando a grande massa de terra que conhecemos como *Afro-Eurásia*, ou Velho Mundo. Assim, compreendemos os conceitos de *Eurásia* e *Afro-Eurásia* como mais precisos para os contextos deste trabalho do que os nomes dos continentes aceitos contemporaneamente, portanto utilizaremos com menos ressalvas para nos referir a essas grandes massas de terra como um todo.

Seguiremos por um dos mais consensuais e consolidados destes conceitos, a subdivisão do continente asiático na Ásia Central que já temos utilizado neste trabalho. A principal conceptualização de “Ásia Central” aceita e utilizada atualmente, segue os limites geográficos dos cinco países que a compõem: Cazaquistão, Quirguistão, Turcomenistão, Uzbequistão e Tajiquistão; delimitada pelas cadeias de montanhas mencionadas anteriormente no sul e leste, ao oeste o Mar Cáspio e o Rio Ural e no norte a zona de floresta-estepe Russo-cazaque. Mais do que pela sua geografia física, essa definição de Ásia Central é concebida como uma entidade cultural e histórica distinta como a

porção ocidental, Turco-Iraniana, da região central da Ásia Interior; sua população nativa consistia de vários povos iranianos que já foram majoritariamente turquicizados neste momento enquanto a sua população túrquica crescente já assimilou a cultura nativa iraniana em diferentes graus. (Tradução nossa)³¹

³¹ BREGEL, Yuri. **An historical atlas of Central Asia**. Leiden ; Boston: Brill, 2003. p. VII.

A região foi majoritariamente convertida para o Islã a partir do século VIII e turquicizada com diversas levas de povos túrquicos que adentraram nela a partir das estepes e que, na maior parte dos casos, logo se converteram para o Islã. A partir dali, vários desses povos túrquicos islamizados se voltaram para o sudoeste asiático, norte da África e leste europeu, onde foram agentes proeminentes em diversos processos históricos, como os turcos seljúcidas e otomanos e os khanatos sucessores mongóis turquicizados, como o Ilkhanato da Pérsia, a própria Horda Dourada e descendentes indiretos do Império Mongol, como o Império Timurida e o Mughal. Quanto à Horda Dourada, o domínio desse khanato mongol na região foi majoritariamente na porção norte estepária, mas as cidades comerciais nos vales férteis da Ásia Central foram sempre um foco de disputas com seus vizinhos mongóis.

Essa definição é, ainda assim, uma convenção contemporânea, majoritariamente aceita pela comunidade internacional e levando em consideração as fronteiras dos países contemporâneos compreendidos por ela. Quando trabalharmos historicamente a Ásia Central, territórios próximos geográfica e culturalmente também estarão sendo compreendidos, como as zonas de estepe e floresta-estepe russas, mongóis e chinesas no caso das estepes cazaques; as regiões montanhosas do Irã, Afeganistão e Paquistão quando abordarmos o mundo Persa-Islâmico; e as zonas desérticas e montanhosas da Mongólia e da China, como a província de Xinjiang e os desertos de Gobi e Taklamakan quando abordarmos as regiões desérticas e seus vales férteis do centro da Ásia Central.

A definição de Leste Europeu talvez seja menos consensual que a de Ásia Central demonstrada acima, no sentido de que o nome pode se referir a diferentes regiões da “Europa” em diferentes trabalhos ou contextos. O *The Palgrave Concise Historical Atlas of Eastern Europe* que pretendíamos consultar para essa seção, por exemplo, divide o Leste Europeu entre a Península dos Balcãs, a Bacia do Danúbio e a Planície Polonesa, justamente excluindo da definição os territórios que estudaremos neste trabalho.³² O recorte geográfico desse atlas histórico é o mesmo que o do *Historical Atlas of East Central Europe*,³³ o “Atlas Histórico do Leste da Europa Central”, que também não tem como objeto as porções do território europeu que compõem a região Ponto-Balto-Cáspia. Na falta de um trabalho geográfico-histórico mais direcionado para essa região, a exposição geográfica dela feita acima foi feita a partir de conhecimentos prévios embasados pelo *The Times Atlas of The*

³² HUPCHICK, Dennis P.; COX, Harold E. **The Palgrave concise historical atlas of Eastern Europe**. New York: Palgrave, 2001. p. 2.

³³ MAGOCSI, Paul R.; MATTHEWS, Geoffrey J. **Historical atlas of East Central Europe**. Seattle: University of Washington Press, 1998.

World,³⁴ pelas exposições geográficas da bibliografia historiográfica especializada trabalhada ao longo desta dissertação³⁵ e frequentes viagens de campo proporcionadas pelo *Google Maps*.

1.3 SISTEMAS-MUNDO E RELAÇÕES INTERSOCIETÁRIAS NA PRÉ-MODERNIDADE

Apesar de não estarmos propondo a existência de um sistema-mundo Ponto-Balto-Cáspio, acreditamos válido destacar as discussões que aplicam essa teoria a contextos pré-modernos, pois servem de referencial para pensarmos a História e os contextos analisados aqui de forma globalizada, compreendendo as relações intersocietárias dentro e fora da região Ponto-Balto-Cáspia.

Immanuel Wallerstein inaugurou, na década de 1970, o conceito de Sistema-Mundo como uma ferramenta para analisar as relações de produção e exploração entre diferentes espaços interconectados nos mundos moderno e contemporâneo. Wallerstein divide a análise entre o sistema colonial-imperial moderno e o capitalismo global contemporâneo, excluindo a análise de relações de conexão intersocietária anteriores. Partindo disso, vários esforços se deram nas décadas seguintes buscando aplicar as discussões de Wallerstein para contextos pré-modernos e pré-capitalistas. Uma das obras mais notáveis nesse sentido é *Before the European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*, de Janet Abu-Lughod.³⁶

O Sistema-Mundo do Século XIII, ou o Sistema-mundo pré-moderno, de Abu-Lughod, pode ser compreendido como uma superestrutura formada por diversas redes de cidades interconectadas que ligam as extremidades da Eurásia e os litorais norte e leste da África. Ele é dividido em três “circuitos”, por sua vez formados por oito “subsistemas”. Os subsistemas são redes de cidades interconectadas por comércio e uma economia em comum, unidas em seus respectivos subsistemas por possuírem uma língua, cultura, religião e ou autoridade imperial em comum e geralmente dominados por uma cidade imperial ou outro centro urbano de proeminência.

O primeiro circuito, o “Circuito Europeu”, é formado por dois subsistemas, o (também) “Europeu” e o “Trans-mediterrâneo”: O primeiro composto por três regiões-chave:

³⁴ THE TIMES, *Op Cit*, 1958.

³⁵ Destacamos: FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. **The emergence of Rus, 750-1200**. London ; New York: Longman, 1996; GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992; e SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York: Cambridge University Press, 1990a.

³⁶ ABU-LUGHOD, Janet. *Op Cit*. 1989.

o centro-leste do reino de França, com as cidades-feira da região de Champagne; os polos de produção Têxtil da Região de Flandres; e os portos das cidades italianas de Gênova e Veneza; O segundo sendo formado pelas cidades italianas eram, simultaneamente, parte do Subsistema Trans-mediterrâneo, conectando a Europa continental aos demais subsistemas e circuitos através de cidades portuárias no norte da África, no Levante, Anatólia Bizantina e Mar Negro.³⁷

Atravessando o Mediterrâneo, o segundo circuito, a “*Mideast Heartland*”, é formado pelas “três rotas para o leste”, que também são os três próximos subsistemas: a rota “Setentrional” ou “Rota norte”, a “Central”, e a “Meridional” ou “Rota Sul” que, junto do “trans-mediterrâneo”, compõem o Circuito Médio Oriental. A Rota Setentrional é a rota majoritariamente terrestre que acompanha as caravanas que vão de Constantinopla e do Mar Negro até Pequim, passando pela Ásia Central e cidades como Bukhara, Samarkanda e Karakorum, a capital mongol nas estepes. A Rota Central inicia no Levante e atravessa a Mesopotâmia, segue para o Sudoeste asiático, onde se divide em um caminho que se volta o norte e se junta à rota das caravanas na Ásia central e outro que contorna o sul do continente pelos atuais Irã e Paquistão, desemboca no Mar da Pérsia e continua para a Índia e para o Oceano Índico. A Rota Meridional desembarca do mediterrâneo no norte do Egito e embarca novamente no Mar Vermelho em direção ao Oceano Índico e ao subsistema homônimo.³⁸

As três rotas que formam o segundo circuito levam ao terceiro, o Circuito Asiático, formado pelos Subsistemas unidos pelo Oceano Índico: o da Índia Ocidental, o Central e o Oriental que interconectam os litorais do continente. O Subsistema Indiano Ocidental conecta as rotas Central e Meridional vindo por mar do segundo circuito para a costa oeste da Índia. O Subsistema Asiático Central compreende os litorais oeste e leste da Índia e a Península Indochinesa, incluindo assim o importante Estreito de Malaca como entrada para os mares da China. O Subsistema Oriental completa o ciclo, conectando o comércio marítimo que vem do Oceano Índico e dos Subsistemas Indianos à China, que ao mesmo tempo recebe o comércio terrestre que vem pelas caravanas da Rota Setentrional.³⁹

Na análise de Abu-Lughod, as cidades são praticamente as únicas protagonistas do Sistema-Mundo — ela define, por exemplo, os subsistemas como “arquipélagos de cidades” que seriam cercadas por grandes áreas rurais, desérticas ou florestais que não integravam diretamente o sistema descrito pela autora.⁴⁰ Essa definição exclui formas de organização

³⁷ ABU-LUGHOD, Janet. *Op Cit.* 1989. p. 33-35.

³⁸ *Ibid.* p. 35.

³⁹ *Idem.*

⁴⁰ *Ibid.* p. 13-14.

social não urbanas, como por exemplo, os nômades das estepes que discutiremos ao longo de todo este trabalho. Mais crítico para esta dissertação especificamente, a região Ponto-Balto-Cáspia praticamente não se figura no Sistema-Mundo do século XIII, apenas representado pela breve menção do Mar Negro na passagem setentrional e implícita na descrição das cidades comerciais centro-asiáticas mais ao sul e sudeste. Saray, a capital mongol da Horda Dourada no Baixo Volga, sequer é mencionada para além de aparecer em um mapa de toda a Eurásia.⁴¹

Além disso, Abu-Lughod demonstra um forte sentimento “anti-mongol” em sua análise. Ela reiteradamente nega o protagonismo desses agentes nos processos históricos analisados, reduzindo-os a facilitadores e intermediários acidentais nos melhores casos e parasitas em um momento de maior assertividade.⁴² O subcapítulo em que Abu-Lughod discorre sobre a contribuição mongol para o Sistema-Mundo, por exemplo, leva como título “As Consequências não Intencionais do Sucesso Mongol”, em que o “sucesso” se refere à conquista, e as “consequências não intencionais” são o florescimento do comércio sob o governo mongol. Como demonstraremos ao longo de toda esta dissertação, mas especialmente no capítulo 3, “Nômades das Estepes Como Agentes e Protagonistas Históricos”, esse posicionamento não se sustenta à luz das discussões e desenvolvimentos que se deram na ciência histórica nos 35 anos desde o lançamento original de *Before the European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350*.

Apesar de nos opormos veementemente a esses posicionamentos da autora (i.e. o foco completo nas cidades e o sentimento anti-mongol), não descartamos nem desmerecemos seu trabalho. Pelo contrário, reconhecemos a análise de Abu-Lughod como uma pedra fundamental na construção de uma história globalizada da pré-modernidade, abrindo caminho e ainda hoje sendo de grandíssima contribuição para o estudo do período em uma perspectiva mais ampla e de interconectividade. Já utilizamos em profundidade esse livro e suas reflexões no passado e o conhecimento contextual em perspectiva global fornecido por ele foi central para a concepção das problemáticas apresentadas e exploradas nesta dissertação.

As proposições de Christopher Chase-Dunn e Thomas D. Hall em *Core-Periphery Relations in Precapitalist Worlds*⁴³ são de grande contribuição no sentido de realizar análises globalizadas voltadas para mais formas de organização social como pretendemos realizar neste trabalho. Esses autores também buscam expandir a abrangência de análise

⁴¹ ABU-LUGHOD, Janet. *Op Cit.* 1989. p. 153-183.

⁴² *Ibid.* p. 144-145; 182 são alguns exemplos

⁴³ CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). *Op Cit.*, 1991.

proporcionada pelo conceito de Sistema-mundo de Wallerstein para as sociedades pré-modernas, mas não buscam analisar um sistema em específico, e sim criar um novo vocabulário conceitual que possa se adaptar para diversos casos diferentes conforme necessário em diferentes estudos. Possibilitando, assim, a análise de variados sistemas em também variados contextos.

Hall e Chase-Dunn procuram desenvolver estratégias analíticas que se adaptem aos elementos presentes em cada contexto, ainda assim permitindo sua análise a partir da perspectiva de sistema-mundo. O foco desses autores é nas *relações intersocietárias* e na existência (ou não) de dinâmicas de centro/periferia, de exploração ou poder nessas relações. Assim, os Sistemas-Mundo de Chase-Dunn e Hall podem ser pensados, resumidamente, como redes de relações intersocietárias: além das relações econômicas, eles também consideram as políticas em suas variadas naturezas. A dominação política, uma aliança militar ou casamento dinástico também são objetos a serem analisados, por exemplo.⁴⁴

O objetivo do conjunto de conceitos elaborado pelos autores é compreender como os elementos presentes nas diferentes sociedades e as características das relações entre elas analisadas em forma sistêmica contribuem para a transformação social ou manutenção das estruturas de poder através da História. Hall e Chase-Dunn propõem uma série de modelos gerais de sistemas-mundo que podem ser aplicados para diferentes contextos e favorecerem a análise destes contextos sistematicamente, ao contrário de, como Wallerstein, determinar *a priori* o que pode ou não pode ser analisado com uma definição demasiadamente rígida. Para eles, as definições do que compõem um sistema-mundo devem ser o resultado da pesquisa, e não o ponto de partida.⁴⁵

Um apontamento de Hall e Chase-Dunn que será central para a análise da *Cultura Política Nômade* em operação nas relações intersocietárias ponto-balto-cáspias é a importância da circulação de bens de luxo nos processos de formação de estado nas periferias, especialmente quando um grupo detém o monopólio na entrada desses bens. Os bens de luxo foram especificamente um elemento excluído da análise por Wallerstein mas defendido por Hall e Chase-Dunn. De acordo com estes autores, essa exclusão impediu que Wallerstein pudesse identificar um sistema-mundo pré-moderno na Índia e na China, por exemplo. Dentro do mundo nômico, definiremos este processo relacionado aos bens de

⁴⁴ CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). *Op Cit*, 1991. p. 13-15.

⁴⁵ *Ibid.* p. 6-15.

luxo como *Economia Política Nômade* e será um dos mais gritantes elementos da *Cultura Política Nômade* nas relações intersocietárias analisadas.⁴⁶

Outro apontamento que influenciou largamente nossa análise foi a proposta de uma análise “grupo-cêntrica”, ou seja, analisar as relações intersocietárias e delimitar o escopo de análise a partir de um grupo ou conjunto de grupos. Como os próprios Hall e Chase-Dunn aconselham, não seguimos à risca sua proposição, adaptamos-na para nosso contexto e objeto específico: o grupo em questão são os povos nômades que habitam as estepes ao norte dos mares Negro e Cáspio.⁴⁷ Através do tempo, esses povos nômades variam e se transformam, bem como os vizinhos com quem eles se relacionam, mas, a partir dessas reflexões e nossa análise, um certo padrão permanece: a *Cultura Política Nômade* e sua *Economia Política*.

1.4 OS CITAS E A *CULTURA POLÍTICA NÔMADE*

As zonas de estepes que se estendem pelos atuais Cazaquistão, Rússia e Ucrânia foram povoadas por nômades pastoralistas por milênios, com seus registros materiais mais antigos datando de meados do Segundo Milênio a.C. Nos vales férteis dos rios e montanhas da Ásia Central, diversos grupos se instalaram e começaram a praticar pastoralismo sedentário e agricultura intensiva. Nas zonas de floresta e nas terras férteis irrigadas pelos rios Dnieper, Don e Volga muitos grupos também se instalaram em diversas formas de organização social.

Os cimérios e os citas foram as primeiras populações nômades das estepes a demonstrarem maiores níveis de centralização política e estratificação social, assim como o desenvolvimento de uma cultura política (nômade) que pode ser percebida através da cultura material deixada por elas, encontrada especialmente nos *kurgans* — túmulos redondos subterrâneos escavados de forma que lembra as tendas nômades, *yurt* nas línguas túrquicas e *ger* nas mongóis. A presença ciméria nas estepes ocidentais precede a cita por alguns séculos, até a chegada destes, conquistando, expulsando das estepes do Mar Negro e do Mar Cáspio ou absorvendo-os a partir de meados do Século VIII a.C.⁴⁸

Os citas desenvolvem níveis de agregação social ainda maior que seus predecessores e compõem o que muito provavelmente foi a primeira confederação de povos nômades das estepes. De acordo com Khazanov, o termo “cita” vem sendo usado com dois significados

⁴⁶ CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). *Op Cit*, 1991. p. 11-12.

⁴⁷ Ibid. p. 14-18.

⁴⁸ CUNLIFFE, Barry W. **The Scythians: Nomad Warriors of the Steppe**. First edition. Oxford: Oxford University Press, 2019. p. 15-35.

diferentes ao longo da História, desde suas primeiras aparições no registro histórico greco-latino, contemporâneo à sua presença nas estepes à historiografia que se construiu desde então: citas como termo generalizante para os povos nômades das estepes etnicamente iranianos; e citas em referência a um grupo político específico que podemos compreender como esta primeira confederação nômade.⁴⁹ Estaremos utilizando o segundo caso, referindo-nos aos citas como um grupo específico de nômades iranianos das estepes com identificações políticas e culturais próprias que compunham uma confederação com avançado grau de unidade política. A *Cultura Política Nômade*, que começa a ser identificada entre os citas e cimérios, será discutida em profundidade mais adiante, no capítulo 3; por ora, cabe discutirmos a formação da Confederação Cita, suas relações com populações locais e apontarmos essa cultura política já em operação.

Os citas entram no registro histórico e na região Ponto-Balto-Cáspia, em meados do século VIII a.C., ao final de uma migração para oeste partindo de algum ponto difícil de precisar das estepes centro-asiáticas, entre os atuais Cazaquistão e Mongólia. Ao final desta movimentação, eles se instalam nas estepes do Cáucaso Norte, no vale do Rio Kuban, que nasce nas montanhas do Cáucaso e deságua no Mar de Azov. É a partir desta “base de operações” no Cáucaso Norte que os citas começam a entrar em contato com uma pluralidade de populações locais, algumas das quais, escrevem sobre sua presença. Dali, os citas se voltaram para o sul, atravessando ou contornando o Cáucaso para atacar as terras na região fértil da Mesopotâmia. Essas operações muito provavelmente começaram com pequenas incursões em forma de razias que foram aumentando conforme eles se consolidavam como um importante poder regional. Em meados do século VII a.C., eles já se encontravam profundamente envolvidos no cenário geopolítico de enfraquecimento do Império Assírio, por vezes alinhados aos poderes locais, como em 612 a.C., quando os citas encontravam-se aliados aos Medos e Babilônios.⁵⁰ As incursões mais longínquas citas deste período chegaram até ao Egito,⁵¹ mas a presença deles na região logo seria encerrada com a ascensão do Império Aquemênida.

Christopher Beckwith propõe — em obra publicada em 2022, muito recente quando da produção deste trabalho —⁵² que, ao longo do cerca de um século que eles passaram na

⁴⁹ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015. p. 32-35.

⁵⁰ CUNLIFFE, Barry W. *Op Cit*, 2019.

⁵¹ WENDELKEN, Rebecca W. *Horses and Gold: The Scythians of the Eurasian Steppes*. In: BELL, Andrew (Org.). **The role of migration in the history of the Eurasian steppe: sedentary civilization vs. “Barbarian” and Nomad**. 1. publ. Basingstoke: Macmillan, 2000. p 201

⁵² BECKWITH, Christopher I. **The Scythian empire: Central Eurasia and the birth of the classical age from Persia to China**. Princeton: Princeton University Press, 2022. p. 54-80.

região, os citas estabeleceram um certo domínio político, dentro do qual a ascensão do Império Medo (e posteriormente os Aquemênidas) seria apenas uma troca dinástica na mesma estrutura política. Beckwith defende que em meados do século VII, os citas teriam conquistado os medos e formado uma entidade política Cito-Meda, dentro da qual os futuros governantes da dinastia meda teriam sido criados como vassalos citas seguindo modelos propriamente citas.

Dessa forma, o príncipe Cito-Medo Cyaraxes levou a cabo um golpe de estado bem sucedido, derrubando os governantes Citas por volta de 620. Ele virou rei de um novo e unificado reino Cito-Meda e senhor de muitos estados vassalos Citanizados na região, como Urartia (...) Isso não significou a instalação de um sistema de governo Assírio estabelecido através do terror — os sistema que os Cito-Medos haviam acabado de derrubar. Como herdeiros dos conquistadores Citas, os novos governantes continuaram o sistema cita herdado de governo levemente feudal-hierárquico, que Heródoto descreve com certa precisão e Strabo confirma.⁵³

Apesar de ousada e carente de vozes que lhe façam coro, a proposição de Beckwith vai ao encontro das discussões mais recentes sobre os papéis ocupados por populações nômades em suas relações com povos sedentários, como os trabalhos de Michal Biran, Peter Golden, James Scott e tantos outros utilizados nesta dissertação. Na frequente ausência de registros históricos produzidos pelos povos nômades, essas discussões têm buscado encontrar um protagonismo histórico nômado nas documentações e narrativas produzidas pelos povos sedentários possuidores de uma tradição escrita. Esses “detentores da escrita”, contudo, muitas vezes se encontravam em lados opostos dos campos de batalha e mesas de barganha comercial e política, de modo que os registros produzidos por eles tendem a ser detrimental aos adversários nômades. Uma das formas que se tem feito isso e pode corroborar com a proposição de Beckwith, por exemplo, é buscar reconhecer nos presentes e pagamentos feitos por populações sedentárias em troca do não ataque por parte dos nômades — uma relação análoga ao pagamento de tributos por um reino vassalo a uma unidade imperial superior:

Os estados antigos como um todo, além de construir muralhas e recrutar seus próprios exércitos, frequentemente recorriam a pagar bárbaros poderosos para *não* saquear. Os pagamentos podem tomar muitas formas. Eles podem, pelo bem das aparências, ser descritos como “presentes” em troca da submissão formal e pagamento de tributo. (...) Com o tempo, se o acordo durasse, a zona protegida pelo saqueador poderia vir a assemelhar-se a um governo provincial quase autônomo. (...) Sete séculos depois, sob os Tang, agentes do governo entregavam meio milhão de peças de seda para os Uighures anualmente (...). No papel, pode ter parecido que os nômades eram os súditos tributários do imperador Tang, mas o verdadeiro fluxo de renda e bens sugere o oposto na prática.⁵⁴

⁵³ BECKWITH, Christopher I. *Op Cit*, 2022. p. 60-61.

⁵⁴ SCOTT, James C. *Op Cit*, 2017. p. 241-242.

Independente da natureza das relações de poder durante a “estadia” cita ao sul do Cáucaso, é indiscutível a repercussão desse tempo na cultura e universos político, econômico e social citas, repercussão essa expressa através de sua cultura material: os *kurgans* citas dessa época são cada vez mais ricos em produtos de luxo do Crescente Fértil, muitas vezes reproduzindo motivos citas, o que indica uma intencionalidade já na produção em vender ou presentear esses artefatos àquele povo nômade. Com isso, deduz-se uma tentativa entre os governantes citas de emular os costumes com que eles tiveram contato naquela região.⁵⁵ Também identificamos nessa valorização dos bens de luxo do sudoeste asiático entre os citas, a possível primeira aparição da *Economia Política Nômada*, o uso de bens de luxo e riquezas a partir de seu valor simbólico para a manutenção das estruturas de poder nômades das estepes, um dos elementos da *Cultura Política Nômada* e talvez o principal para nossa análise.

A recíproca também é verdadeira, e podemos observar as profundas marcas deixada pela presença cita tanto nos relatos do trauma da conquista, como nos registros cuneiformes assírios e a presença nos livros dos profetas bíblicos ou no farto registro arqueológico de flechas citas em fortificações da região; mas também podemos observar essas marcas nas contribuições e influências citas para as culturas locais, especialmente em tecnologias militares e voltadas para o combate montado, como a própria cavalaria arqueira, o arco composto, estilos de flechas e selas. Os medos e persas foram os mais bem sucedidos em adotar esses elementos citas e provavelmente devem muito de seu sucesso nos séculos seguintes a eles.⁵⁶

Muito mais consenso existe na historiografia sobre os séculos que seguiram a derrota dos citas pelos medos e o retorno para o norte. A historiografia mais tradicionalmente aceita conta que o rei medo Cyaraxes expulsou de volta para o norte os grupos de guerreiros citas que atacavam as terras ao sul do Cáucaso.⁵⁷ Em seu retorno para o norte, os citas precisaram

⁵⁵ Sobre os achados arqueológicos em *kurgans* citas, as influências nos artefatos citas e presença de artefatos estrangeiros, ver: MELYUKOVA, Anna I. The Scythians and Sarmatians. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1990. p. 100; WENDELKEN, Rebecca W. *Op Cit*, 2000. p. 197-199; PETRENKO, Vladimir G. Scythian Culture in the North Caucasus. In: DAVIS-KIMBALL, Jeannine; BASHILOV, V. A.; ĪABLONSKIĪ, L. T. (Orgs.). **Nomads of the Eurasian steppes in the early Iron Age**. Berkeley, CA: Zinat Press, 1995. p. 5-21. e CUNLIFFE, Barry W. *Op Cit*, 2019. p 118-122.

⁵⁶ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015. p. 34-35; MELYUKOVA, Anna I. Scythians of Southeastern Europe. In: DAVIS-KIMBALL, Jeannine; BASHILOV, V. A.; ĪABLONSKIĪ, L. T. (Orgs.). **Nomads of the Eurasian steppes in the early Iron Age**. Berkeley, CA: Zinat Press, 1995. p 28.

⁵⁷ BECKWITH, Christian. *Op Cit*, 2009. p. 58-78; CUNLIFFE, Barry W. *Op Cit*, 2019. p. 116-202; KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015 p. 32-45; MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1990. p. 97-110;

enfrentar uma rebelião de antigos súditos antes de se restabelecerem por completo na região. Enquanto isso, ao sul do Cáucaso, a dinastia meda era substituída pela aquemênida por volta 550 a.C., quando Ciro II ascendeu à posição de Rei dos Reis persa.

Recém estabelecidos, os Aquemênidas lançaram duas incursões contra vizinhos nômades das estepes naquele mesmo século: a primeira foi realizada pelo próprio Ciro II, contra os masságetas liderados pela lendária rainha Tomyris e a segunda por Dário I contra os citas retornados ao Cáucaso Norte. Tomyris e os masságetas, nômades das estepes iranianos que eram muitas vezes também são chamados de citas, no caso do uso mais generalizado deste nome que mencionamos anteriormente, mas constituíam uma entidade política com identificações próprias e encontravam-se mais ao leste dos domínios citas. A principal fonte sobre a campanha de Ciro contra Tomyris são as Histórias de Heródoto, que conta sobre como a “Rainha Cita” recuou profundamente para o interior da estepe, fazendo o agressor segui-la até a exaustão para ser emboscado em um campo de batalha favorável para os guerreiros nômades. A derrota nessa batalha é uma das muitas histórias da morte do criador do Império Persa Aquemênida.⁵⁸

Dário I assumiu o controle do Império Aquemênida em 521 a.C., em meio a uma guerra civil durante o governo do sucessor de Ciro II e expandiu amplamente o império em várias direções, conquistando territórios na Ásia Central, no nordeste do Subcontinente Indiano, no norte da África e na Trácia. Em 512 a.C. ele se encontrava em direção aos territórios ocupados pelos citas à frente de um formidável exército — Heródoto nos informa de 700.000 soldados, mas mesmo que não tenha chegado a números tão altos, podemos considerar ter sido uma força impressionante para a época. Assim como Ciro havia feito antes dele na ocasião de sua marcha contra Tomyris, Dário exigiu a submissão dos citas à sua autoridade, e tal qual Tomyris, os citas, governados por Idantirso (Hithānthraūša), o desafiaram a conquistá-los. E, novamente, assim como Tomyris, os citas de Idantirso atraíram Dário através de seus territórios, com o objetivo de exaurir suas forças e atacar em um momento oportuno. Dário, contudo, soube a hora de retornar, e cessou sua campanha antes que se encontrasse preso no congelante inverno das estepes — o famoso “inverno russo”.⁵⁹

Dário precisou deixar para trás parte de suas tropas, possivelmente os mais fracos e lentos que o atrasariam na retirada, bem como fortificações que ergueu ao longo da marcha,

MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1995. p.27-60; PETRENKO, Vladimir G. *Op Cit*, 1995. p. 1-25; WENDELKEN, Rebecca W. *Op Cit*, 2000.

⁵⁸ HARL, Kenneth W. **Empires of the steppes**: the nomadic tribes who shaped civilization. London Oxford New York New Delhi Sydney: Bloomsbury, 2023. p. 66.

⁵⁹ HARL, Kenneth W. *Op Cit*, 2023. p. 65-69.

mas retornou para casa vivo e governou por mais três décadas após a retirada das terras citas, enfrentando uma série de rebeliões entre seus súditos gregos que possivelmente viram a derrota como um sinal de fragilidade do poder imperial persa.⁶⁰

A partir do momento em que as forças persas são repelidas dos territórios citas, os nômades vitoriosos dão início a um processo de expansão e, em 496 a.C., eram os citas que se chegavam às fronteiras persas no Quersoneso Trácio, a Península de Galípoli. O plano possivelmente teria sido invadir os territórios aquemênidas, mas os citas passaram o restante do século V a.C. envolvidos em conflitos intermitentes com os trácios. Em 339 a.C., o idoso rei cita Antheas, com 90 anos à época, foi morto em batalha contra Filipe II da Macedônia. Os citas foram obrigados a recuar da região dos Balcãs para o norte do Mar Negro, os macedônios adquiriram uma riqueza em butim entre pessoas, animais e bens capturados, mas se engana quem pensa que isso significou uma fragilização da confederação Cita para além da retirada da Trácia.⁶¹

Em contraste com a proposta mais recente de Beckwith, Anna Melyukova defende que aquela incursão persa de Dário contra os citas foi um fator que acelerou o processo de unificação política e consolidação de uma identidade cita, desenvolvidos em resposta a essa invasão externa e que permitiram a subsequente expansão territorial. Teria sido a partir deste momento que a clássica organização da sociedade cita imortalizada pela narrativa de Heródoto teria se formado.⁶²

Tendo como ponto inicial o centro comercial dos *borysthenites* [habitantes da região do Dnieper], que fica bem no meio o litoral da Cítia [a terra cita], a primeira tribo são os *callippidae*, que são citas gregos, então além deles existe outra tribo chamada de *alizonas*. Os costumes de ambas essas tribos são basicamente citas, exceto por eles cultivarem e consumirem grãos, cebolas, alho, lentilha e milhete. Além dos *alizonas*, vivem as tribos citas que cultivam a terra, mas as colheitas que eles cultivam são para vender, e não para o consumo próprio. Mais ao norte vivem os *neurians*, mas a terra dos *neurians* é desabitada até onde se sabe. (...) Ao leste dos citas agrícolas, do outro lado do Rio Panticapes [possivelmente um afluente do Dnieper], vivem as tribos citas nômades que não colhem plantações ou cultivam o solo; além do mais, essa parte do mundo (...) é completamente sem árvores. (...) Do outro lado do [Rio] Gerrhus fica o Reino, como é chamado, que é habitado pela maior e mais avançada tribo cita, que considera todos os outros citas como seus escravos. (...) Ao norte desses Citas Reais vive outra tribo não-cita, chamada de Capas Pretas, e ao norte deles há lagos, mas não seres humanos, até onde se sabe. (Tradução nossa)⁶³

⁶⁰ HARL, Kenneth W. *Op Cit*, 2023. p. 65-69..

⁶¹ MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1995. p. 29.

⁶² MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1990.

⁶³ HERODOTUS; WATERFIELD, Robin; DEWALD, Carolyn. *Op Cit*, 1998. p. 241-242.

Ao descrever a “Cítia” e seus arredores, Heródoto descreve, novamente, não por acaso, um recorte geográfico praticamente equivalente ao qual atribuímos o nome de Ponto-Balto-Cáspio. Das regiões de lagos e rios do norte da Rússia às estepes que se estendem do *Pontus* para o leste, é o mesmo espaço geográfico.

A precisão das divisões sociais e distribuição geográficas descritas por Heródoto causam debates ainda acirrados mesmo depois de cerca de um século de estudos citas propriamente ditos e podem nunca chegar a um consenso, mas combinando os relatos dele e outros autores contemporâneos e o registro material escavado principalmente ao longo dos últimos cem anos, podemos ter certeza da presença de uma elite governante nomádica, um grande contingente de nômades externos à essa elite, uma grande população sedentária agrária e uma variedade de outras formas de organização social semi-nomádicas agrárias, pastoralistas e caçadoras e coletoras que compunham a esfera de influência cita a partir desse período, entre as estepes, zonas de floresta-estepe, zonas agrárias e até às zonas de floresta mais ao norte. Por toda essa extensão são encontrados em abundância *kurgans* citas que datam dos séculos VI ao III a.C.⁶⁴

Com a expansão pelos territórios ao norte do Mar Negro que um dos mais conhecidos e estudados elementos do período cita se desenvolveu: o contato com o mundo grego através das colônias gregas na região. As póleis gregas já vinham a alguns séculos fundando colônias na costa do Mar Negro com o objetivo de cultivar grão para abastecer-las, e algumas dessas se tornaram cidades de grande importância no grande cenário helênico, como Olbia Pôntica. Nesse período, as colônias gregas já não mais davam conta de produzir e fornecer grãos suficientes para si mesmas e suas metrópoles, e os citas encontraram aí uma oportunidade de comércio. Existem duas principais formas que eles podem ter conseguido os grãos para comercializar com as cidades gregas: sedentarizando parcelas de sua população nomádica ou conquistando populações já sedentárias. Ambos os casos explicam os “citas agrícolas” de Heródoto. As duas também não são mutuamente excludentes e eles podem ter realizado ambas em diferentes espaços ou momentos — como muito da história de povos nômades sem escrita em períodos tão remotos, é difícil precisar. Com esse contato constante, as próprias colônias gregas eventualmente entraram também para a esfera de influência ao longo desses séculos.⁶⁵

Novamente, a principal forma que esta relação pode ser percebida é através da cultura material cita, majoritariamente preservada nos *kurgans*, os túmulos arredondados citas. A

⁶⁴ MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1995. p. 28-30.

⁶⁵ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015.

partir do século VI a.C., cada vez mais artefatos de origem grega começam a aparecer nessa cultura material, principalmente vasos para armazenamento e transporte de vinho, cada vez mais consumido especialmente pelas elites citas. Aos poucos, inclusive, esses artefatos — ainda de origem grega — começam a demonstrar certa influência cita, como pinturas e representações de temáticas nômades em produtos, de resto, gregos. Novamente, com isso, podemos perceber a *Cultura Política Nômade* em operação através de sua *economia política*. Com o tempo, a partir dessa relação, os citas começam a desenvolver uma camada de elementos gregos em sua cultura, ao mesmo tempo que expandiam sua influência sobre as cidades gregas — cada vez mais dependentes dos grãos providos pelos citas — muitas das quais passam a ser diretamente controladas por eles e eventualmente se tornam centros políticos citas.⁶⁶

A partir de meados do terceiro século a.C., novas levas de movimentações nômades vindas das estepes ao leste, simultâneas a mais fortes avanços trácios e celtas vindo do oeste, fragilizaram e minguaram o domínio cita sobre as estepes ocidentais. Os sármatas, por exemplo, eram um povo nômade das estepes, linguística e culturalmente muito próximo dos citas, eles inclusive fazem parte da “grande comunidade cita” que representa a definição mais abrangente deste nome. Muitas das populações anteriormente sob domínio da Confederação Cita foram absorvidas pela Confederação Sármatas, incluindo uma grande quantidade de citas propriamente ditos. Ainda assim, dois reinos citas sobreviveram por mais alguns séculos. Um deles foi instalado na região de Dobruja, na costa noroeste do Mar Negro, e apesar dos intensos avanços de povos dos atuais Balcãs, como trácios e getas, uma linhagem monárquica cita conseguiu manter controle da região, inclusive governando sobre alguns dos recém-chegados até o século I a.C. Outro grupo conseguiu manter domínio da península Crimeia, instalando-se em cidades gregas e até fundando novos povoamentos no modelo grego na região, estes mantiveram seus domínios até o Século III d.C., quando enfim foram absorvidos por novas ondas migratórias e desapareceram do registro histórico junto de sua identidade greco-cita.⁶⁷

Nestes espaços sobreviventes aos avanços sármatos, a hibridização cita ao mundo grego tomou novas proporções. Muitos se sedentarizaram às margens do Mar Negro e do Dnieper, instalando-se nas cidades que já estavam lá ou que eles mesmos constuíram e

⁶⁶ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015. p. 38-42.

⁶⁷ MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1990. p. 107-108.

fortificaram seguindo o estilo grego. Mesmo os que mantiveram o modo de vida nômade em variados graus adotaram a língua, deuses e costumes gregos.⁶⁸

Dedicar tamanho espaço aos citas, um grupo étnico que existiu entre os séculos VIII a.C. e III d.C. — e em um período menor como uma confederação propriamente dita — pode parecer equivocado em um trabalho que pretende discutir as relações intersocietárias que se dão mais de meio milênio depois do desaparecimento desse grupo do registro histórico, mas argumentaremos na sequência, e tentaremos demonstrar ao longo deste capítulo, que não o é. Normalmente, os citas seriam abordados e discutidos brevemente e em conjunto com outras grandes confederações nômades na seção que discorre sobre a *Cultura Política Nômade* que virá adiante, como já fizemos anteriormente⁶⁹ e de fato serão retomados nesta seção. Discutiremos os citas contextualizados com seus contemporâneos Xiōngnú e em perspectiva com outras confederações nômades que os sucederam nas estepes ao discutirmos a *Cultura Política Nômade*.

Por ora, justificamos a presença tão acentuada desse povo e confederação nesta seção contextualizadora pelos seguintes motivos: os citas não só formaram a primeira grande confederação de povos nômades das estepes, como o fizeram aproximadamente no mesmo território em que os khazares e a Horda Dourada cerca de 700 e 1.500 anos depois, respectivamente; a Confederação Cita deixou as fundações e bases legitimadoras que sobreviveram, se adaptando e atualizando, por mais de mil anos de hegemonia quase ininterrupta de povos nômades das estepes na região e que a partir dali, mais frequentemente do que não, encabeçaram entidades políticas que estenderam-se, ou ao menos sua influência estendeu-se, muito além dessas fronteiras; essa sequência só foi verdadeiramente interrompida pela primeira vez pelo estabelecimento dos povos escandinavos que deram origem aos principados rus no final do século IX d.C., e argumentaremos também que nem eles, inicialmente, diferenciavam-se tanto dos povos nômades das estepes que governaram a região até então; esses principados rus foram, enfim, também conquistados por uma nova onda de conquistadores das estepes, os mongóis de Chinggis Khan, liderados por seu neto Batu — filho de Jochi — que na década de 1250 fundaria a Horda Dourada.

Além disso, a breve exposição dos citas neste trecho da dissertação também é válida para observar e refletir sobre as formas que nós, como historiadores, temos acesso ao passado nômade das estepes. A principal fonte escrita que trata dessa população nômade é a obra de Heródoto e este, por mais que pareça ter se esforçado para compreender a organização e

⁶⁸ MELYUKOVA, Anna I. *Op Cit*, 1990. p. 107-108.

⁶⁹ KAMIGASHIMA, *Op Cit*, 2021. p. 20-24.

funcionamento da sociedade e Confederação Cita, para então relatá-la, ainda nos forneceu uma narrativa externa, distanciada e fragmentária. Apenas a narrativa do historiador grego não fornece o amplo conhecimento que hoje temos sobre eles, principalmente a partir da arqueologia e de estudos comparados e variadas metodologias da História que buscam encontrar respostas na ausência ou omissão dos registros escritos. O mesmo será feito na sequência no restante deste trabalho, o avanço no recorte temporal não significa automaticamente maior riqueza de registros e a abundância de registros também não significa que estes terão todas as respostas, como ficará claro ao longo de nossa exposição. Não dispomos de acesso aos sítios arqueológicos ou acesso direto à cultura material dos povos nômades, mas temos sorte de ter acesso a uma riqueza de trabalhos que tiveram contato direto com esses documentos e uma quantidade muito maior de fontes escritas que a que trabalhamos por aqui. Esses trabalhos serão de importância imensurável para discutirmos a atuação da *Cultura Política Nômade* na região Ponto-Balto-Cáspia através dos séculos.

Por fim, nosso argumento a partir de tudo isso é que: a Confederação Cita foi a pioneira, nas terras entre o Mar Cáspio, o Mar Negro, o Báltico e os Montes Urais, no estabelecimento de relações intersocietárias baseadas na *Cultura Política Nômade* e seu funcionamento a partir da legitimação e sustento do governo nômade através da *Economia Política Nômade*. Este sistema de relações intersocietárias não necessariamente existiu ininterrupto desde os tempos citas por mais cerca 15 séculos até a era mongol. Mas quando esteve em funcionamento, serviu como um epicentro de contatos entre uma infinidade de populações com variadas formas de vida, organização social, cultural e política. Também não pretendemos isolar ou negar os contatos dessa região Ponto-Balto-Cáspia com o restante da Afro-Eurásia. Muito pelo contrário, continuaremos buscando e destacando as relações e contatos para além desses limites geográficos, mas ainda temos como objetivo destacar a existência dessa rede de contatos e seus agentes e protagonistas históricos que foram muitas vezes ignorados pela escassez de registros escritos que nos preservassem a sua voz ou mesmo por motivações ideológicas e políticas através da História.

No restante deste capítulo, procuraremos demonstrar, com maior breveza, a sequência de eventos que, através do milênio que sucedeu o desaparecimento dos citas do registro histórico, leva às presenças rus e khazar, seguidos dos pechenegues e kipchaks, os protagonistas do próximo capítulo, nesta região. Na sequência, então, aprofundaremos a discussão teórico-metodológica referente à *Cultura Política Nômade* e seus principais elementos, contextualizando essa exposição em documentos e diferentes sociedades nômades. Após isso, retornaremos para a região Ponto-Balto-Cáspia munidos dessa

observação da *Cultura Política Nômade* para observar o processo de formação da Horda Dourada.

1.4 INTERLÚDIO — A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA ENTRE OS CITAS E OS KHAZARES

A hegemonia cita nas estepes ocidentais e adjacências chegou ao fim com a chegada e conquista sármata da maior parte dos territórios e populações anteriormente sob domínio cita a partir de meados do século III a.C. Os sármatas mantiveram a proeminência por mais seis séculos, até o III d.C., quando migrações godas desestabilizaram seu domínio na região. Ao longo deste tempo, outras tribos nômades e germânicas passaram por ali ou se formaram sob a égide sármata e movimentaram-se para o oeste, entrando em contato com a república e impérios romanos. Uma dessas tribos que tomou maior proeminência na geopolítica mediterrânea nos séculos seguintes foram os alanos, que adentraram e se envolveram profundamente na política e conflitos internos e externos romanos.⁷⁰

A presença goda, desta vez oriunda do norte, da região do Báltico, nas estepes do Mar Negro fragilizou o domínio sármata sob o território e as populações locais, lançando a região, esses dois grupos e tantos outros em uma fase de disputas que durou cerca de um século. Foi outra onda migratória, novamente das estepes, que trouxe ao fim esse período e estabeleceu uma nova força dominante na região: a chegada dos hunos, em meados do século IV d.C., desencadeou um efeito em cadeia de migrações que reverberaria por séculos. Antes de se estabelecerem como poder hegemônico, os hunos estiveram envolvidos em conflitos ao lado e contra, tanto sármatas quanto godos, e o mesmo pode ser dito sobre estes. Quando finalmente consolidaram seu poder, em meados do século IV, os hunos, liderando uma imensa e diversa confederação, passaram a usar a região como base de operação para suas incursões contra o Império Romano.

Se considerarmos a “Era Huna” o período entre sua emergência das estepes para o registro histórico e desaparecimento ao serem absorvidos por outros grupos, ela foi relativamente efêmera se comparada a um recorte semelhante de outros povos e confederações nômades, mesmo contemporâneos a eles, durando cerca de um século entre a década de 370 e 470. Outros grupos que os precederam e sucederam, como os alanos, ou

⁷⁰ BELL, Andrew. The Last of the Iranians. In: BELL, Andrew (Org.). **The role of migration in the history of the Eurasian steppe: sedentary civilization vs. “Barbarian” and Nomad**. 1. publ. Basingstoke: Macmillan, 2000. p. 208-213.

aqueles que desapareceram com a sua chegada, como os sármatas, faziam-se presentes nos registros históricos e arqueológicos há vários séculos.⁷¹

Apesar de sua curta duração, o impacto imediato e direto da presença húnica nas estepes ocidentais e adentrando o território romano, com o aceleramento do enfraquecimento do Império Romano Ocidental, e seus impactos indiretos a longo prazo, com a multiplicidade de povos e entidades políticas que emergiram ou ascenderam da dissolução da confederação húnica para dentro e para fora das estepes, demonstram o potencial de transformação social, política e cultural a longo prazo que um império das estepes, mesmo que breve em sua existência, nos territórios sob seu controle e muito além deles.

Com o fim da confederação húnica na Europa central e do Kaghanato Rouran nas estepes orientais, entre a Mongólia, norte da China e Rússia atuais, um novo poder se formou a partir das estepes da Ásia Central, o Primeiro Kaghanato Turco foi formado por Bumin, do clã Ashina. Em sua extensão máxima, o Primeiro Kaghanato Turco mantinha certa hegemonia sobre as estepes da Manchúria ao norte do Mar Cáspio, tornando-se a primeira confederação nômade a governar as duas extremidades da estepe asiática, quase adentrando na porção europeia e a primeira a conectar diretamente as fronteiras chinesa e persa.

Bumin revoltou-se contra Yujiulü Anagui, o kaghan rouran, em 542, após uma resposta negativa humilhante a seu pedido de casamento com uma filha do kaghan. Bumin aliou-se à dinastia Wèi da China e ambos lançaram-se em uma guerra contra o inimigo em comum. O Kaghanato Rouran foi derrotado em 552 e Bumin coroou-se kaghan. Bumin Kaghan morreu no mesmo ano que ascendeu ao trono e foi sucedido por seu irmão e seu filho, cada um responsável por governar uma ala do Kaghanato. Muhan Kaghan, o filho de Bumin, governou a porção oriental, enquanto Ishtemi Kaghan, o irmão, governou a ocidental. Apesar da divisão de governo, ambos ainda faziam parte da mesma entidade política, do mesmo Kaghanato Turco, e foram esses dois kaghans que comandaram a imensa expansão do kaghanato fundado por Bumin.⁷²

Entre os séculos VI e VII, porém, essas duas metades se tornaram cada vez mais afastadas e fragmentadas entre si mesmas e, em meados do Século VII, foram gradualmente conquistadas pela dinastia Táng da China. O domínio Táng sobre os povos turcos não durou muito e, em 682, um novo Kaghanato Turco emergiu nas estepes centro-asiáticas e orientais. No restante do Século VII, o Segundo Kaghanato Turco e a China Táng disputavam a

⁷¹ HARL, Kenneth W. *Op Cit*, 2023. p. 130-215

⁷² SINOR, Denis. The Establishment and Dissolution of the Türk Empire. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1990b. p. 285-316.

hegemonia sobre as cidades das rotas comerciais centro-asiáticas quando a expansão Árabe-Muçulmana, que conquistou por fim o Império Sassânida e chegou às portas da Ásia Central na Batalha de Merv em 651, encontrou-se com os interesses concorrentes chineses e turcos. O Segundo Kaghanato Turco sobreviveu até 744, quando foi derrubado pelos seus antigos súditos uigures, que por sua vez estabeleceram seu próprio Kaghanato Uigur nas estepes orientais. Em 751, com a Batalha de Talas, os exércitos árabes expulsaram as últimas forças chinesas da Ásia Central e concluíram a conquista e conversão islâmica da região.⁷³

Assim como no caso huno, apesar da efemeridade de ambos os Kaghanatos Turcos, durando menos de um século cada um, a influência imediata direta e a longo prazo indireta destes foram imensas. Da dissolução do Segundo Kaghanato, surgiram os povos e confederações que viriam a moldar muito da geopolítica Afro-Eurasiática no restante do milênio e nos primeiros séculos do próximo. Povos como os khazares, que emergiram como poder hegemônico nas estepes ocidentais, enquanto um Kaghanato Uighur se instalou nas estepes mais orientais e os karakhanidas nas estepes Centro-Asiáticas.⁷⁴

⁷³ ABAZOV, Rafis. *Op Cit*, 2008. p. 24-35.

⁷⁴ BECKWITH, Christopher I. *Op Cit*, 2009. p. 158-182.

2 SOBRE SELAS E *DRAKKARS*, A REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA ENTRE OS DOMÍNIOS KHAZAR E RUS

Eu concebo, então, que é sempre imensamente para a vantagem do imperador dos romanos que esteja disposto a manter a paz com a nação dos pechenegues e concluir as convenções e tratados de amizade com eles e enviar todo ano a eles, de nosso lado, um agente diplomático com presentes condizentes e adequados àquela nação, (...). Enquanto o imperador dos romanos estiver em paz com os pechenegues, nem russos nem turcos podem chegar aos domínios romanos pela força das armas, nem podem eles extrair dos romanos somas infladas de dinheiro e bens como preço pela paz (...).

Constantino VII

Depois de observarmos o primeiro exemplo da *Cultura Política Nômade* registrado por fontes escritas, isto é, a formação, manutenção e dissolução dos reinos citas, justamente na região Ponto-Balto-Cáspia, podemos nos voltar agora para a segunda parte de nossa arguição: a apresentação da *Cultura Política Nômade* em operação neste mesmo espaço a partir das relações intersocietárias entre khazares, rus, pechenegues e kipchaks entre os séculos VIII e XII.

Iniciaremos com a região Ponto-Balto-Cáspia governada por uma nova confederação nômade das estepes, o Kaghanato Khazar. O Kaghanato Khazar não é apenas um herdeiro da *Cultura Política Nômade* como estabelecida e deixada pelos citas, mas sim resultado da continuidade e transformações dela através de toda a estepe desde o fim da “Era Cita”, nominalmente, os processos que observamos no final do capítulo anterior.

Sob a égide dos khazares, dentro do escopo das relações intersocietárias, e a partir da ótica da *Cultura Política Nômade*, observaremos o aparecimento dos comerciantes rus e sua jornada até a criação da Rus Kievana, as entidades políticas cristãs fundadas pelos descendentes daqueles primeiros viajantes escandinavos que entraram nos domínios e redes de relações dominados pelos khazares.

Os rus nunca conseguirão se libertar completamente dos laços com os povos nômades das estepes e sua cultura política, com a decadência do poder e da presença khazar em suas fronteiras, o espaço deixado pelos antigos imperadores das estepes será ocupado por novos grupos nômades que também compartilham dessa cultura política, os pechenegues e os kipchaks depois deles.

Todos esses agentes também manterão seus devidos contatos com espaços e sociedades externos à região Ponto-Balto-Cáspia, que também buscaremos elucidar, na medida do possível, sob a ótica da *Cultura Política Nômade*. Essas relações políticas, comerciais e militares, também observaremos, em sua maioria serão movidas pela *Economia Política Nômade* que mencionamos anteriormente e será examinada em maior profundidade no capítulo seguinte. Este próximo capítulo, dedicado à *Cultura Política Nômade*, nos levará por uma jornada através das estepes e dos milênios para observarmos ponto a ponto os elementos que a compõem em atuação, ao fim, nos colocará no caminho para retornarmos à região Ponto-Balto-Cáspia.

2.1 A ERA KHAZAR

2.1.1 O Kaghanato Khazar

Entre os herdeiros dos Khanatos Turcos que mencionamos brevemente no capítulo anterior, os de maior destaque para este trabalho são os khazares, que governaram um território e conjunto de populações muito semelhantes aos que viriam a compor a Horda Dourada no milênio seguinte, a região Ponto-Balto-Cáspia. E o fizeram de um centro de poder entre o Cáucaso Norte e o Baixo Volga, como os citas antes e os mongóis depois deles. De fato, o único entre os maiores grupos étnico-linguísticos e políticos que compunham o Kaghanato Khazar que parece ter desaparecido no contexto da Horda Dourada foram os próprios khazares. Os rus, búlgaros e magiares, por exemplo, deixarão suas marcas na construção e história da Horda Dourada.

Definir com precisão uma origem etno-linguística dos khazares é uma tarefa árdua, senão impossível, que décadas de pesquisa e debate sobre o tema apenas afastaram a perspectiva de alcançar um consenso historiográfico como resposta, conforme demonstrado por Peter Golden. O que pode ser afirmado com mais certeza sobre essa origem é o surgimento dos khazares como um grupo relativamente delimitado dentro do contexto do Primeiro Kaghanato Turco entre os Séculos VI e VII, em seus territórios mais ocidentais, entre os atuais Rússia e Cazaquistão. Entre 630 e 650, com a decadência do poderio túrquico na região, duas uniões tribais nômades formadas em torno de lideranças militares do kaghanato e que já vinham se delimitando nas décadas anteriores entraram em conflito: os búlgaros e

khazares, que deram origem a duas confederações que se tornaram jogadores de peso nos próximos séculos da geopolítica eurasiática ocidental.⁷⁵

Desse conflito, os vitoriosos khazares saíram liderando uma confederação que rapidamente se tornaria um poderoso kaghanato, um Império das Estepes — o último na região até a chegada dos mongóis no século XIII, quase seiscentos anos depois. Os búlgaros derrotados dividiram-se em dois principais grupos: um que migrou para o sudoeste e instalou-se principalmente nos Balcãs, na região do rio Danúbio e eventualmente dariam origem aos reinos búlgaros cristianizados; e outro que permaneceu nas estepes pânticas entrando sob o domínio khazar, com um grupo instalando-se na região do Médio Volga, em torno da confluência dos rios Volga e Kama e dando origem à Bulgária do Volga, que se tornaria seu próprio khanato independente novamente com o fim do Kaghanato Khazar até a chegada dos mongóis.⁷⁶

Na década de 620, o imperador bizantino Heráclio firmou uma aliança com os khazares, à época ainda vassalos do Kaghanato Turco Ocidental, para enfrentar a Pérsia Sassânida e, juntos, conquistaram uma vitória decisiva da qual os adversários nunca se recuperaram. O Império Sassânida foi derrotado definitivamente nas décadas seguintes pelo avanço Árabe-Muçulmano do Primeiro Califado.⁷⁷ Foi nesse período, com a fragilização do Kaghanato Turco Ocidental, que os khazares ascenderam à hegemonia na Estepe Pântica, fazendo do Cáucaso Norte sua sede de poder e fundando seu próprio kaghanato.

O novo kaghanato rapidamente expandiu sua influência para centenas de quilômetros além do Cáucaso Norte, alcançando a região do Médio Volga ao norte, as terras eslavas orientais, incluindo Kiev ao oeste, dividindo fronteira com o Império Bizantino e o Califado Árabe ao sul, na Criméia e no Cáucaso, respectivamente, e as estepes Corásmias na Ásia Central ao sudeste.⁷⁸ Com isso, os khazares colocaram o coração do seu império no ponto de convergência entre o comércio norte-urasiático que vinha das florestas do norte e se direcionava ao sul e os mercados índico-mediterrânicos meridionais, interligando assim, a Ásia Central, a Península Arábica, os mundos cristãos grego e latino e os espaços escandinavos e siberianos.⁷⁹

Os kaghans khazares mantiveram, ao longo da história de seu império, uma série de cidades, incluindo uma ou mais capitais no Baixo Volga, sob seu controle direto ou indireto,

⁷⁵ GOLDEN, Peter B. **Central Asia in world history**. New York: Oxford University Press, 2011. p. 148-151.

⁷⁶ BROOK, Kevin Alan. **The Jews of Khazaria**. 2nd ed. Lanham, Md: Rowman & Littlefield, 2006. p. 12-14.

⁷⁷ KOESTLER, Arthur. **The thirteenth tribe: the Khazar empire and its heritage**. 1st American ed. New York: Random House, 1976. p. 6-7.

⁷⁸ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992. p. 239.

⁷⁹ HARL, Kenneth W. *Op Cit*, 2023. p. 208.

nas quais coletavam taxas das efervescentes rotas comerciais que atravessavam a Estepe Pôntica latitude e longitudinalmente. Além da taxaço no comércio, os povos súditos pagavam tributos de variadas formas de acordo com seus sistemas locais de subsistência, produção e trocas: os comerciantes que residiam nas cidades, por exemplo, pagavam taxas proporcionais à sua fortuna, enquanto os Búlgaros do Volga pagavam o tributo em forma de peles de zibelina.⁸⁰

O sistema de governo do Kaghanato Khazar consistia de uma monarquia dual, com um kaghan “sênior” que possuía uma função muito mais simbólica como um representante da vontade divina e sem atuação efetiva na administração e *Kaghan-bäg*, o governante *de facto* e responsável pela administração do kaghanato e comando dos exércitos.⁸² De acordo com ibn Fadlân, um enviado do Califado Abássida à Bulgária do Volga no início do século X,

O título do rei dos Khazares é *khāqān*. Ele aparece em público uma vez a cada quatro meses, ao longe. Ele é chamado de o Grande Khāqān. Seu encarregado é chamado Khāqān Bih, que comanda o exército, administra e conduz os assuntos do reino e aparece em público e lidera as razias. Os reis vizinhos obedecem a ele. (...) (Tradução nossa)⁸³

Abaixo dos kaghans estendia-se uma rede de funcionários administrativos, em sua maioria muçulmanos recrutados das cidades sob domínio khazar. Entre esses funcionários constam, por exemplo, um ministro atuante na administração e uma guarda especial assalariada de guerreiros originários da região da Corásmia. Além dessa guarda, os khazares contavam com um exército recrutado entre os povos submissos e os filhos das classes mais ricas do território central. A manutenção desse exército também era custeada pela parcela mais rica da população.⁸⁴

Essas riquezas tinham origem em dois pilares gêmeos que, de acordo com Noonan, garantiram a estabilidade econômica do Kaghanato Khazar por mais de dois séculos. O primeiro deles era uma economia doméstica diversificada e dinâmica, representada pela

⁸⁰ A zibelina é um pequeno mamífero nativo das regiões mais setentrionais da Eurásia, suas peles eram umas das mais valiosas e produtos de luxo muito valorizados através do continente.

⁸¹ NOONAN, Thomas S. Some Observations on the Economy of the Khazar Khaganate. In: GOLDEN, Peter B.; BEN-SHAMMAI, Haggai; RÓNA-TAS, András; et al (Orgs.). **The world of the Khazars: new perspectives**. Leiden; Boston: Brill, 2007. p. 212.

⁸² GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 2011. p. 154.

⁸³ IBN FADLĀN, Ahmad; MONTGOMERY, James E.; KENNEDY, Philip F.; et al. *Op Cit*, 2017. p. 75. Mantivemos a grafia do original para os termos “Khāqān” e “Bih”, equivalentes ao “Kaghan” e “Bäg” do restante do texto. O termo “bäg”, por sua vez, faz parte de uma série de variações análogas entre os povos turco-mongóis através dos séculos, como “Beg”, “Beh”, “Bey” e muitos outros, frequentemente significando um título de chefia tribal em contextos de menor agregação política e de um comandante subordinado a um título de maior autoridade como Khan ou Kaghan em contextos de maior agregação.

⁸⁴ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 2011. p. 154.

grande variedade de produtos produzidos internamente aos domínios khazares para consumo interno e exportação, variando de produtos agrícolas, da caça, do pastoralismo e artesanais. Isso fazia do kaghanato significativamente auto-suficiente e pouco dependente de vizinhos que poderiam ser eventuais rivais e menos suscetível às flutuações geopolíticas ao seu redor. O outro era o afluente comércio internacional que passava por suas terras e gerava imensa riqueza para o kaghanato e seus comerciantes. Esse enriquecimento permitiu um fortalecimento do poderio bélico khazar, gerando uma *Pax Khazarica*, que tornou muito mais seguro, e portanto rentável, o já rico comércio na região, tanto pela força quanto pela inclusão dos povos súditos nesse sistema de trocas e que ultimamente rendeu ao tricentenário império khazar cerca de dois séculos de imensa prosperidade:

Em suma, a força, resistência e vitalidade do kaghanato Khazar apoiava-se nos pilares gêmeos de uma economia doméstica diversificada e um lucrativo comércio internacional. (...) Essa receita era usada, entre outras coisas, para reforçar o exército com o emprego de grandes números de tropas auxiliares da Corásmia. Esse exército aumentado, em troca, garantia a coleta de tributos dos 25 ou mais povos subalternos e providenciava a segurança que fez da Khazaria um espaço seguro para comerciantes fazerem negócios. Se a economia tivesse sido mais especializada e menos dinâmica, a Khazaria não teria resistido como um poder preeminente no sudeste europeu por mais de dois séculos. (Tradução nossa)⁸⁵

Com todo esse sistema, os khazares desenvolveram o que possivelmente foi uma das versões mais sofisticadas da *Economia Política Nômada*, com a incorporação do comércio, variados sistemas tributários e até a adição de mercenários ao exército que garantia a ordem política. O kaghanato manteve esse sistema estável até a virada do século IX para o X, quando essas rotas comerciais começaram a deslocar seus eixos para centros vizinhos, especialmente uma significativa mudança do comércio islâmico que passou a transitar mais ao leste, através da Bulgária do Volga que, em 922, converteu-se oficialmente para o Islã no mesmo contexto em que ibn Fadlân foi enviado para lá,⁸⁶ e com a organização do reino rus ao oeste.

O Kaghanato Khazar contava com um sistema judiciário composto por sete juízes, dois para a população muçulmana, dois para a população cristã, dois para a população judaica e um para os povos praticantes de outras religiões não abraâmicas, julgando disputas entre essas populações de acordo com seus respectivos preceitos e valores. De acordo com Noonan, haveria ainda mais um juiz muçulmano, de título *ghulām*, cuja atuação era voltada

⁸⁵ NOONAN, Thomas S. *Op Cit*, 2007. p. 209-210.

⁸⁶ *Ibid.* p. 237-244.

especialmente para os comerciantes muçulmanos que viajavam à capital imperial de Ītil.⁸⁷ Como observaremos posteriormente, essa postura pragmática e aberta em relação às diversas religiões, sua prática e fiéis também é um marco da *Cultura Política Nômade*.

O posicionamento estratégico do kaghanato para o comércio também o colocava em contato direto com dois dos outros pesos-pesados do cenário geopolítico do ocidente eurasiático da época, o Império Bizantino ao sudoeste e os sucessivos Califados Islâmicos, ainda relativamente unificados, no sudeste — além de indiretamente com a Dinastia Carolíngia no oeste. Esse contato é frequentemente visto como uma sucessão de intermitentes conflitos e alianças voláteis, tanto entre esses grandes impérios, quanto, e especialmente, entre eles e jogadores menores com relativa independência que lutavam para mantê-la ou a sacrificavam para preservar sua existência. Mas, para além dos intervalados conflitos, o comércio e relações diplomáticas sempre estiveram presentes, muitas vezes como resultados, causas ou prevenções desses conflitos.

Os próprios khazares entraram no tabuleiro da geopolítica como aliados dos bizantinos contra os persas, como visto anteriormente e, a partir daí, expandiram-se e ganharam proeminência. Ao longo do século seguinte, essa aliança foi mantida com firmeza como contraponto ao implacável avanço Árabe-Islâmico no Sudoeste Asiático, no norte da África, e Ásia Central. Entre meados dos séculos VII e VIII, os exércitos árabes avançaram por essas frentes levando a *jihad* adiante e, ao mesmo tempo, eles travaram uma guerra de quase cem anos com os khazares através do Cáucaso, buscando expandir sua religião e domínio político para a estepe Pônticas e mercados norte-eurasiáticos. A religião muçulmana avançou muito além e com muito mais sucesso que o domínio político árabe, de modo que ao fim desse período, parcelas significativas (majoritárias, de acordo com algumas fontes contemporâneas) da população do Kaghanato Khazar eram muçulmanas.⁸⁸

As guerras arabo-khazares consistiram de quase um século de grandes movimentações de tropas contra os territórios inimigos partindo de ambos os lados mas sem grandes conquistas ou mudanças permanentes na fronteira entre os dois impérios. O conflito chegou ao fim na segunda metade da década de 730, quando o comandante Marwān, que futuramente se tornaria o Califa Marwān II, conquistou uma vitória pírrica sobre os khazares, perseguindo o kaghan e seus exércitos profundamente através do território khazar até o Volga. O acordo de paz consistiu, entre outros pontos, na (efêmera) conversão do Kaghan ao Islã.⁸⁹

⁸⁷ NOONAN, Thomas S. *Op Cit*, 2007. p. 212.

⁸⁸ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 1992. p. 241-242.

⁸⁹ KOESTLER, Arthur. *Op Cit*, 1976. p. 7-8.

Durante o período das guerras arabo-khazares, o kaghanato nômade serviu como um escudo para o Império Bizantino, impedindo os avanços dos Califados pelos litorais do Mar Negro e garantindo acesso de Constantinopla aos mercados orientais e setentrionais. Grandes quantidades de guerreiros khazares, formando importantes e formidáveis unidades de cavaleiros arqueiros, também lutaram nas guerras bizantinas nesse período, assim como vários casamentos dinásticos selaram e reforçaram essa aliança entre os séculos VII e IX. A aliança com o Kaghanato Khazar foi certamente um dos principais fatores que possibilitaram a sobrevivência e restabilização bizantinos frente ao avanço muçulmano pelo sudoeste asiático.⁹⁰

Após a campanha de Marwān de 737, as relações entre árabes e khazares se tornaram mais amistosas e o comércio entre os dois se intensificou, esporádicas razias de menores proporções continuaram acontecendo partindo de ambos os lados. Conforme as relações com os árabes se acalmaram, a longa aliança com os bizantinos esfriou, mas ainda levou mais de um século para os dois se tornarem verdadeiros rivais, em meados do século IX, por exemplo, engenheiros bizantinos ajudavam os khazares a construir fortificações ao longo do Rio Don.⁹¹ Além da mudança de postura em relação aos árabes, especialmente após a ascensão do Califado Abássida em 750, a reorientação das relações entre bizantinos e khazares pode ter se dado por outro fator, um dos pontos mais marcantes e discutidos da história desse kaghanato, sua conversão para o Judaísmo.

A conversão de povos “pagãos” para o judaísmo, apesar de não ser um evento único, é sempre digna de nota por ser muito menos comum que conversões para o Cristianismo ou para o Islã, dada a natureza menos proselitista da fé judaica de maneira geral. A datação, como se deu e o quanto afetou as diversas camadas da população khazar (tanto os “khazares étnicos” quanto a população do kaghanato de maneira geral) são fontes de debates acirrados em todo o campo de estudo referente ao kaghanato até nos trabalhos mais recentes. De modo geral, é aceito algum momento entre a retirada dos exércitos árabes das terras khazares após a conversão do *kaghan* em 737 até o final do século seguinte. Golden aponta para o reinado do califa abássida Harun ar-Rashid (786-809) como um provável recorte mais específico.⁹²

Vale ressaltar que a adoção de uma “fé sedentária” não representa por si só um rompimento com a vida nômade e nem mesmo com a *Cultura Política Nômade*, em vários momentos, principalmente nos próximos séculos, diversas populações nômades das estepes

⁹⁰ HARL, Kenneth W. *Op Cit*, 2023. p. 206-208.

⁹¹ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 2011. p. 153.

⁹² *Ibid.* p. 155. e GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 1992. p. 241.

vão se converter para o Islã, Cristianismo ou adotar o Budismo ou o Taoísmo sem abandonar as estepes ou se sedentarizar em algum espaço. E, como já apontamos, o nomadismo das estepes e a *Cultura Política Nômade* possuíam uma postura muito pragmática em relação às fés de seus súditos e as suas próprias. Os khazares, até então, muito provavelmente professavam a religião xamânica tradicional das estepes e possivelmente até trouxeram elementos dela consigo para a fé judaica.

A conversão para um dos grandes monoteísmos “aceitos” no ocidente eurasiático parece, de acordo com Golden, ter se tornado uma necessidade cada vez mais urgente na esfera da diplomacia internacional para as populações nômade das estepes, alvos de cada vez mais constantes missões proselitistas. Pressionados entre a expansão de duas das religiões monoteístas abraâmicas nas suas fronteiras (e para dentro delas), cada uma representada por uma entidade imperial de aspirações universais, a opção por alguma delas teria representado também a sujeição política ao Império Bizantino ou aos Califados Árabes para o Kaghanato Khazar. Entre outros motivos, a manutenção da independência parece ter sido um dos fatores que motivou a conversão khazar ao judaísmo.⁹³

(...) a conversão para uma dos monoteísmos aceitáveis da Ásia Ocidental, tendo em conta o envolvimento khazar, tanto com Bizâncio quanto o Califado, foi uma necessidade das decorrências dos eventos de 737. Encarando ou o Cristianismo ou o Islã, eles escolheram o Judaísmo como um meio termo. Isso lhes forneceu “entrada para o círculo da civilização medieval e ao mesmo tempo protegia o seu status independente” entre os estados competidores cristãos e muçulmanos. (Tradução nossa)⁹⁴

Após o fim das guerras árabo-khazares a aliança entre o kaghanato e Constantinopla progressivamente se expira, os casamentos dinásticos e cooperações militares diminuem ou cessam por completo e, a partir de meados do século IX, o cenário muda completamente e os bizantinos passam a ver os khazares como verdadeiros inimigos. Daí em diante, é a vez dos khazares se tornarem alvos de ataques de grupos menores, por vezes em nome de Constantinopla. No *De Administrando Imperio* de ca. 952 por exemplo, Constantino VII Porfirogênito lista para seu filho e sucessor quais povos poderiam ser empregados contra os khazares, como alanos e pechenegues.⁹⁵

⁹³ GOLDEN, Peter. The Conversion of the Khazars to Judaism. In: GOLDEN, Peter B.; BEN-SHAMMAI, Haggai; RÓNA-TAS, András; et al (Orgs.). **The world of the Khazars: new perspectives**. Leiden ; Boston: Brill, 2007. p. 123-162.

⁹⁴ Ibid. p. 152.

⁹⁵ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 2011. p. 156.

A unificação política alcançada pelo Kaghanato Khazar nos territórios entre os mares Cáspio, Negro e Báltico proporcionou um apogeu nas conexões e contatos intersocietários no centro-oeste eurasiático, conectando o mundo islâmico que se expandia pela Ásia Central, o Bizantino que ainda dominava muito do sudeste europeu e da Anatólia, um mundo cristão latino que se organizava entre os reinos franco-germânicos da Europa Central e Ocidental, as populações eslavas, escandinavas e fino-úbricas das zonas de floresta setentrionais, além do contato indireto, através da estepe e dos outros sucessores dos Kaghanatos Turcos com as regiões mais ao leste, especialmente a China sob as dinastias Tang, Liáo e Song.

Por três séculos, os khazares comandaram a região Ponto-Balto-Cáspia, um espaço que mantiveram como parte importante de uma rede maior de contatos e relações intersocietárias que se estendia através da Afro-Eurásia. O Kaghanato Khazar foi uma das estruturas imperiais nômades a seguir o legado milenar cita de dominar a região do Báltico ao Mar Negro e do Dniepre ao Volga com maior sucesso, até a chegada dos mongóis no século XIII. Ao serem destronados, na década de 960, os khazares deram lugar a uma nova entidade que exerceria grande poder sobre a região pelos próximos três séculos, a Rus Kievana (882-1240).

2.1.2 Chegam os rus

Pressionado por ataques de antigos súditos, possivelmente os magiares, nas primeiras décadas do século IX, o Kaghanato Khazar recorreu ao Império Bizantino para construir fortificações defensivas contra esses ataques em seus territórios. Algumas décadas depois, ainda naquele século, os khazares e os oghuzes teriam se juntado e atacando os pechenegues que se localizavam entre os rios Volga e Ural. Os pechenegues, por sua vez, expulsos para o oeste, instalaram-se nas estepes ocidentais e atacaram os magiares, naquele momento instalados no lado ocidental do Volga.⁹⁶ A derrota magiar pelos pechenegues desencadeou mais uma movimentação no sentido oeste por parte dos derrotados, que se lançaram em uma campanha de décadas de ataques e saques por toda Europa, coletando tributos por onde eles passavam, até serem derrotados por Otão I em 955 e se instalarem na região da Panônia, onde fundaram o Reino Húngaro.⁹⁷

⁹⁶ Ver Mapa 1 para a localização dos rios mencionados.

⁹⁷ De acordo com Beckwith, tanto os húngaros quanto os germânicos de Otão se encontravam no processo de construção de uma hegemonia imperial da Europa central naquele momento, e o sucesso de Otto sobre os húngaros resultou na consolidação do que se tornaria o Sacro Império Romano Germânico. BECKWITH, Christopher I. *Op Cit.* 2009. p. 164-165.

As revoltas de antigos súditos, como magiares e pechenegues, ao longo do século IX são, de acordo com Golden, sinais precoces do declínio do poder khazar nas estepes pânticas. Esse clima se intensifica exponencialmente a partir do início do século seguinte, com a conversão da Bulgária do Volga para o Islã e a intensificação de ataques, especialmente por parte dos Pechenegues atuando em conjunto com os bizantinos. Mas o golpe final veio de outro grupo que entrava no cenário geopolítico eurásiatco no século IX, os rus.⁹⁸

Já ao longo do século IX, povos escandinavos passaram a progressivamente se envolver no comércio com os mundos islâmico e mediterrâneo fazendo uso dos rios Dnieper, Don e Volga para se integrar ao comércio que circulava pelo território khazar e alcançar os mercados árabe e bizantino. Nas décadas finais deste século, eles se instalaram definitivamente na região e deram origem à Rus Kievana, um governo dinástico escandinavo sobre povos majoritariamente eslavos orientais das cidades da região. O reino Rus estendia-se do Mar Báltico ao Mar Negro e entrou em conflito com os khazares que se encontravam ao seu leste em meados do século X, impondo derrotas importantes a eles na década de 960, e resultando, por fim, na dissolução do Kaghanato Khazar.⁹⁹

A Rus Kievana (e os principados que a sucederam em um período posterior de menor centralização do poder) viria a ser o poder dominante no centro-oeste eurasiático pelos próximos séculos. Os rus não obtiveram o mesmo alcance que os khazares em dominar exercer hegemonia sobre a maior parte da região Ponto-Balto-Cáspia: nunca dominaram os espaços vizinhos como as estepes, que foram ocupadas por novas confederações nômades que eles nunca conquistaram; e as zonas de floresta mais ao leste que continuaram sob o domínio de um, agora independente, khanato búlgaro do Volga. Mas as relações intersocietárias continuaram se desenrolando, agora adaptadas para essas novas condições, mas ainda profundamente associadas à *Cultura Política Nômade*.

Iniciaremos a discussão a respeito dos rus reportando um debate historiográfico que por muito tempo cercou o assunto mas hoje em dia já pode ser considerado amplamente superado pela historiografia, a polêmica normanista/anti-normanista. Essa polêmica gira em torno da origem étnica e geográfica dos rus, com o lado normanista defendendo a origem “pura” escandinava e o anti-normanista propondo uma origem exclusiva eslava para aqueles que se tornaram os rus. Wladyslaw Duckzo, Omeljan Prusak e Donald Ostrowski apresentam três breves, mas minuciosas retomadas históricas dessa polêmica, partindo das primeiras proposições e reações escandalizadas no século XVIII, à radicalizações extremistas de ambos

⁹⁸ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 1992. p. 242.

⁹⁹ BECKWITH, Christopher I. *Op Cit*. 2009. p. 166.

os lados entre os séculos XIX e XX associadas aos movimentos nacionalistas que floresceram nesse período e nos trazendo às proposições mais sóbrias que parecem ter solucionado a polêmica de meados do século passado até o início deste.¹⁰⁰

De acordo com esses autores, o anti-normanismo teria surgido em meados do século XVIII, como uma resposta nacionalista de uma classe acadêmica e política russa à proposta de que a Rus Kievana havia sido fundada por estrangeiros nórdicos. Ambos os lados lançaram mão de uma variedade de fontes para construir seus argumentos ao mesmo tempo que buscavam refutar seus opositores e suas respectivas fontes, com ambos os lados obtendo variados graus de sucesso na refutação, de modo que nenhuma conclusão definitiva foi alcançada. Com o acirramento dos sentimentos nacionalistas nos contextos das duas grandes guerras, os argumentos também se acirraram, com a hipótese normanista tendo sido até apropriada pelo nazismo para justificar a superioridade germânica. Por fim, com avanços tecnológicos e teóricos que permitiram maior contato com os campos da linguística e da arqueologia nas últimas cerca de cinco décadas, as evidências textuais, materiais e linguísticas puderam ser analisadas contextualizadas entre si e em contato com evidências de outros espaços contemporâneos.

Esses desenvolvimentos nos revelaram um cenário muito mais complexo, que ainda envolve eslavos e escandinavos, mas também traz forte presenças e influências túrquicas e fino-úgricas, bem como contatos com o mundo bizantino e especialmente perso-árabe, anteriormente deixadas de lado face ao contato com o mundo latino carolíngio. Como observaremos ao longo deste capítulo, protagonismo escandinavo nas movimentações que deram origem a uma sociedade rus, de fato, permanece, mas as atuações e contribuições desses outros agentes não podem ser negligenciadas, tendo sido imprescindíveis para gerar este processo histórico que até hoje ainda buscamos compreender melhor.¹⁰¹ Quem, enfim, eram esses rus, qual foi o papel de cada um desses grupos em sua formação, qual era sua organização política, se de fato havia uma são algumas das perguntas que buscaremos elucidar nas próximas seções deste trabalho. Já adiantamos que, em diferentes momentos o nome *rus* poderá estar se referindo a diferentes formas de organização social e política com diferentes participações vários diferentes grupos étno-linguísticos.

¹⁰⁰ DUCZKO, Wladyslaw. **Viking Rus**: studies on the presence of Scandinavians in Eastern Europe. Leiden ; Boston: Brill, 2004. p. 3-9; PRITSAK, Omeljan. **The origin of Rus**?. Cambridge, Mass: Distributed by Harvard University Press for the Harvard Ukrainian Research Institute, 1981. p. 3-7; e OSTROWSKI, Donald. The Return of the Rhos. **Canadian-American Slavic Studies**, v. 52, n. 2-3. p. 290-311, 2018. p. 291-303.

¹⁰¹ Para mais detalhes sobre quais foram os argumentos normanistas e anti-normanistas utilizados, a partir de quais fontes, e como foram questionados, conferir os três autores mencionados anteriormente. Vale destacar que os três trabalhos se espalham ao longo de um período de quatro décadas e alguns dos argumentos construídos por Pritsak em sua própria contribuição para a polêmica já foram refutados no tempo das outras produções.

As fontes que abordaremos na sequência usarão diversos nomes para se referir a esses rus, como variações deste nome para as respectivas línguas, como o nome *rhos* ou outras grafias similares. Em outros casos, nomes completamente diferentes estarão sendo empregados, como *Normanni* — homens do norte —, mas tendo em vista que é completamente aceito pela historiografia elencada para a discussão dessas fontes que elas estão se referindo aos rus, não nos alongaremos nessa argumentação. Por outro lado, o possível uso do título nomádico das estepes turco-mongol *kaghan* pelos rus do século IX é ainda hoje um ponto de discussões acaloradas, encontrando, mesmo que poucos, acadêmicos que se opõem a essa teoria, por esse motivo, abordaremos brevemente essa discussão e nos posicionaremos em relação a ela mais à frente.

De acordo com Simon Franklin e Jonathan Shepard, relatos de autores dos séculos VI e VII, como Jordanes, já nos informam da existência e do contato comercial com povos do norte distante, reconhecidos pelas peles de animais que eles forneciam para as regiões mais ao sul. A arqueologia, por sua vez, através de uma série de habitações para o comércio e os achados em forma de depósitos de moedas, construções, tradições funerários e outros, cria o retrato, entre os séculos VIII e IX, de um progressivo movimento em sentido leste, partindo da atual Suécia, através do Báltico para a zona de lagos setentrionais russos e então no sentido sudeste, para os grandes rios que descem em direção ao Mar Negro e Cáspio numa busca pela prata bizantina, persa e árabe que circulava entre esses dois mares.¹⁰²

(...) ele não deixa espaço para dúvidas que laços comerciais existiam e os suevos haviam ganhado sua reputação por suas zibelinas por visitas para as regiões onde peles de alta qualidade podiam ser obtidas, como o Lago Ladoga e as terras ao seu norte e nordeste. A prataria e as moedas de prata bizantinas encontradas nas bacias dos rios Kama e Viatka chegaram ao norte distante através de troca e não por métodos não-comerciais, como presentes, saques ou tributos. As moedas de prata e canecas e tigelas de prata bizantinas, muitas delas contendo selos das autoridades de Constantinopla ou da dinastia Sassânida, que reinava sobre a Pérsia, foram muito provavelmente trocadas por peles. (Tradução nossa)¹⁰³

De acordo com esses autores, ao longo dos séculos VII e VIII, grupos de viajantes vindos das terras escandinavas ergueram povoados, inicialmente temporários e posteriormente de caráter mais definitivo na ilha de Alanda, entre as atuais Suécia e Finlândia, em meio ao Mar Báltico; em diversos pontos da costa oriental do Báltico; e ao sul do Lago Ladoga, que possivelmente se conectava com o Báltico através do Golfo da Finlândia naquela época.

¹⁰² FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 3-27.

¹⁰³ *Ibid*, 1996. p. 7.

Staraiia Ladoga, o assentamento cerca de 13 quilômetros ao sul do Lago Ladoga, próximo à foz do Rio Volkhov, parece ter se desenvolvido em um momento próximo e contexto conectado ao desenvolvimento dos importantes centros comerciais escandinavos de Hedeby e Birka, entre os séculos VIII e IX. A extração das peles de maior qualidade em termos de cor, textura e espessura estavam além do alcance escandinavo e seus fornecedores eram, em sua maioria, populações fino-úgricas que viviam nas florestas ao norte da região do Lago Ladoga. Esses povos já mantinham uma rede de trocas com os mercados mediterrânicos, pôntico e cáspio indiretamente através da floresta-estepe e da estepe e, no sentido oposto das peles, a prata e outros produtos de luxo meridionais ascendiam ao norte.

Foi para inserir os escandinavos nessa rede que Staraiia Ladoga surgiu, como uma espécie de posto avançado dos viajantes que faziam negócios no Báltico e no Mar do Norte, onde agora tinham acesso aos caçadores do extremo norte e aos alcances mais longínquos dos mercados (especialmente da prata) oriental. Assim, podemos compreender, tanto figurativa quanto literalmente, esse assentamento como a porta de entrada escandinava para os mercados centro-eurasiáticos a partir de meados do século VIII.

Os achados arqueológicos nos centros escandinavos, em Staraiia Ladoga e em centros de povoamento e trocas fino-úgricos indicam que os escandinavos com base na foz do rio Volkhov adentraram a rede de trocas com os povos fino-úgricos como produtores e fornecedores de contas de âmbar, vidro e bronze em troca das peles que pretendiam comercializar em outros espaços, logo assumindo o papel de transportadores desses produtos para os mercados mais ao sul, inicialmente na estepe e progressivamente aproximando-se diretamente dos mercados árabe e bizantino.¹⁰⁴

Franklin e Shepard defendem que, inicialmente, as movimentações escandinavas eram feitas por pequenos grupos agindo de forma independente, sem necessariamente a existência de estruturas políticas complexas para administrar as empreitadas. Enquanto esses agentes se mantiveram no norte, dirigindo-se no máximo aos mercados da estepe, eles também escaparam do registro de autores árabes, gregos e latinos. Esse cenário muda ao longo das primeiras décadas do século IX, conforme referências a um povo chamado de “Rus” começam a aparecer em crônicas, relatos, correspondências e outros documentos do período.

Neste segundo momento, da saída da exclusividade arqueológica (após séculos de silêncio desde o tempo de Jordanes) para a entrada para o âmbito documental, esses comerciantes vindos de um norte longínquo aparecem já carregando o nome “rus”, o que

¹⁰⁴ FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 20-27.

indica a existência de alguma forma de organização e hierarquização política mais delimitada. Em 839, uma embaixada bizantina chegou à corte do imperador carolíngio Luís, o Piedoso acompanhada de um grupo de homens que diziam pertencer ao povo dos “rus”. No ano de 839, os *Annales Bertiniani* relatam que

Chegaram também emissários dos gregos, enviados pelo Imperador Teófilo. Eles eram Theodosius, bispo metropolitano da Calcedônia, e Teofânio Espatário e eles trouxeram presentes dignos de um imperador e uma carta. (...) Ele também enviou com esses emissários alguns homens que disseram que eles, isto é, sua nação, se chamavam de Rhos e que foram enviados pelo seu rei, chamado de **chacanus**, em busca de amizade, foi o que eles alegaram. Teófilo solicitou em sua carta que o Imperador em sua bondade os concedesse salvo-conduto para viajar através de seu império e qualquer ajuda ou assistência prática que eles precisassem para retornar para casa, pois a rota pela qual eles chegaram a Constantinopla os levou através de tribos primitivas que eram ferozes e selvagens e Teófilo não gostaria que eles voltassem por aquele caminho e algum desastre caísse sobre eles. (Tradução e grifo nossos)¹⁰⁵

A partir da rota com “tribos primitivas ferozes e selvagens”, Franklin e Shepard usam novamente a arqueologia para buscar a sede do poder desse “Chacanus”. Levando em consideração os achados de cultura material escandinava em diversos assentamentos ao longo dos eixos fluviais russos e na costa do Báltico, eles elencam uma série de possíveis “capitais” para esse primeiro momento da “nação rus”. Entre as possíveis capitais apontadas estão as terras nativas desses povos na Suécia e Staraia Ladoga, mas os autores apontam, por fim, um terceiro ponto como o mais provável para ter sediado o poder dos primeiros “chacanus” rus: Riurikovo Gorodische, um assentamento mais ao sul do mesmo Rio Volkhov em cujas margens Staraia Ladoga foi construída.¹⁰⁶

O Rio Volkhov nasce do Lago Ilmen, cerca de 5 quilômetros ao sul de Novgorod, e corre para o norte, passando no meio da cidade e percorrendo quase 225 quilômetros até desembocar no Ladoga. É onde o lago começa a se afunilar para escoar para o rio que o assentamento de Riurikovo Gorodische, ou *Holmgård*¹⁰⁷ para as fontes escandinavas, se encontrava. Apesar de afirmarem não ser possível determinar com certeza de onde o “chacanus” enviava seus homens para missões diplomáticas ou militares, os autores apontam: a posição estratégica do assentamento para controlar com relativo sucesso a circulação de pessoas e bens no caminho para o Báltico — além do Rio Volkhov, que liga o Lago Ilmen ao Ladoga, uma dezena de outros rios, maiores e menores, também nascem ou desembocam no Ilmen como uma verdadeira rede viária que se espalha para todos os pontos cardeais; o

¹⁰⁵ THE ANNALS, *Op Cit*, 2013. p. 44. e WAITZ, Recensuit G. *Op Cit*, 1883. p. 19-20.

¹⁰⁶ FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 41.

¹⁰⁷ Respectivamente, “Fortaleza de Riurik” e “Complexo Insular”. *Ibid.* p. 33 e 40.

posicionamento tático do assentamento: em terreno elevado e fortificado, facilmente defensível de invasores; como pontos favoráveis para a teoria de Riurikovo Gorodische como “capital” do “chacanus” Rus.¹⁰⁸

Mais urgente que a sede do poder do “chacanus” para esta pesquisa, é precisamente este nome ser designado para o governante da “nação rus”. A presença deste termo no relato da embaixada que visitou Luís I em 839 é fonte de debates acalorados há, pelo menos, oito séculos. O primeiro desses debates que observaremos diz respeito especificamente ao termo *chacanus*, se ele realmente se referia ao título do governante rus como *kaghan* ou é resultado de alguma outra origem. O segundo debate é sobre em que medida, aceitando que os rus possuíam um *kaghan*, podemos considerar sua entidade política um *kaghanato*.

O primeiro debate é, ainda hoje, uma polêmica historiográfica e nos posicionaremos em relação a ela ao longo da discussão. O segundo debate, atualmente, concilia até os discordantes do debate anterior, mas ainda assim consideramos importante reportá-lo. Por fim, nosso objetivo com ambas as exposições é demonstrar a relação muito íntima entre o incipiente governo rus e o consolidado império khazar, seguida da relação ainda muito próxima da consolidada Rus Kievana com os nômades que passam a ocupar o espaço antes governado pelos khazares após o fim de seu *kaghanato*. Através disso, pretendemos evidenciar as relações de conectividade intersocial na porção norte do centro oeste eurasiático que, por sua vez, conectam-se com as já demonstradas interconectividades de sua porção sul.

2.1.3 Entre *Hâkan* e o *kaghan*

Atualmente, é praticamente um consenso historiográfico que o termo *chacanus* deriva do túrquico *kaghan*, já apresentado anteriormente neste trabalho em relação aos vários impérios das estepes, especialmente para este caso, o *Kaghanato Khazar*. Mas ainda existem vozes contrárias a essa ideia, que defendem outras origens para o *chacanus* dos *Annales Bertiniani*.¹⁰⁹

¹⁰⁸ FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 33-40.

¹⁰⁹ Ver: FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 32; BECKWITH, Cristopher I. *Op Cit*. 2009. p. 166; PETRUKHIN, Vladimir J. Khazaria and Rus’: An Examination of Their Historical Relations. In: GOLDEN, Peter B.; BEN-SHAMMAI, Haggai; RÓNA-TAS, András; et al (Orgs.). **The world of the Khazars: new perspectives**. Leiden; Boston: Brill, 2007. p. 245-268; GOLDEN, Peter. The Question of the Rus’ Qaghanate. In GOLDEN, Peter B. **Nomads and their neighbours in the Russian steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs**. Aldershot, Hampshire; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003. p. 77-97. BROOK, Kevin A. *Op Cit*, 2006. p. 153-154; NOONAN, Thomas S. The Khazar Qaghanate and its Impact on the Early Rus’ State. In: KHAZANOV, Anatoly M.; WINK, André. **Nomads in the Sedentary World**. Cornwall: Curzon Press, 2001. p. 87-90; DUCZKO, Wladyslaw. *Op Cit*, 2004; para os que concordam. Além disso, a tradução para o inglês dos *Annales Bertiniani* por Janet Nelson utilizada neste trabalho, por exemplo, sequer usa o “Chacanus” do original

Duas décadas depois da embaixada *Rhos* à corte carolíngia, no ano de 871, a *Chronicon Salernitanum* reproduz trechos de uma troca de correspondências entre os imperadores carolíngio e bizantino, Luís II e Basílio I. Após uma campanha conjunta no mediterrâneo central em que conseguiram conquistar territórios sob domínio árabe na península italiana, os dois imperadores entraram em uma disputa pela soberania dos territórios e sobre o uso das titulaturas imperiais cristãs.¹¹⁰ No embate retórico preservado pela documentação, os dois governantes debatem a existência de um *chaganus* entre os ávaros, khazares e rus (a grafia de *chacanus* e *chaganus* de fato difere entre as duas fontes e essa diferença será abordada na sequência). A primeira carta, enviada por Basílio, não foi preservada, mas supostamente afirmava a existência desse título entre esses povos, pois a carta em resposta de Luís nega a existência de um *chaganus* entre khazares e rus, reconhecendo-a apenas entre os ávaros.¹¹¹

Ambas referentes ao século IX e partes de contato entre bizantinos e carolíngios, os *Annales Bertiniani* e a *Chronicon Salernitanum* deram origem a duas principais linhas interpretativas em relação ao *chacanus* do primeiro documento na historiografia moderna: uma que o aceita como uma latinização de *kaghan* e outra que rejeita essa interpretação e acredita que essa palavra seja a latinização de algum nome próprio escandinavo, provavelmente Håkan.

Trazendo a grafia *chaganus* e não *chacanus*, mas incontestavelmente referente ao título *kaghan*, o segundo documento tem sido utilizado por ambos os lados dessa polêmica a favor de seus respectivos argumentos. Os defensores do argumento “*kaghânico*” apontam a correspondência como mais um indício do uso desse título pelos rus. Por outro lado, Donald Ostrowski, por exemplo, conclui sua argumentação contrária à origem estepária do *chacanus* afirmando que:

A carta de Luis II para Basilio I declara especificamente que os homens do norte [leia-se rus] não têm um khagan. A partir disso, tem-se acreditado que a carta perdida de Basílio I declarava que os homens do norte tinham um khagan, mas nós não sabemos isso. A carta de Basílio poderia ser reconstruída como uma pergunta como “Como é chamado o governante dos homens do norte? É kaghan?” Além disso, mesmo que a carta de Basílio tivesse afirmado que os homens do norte possuíam um khagan, esse testemunho é negado pela declaração de Luís II que o governante deles não é chamado de khagan. (Tradução nossa)¹¹²

em latim, traduzindo-o diretamente para “Khagan” THE ANNALS, *Op Cit.* 2013. p. 44. Por outro lado, OSTROWSKI, Donald. *Op Cit.*, 2018, e Ildar Garipzanov citado por ele discordam da “hipótese *kaghânica*”.

¹¹⁰ KREUTZ, Barbara M. **Before the Normans**: Southern Italy in the ninth and tenth centuries. 1. paperback printing. Philadelphia, Pa: Univ. of Pennsylvania Press, 1996. p. 44.

¹¹¹ PETRUKHIN, Vladimir J. *Op Cit.*, 2007. p. 255.

¹¹² OSTROWSKI, Donald. *Op Cit.*, 2018. p. 311.

Ou seja, é impossível ter certeza que carta de Basílio afirmava a existência de um *kaghan* entre os os homens do norte (os rus, neste caso), mas o contexto de disputas, a redação acalorada e o restante da resposta de Luís II indicam com mais probabilidade para a interpretação tradicional que apresentamos anteriormente e não uma simples pergunta de Basílio:

Sabemos que Chaganus é o nome dado ao prelado dos ávaros, não dos khazares ou dos normandos [rus], nem o príncipe dos búlgaros, que é chamado de o rei ou senhor dos búlgaros. Dizemos tudo isso, portanto, para que você saiba por si mesmo, lendo os volumes gregos, quão diferentes eles são do que você escreveu; a quem é claro que você os faz se contentar com seus sobrenomes, e ainda assim você não se lembra de seus sobrenomes corretos. (Tradução automática adaptada)¹¹³

A negação de Luís II da existência de um *kaghan* entre os rus, também não pode ser tomada como um argumento definitivo contrário a essa existência pois ele também nega a amplamente documentada e reconhecida existência de um *kaghan* entre os khazares. Se Luís II estava errado sobre o título do governante dos khazares, que naquele momento governavam há mais de dois séculos um dos maiores impérios de seu tempo, ele muito possivelmente também não teria informações adequadas sobre uma organização política que vinha se estruturando de forma muito embrionária apenas nas últimas décadas. Também é pouco provável que o basileu bizantino, cujo império, como demonstramos anteriormente, estava em contato constante e direto com os khazares há quase 250 anos e, com os comerciantes escandinavos, indiretamente há cerca de um século — e com a própria estrutura política rus que se formava nas últimas décadas, como veremos adiante —, recorresse ao governante carolíngio para obter informações sobre esses povos e suas estruturas políticas. Por fim, sobre a negativa de Luís II, Franklin e Shepard não confiam plenamente na ignorância do monarca e consideram a resposta uma retórica política mais que uma afirmação sincera:

O termo não parece ter sido conhecido pelo Imperador Luís II, se compreendermos literalmente sua declaração de não familiaridade com o termo *chaganus* ... *Northmannorum* em uma carta endereçada a Basílio I em 871. Luís negou que os títulos “*chaganus* dos homens do norte” e mesmo “*khagan* dos khazares” fossem conhecidos em resposta a uma carta que Basílio os tinha citado. Mas a carta de Luís foi uma réplica polêmica e sua alegação de ignorância não é evidência conclusiva sobre caso os francos sabiam sobre um *chaganus* dos Homens do Norte suevos ou não. (Tradução nossa)¹¹⁴

¹¹³ CHRONICON. *Op Cit*, 1956. p. 111

¹¹⁴ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 32.

O restante dos argumentos favoráveis à origem do *chacanus* em um nome próprio escandinavo apresentados por Ostrowski são de natureza linguística que não temos conhecimento para discutir aqui, mas se restringem à defesa de que essa explicação é possível sem necessariamente refutarem a origem no título *kaghan*. Se a polêmica girasse apenas em torno dessas duas fontes latinas, poderíamos considerá-la encerrada por aqui, tanto o *kaghan* quanto o *Hâkan* não teriam outras menções em outras documentações e ambas se apoiariam em especulações que não poderiam ser demonstradas de formas mais conclusivas. Como o próprio Ostrowski afirma em consonância com Ildar Garipzanov sobre o argumento “*hakânico*”, o único outro acadêmico contemporâneo que Ostrowski demonstra corroborar com sua argumentação: “Apesar de não possuímos nenhuma evidência de nenhum governante contemporâneo dos suevos chamado Hakan, nossas evidências são esparsas para tirarmos qualquer conclusão definitiva neste sentido.”¹¹⁵

Existem, por outro lado, uma variedade de outras fontes de origens não latinas que corroboram com o argumento *kaghânico* e, como afirma Golden, ele “(...) não pode ser rejeitado como fabricação pois os relatos são muito vastos”.¹¹⁶ Além dos *Annale* e da *Chronicon*, Golden analisa uma série de documentos islâmicos árabo-persas que não obtivemos acesso direto, mas são eles: o *Kitāb al-A'lāk an-Nafīsa* do geógrafo e explorador persa ibn Rustah, um compêndio geográfico de entre a primeira e a segunda década do século X; o *Hudud al-'Alam*, outro manual de geografia persa do século X, este de autoria desconhecida; o trabalho do historiador persa Gardīzī, que viveu no século XI; e outra coleção persa de autoria desconhecida o *Mojmal al-Tawarikh*, compilado no início do século XII; todos esses mencionam a existência de um *kaghan* rus.¹¹⁷ Ostrowski reconhece a existência dessas fontes, mas não argumenta por que elas deveriam ser desconsideradas, por outro lado, ele aponta os dois principais documentos frequentemente evocados por aqueles que negam o uso do título *kaghan* entre os rus, o *Kitāb al-Masālik wa-l-Mamālik*, o Livro dos Países de ibn Khordādbēh e a *riḥla* de ibn Faḍlān.¹¹⁸

Golden também argumenta a respeito dessas duas fontes e o faz com mais atenção que Ostrowski, que apenas menciona de passagem a existência das fontes não latinas. Golden defende que, devido à datação das informações levantadas por esses dois autores, é provável que nenhum deles tenha tido contato com a existência de *kaghan* rus. A documentação acessada ibn Khordādbēh seria anterior ao ano de 840 e, portanto, anterior ou agudamente

¹¹⁵ OSTROWSKI, Donald. *Op Cit*, 2018 p. 307.

¹¹⁶ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 2003b. p. 87.

¹¹⁷ *Ibid.* p. 82.

¹¹⁸ OSTROWSKI, Donald. *Op Cit*, 2018 p. 311.

contemporânea à adoção do suposto título, enquanto e a viagem de ibn Faḍlān à Bulgária do Volga, em 922, possivelmente teria ocorrido em um momento posterior ao abandono desse uso.¹¹⁹

Golden demonstra, ainda e apesar disso, como o conteúdo de ambas as fontes, mesmo não mencionando o *kaghan*, colaboram para a hipótese *kaghânica*: ibn Khordādbeh descreve os rus (anteriores a 840) praticamente como uma companhia mercante, identificando suas rotas saindo do norte até Bagdá, mas ainda não fazendo parte de uma organização política mais complexa que o necessário para administrar os grupos de comerciantes que faziam esses caminhos. O contraste é gritante com a descrição fornecida por ibn Faḍlān cerca de um século depois, que relata uma corte extremamente cerimonializada, com um rei com função mais ritualística que política e que dispõe de um encarregado que cumpre os papéis práticos da administração. Essa é apenas uma das semelhanças com a corte khazar que podemos encontrar na descrição de ibn Faḍlān da corte rus, e, de acordo com Golden, não podemos atribuir essas semelhanças ao acaso, mas como evidências de um íntimo contato entre rus e khazares e grande influência dos kaghans da estepe sobre os rus ao longo do século que se passou desde ibn Khordādbeh.¹²⁰

Destacamos ainda, para corroborar com Golden, que no momento da viagem de ibn Faḍlān para o Médio Volga Búlgaro, o Kaghanato Khazar encontrava-se em um processo de enfraquecimento resultado, entre outros fatores, do deslocamento do comércio árabe para o leste, contornando os domínios khazares para alcançar os mercados setentrionais na capital búlgara, justamente onde ibn Faḍlān observava os mercadores rus. Assim, no contexto de ibn Faḍlān, temos os três agentes: árabes, búlgaros e rus afastando-se política, física e economicamente do Kaghanato Khazar, de modo que omitir o uso de um título que representava alinhamento com o império nômade como veremos adiante, caso *ainda* estivesse em uso, seria de interesse de todas partes envolvidas no relato.

Golden e outros defensores do argumento *kaghânico* demonstram, através de análises críticas e contextualizadas das evidências textuais e materiais, essa relação profunda entre o já consolidado Kaghanato Khazar e a incipiente entidade mercante/política rus que serve como o porquê é razoável compreender o *chacanus* dos *Annales Bertiniani* como uma latinização do título imperial turco-mongol *kaghan* e suspeitar da negativa de Luís II na *Chronicon Salernitanum*. Os defensores da teoria *hakânica*, por sua vez, conseguiram demonstrar que também é possível, linguisticamente, que *chacanus* fosse referente ao nome

¹¹⁹ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 2003b. p. 83-87.

¹²⁰ *Ibid.* p. 91.

próprio escandinavo Håkan, mas em nenhum momento demonstraram o porquê deveríamos compreendê-lo dessa forma, isto é, nenhuma outra menção a esse nome próprio como um governante rus daquele período foi encontrada até então. Apenas demonstraram que é possível, mas não é provável. Isto, novamente, em contraste com a ampla gama de outras documentações que atestem ou apontam para o uso do título turco-mongol nos rus daquele momento, tornando-o possível e provável.

Os argumentos que buscam contrapor diretamente a teoria *kaghânica*, isto é, negar o uso do título *kaghan*, conforme observamos, também não se sustentam quando colocados à luz das evidências. O grosso dessa argumentação se sustenta nessas duas fontes latinas e já demonstramos como se apoia em especulações com menos suporte que as que ela busca contestar (i.e., o próprio nome Håkan e a carta perdida de Basílio I). Em relação ao restante da documentação, tanto as fontes islâmicas que já abordamos, quanto outras que mencionaremos brevemente na sequência, Ostrowski, por exemplo especializado em períodos mais avançados da Rus Kievana, apenas as dispensa sem elaborar nenhuma análise ou argumentação em relação a elas. Ao passo que autores como Peter Golden, Simon Franklin e Jonathan Shepard, amplamente familiarizado com uma grande variedade de fontes e estilos de fontes e diferentes origens culturais, étnicas e geográficas, conseguiram articular essa variedade de fontes, situando-as em seus respectivos contextos e demonstrando sua contribuição para a historiografia.

As outras menções a um *kaghan* rus, inclusive apontadas por Ostrowski apenas para serem descartadas sem maiores discussões, mas que, ao nosso ver, são ainda mais evidências a favor do argumento *kaghânico* são: duas fontes Rus-Kievanas dos séculos XI e XII em que os governantes pretéritos dos rus são mencionados como *kaghans*, um sermão do Bispo Metropolitano Hilarião de Kiev e a *Slovo o polku Igoreve*, respectivamente; e um grafite, também do século XI, na Catedral de Santa Sofia em Kiev que se refere ao “nosso *kaghan*”. De acordo com Ostrowski, elas “datam do início do século X através do XI e até mais tarde, como o caso do *Slovo o polku Igoreve*. Portanto, não deveriam ser usadas como evidência para um khagan rus ou um khaganato rus nos anos de 830.”¹²¹ Afirmação com a qual poderíamos concordar caso não estivéssemos discutindo tão vasta documentação do uso do termo *kaghan* em variados momentos. Em nenhum momento, é argumentado por que outra razão o termo *kaghan* estaria sendo utilizado em todas ou qualquer uma dessas fontes, apenas somos aconselhados a ignorá-las, também sem maiores argumentos.

¹²¹ OSTROWSKI, Donald. *Op Cit*, 2018 p. 310-311.

Em tempo, é importante mencionar que, em nenhum momento o objetivo expresso do artigo de Ostrowski foi comprovar definitivamente o argumento *hakânico* ou mesmo negar por completo que os rus chamavam seu governante de *kaghan* ao longo de porções do século IX. De acordo com ele, seu trabalho tinha como objetivo “alertar contra suposições excessivas, especialmente na aceitação de que a terra natal dos Rhos era um khaganato.”¹²² E, neste sentido, sua conclusão não destoa em grandes medidas das alcançadas por Golden, Franklin e Shepard, Noonan, Petrukhin, E Duczko, isto é, demonstrar cautela ao se referir àquela estrutura política como *kaghanato*. A grande diferença de Ostrowski é especificamente a rejeição do uso do título *kaghan* entre os rus desse período mas, como veremos, mesmo aceitando o uso do título, esses outros autores também fazem suas devidas ressalvas para chamar a unidade política rus de *kaghanato*.

Outra possibilidade menos visitada para explicar as atribuições do título *kaghan* ao governante rus é que estivessem se referindo, na verdade, ao *kaghan* dos khazares, que neste momento poderia ter sido considerado o soberano dos comerciantes escandinavos das florestas do norte, ou ao menos das terras pelas quais eles circulavam e em que tiveram contato com as sociedades que produziram esses relatos. Esse argumento seria especialmente aceitável em relação às fontes latinas, podendo ser estendido às islâmicas, mas dificilmente explicaria o aparecimento do título nas fontes rus-kievanas dos séculos XI e XII, contexto em que, há muito, o Kaganato Khazar já havia deixado de existir. Para esse momento posterior, a menção ao *kaghan* poderia ser parte de outra dinâmica política, desta vez com os pechenegues, sucessores dos khazares na hegemonia da estepe ocidental, mas que não mantiveram a centralização unitária política para reivindicar o *kaghanato*.

Com tudo que foi apresentado e discutido aqui em consideração, posicionamo-nos junto aqueles que compartilham da teoria ou argumentos que temos chamado de *kaghânicos*, isto é, que os *rhos* dos *Annales Bertiniani*, os homens do norte da *Chronicon Salernitanum* e os rus mencionados no restante das fontes, islâmicas ou rus-kievanas, de fato, por algum tempo em meados do século IX, por algum motivo, em alguma medida e com cabíveis ressalvas, usavam (ou era aceitável para seus contemporâneos que relataram sua existência que eles usassem) o título turco-mongol das estepes *kaghan* para seus governantes. Quanto tempo, por qual motivo, em que medida esse título foi usado ou considerado plausível de ser usado e quais eram as ressalvas serão discutidos na seção a seguir.

¹²² OSTROWSKI, Donald. *Op Cit*, 2018. p. 290

2.1.4 Um *kaghan* sem *kaghanato*?

Se concluimos que, afinal de contas, os rus da embaixada de 839 realmente possuíam um governante cujo título era *kaghan*, a lógica dita que a entidade política governada por ele seria um *kaghanato*, certo? Como alertado por Ostrowski, a resposta para essa questão é mais complicada que isso. Alguns autores, como Beckwith, usam essa terminologia pelo bem da simplicidade, enquanto outros, como Ostrowski, são veemente contrários a chamar a entidade política rus de *kaghanato*. Por considerarmos esse debate central para a discussão realizada nesta primeira parte do trabalho, isto é, analisar as interconectividades e relações intersocietárias nos espaços centroeste eurasiáticos, consideramos importante apresentá-la aqui.¹²³

Como apresentado anteriormente, o termo *kaghan* tem uma origem obscura, mas seus primeiros usos remontam aos xiānbēi, uma das mais antigas confederações nômades do leste asiático e a primeira que podemos considerar um *kaghanato*. No contexto de sua dissolução em poderes menores, a hegemonia leste-estepária foi herdada dos xiānbēi pelo *Kaghanato Róurán* que, por sua vez, foi derrubado por, Bumin do clã Ashina que se tornaria o primeiro *kaghan* túrquico. Os turcos não inauguraram o título e o conceito de *kaghan*, mas foram pioneiros em estender seu domínio através de quase a totalidade das estepes, conectando em uma entidade política suas extremidades ocidentais e orientais e, por isso, até hoje estão entre os maiores representantes desse “legado *kaghanal*” das estepes. Muitas das tradições ritualísticas, de governança e legitimadoras do poder do *kaghan* foram, se não criadas, consolidadas por eles para séculos além.¹²⁴

A mais marcante característica do poder *kaghanal* é, sem dúvida, a ideologia do mandato celeste, a partir da qual, a maior parte dos outros elementos surgem. De acordo com essa ideologia, o mandato celeste e, portanto, o direito de governar pertence a um carismático clã “imperial” e não ao indivíduo que governa. Assim, a sucessão não era necessariamente baseada na primogenitura e qualquer um dos filhos ou até mesmo irmãos do *kaghan* podia ser o próximo governante. Mas para o caso dos rus do século IX e do *kaghanato* rus como fato histórico, isso é um grande impeditivo.¹²⁵

¹²³ BECKWITH, Christopher. *Op Cit*, 2009. p. 166.

¹²⁴ GOLDEN, Peter B. Imperial Ideology and the Sources of Political Unity Amongst the Pre-Činggisid Nomads of Western Eurasia. In: GOLDEN, Peter B. **Nomads and Their Neighbours in the Russian Steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs**. Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003d. p. 37-76.

¹²⁵ Idem.

Com a legitimidade diretamente associada ao clã governante e sua ordenação celestial, poucos eram os que poderiam reivindicar o *kaghanato*, um grupo de comerciantes recém-chegados que sequer vinham das estepes de onde o poder *kaghanal* emanava e sobre onde ele governava estavam longe da linha de sucessão de “*translatio imperii*” das estepes. Os khazares, por exemplo, servos de longa data dos *kaghans* túrquicos, legitimaram a sua reivindicação pela sua proximidade, possivelmente reforçada até com casamentos dinásticos, com o clã Ashina e com seus sucessos militares contra os búlgaros e sassânidas. Tudo isso, no contexto de retração da autoridade *kaghanal* túrquica para as estepes centro-leste asiáticas, ou seja, na ausência de outro poder que pudesse reivindicar o *kaghanato* naquele espaço.¹²⁶

Buscando compreender, então, as circunstâncias em que o título foi usado pelos rus do século IX, Golden elenca uma série de hipóteses que já haviam sido levantadas para tentar explicá-lo. Ele descarta que o uso do termo tenha sido um simples “empréstimo” ou uma apropriação como parte de uma luta de libertação do domínio khazar. De acordo com ele, “dados os usos do tempo, [os rus] não poderiam ‘emprestar’ esse título tanto quanto não poderiam emprestar o título βασιλεύς [o título imperial bizantino Basileu]”, isso pois, longe de alcançarem os requisitos legitimadores *kaghanais*, eles estariam se sujeitando ao ridículo ao reivindicar um título tão longe de sua realidade material, algo que eles, como jogadores recém chegados — como unidade política — no cenário geopolítico, definitivamente não desejariam.¹²⁷ Ressaltamos que, nos outros casos de ascensão de *kaghanato*, a tradição dita que o *kaghanato* anterior tenha sido completamente destruído ou, ao menos, retirado daquele espaço: além dos khazares que já mencionamos, os qarluqs, uma forte confederação que emergiu da dissolução dos Kaghanatos Turcos orientais, manteve-se abaixo do Kaghanato Uighur que emergiu do mesmo processo mas, apenas com o fim do Kaghanato Uighur, os qarluqs reivindicaram seu próprio *kaghanato*.¹²⁸

Claro, ainda assim, não é impossível que, conhecendo essa “etiqueta *kaghanal*”, um governante rus recém instituído decidisse medir suas forças contra o poder hegemônico com quem eles se encontraram. Ora, essa afronta teria causado uma resposta punitiva dos khazares que, nesse momento, ainda encontravam-se no auge de sua força e poderiam facilmente ter aniquilado o incipiente “*kaghanato rus*”, visto que, como exposto anteriormente, os rus não eram, ainda, indispensáveis para o sistema de trocas e circulação de bens dos mercados setentrionais; até sua chegada recente, nômades das estepes e fino-úgricos da floresta fizeram

¹²⁶ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 2003b. p. 85-87.

¹²⁷ *Ibid.* p. 87.

¹²⁸ *Ibid.* p. 83.

essas trocas por séculos. Mas as evidências e a conjuntura política centroeste-urasiática do século IX indicam justamente o contrário, indicam que o título de *kaghan* surgiu entre os rus do século IX sob a soberania khazar, e não contra ela.

Considerando que qualquer um dos possíveis pontos de partida no noroeste russo para a embaixada *rhos* de 839 elencados por Franklin e Shepard envolveriam uma passagem por território khazar para chegar à capital bizantina, não seria sem lógica, em um primeiro momento, associar os khazares àquelas “tribos primitivas e ferozes” que Teófilo desejava que seus convidados evitassem na viagem de volta ao enviá-los para Luís I. É, contudo, muito pouco provável que esse tenha sido o caso, pois, conforme argumenta Golden, naquele momento, bizantinos e khazares encontravam-se trabalhando em conjunto defendendo-se contra movimentações magiares que ameaçavam a hegemonia de ambos os impérios.¹²⁹ É deste momento de cooperação, por exemplo, que surge a fortaleza de Sarkel, construída nas margens do Rio Don pelos khazares com auxílio técnico bizantino. Assim, é mais provável que a missão rus à corte bizantina tenha acontecido sob a autoridade khazar ou, ao menos com o aval dos imperadores da estepe, ao passo que os agressores que impediam o retorno da embaixada muito provavelmente teriam sido os magiares.

Os magiares, um grupo de nômades das estepes de origem fino-úgrica, haviam sido vassallos dos kaghanatos túrquicos, aliaram-se com os khazares no século VII contra os búlgaros mas mantiveram seu status subordinado aos novos *kaghans* das estepes ocidentais, instalando-se na região chamada de Etelköz, muito provavelmente a região entre os rios Dnieper e Dniester no oeste da atual Ucrânia, onde antes situavam-se os búlgaros. Sua movimentação em meados do século IX foi resultado da chegada dos pechenegues, vindos do leste através das terras khazares após terem sido derrotados por estes.¹³⁰

Reconhecendo, assim, a ausência de hostilidades entre rus e khazares nesse momento, tanto pela inexistência de indícios, quanto pelas evidências contrárias, Golden conclui que o título do *kaghan* rus teria tido origem na associação, e não oposição, política. Associação esta muito provavelmente selada por laços matrimoniais, casamentos dinásticos que poderiam “expedir” a legitimidade *kaghanal* a um governante rus subalterno como forma de reconhecimento de sua importância neste momento de tensões com as movimentações magiares e pechenegues.¹³¹

¹²⁹ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 2003b. p. 96.

¹³⁰ RÓNA-TAS, András. **Hungarians and Europe in the early Middle Ages: an introduction to early Hungarian history.** Budapest ; New York: Central European University Press, 1999. p. 317-333.

¹³¹ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 2003b. p. 88.

Petrukhin, por sua vez, argumenta que a adoção do título de *kaghan* pelos rus representava uma demonstração de legitimidade direcionada para o exterior ao associar-se à já estabelecida tradição imperial khazar no centro oeste eurasiático, especialmente para os governantes bizantino e carolíngio. Da mesma forma, os relatos que chegaram aos autores muçulmanos que transmitem a existência de um *kaghan* entre os rus, ou a descrição da corte rus aos moldes da corte khazar, como em ibn Faḍlān, também seriam resultado do relato de comerciantes que também buscavam transmitir essa legitimidade da autoridade rus para o exterior. Petrukhin, contudo, não aborda a reação que os khazares teriam tido ao surgimento de uma nova entidade política reivindicando a autoridade *kaghanal* que os pertencia.¹³²

Além disso, de acordo com Franklin e Shepard, é muito difícil determinar em que medida a autoridade desse líder, supostamente o *kaghan* rus, de fato se estendia através das florestas, rios e lagos do norte, mas o mais provável é que essa autoridade não estivesse consolidada através do território ou das populações escandinavas que circulavam por ele:

Nem deveria presumir-se que o *chaganus* Rus tinha um controle firme sobre todos os escandinavos assentados ou circulando na zona de floresta. Na verdade, a natureza e extensão de seus poderes são incertos e, fosse ou não fosse Gorodische sua base ao longo do século IX, ele pode ter regulado e lucrado com o comércio apenas a um alcance limitado. (...) Pois, apesar de termos demonstrado alguns dos empórios mais comumente visitados, nenhum lugar desfrutava de monopólio: nenhuma única rota poderia ter sido imposta em detrimento de todas as outras, mesmo da posição vantajosa de Gorodische. (Tradução nossa)¹³³

Assim, em consonância com todos os autores mencionados que tomaram parte na discussão relativa à existência do *kaghanato* rus, concluímos que é muito pouco provável que as populações escandinavas instaladas nas florestas do norte da Rússia em meados do século IX tenham considerado sua entidade política um *kaghanato*. Certamente, essa entidade não teria encontrado reconhecimento externo para ser considerada um mesmo que tentasse se projetar como tal, às sombras do legítimo *Kaghanato Khazar* ou em face aos poderosos impérios Carolíngio e Bizantino.

O que o uso do título de *kaghan* para referir ao governante rus evidencia, tenha sido esse uso originado nos próprios rus, fonte de um patrocínio khazar ou uma imposição externa dos observadores que descreveram aquela entidade política rus na documentação escrita, é a íntima relação do incipiente governo rus com o *Kaghanato Khazar*. O primeiro século de existência rus se passa, efetivamente, às sombras do império das estepes khazar, da sua

¹³² PETRUKHIN, Vladimir. *Op Cit*, 2007. p. 257.

¹³³ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 41.

chegada como comerciantes escandinavos buscando uma expansão de mercado até o desenvolvimento dessa organização política com sede na zona de florestas setentrionais, as trocas comerciais que foram centrais no desenvolvimento político rus sempre se deram através e dentro do território khazar.

Com tudo isso observado, reconhecemos o nome “Kaghanato Rus” como uma construção historiográfica usada para se referir a esse breve período, em meados do século IX, em que em certa medida, em circunstâncias ainda nebulosas para a historiografia, o termo *kaghan* foi usado para se referir ao governante dos rus, isto é, dos escandinavos instalados e circulando, majoritariamente com objetivos comerciais, na zona de florestas do norte da Rússia, e possivelmente de grupos fino-úgricos com quem eles mantinham contato próximo. Lembrando que a natureza e principalmente o alcance desse poder também são desconhecidos. Portanto, alertamos para a necessidade de se fazer esses apontamentos ao se referir ao “Kaghanato Rus”.

Nas décadas finais do século IX e iniciais do X, a conjuntura política da região mudaria drasticamente: os limites do império khazar recuam em direção ao Cáucaso tanto ao leste quanto ao oeste com um crescente número de revoltas entre seus súditos e a chegada de novas ondas migratórias nomádicas do leste. Ao mesmo tempo, as rotas comerciais se deslocam no sentido oposto e saem da esfera de influência khazar, diminuindo sua arrecadação e, conseqüentemente, a capacidade de manutenção dos exércitos e de sua autoridade. Neste contexto, os rus conseguem se desvencilhar da autoridade khazar e, na década de 880, tomar Kiev e dar início à formação de uma estrutura política muito melhor consolidada que a anterior, a Rus Kievana.

2.1.5 Entre o Kaghanato Rus e a Rus Kievana

Ainda nas décadas anteriores à captura de Kiev, o “Kaghanato Rus” já começava a demonstrar uma mudança de postura em relação a como tinha atuado até então. Em 860, os rus atacam Constantinopla “como um relâmpago”, pegando os bizantinos, que não esperavam ataques vindo do norte pelo Mar Negro, completamente desprevenidos. Entre as décadas de 860 e 870, misteriosas sublevações parecem ter se dado nos centros de poder da zona dos lagos ao norte e, na década seguinte, Kiev é tomada dos khazares pelos rus, marcando a fundação da Rus Kievana.

Tanto Franklin e Shepard¹³⁴ quanto Duczko¹³⁵ apontam o saque de Constantinopla pelos rus no ano de 860 como um marco dessa mudança. Ambos os trabalhos atribuem a tomada de uma postura mais beligerante que comercial à chegada de novas levas populacionais escandinavas à região dos lagos Ladoga e Ilmen ao longo da década anterior. Duczko, especificamente, propõe de forma resumida que essa mudança foi resultado da chegada de “grupos *vikings* mais dispostos a usar as espadas do que a vendê-las”,¹³⁶ enquanto Franklin e Shepard corroboram propondo que as crescentes atividades agressivas rus foram “(...) uma canalização de um influxo de caçadores de fortunas chegando do oeste” com o objetivo de manter a estabilidade rus em um contexto de crescimento das atividades *vikings* na Escandinávia e que a iniciativa, assim como outras através do Mar Negro e até do Cáspio neste período, podem nem ter partido do *kaghan* rus, mas teriam sido impossíveis sem sua participação.

O ataque foi rápido, de fato, como um relâmpago, conforme descrito pelo contemporâneo patriarca Fócio I de Constantinopla. Uma grande frota de navios surgiu subitamente no Estreito Bósforo, pelo Mar Negro, e passou ao longo das muralhas bizantinas fazendo questão de aterrorizar os moradores. Os rus saquearam os arredores da cidade, incendiando edifícios e assassinando aqueles que não conseguiram se abrigar dentro das imponentes muralhas e, em cerca de duas semanas, foram embora tão rápido quanto chegaram.

Os sermões do Patriarca Fócio, que comandava a Igreja Grega à época, são uma das principais fontes sobre o ataque. Neles, o patriarca atribui a uma punição divina contra os pecados e desvios morais da população bizantina a aflição que atingiu a capital imperial e prega para que retomem o caminho divino. Franklin e Shepard destacam o esforço de Fócio em minimizar os rus como povo para maximizar a humilhação sofrida pelos bizantinos nas mãos de

Uma nação obscura, uma nação sem relatos, uma nação que se encontra entre escravos, desconhecida, mas que fez seu nome pela expedição contra nós, insignificante mas agora feita famosa, humilde e desprovida, mas agora erguida a uma altura esplêndida e imensa fortuna, (...) não monitorada, incontestada, sem líderes, conseguiu tão subitamente, no piscar de um olho, como uma onda no mar, derramar-se sobre nossas fronteiras, e como um porco selvagem, devorou os habitantes de nossa terra como grama, ou palha, ou colheita. (Oh, a punição divina caiu sobre nós!), poupando nada, de homem a fera (...). (Tradução nossa)¹³⁷

¹³⁴ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 50-70.

¹³⁵ DUCZKO, Wladyslaw. *Op Cit*, 2004. p. 78-96.

¹³⁶ *Ibid.* p. 82.

¹³⁷ MANGO, Cyril. *Op Cit*, 1958. p. 98.

Um paralelo curioso pode ser traçado com como, menos de quatro séculos depois, cronistas rus estariam tecendo descrições gritantemente semelhantes sobre a chegada dos exércitos mongóis em suas cidades, como veremos adiante. Por ora, cabe observarmos os desdobramentos que seguiram esse ataque nos mundos bizantino e rus.

Na década que seguiu o cerco rus a Constantinopla, entre os anos de 863 e 871, uma série de conflagrações parece ter ocorrido nos assentamentos do Rio Volkhov, Staraia Ladoga e Riurikovo Gorodische. De acordo com Franklin e Shepard, marcas de um incêndio certamente proposital destruiu o assentamento inteiro de Staraia Ladoga, ao passo que focos de incêndio que também indicam intencionalidade no mesmo período também podem ser encontrados no assentamento fortificado mais ao sul.

Em um ‘complexo’, uma coleção de dirhams foi depositada e as moedas foram severamente danificadas pelo calor das chamas. Se, como parece plausível, a coleção foi depositada logo antes do fogo, seu dono pode muito bem ter agido judiciosamente. Em outras palavras, o fogo pode ter sido iniciado deliberadamente. Considerando o holocausto aproximadamente contemporâneo na outra ponta do Volkhov, tudo indica algum tipo de convulsão social. (Tradução nossa)¹³⁸

Além disso, os autores argumentam que, embora focos de incêndio fossem comuns em cidades como Gorodische, em nenhum momento Staraia Ladoga passou por outra destruição no mesmo nível e a disposição dos edifícios à época era muito espaçada, de modo que seria muito difícil que um incêndio acidental causasse tamanho estrago.

Duczko, por outro lado, argumenta que a arquitetura da Staraia Ladoga, rapidamente reconstruída, não demonstrou grandes mudanças em relação ao estilo anterior e, portanto, nenhum rompimento com o passado parece ter se desenrolado desse incêndio. “As pessoas que viviam ali antes do fogo continuam vivendo ali depois dele.” ele conclui.¹³⁹ Somada às análises de Franklin e Shepard, acreditamos que a continuidade arquitetônica identificada por Duczko não necessariamente representa uma manutenção do *status quo*, como ele coloca, pelo menos não completamente. Algum tumulto interno parece ter ocorrido, uma mudança dinástica ou ao menos uma revolta suprimida e, enfim, resultante na reconstrução da cidade e retomada da ordem anterior.

Seria plausível, mas difícil de provar, uma relação direta entre essas sublevações no norte e o cerco de Constantinopla no sul. Tanto guerreiros frustrados com o resultado da incursão, que falhou em adentrar as muralhas da cidade antes da retirada apressada quanto

¹³⁸ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 56.

¹³⁹ DUCZKO, Wladyslaw. *Op Cit*, 2004. p. 87.

grupos empoderados com as riquezas conquistadas às sombras das muralhas e sedento por mais poderiam ter se voltado contra o poder vigente e causado as conflagrações nos assentamentos do Rio Volkhov.

Ainda nesta década e talvez também relacionado com as conflagrações, é outro episódio que envolve o patriarca Fócio. Ainda na década de 860, em 867, mais precisamente, envolvido em uma disputa com o papado em relação à jurisdição sobre os recém convertidos búlgaros, Fócio parece ter vangloriado-se que os rus tinham aceitado o cristianismo e recebido de Constantinopla “um bispo e um pastor” e estavam demonstrando grande zelo pelo culto cristão”.¹⁴⁰ A atividade missionária bizantina aos rus na década de 860 é mencionada em outras fontes também mas, como apontam Franklin e Shepard, todas as fontes se calam sobre o destino da missão. Ela poderia muito bem ter sido a fonte ou uma vítima das revoltas nos centros de poder rus do período.¹⁴¹

As conflagrações no Rio Volkhov na década de 860 também são associadas a mais um evento, o lendário *Convite dos Varangianos*, o emblemático mito fundacional da Rus Kievana, presente em diferentes crônicas rus, como a Crônica Primária e a de Novgorod, em que, entre as décadas de 860 e 880, os eslavos e outros povos nativos da região convidaram os escandinavos, na forma de Rurik e seus irmãos Sineus e Truvor, para governar aquelas terras:

Não havia lei entre eles, tribo se levantava contra tribo. A discórdia, assim, continuava entre eles, e eles começaram a guerrear uns contra os outros. Eles falaram entre si, “Vamos buscar um príncipe que possa governar a nós e nos julgar de acordo com a Lei.” Eles adequadamente viajaram para o além mar para os Russes Varangianos (...). Os Chudes, os Eslavos, os Krivichianos e os Ves então falaram para o povo dos Rus, “Nossa terra é grande e rica, mas não há ordem nela. Venham para governar e reinar sobre nós.” Eles então selecionaram três irmãos, com seus familiares, que levaram com eles todos os Russes e migraram. O irmão mais velho, Rurik, se posicionou em Novgorod; o segundo, Sineus, em Beloozero; e o terceiro, Truvor, em Izborsk. (Tradução nossa)¹⁴²

De acordo com essas interpretações, que variam em quão literalmente seguem essa narrativa, as insurreições da década de 860 seriam correspondentes às intermináveis guerras entre as tribos mencionadas nas narrativas do *Convite dos Varangianos*. Sobre esse suposto convite, relatado em fontes pelo menos três séculos depois, Franklin e Shepard alertam

¹⁴⁰ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 54.

¹⁴¹ *Ibid.* p. 57.

¹⁴² CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 59.

(...) contra assumir a verdade literal até dos contornos do conto, muito menos detalhes como os nomes de homens e lugares. (...) A crônica pode muito bem estar oferecendo uma caricatura e uma simplificação grosseira, mas a imagem de escandinavos gravitando em direção a cidades (quando eles não as fundaram propriamente) surge dos achados arqueológicos assim como das páginas da crônica. (Tradução nossa)¹⁴³

Assim, nas linhas historiográficas com que mais nos identificamos em relação ao desenvolvimento da entidade política rus, aqui representadas por Franklin e Shepard e Duczko, os episódios e nomes pontuais e factuais apontadas pela crônica assumem um papel secundário em relação aos processos históricos subjacentes que podem ser identificados e colocados em perspectiva com outras fontes ou outros suportes documentais, como a arqueologia.

No mesmo sentido, Duczko destaca o silêncio do cronista em relação à existência de uma entidade política rus anterior à chegada de Rurik e seus irmãos, por puro desconhecimento ou talvez como forma de legitimação da dinastia Rurikida que governava a Rus Kievana como descendentes dessa figura lendária, semi-mítica. Ele corrobora indicando também que o termo “Varangiano” foi anacronicamente atribuído aos escandinavos mais de um século antes de seu uso ser introduzido e que nenhuma das cidades mencionadas existia à época. Para a crônica, o *Convite dos Varangianos* é o episódio fundador da entidade política e o início da história rus.¹⁴⁴ Mas, como vimos até agora, a história rus começou muito antes disso, na forma da entidade política que poderíamos chamar de Kaghanato Rus e, mesmo antes dela, como grupos de comerciantes que, provavelmente de forma independente, atuaram criando um espaço para si no mercado de peles setentrional.

Se a suposta chegada e ascensão ao poder de Rurik nas terras fluviais do norte não pode ser considerada um ponto inicial da história rus, ao menos a tomada da cidade de Kiev em nome de seu filho, Igor, pode ser vista como a inauguração de uma nova etapa dessa história. De acordo com a Crônica Primária, Igor ainda era uma criança quando Rurik morreu, entre 870 e 879, deixando Oleg, cujo grau de parentesco com Rurik não fica claro, como regente enquanto o filho não alcançava a maioridade. É atribuída a Oleg uma grande expansão da rus que culmina com a conquista de Kiev e o estabelecimento dessa como a “mãe das cidades russas”.

Após receber o comando dos rus de Rurik, Oleg reúne “muitos guerreiros de entre Varangianos, Chudes, Eslavos, Merianos e todos os Krivichianos” e, com eles, toma as cidades de Smolensk e Lyubech antes de chegar a Kiev. Kiev, à época, era governada por

¹⁴³ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 39.

¹⁴⁴ DUCZKO, Wladyslaw. *Op Cit*, 2004. p. 79-80.

Askold e Dir, dois “varangianos” não pertencentes à “linhagem principesca” que haviam tomado a cidade de tributários dos khazares. Oleg matou Askold e Dir e reivindicou a cidade em seu nome e no nome de Igor:

Então todos os soldados pularam para fora dos barcos, e Oleg disse a Askold e Dir, ‘Vocês não são príncipes nem mesmo de linhagem principesca, mas eu sou de nascimento principesco.’ Igor então foi trazido à frente e Oleg anunciou que ele era filho de Rurik. Eles mataram Askold e Dir. (...) Oleg se instalou como príncipe em Kiev, e declarou que ela deveria ser a mãe das cidades russas. Os varangianos, eslavos e outros que o acompanharam foram chamados Russes. (Tradução nossa)¹⁴⁵

Novamente, os personagens mencionados na crônica são míticos ou semi-lendários e as datas, a sequência dos acontecimentos e os envolvidos são difíceis, senão impossíveis, de averiguar com precisão. Oleg e Igor possuem maior lastro documental, sendo encontrados eles mesmos ou possíveis menções a eles em outros documentos contemporâneos, ainda que a datação e a certeza se realmente são eles ainda sejam fontes de dúvidas.¹⁴⁶

Localizada no alto Dnieper, no coração da zona de floresta-estepe, a região da cidade de Kiev tem sinais de habitação há milhares de anos, mas o assentamento em uma elevação da margem ocidental do rio que acredita-se ter originado a cidade que existe até hoje data de entre os séculos V e VIII d.C. Em sua posição avantajada, a cidade encontrava-se em um ponto estratégico para as rotas comerciais que se estendiam longitude e latitudinalmente pela Eurásia, neste período, conectando, especialmente os mundos persa-árabe e bizantino às estepes e zonas de florestas ao norte, mas também espaços mais distantes, como a China à Europa Ocidental. O assentamento original desse período também parece ter sido a capital da confederação tribal eslava polianiana e, à época da conquista rus, ter sido tributária do Kaghanato Khazar.¹⁴⁷

Nas décadas seguintes à conquista de Kiev, podemos perceber uma rápida expansão do domínio rus pela região, integrando as diversas populações eslavas da bacia do Dnieper ao governo conquistador. Ao mesmo tempo que essas populações eslavas adentram a esfera de influência rus, com dinastia de Rurik que governava e sua elite militar escandinavos em origem com alguns elementos fino-bálticos, os conquistadores cada vez mais foram assimilados à língua e cultura eslavas locais. De modo que, no século seguinte, com a Rus Kievana já consolidada, as populações eslavas da porção sul começaram a migrar para o

¹⁴⁵ CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 61

¹⁴⁶ FRANKLIN, Simon. SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 1996. p. 58; 112-120.

¹⁴⁷ DOLUKHANOV, Pavel Markovich. **The early Slavs: Eastern Europe from the initial settlement to the Kievan Rus.** London ; New York: Longman, 1996. p. 192-193.

norte, originalmente fino-úgrico, em que os primeiros grupos escandinavos que formaram os rus chegaram. Alguns dos exemplos mais frequentes da intensidade dessa assimilação são a minúscula influência da língua nórdica antiga na russa antiga e a rapidez com que os nomes dos governantes da dinastia Rurikda deixaram de ser nórdicos para serem eslavos, como o príncipe Sviatoslav I de Kiev, nascido por volta de 940.¹⁴⁸

Esse processo de expansão e deslocamento da sede de poder rus para o sul, pela bacia do Dnieper também representa um rompimento político com os khazares. Askold e Dir, se realmente existiram ou mesmo caso representem um governo escandinavo em Kiev precedente à dinastia Rurikda, aparentemente não deixaram de pagar tributos ao Kaghanato Khazar. Oleg, por outro lado, como representante da dinastia de Rurik, aparece deliberadamente cerceando o pagamento de tributos ao império das estepes e redirecionando os pagamentos para seu reino, agora centrado em Kiev. Oleg também teria construído uma série de fortificações em posições vantajosas para defender o território recém adquirido de avanços khazares.¹⁴⁹

A perda das cidades eslavas na zona de floresta-estepe do Alto Dnieper foi um golpe profundo para o velho soberano das estepes ocidentais, o Kaghanato Khazar: elas tinham um importante papel no comércio com as regiões a oeste e ao sul, perdê-las para aqueles que agora dominavam o comércio do norte era ainda pior. Agora, o comércio entre os mercados setentrional e meridional poderia contornar os domínios khazares, cujos limites recuaram para as estepes do Cáucaso norte, por um caminho quase completamente dominado pelos rus.

Ao mesmo tempo, do outro lado dos domínios khazares, a Bulgária do Volga começava a ganhar proeminência sobre os khazares no comércio com o mundo Islâmico. Especialmente com a conversão dos búlgaros ao Islã na década de 920, as rotas comerciais do leste e sudeste começam a buscar outros caminhos, evitando o Baixo Volga khazar, para alcançar o Médio Volga búlgaro.¹⁵⁰ Também foi por volta desse período que as movimentações dos pechenegues trouxeram grande instabilidade para a região, expulsando os magiares do Etelköz e se espalhando pelas estepes do norte do Mar Negro, aproximadamente dos Cárpatos ao Rio Don, possivelmente tomando também territórios khazares e confinando estes ao outro lado dess rio.¹⁵¹

¹⁴⁸ MÜHLE, Eduard. **Slavs in the Middle Ages between idea and reality**. Leiden ; Boston: Brill, 2023. p. 210-215.

¹⁴⁹ HANAK, Walter K. **The nature and the image of princely power in Kievan Rus', 980-1054: a study of sources**. Leiden ; Boston: Brill, 2014. p. 17-20.

¹⁵⁰ NOONAN, Thomas S. *Op Cit*, 2007. p. 233-240.

¹⁵¹ PAROŇ, Aleksander; ANESSI, Thomas. **The Pechenegs: nomads in the political and cultural landscape of Medieval Europe**. Leiden ; Boston: Brill, 2021. p. 104-126; 240-251.

Assim, os eventos que transpassaram a virada do século XI para o X abalaram profundamente a *Pax Khazarica* e, em meados do século X, o território que por cerca de três séculos esteve sob o domínio estável dos khazares era, aproximadamente, dividido com mais 3 entidades políticas que, neste momento, se comparavam em poder aos antigos senhores da região: a dinastia Rurikda Rus centrada em Kiev e se estendendo entre essa cidade e Novgorod e os territórios no entorno; os búlgaros do Volga, instalados cerca de mil quilômetros rio acima da capital khazar no Baixo Volga e em contato constante com os povos da floresta fino-úgricos ao norte e o mundo muçulmano ao sudeste; e os pechenegues, que se apropriaram das porções mais ocidentais da Estepe Pôntica, cortando o contato dos khazares com o oeste.

2.2 O FIM DA HEGEMONIA KHAZAR E AS REORGANIZAÇÕES DAS FORÇAS QUE A SUCEDERAM

As primeiras décadas do século X serviram para essas entidades políticas emergentes medirem suas forças umas contra as outras e contra os poderes já estabelecidos nos arredores, como os bizantinos, árabes e especialmente os khazares, confinados entre seus três “descendentes” que ansiavam pelo restante da herança. Nesse contexto de quebra da ordem estabelecida no centro oeste eurasiático, os bizantinos foram ágeis em pôr em prática uma estratégia que certamente foi fundamental na longevidade do império, até então e por mais quinhentos anos depois: manobrar os vizinhos voláteis que inquietavam as fronteiras do império.

No ano de 988, Vladimir I de Kiev converteu-se ao cristianismo, e “pelo menos oficialmente, a Rússia se tornou espiritual e culturalmente dependente de Bizâncio, (...). Mas essa dependência foi mais ilusória que real e nunca tomou a forma de dominação política.”¹⁵² Mas antes desse momento que selou o destino dos dois maiores representantes da ortodoxia cristã oriental, quase cem anos de intermitentes conflitos e alianças entre gregos, rus e pechenegues preencheu o século X.

Diversas vezes, entre as décadas de 900 e 940, frotas rus, supostamente sob o comando de Oleg e Igor em diferentes momentos, partiram da foz do Dnieper em direção aos domínios bizantinos no Mar Negro, mais de uma vez alcançando Constantinopla e retornando com acordos comerciais favoráveis aos governantes de Kiev. Por volta de 940, os rus foram

¹⁵² DOLUKHANOV, Pavel Markovich. *Op Cit*, 1996. p. 196.

incitados pelos bizantinos a tomarem fortalezas khazares no Estreito de Kerch, que separa a Criméia do Cáucaso Norte e após terem falhado na missão, aparentemente se voltaram contra os instigadores e atacaram Constantinopla em 941.¹⁵³

Os pechenegues, por sua vez, chegaram às estepes pônticas após terem sido derrotados no leste, mas entraram na região, aparentemente como aliados e por convite do rei búlgaro Simeon I, que se encontrava em guerra contra uma aliança bizantino-magiar. Com a derrota dos magiares pelos pechenegues em 895, Simeon conseguiu derrotar os bizantinos no ano seguinte. A continuidade de hostilidades com os búlgaros e a ausência de outros aliados na região, fez os bizantinos buscarem nos nômades recém-chegados novos aliados contra Simeon para uma campanha em 917. O responsável pelo contato com os pechenegues foi João Bogas, um *stratego* da cidade bizantina de Kherson, na Crimeia. Bogas viajou entre diversas lideranças pechenegues, levando presentes e firmando um acordo para a guerra por vir. Aleksander Paroń e Thomas Anessi chamam atenção para uma possível intencionalidade pechenegue em lançar bizantinos e búlgaros e uma guerra de ofertas pela aliança ao informarem os emissários bizantinos que seus adversários também os haviam buscado seu apoio.¹⁵⁴

A cooperação greco-pechenegue acabou não tendo sucesso para a campanha de 917 e o exército bizantino que marchou pelo território búlgaro foi completamente destruído. Os esforços do *strategos* khersoniano, contudo, não foram em vão, e um estreitamento de relações entre a Crimeia bizantina e os pechenegues se deu a partir de então, com o desenvolvimento de laços comerciais e diminuição de razias. Na década de 910 os pechenegues também aparentam ter estado em conflito com os rus, possivelmente disputando a tributação das tribos eslavas entre os domínios rus no Alto Dnieper e pechenegues mais ao sul, entre a floresta-estepe e a estepe. Eventualmente até relações comerciais foram estabelecidas, conforme Paroń e Anessi¹⁵⁵ destacam no *De administrando imperio*:

Os pechenegues são vizinhos de e marcham com os russos também, e frequentemente, quando os dois não estão em paz um com o outro, saqueiam a Rússia. [sic]

Os russos também são muito preocupados em manter a paz com os pechenegues. Pois eles compram deles gado com chifres e cavalos e ovelhas, através dos quais eles vivem mais facilmente e confortavelmente pois nenhum dos animais supramencionados pode ser encontrado na Rússia. (Tradução nossa)¹⁵⁶

¹⁵³ DOLUKHANOV, Pavel Markovich. *Op Cit*, 1996. p. 196.

¹⁵⁴ PAROŃ, Aleksander; ANESSI, Thomas. *Op Cit*, 2021. p. 255-261.

¹⁵⁵ *Ibid.* p. 265.

¹⁵⁶ CONSTANTINE; MORAVCSIK, Gyula. *Op Cit*, 1967. p. 49-51.

Não é de se surpreender, então, que por vezes, rus e pechenegues cooperassem em suas empreitadas militares, inclusive em ataque contra seu ocasional aliado, Bizâncio. Duas alianças rus-pechenegues parecem ter adentrado territórios bizantinos, primeiro em 916¹⁵⁷ e depois em 944.¹⁵⁸ Paroń e Anessi atribuem a essa segunda operação conjunta a percepção entre as elites bizantinas da importância política dos pechenegues, resultando numa mudança de postura e retomada das relações iniciadas por João Bogas. Assim, os pechenegues, como os turcos, ávaros, khazares, búlgaros e mais recentemente os magiares, e tantos outros antes deles, passaram a atuar como protetores das fronteiras norte e nordeste do império.

Compilado entre o final da década de 940 e início de 950, o *De administrando imperio*, o manual de política interna e externa deixado por Constantino VII Porfirogênilo para seu filho, é aberto com um primeiro capítulo intitulado “Sobre os Pechenegues, e Quantas Vantagens vêm de Eles estarem em Paz com o Imperador dos Romanos”. Ali, o imperador ressalta os aprendizados dele na lida com os pechenegues e como manter boas relações com eles

(...) que é sempre imensamente para a vantagem do imperador dos romanos que esteja disposto a manter a paz com a nação dos pechenegues e concluir as convenções e tratados de amizade com eles e enviar todo ano a eles, de nosso lado, um agente diplomático com presentes condizentes e adequados àquela nação, e tomar, do lado deles, garantias, isto é, reféns e um agente diplomático, que devem ser coletados juntos sob a custódia de um ministro competente nesta cidade protegida por Deus, e devem desfrutar de todos os benefícios imperiais e presentes adequados ao imperador conceder. (Tradução nossa)¹⁵⁹

É na sequência desta apresentação dos nômades que ocupavam a Estepe Pôntica que Constantino descreve as relações deles com outros povos, como a relação deles com os rus, citada anteriormente, e outros, bem como se aprofunda em outros conselhos sobre a condução das relações com esses nômades.

Mais ao norte, nas terras rus, Igor morreu em 945 enquanto coletava tributos da tribo eslava drevliana, que se revoltou contra a tributação excessiva e o atacou. Sua viúva Olga assumiu o controle como regente enquanto o filho do casal, Sviatoslav, não atingia a maioridade. Olga vingou a morte do marido e buscou estreitar as relações com Constantinopla. Shepard afirma que, em 946 ou 957, a regente viajou à capital bizantina para confirmar ou melhorar os termos do mais recente acordo comercial entre gregos e rus, estabelecido após o último ataque rus a Constantinopla realizado por Igor. Lá, ela se

¹⁵⁷ DOLUKHANOV, Pavel Markovich. *Op Cit*, 1996. p. 196.

¹⁵⁸ PAROŃ, Aleksander; ANESSI, Thomas. *Op Cit*, 2021. p. 267-277.

¹⁵⁹ CONSTANTINE; MORAVCSIK, Gyula. *Op Cit*, 1967. p. 49.

converteu ao cristianismo e foi batizada, assumindo o nome de Helena, mas ainda levaria meio século até a conversão do neto do casal, Vladimir, e de toda a rus, oficialmente, com ele.¹⁶⁰

Sviatoslav era um pagão fervoroso e, durante seu governo, os esforços de cristianização de Olga não surtiram nenhum fruto. Nenhum bispo a acompanhou no retorno de Constantinopla e, quando enfim missionários foram enviados, seu filho já estava no comando e a missão não surtiu efeito.¹⁶¹

O golpe final, para os khazares, veio na forma de uma campanha de Sviatoslav, em meados da década de 960. Ao descobrir que uma tribo eslava estava pagando tributos ao velho *kaghanato* das estepes,

Sviatoslav partiu para cima dos khazares. Quando eles souberam de sua aproximação, eles partiram para encontrá-lo com seu príncipe, o Kagan, e os exércitos se chocaram. Quando a batalha aconteceu, Sviatoslav venceu os khazares e tomou sua cidade de Bela Vezha. (Tradução nossa)¹⁶²

Belza Vezha, a “Torre Branca” em russo, foi o nome dado a Sarkel, a fortaleza construída em conjunto pelos khazares e bizantinos no rio Don 120 anos antes, ao ser tomada pelos rus, mas Petrukhin argumenta que Sviatoslav teria também tomado a capital khazar Itil, no Baixo Volga e todo o território entre as duas.¹⁶³ Incitado pelos bizantinos, o príncipe rus emendou a campanha no Baixo Volga a um ataque aos búlgaros no Danúbio, onde conquistou para si a cidade comercial de Pereyaslavets. Durante sua estadia no Danúbio, foi a vez dos pechenegues se moverem e marcharem sobre as terras rus, alcançando e cercando Kiev com a mãe, Olga, e os três filhos do príncipe na cidade. De acordo com Shepard, novamente os bizantinos, preocupados com Sviatoslav se instalando na região ao invés de entregá-la a eles, teriam sido responsáveis por incitar o ataque à capital rus.¹⁶⁴ Paroń e Anessi, por outro lado, argumentam que a única fonte que menciona o ataque pechenegue não indica influências políticas externas na decisão dos nômades e que isso fazia parte de suas táticas militares padrões.¹⁶⁵

Tendo sido um esforço bizantino ou não, o cerco pechenegue a Kiev foi resolvido sem maiores complicações. Pouco tempo depois, em 969, Sviatoslav retornava para o sul

¹⁶⁰ SHEPARD, Jonathan. The Origins of Rus’ (c. 900-1015) In: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006. p. 56-58.

¹⁶¹ MÜHLE, Eduard. *Op Cit*, 2023. p. 216.

¹⁶² CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 61

¹⁶³ PETRUKHIN, Vladimir. *Op Cit*, 2007. p. 261-262.

¹⁶⁴ SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 2006. p. 61.

¹⁶⁵ PAROŃ, Aleksander; ANESSI, Thomas. *Op Cit*, 2021. p. 286.

acompanhado de destacamentos dos próprios pechenegues e também dos magiares e até búlgaros. É frequentemente destacado que, ainda assim, o contingente pechenegue do exército de Sviatoslav era diminuto, entre 1500 a 2000 guerreiros, uma fração pequena da capacidade de mobilização dessa confederação. Isso leva a duas hipóteses, de acordo com Paroń e Anessi: a primeira defende que o príncipe rus teria recebido o apoio apenas de uma entre as tantas tribos pechenegues; enquanto a segunda teoriza que esses guerreiros teriam servido como reféns para garantir a neutralidade pechenegue durante a nova campanha.¹⁶⁶

De qualquer forma, somados aos magiares e búlgaros, os nômades compunham cerca de metade do exército de Sviatoslav de 10.000 guerreiros, uma porção muito significativa para uma campanha importante como essa. Além disso, Shepard chama atenção para uma possível aspiração “imperial” do príncipe rus, que dividiu os territórios que já possuía entre seus três filhos antes partir e cujo

(...) objetivo era provavelmente fomentar o comércio através e entre as rotas fluviais, empregando nômades para policiar as estepes e manter a paz. Sua base tinha a vantagem de proximidade dos mercados, tanto dos ‘gregos’ quanto da Europa Central, onde prata saxônica começava a ser cunhada. Sviatoslav não foi o primeiro líder rus a possuir olhos atentos para aberturas comerciais. (Tradução nossa)¹⁶⁷

O objetivo de Sviatoslav nos parece ter sido, nesse momento, plausível de conceber e possível de realizar. Ora, os pechenegues, a maior confederação nômade das estepes ocidentais à épica, de fato não possuíam uma autoridade centralizada, isto é, um governante acima de todos eles, um *kaghan*, poderia-se dizer. Como Constantino VII havia descrito, eles possuíam várias tribos, cada uma com seu respectivo *khan* e não seria surpreendente se um poder externo, mais centralizado, os assimilasse. Claro, era de se esperar que esse movimento viesse de outro poder estepário, com uma estrutura *kaghanal* tradicional, mas não fazia muito tempo que os rus haviam chamado seu governante de *kaghan*, ainda mais recentemente haviam destronado o último *kaghan* khazar e dominaram suas terras, cidades e fortificações. O tato de Sviatoslav para com os nômades das estepes também estava atestado, tendo revertido o cerco pechenegue de sua capital em uma aliança.

Mais do que nunca, as condições para a ascensão de um *Kaghanato* Rus no centro oeste eurasiático estavam postas, mas nunca saberemos o desfecho dos planos de Sviatoslav a longo prazo. Os bizantinos conseguiram reagir e derrotar o exército invasor em uma emboscada próxima à cidade de Arkadiópolis, a menos de 150 quilômetros de

¹⁶⁶ PAROŃ, Aleksander; ANESSI, Thomas. *Op Cit*, 2021. p. 287.

¹⁶⁷ Idem.

Constantinopla. No ano seguinte, as forças bizantinas contra-atacaram, culminando em um cerco à última fortaleza rus na região que teve seu fim com Sviatoslav negociando por paz e ele e seus rus expulsos dos Balcãs.¹⁶⁸ O príncipe nunca alcançou Kiev, sua comitiva foi emboscada por pechenegues subindo o Dnieper e Sviatoslav foi morto e seu crânio transformada em cálice.

Não podemos, também, negar aos pechenegues e outros nômades das estepes sua agência histórica e acreditá-los meros peões entre as jogadas bizantinas e rus. Além do “leilão” pelo apoio militar de 917, Paron e Anessi também destacam o assassinato de Sviatoslav após a negociação de paz entre ele e os bizantinos como uma mensagem pechenegue ao império grego que eles não pretendiam ser apenas uma mera ferramenta obediente a Constantinopla.¹⁶⁹

Apesar de pouco duradoura, a totalidade da experiência de Sviatoslav na entre as décadas de 960 e 970, serve de demonstração de quão presente a *Cultura Política Nômade* ainda se fazia no centro oeste eurasiático às vésperas da cristianização da Rus Kievana, com mais de meio século de enfraquecimento do Kaghanato Khazar e ainda depois de seu último suspiro. E, como veremos, ela continua protagonizando as relações intersocietárias da região nos próximos séculos, mesmo na ausência de um poder hegemônico nômade até a chegada dos mongóis, cerca de 250 anos depois.

Neste momento, porém, à frente de um exército combinado de guerreiros rus e nômades, Sviatoslav quase alcançou os muros de Constantinopla e, tivesse sua experiência prosperado, talvez seus sucessores não tivessem adotado o cristianismo, provavelmente não tão cedo, e aceitado a tutela espiritual e cultural de bizâncio. O estado fragilizado e fragmentário que Sviatoslav deixou a Rus Kievana quase a desintegrou em guerras civis na década que seguiu à sua morte, enquanto os bizantinos consolidavam seu poder na região reconquistada.

Com a morte de Sviatoslav e o estado repartido que ele deixou o reino rus, não tardou para que seus filhos se lançassem em guerras fratricidas pelo controle das terras do pai. Os primeiros foram seus filhos mais velhos Oleg e Iaropolk, que se enfrentaram resultando na morte de Oleg e ascensão de Iaropolk ao trono de Kiev. Enquanto isso, Vladimir, o filho mais novo, havia se retirado das terras rus. Ao retornar Vladimir, através de uma artimanha, assassinou o irmão mais velho e tomou o controle de Kiev em 978.

¹⁶⁸ HUPCHICK, Dennis P. **The Bulgarian-Byzantine wars for early medieval Balkan hegemony**. New York, NY: Springer Berlin Heidelberg, 2017. p. 233-240.

¹⁶⁹ PARON, Aleksander; ANESSI, Thomas. Op Cit, 2021. p. 289.

Além das guerras fratricidas, os filhos de Sviatoslav precisaram combater também rebeliões de tribos eslavas, ainda assim o território consolidado pelos sucessores de Rurik não parece ter sofrido maiores consequências das derrotas de Sviatoslav e as décadas que se seguiram foram de estabilização, crescimento comercial e estabelecimento de relações com o mundo cristão especialmente com a cristianização da Rússia através de Vladimir a partir de 988.¹⁷⁰

Apesar da dinastia ter sido fundada por Rurik, supostamente na década de 860, a tomada e consolidação de Kiev como centro de poder e seus arredores como território rus, terem sido fruto do trabalho de seus sucessores Oleg, Igor e Olga e o estabelecimento da Rus como um poder regional formidável, Vladimir é frequentemente celebrado como verdadeiro criador do estado Rus Kievano para enaltecer a cristianização do reino rus.¹⁷¹

2.2.1 Um novo poder regional: A Rus Kievana e seus vizinhos

Mas, nos dez anos que passaram entre a tomada do poder por Vladimir e seu casamento com Anna Porfirogênita, irmã do imperador Basílio II, que selou a aliança e conversão do príncipe rus, as cartas ainda não estavam completamente postas. O filho sobrevivente de Sviatoslav inovou em relação a seus antecessores e voltou suas atenções para o oeste, expandindo suas fronteiras até a atual Polônia. Vladimir também parece ter tentado estabelecer, pela primeira vez entre os rus, uma prática religiosa pública, organizando um templo para os deuses pagãos eslavos em Kiev. Mas ele também não abriu completamente mão das aspirações orientais de seus antecessores, sua primeira grande derrota foi a incapacidade de conquistar a Bulgária do Volga em 985.¹⁷²

Dobrýnya, tio materno de Vladimir, o aconselhou em relação aos búlgaros do Volga: “(...) todos eles usam botas. Eles não vão nos pagar tributos. Vamos então procurar por inimigos com sapatos de casca”,¹⁷³ isto é, procurar adversários menos sofisticados para dominar. Vladimir e os búlgaros fizeram as pazes e, no ano seguinte, uma missão foi enviada do Médio Volga para tentar converter o príncipe rus ao Islã, mas a abstenção da bebida exigida por essa fé o desencorajou: “‘A bebida,’ ele disse ‘é a alegria dos russes. Nós não podemos existir sem esse prazer.’”¹⁷⁴

¹⁷⁰ SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 2006. p. 62-63.

¹⁷¹ HANAK, Walter K. *Op Cit*, 2014. p. 1-21.

¹⁷² SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 2006. p. 63-65.

¹⁷³ CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 96. Tradução nossa.

¹⁷⁴ *Ibid.* p. 96.

Vladimir recebeu, ainda, uma missão cristã ocidental enviada pelos germânicos, emissários muçumanos corásmios e até judeus khazares, de acordo com a Crônica Primária. Mas foi, enfim, o cristianismo grego de Constantinopla que o conquistou. É curioso, aqui, observar o paralelo que pode ser traçado com quando os khazares, cerca de dois séculos antes, também se encontravam na mesma encruzilhada, pressionados a adotar uma vertente das religiões abraâmicas para se encaixar com os outros grandes reinos e impérios à sua volta. Shepard argumenta que a escolha final de Vladimir, apesar de parecer óbvia ao olharmos em retrospecto, não era tanto assim na época, como fica evidente pelas várias missões recebidas pelo príncipe, algumas delas solicitadas pelo próprio, como a missão islâmica corásmia.¹⁷⁵

A opção pelos vizinhos do sul, aliados tão frequentemente quanto inimigos, foi, justifica Shepard, veio de

uma conjuntura incomum de eventos que levou Vladimir a aceitar uma missão religiosa, aliança matrimonial e um tratado com o Imperador Bizantino Sênior Basílio II. Os contornos são claros: no início de 988, Basílio foi sitiado em sua capital por exércitos rebeldes acampados através do Bósforo, enquanto uma revolta búlgara contra o domínio bizantino nos Balcãs irrompia a toda força.¹⁷⁶

A contrapartida de Vladimir e solução para Basílio foi o envio de um exército de guerreiros rus que conseguiram suprimir as rebeliões de surpresa. Essa força militar daria ainda origem à icônica Guarda Varangiana que serviria nas linhas de elite bizantinas por cinco séculos. Além do casamento com a princesa imperial, Anna, irmã de Basílio, Vladimir consolidou tratados comerciais favoráveis aos rus e estabeleceu soberania sobre importantes cidades bizantinas na Crimeia, apesar das circunstâncias em que essas cidades foram parar sob seu controle não serem claras.¹⁷⁷

A concretização da aliança selou os destinos da Rus Kievana e de Bizâncio pelos séculos futuros. Mesmo não significando a submissão política dos rus aos bizantinos, os dois reinos tornaram-se indiscutivelmente muito mais próximos que tinham sido até então e com uma relação muito mais profunda que outras estabelecidas por Constantinopla. Vladimir conduziu um verdadeiro e efetivo esforço de cristianização da rus após sua conversão, esforço esse profundamente associado à sua própria propaganda e de seu regime. A construção de igrejas inspiradas nas bizantinas incitava comparações entre ele e o imperador dos gregos, entre Kiev e Constantinopla e tantas outras, assim como o emprego de religiosos que o auxiliaram na incorporação de Kherson, bem como o posicionamento de relíquias

¹⁷⁵ SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 2006. p. 65.

¹⁷⁶ Idem.

¹⁷⁷ Ibid. p. 65-66.

tomadas da cidade nas suas igrejas eram um atestado de sua vitória, ou ao menos superação dos bizantinos.¹⁷⁸

MAPA - 7 A Rus Kievana e seus vizinhos, ca. 1100.¹⁷⁹



Enquanto as relações com Bizâncio, e o mundo cristão em geral, se estreitaram, a postura de Kiev em relação aos nômades das estepes com quem compartilharam os dois séculos e meio de história rus até ali se deterioraram profundamente, pelo menos nominal e oficialmente. Um primeiro choque veio com a fortificação do Dnieper e seus tributários até o Mar Negro — efetivamente cortando no meio a estepe pechenegue e fragilizando a confederação — para salvaguardar o caminho que levava a Constantinopla. Além de erguer

¹⁷⁸ SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 2006. p. 67.

¹⁷⁹ RAFFENSPERGER, Christian; OSTROWSKI, Donald G. *The ruling families of Rus clan, family and kingdom*. London: Reaktion Books, 2023. s/p.

fortalezas e fundar povoados, Vladimir investiu pesadamente no povoamento dessa região, realocando eslavos e finicos do norte, organizando forças de cavalaria que podiam acompanhar os barcos pela costa e proteger de ataques pechenegues e toda uma estrutura agrícola para suportar as tropas e fortificações. Os bizantinos também permitiram a construção de um povoamento comercial na foz do Dnieper para facilitar esse processo. Enfim, o caminho para Constantinopla se tornou muito mais seguro.¹⁸⁰

2.2.2 O mar de grama em volta da ilha de cidades.

Contudo, os contatos entre rus e povos das estepes não cessaram completamente, nem teria sido possível, com a longa fronteira dividida entre os dois espaços e as relações comerciais que atravessavam os dois domínios. Apesar de enfraquecidos, os pechenegues não foram completamente derrotados e ainda foram atores importantes nos processos históricos rus do século XI, alinhando-se a um príncipe em detrimento de outro. Em meados deste século, foram os pechenegues as vítimas da chegada de outras levas migratórias nômades às estepes pônticas.¹⁸¹

Em um primeiro momento foram os oghuzes, pressionados pela confederação cumano-kipchak que desestabilizaram o enfraquecido domínio pechenegue a partir da década de 1030. Na sequência, foram os próprios cumano-kipchaks que adentraram as estepes ao norte do Mar Negro, finalmente derrotando os pechenegues na década de 1060. Neste período de enfraquecimento, os pechenegues buscaram diversas estratégias para prevenir sua derrota, adentrando o serviço bizantino e rus e diferentes momentos, mas nunca aceitando a submissão total. Entre as décadas de 1040 e 1050, por exemplo, um grupo específico de pechenegues converteu-se à ortodoxia grega e serviu como guardas da fronteira bizantina no Danúbio, protegendo-a contra outros pechenegues e oghuzes. Em 1053, através de um acordo com Constantinopla, essa guarda fronteira tornou-se uma entidade política independente.¹⁸²

Infelizmente, o contato fronteira comercial, como a compra do gado pechenegue pelos eslavos descrita por Constantino VII no *De administrando imperio* mencionada anteriormente, é normalmente ocultado das crônicas e anais em favor dos enfrentamentos militares, seja nas guerras internas de um dos dois domínios em que o outro atue de um ou mais lados, ou principalmente nas guerras contra a estepe. Mas esse contato fronteira muito

¹⁸⁰ SHEPARD, Jonathan. *Op Cit*, 2006. p. 66-69.

¹⁸¹ FRANKLIN, Simon. *Kievan Rus' (1015–1125)*. In: PERRIE, Maureen (Org.). *The Cambridge history of Russia*. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006. p. 88-90.

¹⁸² GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992. p. 266-270.

provavelmente continuou acontecendo cotidianamente através dos séculos, apesar de não ter sido ou ter sido escassamente registrado.¹⁸³

Sobre isso, Franklin corrobora:

Ainda assim, as relações poderiam ser bem amigáveis, e nas zonas de fronteira como um todo, eram bem estáveis. (...) Sobretudo, entretanto, seria difícil demonstrar que qualquer príncipe rus passou mais tempo em campanhas contra os pechenegues ou os *polovtsy* mais que contra seus próprios parentes dentro das terras dinásticas. (Tradução nossa)¹⁸⁴

Entre meados dos séculos XI e XII, cada vez mais elementos pechenegues e oghuzes também entraram sob o serviço e autoridade rus em busca de proteção contra os cumano-kipchaks. Esses, que se tornaram súditos de Kiev, eventualmente se tornaram o agrupamento social conhecido com *Chërnyye klobuki*, os “Chapéus Pretos” que, em variadas medidas se sedentarizaram ou mantiveram um estilo de vida nômade no sul das terras rus.¹⁸⁵

Assim como a maior parte das tribos e confederações nômades das estepes pré-modernas, traçar uma origem clara para os cumano-kipchaks/polovtsianos (daqui em diante usaremos os três nomes como sinônimos) é praticamente impossível. Golden reconstrói um panorama geral das movimentações populacionais, fugas e conquistas que deram origem a uma multiétnica confederação kipchak que juntou elementos nômades de toda a extensão da estepe eurasiática. Sobre esse processo, as principais certezas são que, no início do século XI, essa confederação, recém formada a partir de uma série de agrupamentos tribais anteriores, tomava proeminência nas estepes centro-asiáticas, com os elementos cumanos e kipchaks predominantes sobre uma miríade de tribos nômades.¹⁸⁶

Com a conquista das estepes pânticas, os domínios kipchaks estendiam-se longitudinalmente através das estepes do Danúbio ao Rio Irtysh, na Sibéria Ocidental. Sua fronteira sul foi limitada pelo Mar Negro e Cáspio onde esses se localizavam, pelo Cáucaso entre eles e pela divisa entre a estepe e o deserto na Ásia Central. Entre o Cáspio e o Mar de Aral, os kipchaks tiveram um profundo contato com o reino da Corásmia, que se desenvolvia sob a autoridade Seljúcida entre os séculos XI e XII. Nas porções setentrionais ao oeste, os kipchaks compartilhavam a longa fronteira entre a estepe e as terras rus com os principados

¹⁸³ HALPERIN, Charles J. The Kipchak connection: the Ilkhans, the Mamluks and Ayn Jalut. **Bulletin of the School of Oriental and African Studies**, v. 63, n. 2, p. 229–245, 2000. p. 233.

¹⁸⁴ FRANKLIN, Simon. *Op Cit*, 2006. p. 89.

¹⁸⁵ GOLDEN, Peter B. The *Černii Klobouci*. In: GOLDEN, Peter B. **Nomads and their neighbours in the Russian steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs**. Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003c. p. 97-107.

¹⁸⁶ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992. p. 270-277.

rus, inicialmente unificados sob a autoridade de Kiev e, posteriormente, cada vez mais autônomos nas décadas finais do século XII. Nos limites ocidentais, nas estepes ao norte do Danúbio, o contato também foi intenso com Bizâncio e com o Reino Húngaro, recentemente organizado a partir da sedentarização e cristianização da confederação magiar.

Tal qual seus antecessores nas Estepes Pônticas, os kipchaks, também foram agentes frequentes nas lidas internas e externas da Rus Kievana, com eventuais ataques saquando os territórios rus ou atuando como mercenários apoiando-os em conflitos externos mas, especialmente tomando partido de um ou outro príncipe nos conflitos internos. Essas cooperações entre rus e kipchaks, não raro, eram seladas com casamentos dinásticos entre lideranças tribais nômades e ramos da família principesca rus.¹⁸⁷ Nas crônicas oficiais, a Primária Russa e a de Novgorod, os *polovets* e *polovcian* são personagens recorrentes nos registros anuais após seu primeiro ataque em 1061: “O povo polovet veio no dia 1 de fevereiro e derrotou Vsevolod no dia 2.”¹⁸⁸ conta, simplesmente, o relato novgorodiano, enquanto a Crônica Primária se alonga ao descrever que:

Os polovcianos invadiram a Rus para guerrear pela primeira vez. No dia 2 de fevereiro, Vsevolod avançou contra eles. Quando eles se encontraram em batalha, os polovcianos derrotaram Vsevolod, mas depois do combate eles recuaram. Esse foi o primeiro mal feito por esses inimigos pagãos e sem deus. Seu príncipe era Iskal.(Tradução nossa)¹⁸⁹

A maior parte das menções posteriores aos cumano-kipchaks são relatos de ataques feitos por eles contra os rus ou vice-versa, mas recorrentes são os episódios de embates militares em que as relações dos descendentes de Rurik com os novos senhores da estepe são mais complexas. Algumas vezes, um determinado príncipe rus “vem com os polovets” como apoio militar, como em 1078 que “Oleg fugiu para Tmutorokan, e trouxe de volta com ele os polovets, e derrotou Vsevolod no [rio] Sozh”.¹⁹⁰ Ou como no episódio em que, após uma série de derrotas em 1093, o Grão-Príncipe de Kiev, Sviatopolk II casa-se com a filha do “príncipe” kipchak Tugorkan em 1094 como parte de um acordo de paz. Esse mesmo Tugorkan foi um dos comandantes kipchaks a salvar Constantinopla de um cerco pechenegue em 1091 durante o governo de Aleixo Comneno.¹⁹¹

¹⁸⁷ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 2003c. p. 147-149.

¹⁸⁸ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 4.

¹⁸⁹ CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 143.

¹⁹⁰ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 6. Tradução nossa.

¹⁹¹ CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 179; 276-277.

Em 1103, os príncipes rus, instigados pelo príncipe Vladimir (futuro Vladimir II Monômaco) de acordo com a Crônica Primária, se juntaram em uma grande campanha contra os kipchaks. A Crônica Primária nos fornece vívidos detalhes do debate que se deu entre os príncipes boiardos, com o discurso de Vladimir que convenceu os outros a favor da campanha. Também nos é descrita a recepção da notícia do avanço rus entre os chefes tribais kipchaks e o debate que se deu entre eles sobre como deveriam agir, com Urusoba, um chefe mais velho defendendo uma solução diplomática enquanto os mais jovens se acreditavam capazes de derrotar os agressores para invadir suas terras então desprotegidas. Apesar das esperanças dos jovens kipchaks, os rus saíram vitoriosos e a crônica lista alguns dos vinte “príncipes” kipchaks mortos na campanha: “Urusoba, Kchi, Arslanapa, Kitanopa, Kuman, Asup, Kurtek, Chenegrepa, Sur’bar’, e muitos outros príncipes”.¹⁹²

As duas crônicas relatam mais algumas campanhas rus contra os kipchaks nessa década, em 1106 e 1111 no relato novgorodiano e 1106, 1107, 1110 e na Crônica Primária. Relatando até o ano de 1116, o episódio de 1110 é a última menção aos polovcianos na Crônica Primária. Após o relato de 1111, os vizinhos nômades retornam à Crônica de Novgorod apenas em 1137, desta vez aliados ao príncipe Sviatoslav Olegovich. Sviatoslav que havia se casado com a filha de um chefe kipchak em 1108 e cujo pai era o mesmo Oleg que havia derrotado Vsevolod ao lado dos kipchaks em 1078.¹⁹³ Depois disso, mais duas décadas se passam até as duas próximas menções aos *polovets* na Crônica Novgorodiana nas entradas de 1160 e 1167 sendo derrotados ao lado de outro príncipe rus no primeiro caso e alvos de uma campanha no segundo. Mais três décadas se passaram até 1195 e 1196 quando lutaram ao lado de outro príncipe Vsevolod em uma sangrenta guerra civil rus. Nos anos de 1203 e 1218, novamente os polovets aparecem envolvidos em sangrentos assuntos internos do Reino Rus.¹⁹⁴

Apesar da busca pela ocultação da presença kipchak na história da Rus Kievana e dos principados rus, Halperin argumenta que a integração entre os dois grupos foi muito mais profunda que se pode auferir pela documentação levada ao pé da letra. Halperin defende que eles mantiveram os contatos comerciais anteriormente realizados pelos pechenegues, com o comércio de itens como cavalos, couro e gado em troca de peles, tecido, grãos, escravos e itens artesanais. Ele também defende que os casamentos dinásticos eram mais frequentes que relatados nas crônicas e que alguns príncipes rus do século XII chegavam a ser sete-oitavos

¹⁹² CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 200-201. Tradução nossa.

¹⁹³ DIMNIK, Martin, *Op Cit*, 2003. p. 29.

¹⁹⁴ CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 23;26;38-39;43;59.

turcos por sangue e que, mesmo que a norma fosse o casamento de príncipes rus a princesas kipchaks cristianizadas, houve até o casamento de uma princesa rus a um líder kipchak.¹⁹⁵

Com o enfraquecimento da autoridade seljúcida no sudoeste asiático e na Ásia Central ao longo da primeira metade do século XII, o xánato da Corásmia (conhecido também como Império da Corásmia) se tornou um dos maiores poderes da região e dos mundos islâmico e asiático. Ainda que logo eles tenham se tornado, nominalmente, vassalos dos novos imperadores nômades da Ásia Central — os *gürkhans* do Qara-Khitai —, os xás da Corásmia expandiram imensamente sua autoridade e poder e, ao final daquele século eles já possuíam o seu próprio império, com uma grande extensão territorial e povos súditos. Ao longo desse tempo e de todo esse processo, o apoio militar kipchak foi indispensável para chegar nesse resultado e a cooperação resultou em uma série de casamentos dinásticos e na incorporação de elementos nômades da confederação kipchak profundamente nas estruturas sociais, políticas além das militares do império que se formava.

Os casamentos dinásticos entre corásmios e kipchaks se realizavam nos mais altos patamares da estrutura política, entre os filhos dos xás que, muitas vezes, já eram eles mesmos filhos de princesas kipchaks. Na virada do século XII para o XIII, com a morte de ‘Alā’-al-Din Tekiš Šāh, sua esposa, Terken Khatun, de origens principescas kipchaks, tornou-se regente. Terken Khatun manteve altíssima influência ainda no reinado de seu filho, ‘Alā’-al-Din Moḥammad, não raramente sobrepondo sua vontade à dele.¹⁹⁶ A grande presença túrquica representada pelos kipchaks e outros grupos nômades das estepes que fez o Império da Corásmia tão poderoso no século XII foi também uma de suas grandes fraquezas frente à invasão mongol no início do século XIII, como veremos adiante.

No início do século XIII, os cumano-kipchaks mais ocidentais, dividindo fronteira com o reino da Hungria, foram alvos de esforços proselitistas dos descendentes cristianizados dos magiares. Em 1211, Cavaleiros Teutônicos que retornavam das cruzadas foram empregados nessa tarefa e assentados na região de Braşov, sudeste da Transilvânia, onde iniciaram os esforços catequizantes. Os Cavaleiros Teutônicos construíram fortificações e fundaram vilas na região, mas suas ambições de independência os colocaram em posição de conflito com a monarquia húngara e, em 1225 o mesmo rei André II que havia os instalado lá, os expulsou da região.¹⁹⁷ Mesmo antes disso, em 1085, o rei húngaro Salomão havia

¹⁹⁵ HALPERIN, Charles. *Op cit*, 2000. p. 233

¹⁹⁶ TIMOKHIN, Dmitry. TISHIN, Vladimir. Khwarezm, the Eastern Kipchaks and Volga Bulgaria in the Late 12–early 13th Centuries. In: MIRGALEEV, I M.; HAUTALA, Roman (Orgs.). **The Golden Horde in world history**. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017. p. 25-35.

¹⁹⁷ ENGEL, Pál. **The Realm of St. Stephen, a History of Medieval Hungary 895-1526**. Londres: I.B. Tauris, 2001. p. 90.

casado com uma princesa dos recém chegados kipchaks e empregado-os em uma guerra contra seu primo, mas eles foram derrotados e expulsos da região pelo próximo século.¹⁹⁸

Ao longo de sua existência como uma confederação politicamente independente, os cumano-kipchaks mantiveram sua estrutura sem uma administração centralizada. Como os pechenegues, eles se organizavam em uma miríade de unidades menores, cada uma com suas respectivas lideranças tribais, mas em uma escala significativamente maior tendo em vista sua longa extensão territorial. Nas décadas iniciais do século XIII, Golden argumenta, uma centralização do poder parecia estar se formando na figura do chefe tribal Yurgi, descrito como o “maior de todos os polovci” pelas crônicas rus. Yurgi, contudo, foi morto na Batalha de Kalka em 1223 ao enfrentar a invasão mongol ao lado de vários príncipes rus e, junto dele, tanto a incipiente centralização do poder quanto a unidade política kipchak como um todo.¹⁹⁹

2.3.3 A Regionalização do Poder Regional, a Rus Kievana se Fragmenta

Seguindo o modelo de “colonização” do território rus de Vladimir I, diversos centros urbanos cresceram e tomaram proeminência na Rus Kievana, mas por todo século XI e início do XII, Kiev manteve sua primazia. Cidades como Pereiaslav, Vladimir-no-Klyazma e Chernigov tornaram-se importantes centros de poder principescos, mas o grão-principado manteve-se prerrogativa do governante de Kiev até meados do século XII.

A sucessão do governante não parece ter seguido um modelo completamente padronizado na Rus Kievana, mas Franklin aponta um modelo geral, que segue primeiro a linha horizontal, passando de irmão mais velho para mais novo e vertical na troca de gerações. Com três trocas geracionais entre a morte de Vladimir I em 1015 e de seu neto Vladimir II Monômaco em 1125, cada troca seguiu um modelo próprio de acordo com suas respectivas circunstâncias e personagens. De modo geral, cabia ao grão-príncipe de Kiev designar os príncipes das outras cidades, com cidades de maior importância sendo praticamente postos de espera para a sucessão do grão-principado. Uma das únicas regras sucessórias melhor delimitadas dita que o príncipe de Kiev deveria ser filho de alguém que já tivesse ocupado a posição, diminuindo significativamente a quantidade de aspirantes ao trono, mas de modo algum eliminando a competição.²⁰⁰

¹⁹⁸ HALPERIN, Charles. *Op Cit*, 2000. p. 235.

¹⁹⁹ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992. p. 277-281.

²⁰⁰ FRANKLIN, Simon. *Op Cit*, 2006. p. 73-97.

Neste processo de consolidação da Rus Kievana como uma monarquia regional, os príncipes se mantiveram como senhores de guerra de uma elite guerreira tanto quanto, se não mais, que seus antepassados que desciam os rios russos em busca do comércio da estepe e árabo-bizantino. Em torno desses príncipes, portanto, se consolidou também a *druzhina*, a comitiva militar que os acompanhava e representava muito de seu poder. A *druzhina* não era apenas o poderio militar de um príncipe, mas também era funcionava como a sua corte e, com a complexificação dos apanágios principescos, passou a assumir funções administrativas, como escribas ou representantes regionais para governar ou cobrar tributos, especialmente com esse desenvolvimento urbano mencionado acima.²⁰¹

O recorte de Franklin se limita à morte de Vladimir II em 1125 pois, Monômaco rompe com a tradição estabelecida até então e, no momento da troca geracional em sua sucessão como primo filho do irmão mais novo, o trono deveria ir para um de seus primos de segundo grau, filhos de seus primos sêniores. Ao invés disso, Vladimir II buscou fixar a sucessão apenas entre a sua própria linhagem. A ascensão de Vladimir já havia rompido com a hierarquia horizontal ao pular seu primo Oleg como punição por ter se recusado a participar de uma campanha contra os polovtsianos.²⁰²

Oleg e Vladimir pertenciam à segunda geração que seguiu Iaroslav I, o Sábio, filho mais novo de Vladimir I e quem praticamente institucionalizou a sucessão horizontal. Iaroslav também havia deixado três patrimônios próximos a Kiev, um para cada um de seus filhos sobreviventes: Turov para Iziaslav; Chernigov para Sviatoslav e Pereiaslavl para Vsevolod; patrimônios esses que seriam mantidos pelo príncipe ao assumir o grão principado, garantindo assim superioridade sobre os outros ao governante de Kiev. Cada uma dessas cidades garantia considerável apoio militar ao seu detentor e Oleg, filho de Sviatoslav, foi também alienado de seu patrimônio, Chernigov, como punição.²⁰³

Monômaco então organizou para que fosse sucedido por seu filho Mstislav, depois pelo seu outro filho Iaropolk e, depois dele pelos filhos de Mstislav ignorando os irmãos mais novos de Mstislav e Iaropolk e suas respectivas linhagens, assim como descendentes de seus primos. Um conflito pela sucessão de Iaropolk, explodiu imediatamente após a morte de Mstislav, entre os filhos excluídos de Vladimir II e os sobrinhos deles, os filhos de Mstislav (netos de Vladimir II), beneficiados pelo avô.²⁰⁴

²⁰¹ FRANKLIN, Simon. *Op Cit*, 2006. 81-88.

²⁰² DIMNIK, Martin. The Rus' Principalities (1125-1246) In: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006. p. 98-100.

²⁰³ Ibid. p. 99.

²⁰⁴ Ibid. p. 101-107

Assim, a rus se lançou em duas décadas de guerras entre irmãos, primos, tios e sobrinhos pelo controle de Kiev, disputada entre os descendentes Mstislav e os outros filhos de Vladimir II, bem como príncipes de outras linhagens, como Vsevolod Olegovich,²⁰⁵ que havia retomado o patrimônio de Chernigov que havia sido privado de seu pai. Vsevolod, em determinado momento, tomou controle da cidade, mas seu sucessor não conseguiu se manter no controle e foi removido pela população kievana em favor de Iziaslav, filho de Mstislav. Mais príncipes de Kiev foram removidos ou assassinados pela própria população da cidade, como no assassinato de Iurii Dolgorukii, um dos filhos deserdados de Vladimir II, que conseguiu assegurar o domínio sobre a cidade mas foi envenenado em um banquete.²⁰⁶

MAPA - 8 Os Principados Rus no século XIII.²⁰⁷



Uma postura diferente foi tomada pelo filho de Iurii, Andrey Bogolyubsky, que ao invés de tentar se instalar em Kiev e ser assassinado como o pai, buscou instalar príncipes

²⁰⁵ Filho de Oleg que havia sido punido (não confundir com Vsevolod pai de Vladimir II que recebeu Pereiaslavl), detinha a senioridade, mas havia sido privado da sucessão e da legitimidade quando a sucessão pulou seu pai.

²⁰⁶ DIMNIK, Martin. *Op Cit*, 2006. p. 104-106.

²⁰⁷ *Ibid.* p. 124. Adaptado.

marionetes na cidade. Também teve sucesso, ele instalou um de seus irmãos no comando da cidade, mas este também foi assassinado na cidade e outros recusaram a “honra”. Depois disso, Andrey voltou seus esforços, com notável sucesso, para elevar seu centro de poder, a região da Suzdália, em valor político, cultural e eclesiástico. Ele não conseguiu superar Kiev em importância simbólica, mas à época de sua morte, o principado de Vladimir-Suzdália, formado pelo próprio Andrey com a elevação da cidade de Vladimir-no-Klyazma ao status de capital, era o mais forte das terras rus.²⁰⁸

Nos séculos que passaram a cristianização da Rus Kievana, os búlgaros do Volga também não foram esquecidos. Apesar de sua presença nas fontes em geral diminuir, Golden demonstra que eles permaneceram parte importante do sistema de mercados eurasiáticos, continuando um ponto central nas rotas que iam de leste a oeste e, especialmente de norte a sul, conectando o mundo muçulmano centro e sudoeste asiático aos fornecedores árticos de peles. Ao longo desse tempo, os búlgaros islamizados do Médio Volga demonstraram um significativo desenvolvimento urbano, com uma série de importantes cidades comerciais crescendo sob sua égide. Ainda assim, a *Cultura Política Nômade* parece ter sido conservada, não só em no nomadismo ritualístico das camadas dominantes da sociedade, como o governante e seus seguidores, mas na manutenção do pastoralismo em larga escala e das organizações sócio-políticas e econômicas pertinentes, como o pagamento de tributos em forma de animais e modelos de herança.²⁰⁹

Depois da campanha abortada de Vladimir em 985, poucos grandes conflitos parecem ter se dado entre a Rus Kievana e Volga Bulgária, a maioria dos embates sendo campanhas de menores escalas para resolver disputas comerciais. Um exemplo de embate rus-búlgaro ao longo século XII serve de exemplo da manutenção e condução das relações rus com as estepes mais de um século após sua cristianização e sua manifesta virada para o “ocidente”: Os Búlgaros teriam, em 1117, envenenado um grupo de chefes kipchaks que se aliaram aos rus para atacá-los. Ayub Khan, um dos chefes envenenados, tinha casado sua filha com um filho de Vladimir II Monômaco, grão-príncipe de Kiev. O filho do casal, Andrey Bogolyubsky teria conduzido uma série de campanhas retaliatórias contra os búlgaros. Durante seu principado, Andrey elevou o principado de Vladimir-Suzdália ao mais poderoso dos principados de uma cada vez mais fragmentada Rus Kievana, inclusive liderando uma campanha contra a própria Kiev em 1169 que resultou em um saque da cidade. Sua esposa, de origem búlgara, teve um papel central em seu assassinato em 1174 pelos “males que ele

²⁰⁸ DIMNIK, Martin. *Op Cit*, 2006. 110-112.

²⁰⁹ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 1992. p. 253-257.

cometeu contra os búlgaros⁷. O irmão de Andrey iniciou uma nova campanha contra os vizinhos do Volga e o conflito se estendeu até as primeiras décadas do século seguinte, sendo interrompido pela tormentosa chegada dos mongóis.²¹⁰

A história da vida de Andrey Bogolyubsky nos apresenta, ainda ao longo do século XII — às vésperas da invasão mongol, descrita com imensa estranheza em relação à nova onda de exércitos nômades pelos cronistas rus, como veremos adiante — ao menos dois casamentos dinásticos com duas sociedades nômades das estepes distintas — uma delas muçulmana, inclusive — alianças e conflitos militares e tentativas diplomáticas de resolução desses conflitos, como certamente foi o casamento de Andrey a uma mulher búlgara.

Desde a formação da Rus Kievana e ao longo desse período, os boiardos, os guerreiros que formavam os altos escalões da *druzhina*, ao serem instalados como governantes regionais ou receberem posses como recompensas, transformaram-se em uma espécie de nobreza territorial com identificações regionais que contribuíram para essa fragmentação política. Essa camada social alcançou, em diferentes medidas através dos vários principados, grandes níveis de influência, como no caso da rejeição ou favor explícitos da elite kievana a alguns príncipes que se instalaram na cidade ou na formação da república de Novgorod, que passou a ser governada pela *veche*, uma assembléia formada pelos boiardos locais.²¹¹

Assim, ao longo do século XII, diversas disputas dinásticas como as mencionadas anteriormente resultaram em na fragmentação política da Rus Kievana, com cerca de uma dezena de principados relativamente independentes entre si emergindo ainda sob o domínio, ao menos nominal, da dinastia Rurikda e simbólico de Kiev.

2.3.4 Fragmentação do Reino Rus, o Caso de Novgorod

De modo algum, a *veche* significou a ausência de um príncipe em Novgorod, mas sim, a limitação de seus poderes pela assembléia em variados graus ao longo do tempo. V.L. Ianin remonta as origens da *veche* e do “republicanismo” novgorodiano ao *Convite dos Varangianos* e a chegada de Rurik às terras que viriam a se tornar a Rus. Já ao convidar o príncipe estrangeiro para ser seu governante, os povos nativos da região — onde eventualmente Novgorod se formou ao longo do século seguinte — teriam imposto limites ao seu poder como parte do acordo. Este também teria sido o motivo para os sucessores de

²¹⁰ GOLDEN, Peter. *Op Cit*, 1992. P. 257-258.

²¹¹ MÜHLE, Edward. *Op Cit*, 2023. p. 230.

Rurik, i.e. Oleg e Igor, terem deixado a região do lago Ilmen e buscado outra sede de poder, Kiev, tomada através da conquista e sem as restrições do convite. Independentemente da precisão factual do Convite ou da atribuição de limites ao governo no ato, Ianin afirma que os próprios novgorodianos usavam esse argumento como um precedente ao contestar as vontades e autoridade principesca, especialmente ao evocar o direito de escolher seu próprio príncipe.²¹²

A organização de Novgorod como uma cidade teria sido resultado dos esforços da princesa regente Olga, viúva de Igor, no processo de consolidar e institucionalizar os domínios rus depois da morte de seu marido em 945. A região logo ao norte de Riurikovo Gorodische, até meados do século X, teria sido formada por três assentamentos de diferentes origens étnicas da região que se instalaram ali pelas vantagens comerciais e foram construídos relativamente próximos uns dos outros, mas separados por áreas desabitadas. Após a (re)conquista da região por Olga, um processo de urbanização teria unificado os três assentamentos que viraram os distritos da recém-criada Novgorod (*Novyi gorod* — “Nova Cidade” em russo). Os governantes desses distritos seriam os boiardos descendentes dos chefes tribais que convocaram Rurik para governá-los e teriam as mesmas prerrogativas que seus antepassados, de acordo com Ianin.²¹³

A restrição mais importante aos príncipes de Novgorod teria sido a proibição da coleta de impostos na região, função essa que caberia aos próprios boiardos novgorodianos de realizar e pagar ao príncipe um valor como remuneração pelos serviços prestados à cidade. Esses serviços eram, essencialmente, a função de juiz supremo na cidade, mas essa função foi também diminuindo conforme os boiardos juntavam maior poder político. Na época da morte de Vladimir I, em 1015, seu filho Iaroslav era o príncipe de Novgorod e foi com o apoio da cidade que ele conquistou o trono de Kiev. Como recompensa, Iaroslav I concedeu novos privilégios à cidade, como a isenção dos boiardos de responder à jurisdição de um príncipe enquanto o restante da cidade continuava sob a jurisdição principesca. Durante o grão-principado de Vladimir II Monômaco, seu filho Mstislav foi colocado como príncipe de Novgorod ainda menor de idade e os boiardos instituíram um *posadnik*²¹⁴ escolhido por eles como regente. Nesse período, os príncipes também foram proibidos de ter posses dentro da cidade e sua morada foi retornada para Gorodische. De 1117 a 1132, Mstislav foi sucedido

²¹² IANIN, V. L. Medieval Novgorod. In: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006. p. 189-194.

²¹³ Ibid. p. 192.

²¹⁴ Termo usado até então para os governadores enviados por Kiev, agora, no caso de Novgorod, escolhido pelos boiardos.

por seu filho Vsevolod no trono novgorodiano e, mais uma vez, os boiardos estenderam seu poder, limitando o papel do príncipe como juiz à sanção do *posadnik*, reduzindo-o a um representante dos boiardos.²¹⁵

Ao longo de todo esse tempo, os novgorodianos sempre fizeram questão de ressaltar e exercer sua prerrogativa de escolher e convidar seu próprio príncipe, reservando também o direito de dispensá-lo, caso necessário. Essa, quase que paradoxal, imposição da vontade boiarda simultânea ao respeito à instituição principesca pode ser percebida no episódio da expulsão de Vsevolod Mstislavich em sua segunda vez como príncipe da cidade. A Crônica de Novgorod conta que, no ano de 1136:

Os homens de Novgorod convocaram os homens de Pleskov e de Ladoga e se aconselharam sobre como expulsar seu *Kniaz* Vsevolod, e eles o confinaram à corte do bispo, junto de sua esposa e filhos e sogra, no dia 28 de maio, e guardas armados o vigiaram dia e noite, trinta homens diariamente; e ele ficou dois meses e eles o deixaram ir embora da cidade no dia 15 de julho e eles receberam seu filho Volodimir. E eles fizeram essas críticas: I. Ele não se importa com os servos; II. Por que desejastes tomar teu assento em Pereyeslavl? III. Tu cavalgaste para longe da tropa na frente de todos e, apesar de muita vacilação, ordenou-nos primeiro a avançar contra Vsevolodko e depois de novo a recuar; e eles não o deixaram ir até que outro *Kniaz* viesse. (Tradução nossa)²¹⁶

Ao longo do século XII, Novgorod se destacou economicamente entre as cidades rus, tanto pelo seu posicionamento geográfico quanto pela sua organização singular. Com uma patrimonialização da cidade nos domínios boiardos, eles a transformaram em um importante centro comercial e de produção artesanal que os tornou muito ricos. A região em torno da cidade, muito pantanosa, era pobre em materiais como minerais e madeiras nobres, mas rica em outros produtos de exportação: como as mesmas peles raras que atraíram os primeiros escandinavos quatro séculos antes, mel, cera e peixes raros. Além disso, ainda era o único caminho rus diretamente para o Mar Báltico, de modo que muito do comércio voltado para o norte e para o oeste passava por lá. Assim, de meados desse século em diante, boa parte da política militar de Novgorod era voltada a defender-se dos interesses dos outros principados que voltavam suas atenções para suas riquezas, especialmente Vladimir-Suzdália.²¹⁷

²¹⁵ Ibid. p. 194-195.

²¹⁶ THE CHRONICLE *Op Cit*, 1914. p. 14.

²¹⁷ IANIN, V. L. *Op Cit*, 2006. p. 196.

2.4 INTERLÚDIO — A PERIFERIA DA REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA ÀS VÉSPERAS DO *YEKE MONGTOL ULUS*

O Califado Abássida, estabelecido em 750 com a derrocada de seu antecessor Omíada, manteve um domínio estável sobre o mundo islâmico por cerca de um século, encontrava-se fragilizado nas décadas finais do século IX e diversos poderes semi-independentes começaram a se estabelecer em seus domínios, nominalmente sob a autoridade do califa mas, muitas vezes os mantendo como fantoches. O mundo islâmico nunca mais ostentou tamanha unificação política sob a autoridade califal.

Em meados do século XI, porém, grande parte dos territórios asiáticos de maioria muçulmana foi novamente unificado sob a autoridade dos turcos seljúcidas que, há algumas gerações serviam como as principais forças militares na região. Os seljúcidas estenderam sua autoridade da costa do Levante aos pés das Montanhas Pamires e do Cáucaso ao Oceano Índico, mas a maior parte dos poderes independentes que se formaram no período anterior mantiveram sua unidade política sob essa nova autoridade.

O nordeste asiático, por sua vez, em meados do século IX, também via o esfacelamento de uma grande unidade política que havia dominado a região de forma unificada. O fim do Kaghanato Uighur em 840 deu origem a uma miríade de confederações nômades competindo pelo poder nas estepes orientais. Seu herdeiro de maior sucesso foi o Khanato Karakhanida, que dominou as estepes e as cidades das rotas comerciais entre o Mar de Aral e as Montanhas Tian Shan, eventualmente também entrando na esfera de influência Seljúcida no final do século XI.

As repercussões do fim do Kaghanato Uighur culminaram, no leste asiático, na derrocada da Dinastia Tang pelas mãos do Khanato Khitan, nômades das estepes da Manchúria que dominaram a região e fundaram a dinastia Liáo-Khitan em 916, compreendendo o norte da China, a Manchúria e a Mongólia. A Dinastia Liáo foi um dos primeiros exemplos de conquista nômade de um território sedentário e assimilação aos costumes e tradições locais, tendo se tornado uma verdadeira dinastia chinesa para os olhares internos e externos. O sul da China, por sua vez, também experienciou um processo de trocas dinásticas e viu, nesse período, a consolidação da dinastia Song em seu território.

O fim do Império Carolíngio no final do século IX permitiu que os imperadores bizantinos respirassem aliviados na ausência de um concorrente para o trono imperial do mundo cristão. Mas o ressurgimento de aspirações imperiais latinas na figura de Otão I no final do século seguinte e a derrota em Manzikert, às portas da Anatólia, para as forças

seljúcidas em 1071 trouxeram novas preocupações para os governantes de Constâniopla que, como vimos, passaram esse meio tempo profundamente ocupados com o que acontecia ao norte do Mar Negro.

A derrota magiar pelos pechenegues desencadeou mais uma movimentação no sentido oeste por parte dos derrotados, que se lançaram em uma campanha de décadas de ataques e saques por toda Europa, coletando tributos por onde eles passavam, até serem derrotados por Otão I em 955. Os magiares enfim se assentaram na Bacia do Cárpatos, cristianizaram-se e fundaram o Reino da Hungria entre os anos 1000 e 1001.

A partir do final do século X, as terras escandinavas ao norte do Báltico, de onde os colonos rus originalmente partiram para as terras fluviais russas, também passaram por um processo de cristianização e consolidação de reinos cristãos a partir dos reinos “vikings” que se consolidaram no período anterior.

De volta ao extremo leste asiático, a Manchúria, no início do século XII, presenciou a rebelião dos jurchen, uma tribo das florestas da região que, descontente com a autoridade Liáo-Khitan, se lançou em uma campanha contra os governantes nômades sinicizados do norte da China. Em 1115, os jurchens fundaram a sua própria dinastia sinicizada, a Jurchen-Jin, ou, simplesmente, Jin. Frente ao avanço jurchen pelas terras da dinastia Liáo e a incapacidade dos últimos imperadores de reagir, um pequeno grupo de khitans liderados por Yelü Dashi, um príncipe de um ramo menor da família imperial fugiu para o oeste, para a Ásia Central.

Na Ásia Central, Yelü Dashi fundou seu próprio império, o Qara-Khitai, que rapidamente conquistou os domínios Karakhanidas e passou a competir com os seljúcidas e outros poderes do sudoeste asiático pelo restante da Ásia Central, logo trazendo até os xás da Corásmia para sua égide. Cooperações entre a Corásmia e o Qara-Khitai enfraqueceram profundamente o Império Seljúcida, reduzindo-os a um poder regional entre o Planalto Iraniano e a Mesopotâmia, finalmente repartido entre Corásmio, Aiúbidas e uma série de outros poderes menores ao final do século XII.

No outro lado de seus domínios, os seljúcidas também foram alvo das Cruzadas, que, a partir da década de 1090, permitiram a Bizâncio um breve respiro aliviado enquanto o influxo de exércitos cristãos se instalando no Levante fragilizava o domínio turco no oeste. No início do século XIII, contudo, as ambições cruzadas voltaram-se contra o próprio Império Bizantino, resultando no saque de Constantinopla em 1204, o exílio dos imperadores gregos e a formação do Império Latino na região.

Mais ao norte e oeste, o Sacro Império Romano Germânico se consolidava após a ascensão de Otão I e seus sucessores à figura imperial e, ao menos, uma aspiração universal se formava sobre os territórios latinos da cristandade. Uma das maiores conquistas que a cristandade latina tinha para exibir era o Reino Húngaro, que rapidamente se sedentarizou e assimilou a cultura e modos de vida locais, tornando-se um verdadeiro reino cristão medieval. Ao mesmo tempo, essa cristandade latina voltava seus olhos para o norte do continente, para os territórios pagãos do litoral Báltico, e foi para lá que os Cavaleiros Teutônicos expulsos por André II da Hungria se realocaram e consolidaram um território próprio e independente.

Seria teleológico afirmar que o mundo se preparava para o advento e rápida expansão do Império Mongol ao longo do século XIII, mas, de modo geral, essa era a disposição da geopolítica eurasiática nos séculos que precederam esse evento.

3 NÔMADES DAS ESTEPES COMO AGENTES E PROTAGONISTAS HISTÓRICOS

*Em troca do manto preto de zibelina
eu irei reunir seu povo para você
Seu povo dividido,
Em troca do manto de zibelina,
Eu irei unir para você
Seu povo espalhado. Assim como
O lugar dos rins tem que ser nas costas,
O lugar da boa fé precisa ser no peito*

Toghrul “Wang” Khan

Tendo apresentado e discutido o espaço e alguns dos processos históricos que precederam e levaram ao surgimento da Horda Dourada neste espaço, vamos agora nos voltar para as pessoas que ocupavam esses espaços e foram agentes nesses processos. Mais especificamente, discutiremos a partir de agora, os *Nômades Pastoralistas das Estepes* e a sua *Cultura Política Nômade*. Em razão da problemática e proposta deste trabalho, estes nômades são os protagonistas de nossa história; por causa de sua posição como governantes desses territórios, observaremos como as relações inter e intra societárias se desenvolvem ao redor deles.

Discutiremos como, quando, onde e por quê o nomadismo pastoril das estepes surgiu e desenvolveu-se e o que ele foi, tornou-se, deixou de ser ou continua sendo. Utilizaremos o conceito de *Cultura Política Nômade* como chave de análise para situar e historicizar os diferentes grupos de nômades pastoralistas das estepes em seus respectivos contextos, buscando (quando necessário em razão da escassez de fontes próprias deles) e reconhecendo suas agências e protagonismos nos processos históricos em que eles fizeram parte. Por fim, direcionaremos estes elementos ao contexto específico da Horda Dourada, aplicando essa discussão ao nosso objeto de estudo e como essa lente vai contribuir para a observação dele.

Ao longo de boa parte da História, as populações nômades que cavalgaram pelas estepes eurasiáticas formaram grandes confederações e até impérios ao dominar vastos territórios e sociedades — nômades e sedentárias — não produziram relatos escritos sobre suas experiências, perspectivas e narrativas sobre o mundo, sobre os outros e, especialmente, sobre si mesmos. Uma das raras exceções é a *Mongyol-un niyuca tobci’u*, a “História Secreta dos Mongóis”, a narrativa épica das origens, nascimento, juventude e trajetória de Chinggis Khan, o fundador do Império Mongol. A História Secreta figurará proeminente ao longo da exposição sobre o *Nomadismo Pastoril das Estepes* e a *Cultura Política Nômade* pois serve como um exemplar amplificado sob lentes de microscópio desse fenômeno milenar

observado em todas as sociedades nômades das estepes, mas buscaremos trazer outros exemplos quando possível e pertinente para demonstrar essa dimensão mais ampla que tanto afirmamos.

Ressaltamos, enfim, que ao associar a *Cultura Política Nômade* ao ambiente das estepes eurasiáticas, não estamos defendendo uma abordagem determinista geográfica, mas sim historicizando o espaço: colocando em perspectiva como as características e condições de um espaço geográfico diferente influenciaram na construção de organizações sociais distintas das que estamos acostumados a estudar e, ainda assim, produziram-se uma miríade de variações que, aos seus próprios modelos, ainda fazem parte de um fenômeno comum.

A geografia das estepes difere-se em grande escala das bacias fluviais e das zonas litorâneas em que se formaram e viveram as sociedades agrárias sedentárias que protagonizaram a história escrita e lida por mais de dois mil anos e para quem o estudo da História foi direcionado nos últimos séculos. Estudar a vida humana em sociedade nesse espaço distinto das estepes requer ferramentas próprias e específicas para escapar de vícios analíticos e preconceitos já estabelecidos pelas fontes e mantidos por leituras menos críticas.

James C. Scott²¹⁸ e Christopher Beckwith²¹⁹ dedicaram dois fascinantes capítulos à desconstrução da ideia de primitivismo e selvageria para as populações externas aos grandes centros agrários e urbanos, tradicionalmente reduzidas a *bárbaros* pelos seus contemporâneos sedentários. As proposições e discussões desses autores permeiam toda a exposição deste capítulo — e do trabalho como um todo, na verdade — mas serão mais diretamente aplicadas à parte final da exposição da *Cultura Política Nômade* ao discutirmos aquele que consideramos uma das colunas estruturais dessa *Cultura Política*, a *Economia Política Nômade*.

3.1 NOMADISMO PASTORIL DAS ESTEPES

A compreensão errônea da vida nômade pastoril das estepes como uma forma de vida primitiva ou mesmo que preceda a agricultura é muito comum e predominante fora da área de especialização em estudos nômades, mesmo entre estudiosos da História. Pelo contrário, as teorias melhor aceitas e às quais nos alinhamos compreendem essa forma de nomadismo como um desenvolvimento tecnológico que se dá entre populações que já praticavam a agricultura anteriormente e precisaram se adaptar a mudanças nas condições climáticas que

²¹⁸ SCOTT, James. *Op Cit*, 2017. p. 217-252.

²¹⁹ BECKWITH, Christopher. *Op Cit*, 2009. p. 320-355.

diminuíram largamente a produção agrícola. Anatoly Khazanov defende que o nomadismo pastoralista se desenvolveu (e só poderia ter se desenvolvido) de populações agrárias que, com excedentes alimentares dessa produção agrícola, começaram a domesticar animais herbívoros, possibilitando a criação de animais de gado em conjunto com a produção agrícola e, portanto, o pastoralismo sedentário. Mas até a possibilidade e necessidade do pastoralismo nômade, ou mesmo semi-nomádico, muito tempo e mais desenvolvimentos tecnológicos foram necessários.²²⁰

Assim como a transição de modos de vida de caçadores e coletores para modos de vida agrários não foi automática ou uma necessidade e desenvolvimento comum em toda a humanidade, a transição do pastoralismo sedentário para o nômade também não foi um processo automático ou uma necessidade generalizada entre pastoralistas. Em ambos os casos houve fatores específicos que tornaram essa mudança necessária ou ao menos possível — no caso pastoralista nômade foram ambos. Essas necessidades e possibilidades para o pastoralismo nômade surgiram e se desenvolveram justamente no espaço das estepes euroasiáticas, ao longo dos milênios que precederam o primeiro milênio a.C.

De acordo com Khazanov, os primeiros traços de uma economia produtora de alimentos nos territórios de estepe e proximidades datam de meados do terceiro milênio a.C. e sua distribuição na região se consolidou ao longo do milênio seguinte, muito provavelmente na forma de agro-pastoralismo. Nessas economias produtoras de alimentos, as condições para a geração do pastoralismo nômade foram sendo desenvolvidas e alcançadas muito antes da necessidade do desenvolvimento desta forma específica de organização social e sua respectiva economia:

Todas as precondições tecnológicas necessárias para o nomadismo pastoral: rebanhos compostos por espécies correspondentes; prática duradoura de formas móveis e extensivas de pastoralismo; consumo de laticínios; transporte com rodas movido por animais; e a cavalaria aparece nas estepes europeias e cazaques o mais tardar em meados do segundo milênio a.C.. Mas nenhuma transformação correspondente nas “culturas do bronze da estepe” pode ser observada. Uma mudança mais notável só se dá entre o segundo e o primeiro milênio a.C. quando a vida nos povoamentos do período anterior cessa, quando novas culturas arqueológicas, que deixaram traços explícitos de cavalaria e nomadismo aparecem, e quando os autores da antiguidade chamam os habitantes da estepe de “bebedores de leite” e “ordenhadores de éguas”, e logo depois por nomes específicos — os Cimérios, Citas, Sakas e outros. (Tradução nossa)²²¹

²²⁰ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 1994. p. 85-118.

²²¹ *Ibid.* p. 94.

Entre o segundo e o primeiro milênio a.C., na sequência, a paleoclimatologia indica um ressecamento da zona de estepes que, até então, eram mais úmidas e férteis e capazes de sustentar a agricultura. Com a perda dessas propriedades, as estepes assumiram as características que têm até hoje, com um solo seco e pouco fértil, em sua maior parte incapaz de render uma produção agrícola relevante e coberta quase completamente de vegetação gramínea. Essas mudanças exigiram que os habitantes da região se adaptassem e desenvolvessem novas formas de sobreviver ali.²²²

Só então pode surgir de fato o nomadismo pastoril das estepes, como o desenvolvimento de modelos anteriores para as novas condições climáticas, muito mais dependente do pastoreio de rebanhos de gado cada vez maiores, muito menos dependente da agricultura e muito mais móvel. Os animais alimentam-se da grama da estepe e os nômades alimentam-se tanto dos animais quanto dos produtos vindos deles, aproveitando quase completamente tudo que poderia ser extraído. Khazanov defende que o Nomadismo Pastoralista não se desenvolveu em um lugar específico da estepe e se expandiu para outros espaços. Para ele, o nomadismo se desenvolveu em diferentes pontos do amplo ambiente de estepes e a forma semelhante de vida, com necessidades e prioridades semelhantes pelas condições climáticas e geográficas em comum e o contato constante entre esses “pastoralistas incipientes” possibilitado pela grande mobilidade nômade fizeram com o Nomadismo Pastoralista se desenvolvesse com uma relativa homogeneidade através de toda a Estepe Eurasiática.²²³

A mobilidade não é aleatória, ela é organizada, planejada e cíclica, geralmente em sentido latitudinal, migrando-se para o sul no inverno e para o norte no verão para fugir das temperaturas extremas das estepes. Mas a motivação principal e que a torna essencial é a necessidade de levar o gado para novas pastagens quando os pastos atuais estiverem exauridos, não só para que os animais tenham sempre o que comer, mas também atentando para mover-se antes de exaurir o solo atual para que o pasto possa se recuperar para ser utilizado novamente futuro. Deixar os animais tempo demais no mesmo espaço pode prejudicar o solo a longo prazo, impossibilitando o retorno na próxima temporada.²²⁴

Os animais que compõem esses rebanhos são conhecidos como os “cinco focinhos” e são, em ordem de importância: cavalos, ovelhas, bodes, bovinos e camelos. Os cavalos são o principal entre os animais que compõem os rebanhos dos nômades das estepes por sua grande

²²² KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 1994. p. 90-95.

²²³ *Ibid.* p. 85-95.

²²⁴ MAY, Timothy Michael. **Culture and customs of Mongolia**. Westport, Conn Greenwood Press, 2009. p. 33-34.

versatilidade de funções e abundância. Eles são desde ferramentas de trabalho, sendo cavalgados na caça, no pastoreio e nas viagens, como fontes de alimentos: o leite é bebido, fermentado na tradicional bebida alcoólica nômade — a *kumis* túrquica ou *airag* mongol — ou transformado em queijo; a carne também é frequentemente consumida, bem como o couro é utilizado e até a crina muitas vezes era usada como corda para os arcos recurvos desses povos. Os cavalos antes da domesticação e recém domesticados eram significativamente menores, não podendo serem montados. A reprodução seletiva deu origem a cavalos maiores, capazes de carregar homens adultos. A possibilidade de pastorear o gado montado em um cavalo permitiu a manutenção de rebanhos muito maiores que um pastor a pé pelo campo de visão aumentado pela altura e pela maior velocidade para se mover entre tantos animais. Além do cavalo, o gado bovino e os camelos também atuavam como animais de carga, puxando carroças ou mesmo carregando fardos. Além da carga, os camelos também são excelentes fontes de lã, produzindo quantidades imensas deste produto essencial para a fabricação de roupas, tapetes, cobertas e até das paredes das tendas de feltro nômades, feitas com lã compactada.²²⁵

Praticamente tudo que os animais produzem enquanto vivos e quando mortos era aproveitado pelos povos nômades na pré-modernidade em forma de alimento ou matéria prima para a produção artesanal, até o esterco era utilizado como combustível para as fogueiras nestas terras carentes de árvores para se produzir lenha. Além disso, era necessária uma rotatividade dos animais nos campos, pois animais de diferentes tamanhos consomem pastos de diferentes alturas: um camelo que mede até dois metros na boca vai se alimentar de grama em uma altura diferente de uma cabra com cerca de 50 centímetros de altura. Mas todo esse gado existia para sustentar toda uma complexa sociedade, ou melhor, uma pluralidade de sociedades nômades pastoralistas estepárias.

Quando falamos em nômades pastoralistas das estepes euroasiáticas, podemos dividi-los em três grandes grupos étnico-linguísticos: iranianos, turcomanos (também chamados de túrquicos ou mesmo apenas turcos) e mongóis. Os iranianos, como os citas e cimérios, foram os primeiros a criar grandes confederações e entrar em contato com o mundo sedentário urbanizado, mas sua presença na estepe se concentra principalmente no recorte temporal da antiguidade clássica, pois, ao longo do primeiro milênio d.C., esses povos foram gradualmente absorvidos pela crescente presença túrquica nas estepes ocidentais. Desde meados do primeiro milênio d.C., os povos túrquicos tendem a se encontrar mais

²²⁵ MAY, Timothy Michael. *Op Cit*, 2009. p. 34-37.

concentrados ao oeste e os mongóis ao leste, mas não existe uma divisão geográfica e política rígida entre eles. Mais frequentemente que não, é possível encontrar indivíduos e grupos mongóis no oeste e principalmente túrquicos no leste, com frequentes e costumeiras relações entre eles: diplomáticas, de trocas, de violência e casamento. Por isso é comum usar a denominação “Turco-Mongol” para agrupar todos.²²⁶ Os nomes usados atualmente, “Turco” e “Mongol” têm origem nas estruturas políticas de maiores dimensões criadas e lideradas por representantes dos seus respectivos grupos etno-linguísticos, especificamente os Kaghanatos Turcos dos séculos VI ao VIII e o Império Mongol do Século XIII; mas dentro dessas denominações existem uma infinidade de outras identificações étnico, culturais e políticas.²²⁷

As populações nômades têm uma organização social normalmente chamada de “tribal” que se estende em variados níveis e modalidades de pertencimento, identificação e aglutinação de grupos menores. Não existe um consenso historiográfico na terminologia que descreve esses vários níveis, e as traduções das línguas nativas nômades para o inglês ou para outras línguas posteriormente traduzidas para o inglês — que representa a maior parte da bibliografia consultada neste trabalho — geram uma variedade de termos usados. Não é incomum até que o mesmo autor utilize intercaladamente diferentes termos como “tribo”, “nação” e “povo” para se referir ao mesmo fenômeno. Utilizaremos neste trabalho uma terminologia própria, cunhada a partir das proposições de diversos autores, buscando os principais pontos de concordância entre eles, para. Essa terminologia tem fins majoritariamente didáticos para organizar a discussão e não necessariamente reflete a realidade social histórica ou uma percepção própria dos povos nômades sobre eles mesmos.

A menor unidade de organização social entre os povos nômades é a família, composta, geralmente, por pais, filhos crianças e adolescentes e possivelmente avós viúvas. Homens de maior status e posses frequentemente eram poligâmicos, e essa diferenciação começa a ficar nublada. A família estendida viveria próxima, com irmãos, tios e filhos adultos casados morando nos arredores para compartilhar recursos e proteção.²²⁸ Acima das unidades familiares, figura-se o “Clã”, ainda relativamente composto por laços familiares, mas já mais distantes e começam a se fortalecer também as relações políticas e laços de juramento e amizade — as amizades juramentadas de *andas* e *nökers* serão abordadas na sequência — têm uma importância tão grande quanto os laços familiares. Acima do clã, está a “tribo”, que também é comumente chamada de “povo” ou até “nação”. Utilizaremos ,

²²⁶ LANE, George. **Daily life in the Mongol empire**. Westport, Conn: Greenwood Press, 2006. p. 14-15.

²²⁷ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 2003d. p. 39-40.

²²⁸ MAY, Timothy Michael. *Op Cit*, 2009 p. 37-39.

“tribo” e “povo”, com uma breve ressalva que “tribo” representa uma maior unidade política entre os clãs que a compõem, enquanto “povo” não pressupõe essa unidade, mas também não necessariamente a nega. “Nação” reservamos para estruturas maiores que envolvam diferentes tribos ou povos. Assim, uma entidade política que envolve várias tribos ou povos consideraremos uma “confederação”, e na existência de um projeto político de homogeneização cultural e rompimento de laços tribais anteriores, como feito por Chinggis Khan no século XIII, também utilizaremos o termo “nação”. A classificação “império” por fim, será guardada para aquelas confederações nômades que estabelecem autoridade direta sobre um espaço sedentário entre seus súditos.²²⁹

A título de exemplo, Chinggis Khan, o fundador da *Grande Nação Mongol*, fazia parte da família Kiyat, no clã Borjigin, da tribo mongol. Quando seu pai Yesügei foi assassinado por inimigos, da tribo tártara, os clãs do povo mongol se espalharam pelas estepes até que Chinggis, que ainda usava o nome de nascença Temüjin, reunisse a tribo, e depois unificasse todas as outras tribos (mongóis no sentido mais amplo de viver na mongólia ou falar uma língua mongol), como naimanes e keraítes sob seu estandarte. Depois disso, com a conquista do norte da China e da Ásia Central, de fato formou um império.

Lembrando que essa é apenas uma terminologia cunhada para ser empregada nesta análise, adaptando conceitos ocidentais/sedentários que podem ser vistos como paralelos aos nativos, mas não dão conta, necessariamente, da realidade social e histórica desses povos e de sua percepção sobre si mesmos e nem mesmo a recíproca, com essas realidades e percepções encaixando-se perfeitamente nesses conceitos ocidentais. Essa terminologia é, por fim, provisória, pretendemos revisitá-la no futuro e estudar melhor a possibilidade do uso dos próprios termos nativos que dizem respeito às várias esferas da organização sociopolítica dos povos nômades. Alguns já estão sendo usados neste trabalho: como o emprego da classificação da romanização “Kaghanato” a entidades que utilizaram suas versões nativas mas frequentemente são chamadas de impérios ou o termo *ulus* para compôr o nome das entidades políticas mongóis (*Yeke Mongyol Ulus*, *Jochi Ulus*), como de fato era usado nos documentos contemporâneos, mas existe a compreensão de *ulus* como o apanágio, às posses hereditárias e coletivas do clã imperial (ou suas subdivisões dinásticas como a Horda Dourada), e não exatamente à uma categoria de organização social.²³⁰

²²⁹ LANE, George. *Op Cit*, 2006. p. 14-30.

²³⁰ BUELL, Paul D. **The A to Z of the Mongol World**. Empire-Rowman and Littlefield Publishing Group Scarecrow Press, 2003. p. 365.

Neste sentido, um argumento pode ser feito que, para os povos nômades, este apanágio representava as pessoas e rebanhos sob o comando do clã imperial, e não necessariamente terras ou bens, de modo que pode ser utilizado para nomear uma entidade política específica (confederação, tribo, khanato) associada àquele clã governante, como temos feito até aqui. Quando existe o uso de títulos *khan* e *kaghan* é atestado, também podemos utilizar os nomes romanizados “khanato” e “kaghanato” para nos referirmos à entidade política governada pelos detentores destes títulos; em geral, o khanato seria equivalente a uma tribo ou uma confederação, dependendo de sua extensão, enquanto um kaghanato seria equivalente a confederações de maior porte ou o que temos chamado de império, mas é importante atentar para o uso ou não desses termos à época. Por exemplo, não existe um uso atestado de *khan* entre os citas ou xiōngnú, ao mesmo tempo, na *História Secreta dos Mongóis* é atribuído o título de “Kaghan” a Chinggis, mas tudo indica que isso tenha sido uma edição póstuma em edições sob a Dinastia Yuán,²³¹ o que abre espaço para uma série de novas discussões sobre qual perspectiva aceitar e qual uso fazer.²³²

Uma breve consideração a ser feita e antes de avançar para a discussão da Cultura Política Nômade propriamente dita é sobre o lugar da violência entre os povos nômades das estepes. Esses povos são tradicionalmente lembrados como extremamente cruéis, selvagens e bárbaros, e com frequência, apenas por isso.²³³ Muito pelo contrário, uma leitura mais crítica das fontes, atenta para o viés de autores que se encontravam do outro lado e geralmente muito longe da fronteira entre a estepe e as terras agrárias, fica claro que as incursões nomádicas contra povos sedentários eram planejadas, calculadas e tinham objetivos muito claros.²³⁴

O mesmo pode ser dito sobre a violência interna à sociedade nômade, como pode ser observado principalmente na *História Secreta dos Mongóis*, na narrativa da juventude de Temüjin nas estepes.²³⁵ Além disso, com a mesma frequência que os nômades lançavam incursões contra os sedentários, estes o faziam contra os nômades. Ambos os casos geralmente faziam parte de longas relações intermitentes de guerra e paz, não sendo prerrogativa ou monopólio de nenhum lado o início das hostilidades, ainda que a iniciativa econômica e política frequentemente estivesse no lado sedentário. Mais sobre a prática, papel e importância da guerra na Cultura Política Nômade será discutido na sequência.

²³¹ THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. vii-xiii.

²³² KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 1994. p. 119-123.

²³³ BIRAN, Michal. Introduction: Nomadic Culture. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015a.

²³⁴ SCOTT, James C. *Op Cit*, 2017.

²³⁵ THE SECRET. *Op Cit*, 2015.

3.2 CULTURA POLÍTICA NÔMADE

A *Cultura Política Nômade*, como a compreendemos a partir das exposições de autores como Khazanov,²³⁶ Biran,²³⁷ e Golden²³⁸ acompanhadas da maior parte da bibliografia estudada para este e anteriores trabalhos, pode ser definida como: um desenvolvimento tecnológico cultural, político e social que seguiu o surgimento do nomadismo pastoril das estepes como forma de organização e regulação dessas sociedades tão móveis. Ela se fez cada vez mais necessária conforme essas populações, já vivendo de forma nômade, começaram se organizar em sociedades com maiores níveis de estratificação social, centralização política e em grupos cada vez maiores sob essa autoridade centralizada. Mas continua presente em contextos de desagregação dessas grandes unidades e reorganização social em estruturas menores.

Essa nova ordenação social, com a consolidação do modo de vida nômade pastoralista, demandava desenvolvimentos específicos para criar e manter a ordem social: sistemas de valor simbólico, político e cultural usados para a legitimação dos governantes e regulamentação social, relacionados à vida nas estepes e próprios para essa vida extremamente móvel, sobre uma sela montada em um cavalo que acompanha enormes rebanhos de caprinos, bovinos e até camelos.

Esses elementos são presentes, em diferentes graus e intensidades, em praticamente todas as sociedades nômades das estepes que possuímos registros suficientes para identificá-los, respeitando adaptações através do tempo, do espaço e de acordo com outros grupos que determinada sociedade nômade teve contato. Os elementos grifados são alguns dos mais notáveis que podem ser reconhecidos na confederação, império e Khanatos mongóis dos séculos XIII ao XV através da Eurásia, cerca de dois milênios depois do aparecimento e estabelecimento citas nas estepes Pôntico-Cáspias, por exemplo.

O fenômeno da *Cultura Política Nômade*, conforme defendem os especialistas apontados, estende-se na *Longue durée* por milênios, compreendendo os povos nômades das estepes desde sua concepção até, ao menos, a entrada do mundo na Era Moderna — e possivelmente ainda além, na transição da Modernidade para a Contemporaneidade com o fim dos “Khanatos da Pólvora”²³⁹ —, adaptando-se ao longo do caminho para as novas

²³⁶ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015. p. 37-38. KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 1994.

²³⁷ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2015a. p.1-9. AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal (Orgs.). *Op Cit*, 2005. p. 1-11.

²³⁸ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992.

²³⁹ HODGSON, Marshall. *Op Cit*, 2015.

tecnologias, transformações políticas, sociais, e até religiosas que acontecem dentro e fora das estepes. Essas adaptações se dão em diferentes medidas de acordo com cada contexto em que acontecem, mas não representam necessariamente um rompimento com essa Cultura Política Nômade.

Mesmo nos casos em que acontece a sedentarização de partes ou de toda a população nômade, por exemplo, o “nomadismo cerimonial” é mantido como prática. Assim, não só uma lente que usamos para analisar os nômades pastoralistas das estepes, tanto na documentação quanto na bibliografia, a *Cultura Política Nômade* é também uma realidade e um objeto histórico a ser estudado em seu próprio direito.²⁴⁰

3.2.1 Primeiros expoentes

Os citas, que discutimos anteriormente, foram, entre os séculos VIII e VII a.C., o primeiro expoente da *Cultura Política Nômade* a aparecer no registro histórico. Neles, a *Cultura Política Nômade* em seu modelo da antiguidade pode ser identificada por um conjunto de elementos que ficaram conhecidos como “tríade cita”: armas específicas (arcos compostos recurvos, espadas de um estilo específico, etc...), equipamentos equestres (selas e freios), e o estilo artístico animal. A maior parte dos outros povos nômades da antiguidade, como cimérios, sármatas e sakas compartilham desses elementos em sua cultura material. A diferença dos citas para os cimérios, que os precederam na presença no registro histórico é uma série de outros elementos com valores políticos e culturais que ultrapassam a barreira da antiguidade e sobrevivem por milênios:

a noção da origem divina de um clã escolhido e seu mandato igualmente divino para governar; a noção de carisma, o *farnah* iraniano (cf. o *qut* túrquico), nominalmente uma boa fortuna celestialmente garantida e sua aura correspondente; um sistema desenvolvido de títulos régios e administrativos; simbolismo de cor, que na estepe era usado para realizar distinções e definir *status* político; e distinções elaboradas de *status* e posição e práticas que eram associadas com vestimentas e decorações; investiduras especiais para cerimônias fúnebres; territórios sagrados e centros de culto; **a ideia de soberania coletiva ou conjunta, segundo a qual, um estado e sua população pertenciam não ao governante individual mas a todos os membros de um clã governante ou família estendida como sua propriedade conjunta; assembléias ou convocações atendidas por membros do clã governante e outros nobres; uma sobreposição parcial entre o sistema administrativo e a organização militar;** e um modo de governo patrimonial. (Tradução e grifo nossos)²⁴¹

²⁴⁰ KHAZANOV, Anatoly M. *Op Cit*, 2015. p. 37-38.

²⁴¹ *Ibid.* p. 38.

Neste primeiro momento, a Cultura Política Nômade já demonstrava sinais da homogeneidade que adquiriu nos séculos subsequentes com o contato constante entre seus representantes através do cinturão de estepes. Na outra extremidade da Eurásia, quase simultaneamente à emergência dos citas no horizonte pôntico, conforme os nômades do leste asiático se organizaram na confederação do xiōngnú, a “tríade cita” também se fazia evidente na sua cultura material. Outros elementos da Cultura Política Nômade que se fariam presentes no próximo milênio e meio também já podiam ser identificados entre os xiōngnú, como o costume de produzir cálices para bebida com caveiras de inimigos derrotados, uso de pontas de flechas como símbolos de declaração de guerra.

3.2.2 Simbologia animal

A simbologia animal — sempre com animais característicos da estepe e presentes do cotidiano nômade — não se faz presente apenas no estilo artístico animal da tríade cita e cultura material nômade, como esculturas, totens, e representações gráficas em diversos suportes (i.e. pinturas e entalhes em pedras, roupas, armas, armaduras, etc...), mas também na cultura imaterial desses povos, como suas lendas, crenças, simbologia e mitos fundadores. Muitas das narrativas nômades que nos chegaram remontam a origem do clã governante, aquele detentor do mandato divino, a progenitores animais, lobos nos casos do Kaghanato Turco e Império Mongol. Há também a associação dos uivos desses animais a bons presságios, como atestado ao menos entre os búlgaros do Volga e kipchaks. A Crônica Primária Russa relata que Bonyak, um dos príncipes kipchaks que salvou Constantinopla em 1091 ao lado de Tugorkan,

à meia noite, levantou e cavalgou para longe das tropas. Ele imediatamente começou a uivar como um lobo até que, primeiro um, e depois muitos lobos o responderam com seus uivos. Bonyak então retornou ao acampamento e anunciou a David que no dia seguinte eles iriam celebrar uma vitória sobre os húngaros. (Tradução nossa)²⁴²

Enquanto a História Secreta dos Mongóis inicia seu primeiro capítulo relatando:

As origens de Činggis Qa’an.
No começo havia um lobo cinza-azulado, nascido com seu destino *ordenado* pelo Céu Acima. Sua esposa era uma corça gama. Eles vieram atravessando o Tenggis [um grande corpo d’água, possivelmente o Lago Baikal]. Após eles se instalarem na

²⁴² CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. *Op Cit*, 1953. p. 196.

nascente do Rio Onan, no *Monte* Burqan Qaldun, Bataçiqan foi nascido deles. (Tradução nossa)²⁴³

O capítulo continua geração por geração, com cada vez mais detalhes nas gerações mais recentes, culminando na morte de Yesügei, o pai de Chinggis Khan, envenenado pelos tártaros, uma das mais poderosas confederações das estepes mongóis à época, quando retornava de ter deixado seu filho com a tribo de sua futura esposa para que os jovens se conhecessem. Além disso, a narrativa da História Secreta é completamente permeada por figuras de linguagem como metáforas sobre animais que, muito provavelmente faziam parte da linguagem e comunicação cotidiana dos mongóis dos séculos XII e XIII.

Yesügei morreu deixando apenas filhos muito novos, nenhum que pudesse sucedê-lo como khan, e a família do jovem Temüjin, que futuramente assumiria o nome-título Chinggis Khan, foi abandonada pelos antigos seguidores dele e deixados à própria sorte nas estepes, praticamente uma sentença de morte. Nessa dificuldade, as crianças brigavam muito e, em resposta, a viúva Höelun sempre os repreendia dizendo: “Por quê vocês, irmãos mais velhos e irmãos mais novos, comportam-se dessa maneira? Justo quando nós não temos nenhum amigo além de nossas sombras, nós não temos nenhum chicote além do rabo de nossos cavalos.”²⁴⁴

Essa reprimenda se repete diversas vezes na sequência, conforme os filhos de Yesügei continuam a se antagonizar, sempre repetindo a parte sobre a ausência de amigos e do chicote. Enquanto a ausência de “amigos além de nossas sombras” é auto-explanatória, a parte sobre a falta de chicotes além dos rabos dos cavalos pode ser mais enigmática. Ela claramente remete à carência material em que a família foi deixada, mas interpretações mais precisas podem variar. Nas estepes, uma das principais medidas de riqueza era o tamanho dos rebanhos e a quantidade de cavalos de um indivíduo, a falta de um chicote além do rabo do cavalo pode representar tanto a ausência de outros animais com quem controlar com o chicote quanto a falta de equipamentos necessários para tarefas básicas, como pastorear os animais. De qualquer forma, uma metáfora animalesca é usada repetidamente para sinalizar as condições lastimáveis da família de Temüjin.

Em outro momento, mais avançado na história de Chinggis Khan, ele envia Sübe’etei Bahadur, seu melhor comandante e gênio estrategista em uma perseguição a inimigos que fugiram. Ao dar a ordem ao comandante, o imperador o questiona “(...) eles fugiram como asnos ou veados com flechas em seus corpos. Se eles formarem asas e voarem para os céus,

²⁴³ THE SECRET. *Op Cit*, 2015 p. 1

²⁴⁴ THE SECRET. *Op Cit*, 2015. p. 19.

você, Sübe’etei, não vai formar asas também e voar para os céus como um Falcão-gerifalte e pegá-los?”²⁴⁵ e continua, questionando se ele viraria um cabo de ferro para tirá-los de seus buracos caso eles virassem marmotas e se enterrassem no chão e se ele se tornaria uma rede de pesca para pegá-los caso eles se tornassem peixes e pulassem no mar. Sempre colocando Sübe’etei como caçador, seja na posição de falcão ou como uma ferramenta usada por caçadores e os inimigos como presas.

Mais uma série de figuras de linguagem relacionadas a animais podem ser notadas quando, durante uma caçada com seus seguidores de maior confiança, também seus principais conselheiros, Chinggis Khan recebe uma ameaça de um líder rival e toma conselho sobre como proceder:

(...)Alaquš Digit Quri encaminhou a seguinte comunicação a Činggis Qa’an através de seu mensageiro chamado Yuqunan: ‘Tayang Qan, dos Naiman, está a caminho para tomar suas aljavas. Ele chegou a mim, convocando-me para ser sua ala direita, mas eu recusei. Agora estou te enviando este aviso, pois eu temo que se for à sua direção, você pode ter suas aljavas tomadas.(...)

Ao receberem esta mensagem, e ainda na caçada, eles logo discutiram o que fazer. Muitos dos homens disseram, ‘Nossos cavalos são franzinos, não há nada que possamos fazer agora.’ Àquilo, Otčigin Noyan, retrucou dizendo, ‘Como alguém consegue usar a desculpa que os cavalos estão franzinos? Meus cavalos estão robustos! Como podemos ficar inertes quando ouvimos palavras como estas?’ Então Belgütei Noyan disse: ‘Se, enquanto ainda vivemos, deixamos um inimigo tomar nossas aljavas, qual o sentido de estar vivo? Não é o certo que qualquer homem, ao morrer, tenha seu arco e aljava enterrados junto com seus ossos?’ (Tradução nossa)²⁴⁶

Aqui, novamente os cavalos são usados como uma metáfora para representar condições materiais: os cavalos franzinos representam a falta de recursos para uma guerra ou de energia entre os soldados. Da mesma forma que os cavalos robustos contrapõem afirmando a prontidão para o combate. Além disso, podemos reparar a simbologia das aljavas serem ou não tomadas. Aljavas são o equipamento em que se carrega as flechas do arco e flecha, indissociáveis do guerreiro mongol, se perder as aljavas é comparável a perder o sentido de viver, fica evidente o prestígio associado à arquearia nessa sociedade. Ademais, a tomada das aljavas é indiscutivelmente paralela ao uso de pontas de flechas como declaração de guerra. Os episódios assinalados evidenciam também outras características da *Cultura Política Nômade*: a centralidade da cavalaria e das caçadas na vida política, social e militar dos nômades das estepes.

²⁴⁵ Ibid. p.119.

²⁴⁶ THE SECRET. *Op Cit*, 2015. p.106

3.2.3 Cavalaria

Além da arte, linguagem e espiritualidade, os animais da estepe também faziam parte da Cultura Política Nômade, claro, fisicamente. Em adição ao valor do gado para a economia nômade e dos cavalos como ferramentas de trabalho apresentados anteriormente, os animais domésticos também eram frequentemente sacrifícios feitos para os espíritos, especialmente os cavalos, tendo em vista sua centralidade simbólica e prática na vida nômade das estepes. Além de sua importância para a vida em movimento e manutenção de grandes rebanhos, os cavalos também tinham grande importância para a vida social, política e militar na Cultura Política Nômade.

Em dois dos episódios, os cavalos são usados como metáforas para sinalizar as condições materiais e subjetivas dos nômades para viver, sobreviver e guerrear. Esse tipo de metáfora se repete tantas vezes ao longo do texto que seria impraticável reportar e muito menos discutir todos aqui. Apenas no índice de assuntos, a título de referência, há pelo menos uma centena de entradas relacionadas aos cavalos distribuídas entre machos castrados ou não, éguas e potros.

Mais dois episódios dignos de nota são: o roubo dos cavalos da família de Temüjin ainda jovem, recuperados por ele e Bo'Orcu. Bo'orcu se torna o primeiro seguidor de um Temüjin ainda adolescente e o acompanhará fielmente ao seu lado pelo restante de sua jornada. Como recompensa pela ajuda, Temüjin oferece a Bo'orcu que fique com quantos cavalos ele desejasse. Este recusa a proposta falando que o fez por amizade de não seria de ajuda nenhuma se ficasse com os cavalos;²⁴⁷ Em outra passagem, Chinggis Khan e seu *anda*²⁴⁸ Ĵamukha, renovam sua aliança com uma troca de presentes: ambos agradecem o outro com um cinto dourado — provavelmente revestido ou finalizado com ouro — tomados como espólio de inimigos em comum, e com valioso cavalos tomados dos mesmos inimigos. Retomaremos essas passagens na sequência ao discutirmos a Economia Política Nômade.

Do outro lado das estepes, no século anterior ao do nascimento de Chinggis Khan, Peter Golden identifica nos pechenegues, oito nomes de agrupamentos tribais, as subdivisões da confederação, cada uma identificada pela cor de seus cavalos, ou pelo menos usando nomes como que fazem menção às cores de cavalos.²⁴⁹ De acordo com o historiador, as cores,

²⁴⁷ KAMIGASHIMA, Victor Gava. *Op Cit.* 2021. p. 19-20.

²⁴⁸ “Irmão de Sangue” ou “Amigo juramentado”, representa uma relação de amizade muito próxima e aliança quase sagrada efetivada a partir de um ritual de sangue.

²⁴⁹ GOLDEN, Peter B. *Op Cit.* 1992. p. 266.

porém, carregavam a sua própria simbologia nas línguas turco-mongóis e, possivelmente, os nomes pechenegues associados a cores de cavalos tinham um significado mais alegórico, como características do grupo a serem exaltadas ou sua posição — se havia alguma— na hierarquia das tribos pechenegues, que literalmente as cores dos cavalos daquelas tribos.²⁵⁰

Há, enfim, uma máxima comum em relação aos povos nômades das estepes que diz que suas crianças aprendem a cavalgar antes mesmo de andar e, mesmo que isso não seja verdade, fica evidente que a cavalaria é de importância imensurável para a vida na estepe e para a Cultura Política Nômade: o pastoreio e as movimentações nomádicas eram feitos sobre as selas, bem como as caçadas e a guerra.

3.2.4 Caçada

As caçadas por sua vez, um dos principais esportes da vida estepária, também complementava a economia pastoril com comida e matéria prima ao mesmo tempo que servia de exercício e demonstração das habilidades marciais da cavalaria e do tiro com o arco.²⁵¹

O período mongol é um dos mais ricos em relatos da prática da caça institucionalizada como esporte e exercício militar, mas mesmo antes dessa institucionalização, a História Secreta traz inúmeros relatos de caçadas conduzidas por Chinggis Khan como a da ameaça de Tayang Khan. Assim como neste caso, as caçadas em geral são associadas a eventos importantes: demonstrações de habilidades, momentos críticos de sobrevivência ou morte, de aprendizados e ensinamentos, descobertas e epifanias, reuniões de conselhos, recebimento de notícias, planejamento e partida para guerras, etc... Mas já no mito fundacional do xiōngnú, podemos identificar o reconhecimento da caçada como exercício militar central para o sucesso da confederação bem como um momento para que eventos importantes aconteçam, como apresentado por Beckwith:

Mo-tun então fez uma flecha sibilante para treinar seus cavaleiros a atirarem. Ele ordenou a eles que o obedecessem dizendo: “Aquele que não atirar no que a flecha sibilante atirar será decapitado.” Eles foram caçar e, como Mo-tun disse, ele cortou a cabeça de todos que não atiraram no que a flecha sibilante atirou. Então, Mo-tun usou a flecha sibilante para atirar no seu melhor cavalo. Alguns de seus homens tiveram medo de atirar nele. Mo-tun imediatamente os decapitou. Na sequência, ele atirou em sua esposa favorita. Alguns de seus homens ficaram horrorizados e não ousaram atirar nela. Ele cortou suas cabeças como as dos outros. Novamente ele saiu para caçar e usou a flecha sibilante para atirar no melhor cavalo do rei. Todos

²⁵⁰ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 2003c. 104-107.

²⁵¹ SKAFF, Jonathan K. **Sui-Tang China and Its Turko-Mongols Neighbours: Culture, Power and Connections 580-800**. Nova York: Oxford University Press, 2012. p. 35.

seus homens atiraram nele. Então Mo-tun soube que eles estavam prontos. Ele foi caçar com seu pai, o rei, e atirou nele com a flecha sibilante. Seus homens, seguindo a flecha sibilante, atiraram e mataram Tumen. Mo-tun então executou todos os oficiais e seus familiares que não o obedeciam e ele mesmo virou rei. (Tradução nossa).²⁵²

Mo-tun foi o governante responsável pelo fortalecimento e grande expansão do xiōngnú que o transformou na grande confederação que ameaçava as fronteiras da China recém unificada. No episódio patricida que leva Mo-tun ao trono, a caçada já aparece como um exercício militar, a necessidade de que os guerreiros atirassem exatamente no mesmo alvo que Mo-tun é um exercício de lealdade, sincronia e precisão. Aquele líder agraciado pelo favor divino é quem vai levar a tribo ao sucesso e deve ser seguido implacável e impecavelmente. Além disso, é a caçada o palco do grande episódio que coloca Tu-men no trono e no caminho para unificar os povos da estepe e enfrentar os adversários sedentários do sul. O processo histórico, claro, foi muito mais complexo e envolveu mais uma série de guerras e conquistas para trazer as outras tribos para sob sua autoridade.²⁵³

De acordo com Thomas Allsen, a caçada real foi uma tradição relativamente comum através de toda a eurásia, nômade e sedentária, mesmo como exercício militar, mas o nível de especialização e institucionalização e a dimensão de sua importância simbólica e prática que ela toma nas estepes são singulares.²⁵⁴ Um dos principais exemplos dessas táticas é caçada em anel, a *battue*, em que os caçadores formam uma longa linha que se estende, às vezes, por dezenas de quilômetros e vai se fechando em um círculo que empurra os animais cada vez mais para dentro e os torna alvos fáceis e abundantes para os arqueiros montados.²⁵⁵ Diversas variedades dessa tática são encontradas através do continente eurasiático mas, novamente, são os nômades que se destacam em aplicá-la ao campo de batalha.

A *battue* é um tema recorrente na História Secreta. Em sua primeira menção, alguns indivíduos influentes dentro do clã de Temüjin juram lealdade a ele prometendo, entre outras coisas, empurrar os animais para o centro do anel para ele como uma demonstração de serviço. Posteriormente, após ter sido abandonado por esses e se realçar a uma posição de poder, Chinggis Khan os questiona, lembrando o juramento de forma resumida, mas a *battue* ainda se faz presente. A caçada em anel no juramento inicial a Chinggis Khan aparece da seguinte maneira:

²⁵² BECKWITH, Christopher. *Op Cit*, 2009. p. 5-6.

²⁵³ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992. p. 61.

²⁵⁴ ALLSEN, Thomas T. **The royal hunt in Eurasian history**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006. p. 211-212.

²⁵⁵ GROUSSET, René. GROUSSET, René. **The Empire of the Steppes: A History of Central Asia**. Traduzido para o inglês por Naomi Walford. New Brunswick: Rutgers University Press, 1970. p. 224.

(...)
quando em uma *battue* nós caçarmos as espertas
feras selvagens, para você
Nós iremos à sua frente e reuni-los para você
Por você, nós iremos conduzir as feras da estepe
Até que suas barrigas se apertem umas contra as outras
Por você, nós iremos conduzir as feras de morros íngremes
Até que seus quadris se apertem uns contra os outros
(...) (Tradução nossa)²⁵⁶

3.2.5 Religiões

A simbologia animal também se fazia presente na expressão religiosa xamanística nômade das estepes, o Tengriismo, através dos totens já mencionados, de animais que representam determinados espíritos ou divindades que tomam formas animais para interagir com o mundo físico.

Os xamãs, intermediários entre o mundo físico e espiritual, possuíam papéis de grande importância política e social no mundo nômade das estepes, por vezes rivalizando com os *khans* quando seus interesses eram conflitantes. Além de tarefas relacionadas ao governo e ao governante, como prever ou tentar mudar o resultado de uma batalha ou solicitar aos espíritos por condições climáticas favoráveis, os xamãs também eram responsáveis pelo bem-estar físico e espiritual da tribo, George Lane descreve o Tengriismo como uma “religião prática preocupada com as necessidades materiais de seus aderentes”,²⁵⁷ enquanto Timothy Michael May considera o xamã “em várias maneiras (...) mais comparável a um psiquiatra que um sacerdote”.²⁵⁸

Revolvendo largamente em volta da adoração dos espíritos ancestrais, os tengriistas mongóis dos séculos XII e XIII mantinham efígies de seus antepassados que, na época de movimentações, eram mantidas em uma carruagem especial que apenas o xamã poderia ter acesso.²⁵⁹ E, novamente, a simbologia animal se fazia presente nas ferramentas e instrumentos dos xamãs: May relata sobre o tambor xamânico cuja baqueta geralmente possuía uma cabeça de cavalo entalhada. Assim, mais uma vez, o xamanismo, um elemento central da Cultura Política Nômada, se fazia essencial para a organização e manutenção da vida em sociedade nas estepes.

²⁵⁶ THE SECRET. *Op Cit*, 2015. p. 46-47.

²⁵⁷ LANE, George. *Op Cit*, 2006. p. 182.

²⁵⁸ MAY, Timothy Michael. *Op Cit*, 2009 p. 43.

²⁵⁹ LANE, George. *Op Cit*, 2006. p. 184.

Além disso, o modo de vida nômade se demonstrou consistentemente aberto para outras religiões ao longo de quase toda sua história, com pontuais perseguições a um ou outro grupo em contextos muito específicos que abordaremos com maior atenção ao discutir o contexto mongol. A natureza não dogmática e não proselitista dos xamanismos nômades, bem como a perspectiva pragmática desses povos em relação à organização social e política os tornou mais suscetíveis à conversão pelas outras religiões e cosmologias de aspiração universal que se espalhavam pela Eurásia. O maior sucesso entre os nômades foi encontrado pelo Islã e pelo Budismo, mas o Cristianismo e o Taoísmo e até o Judaísmo, como com os khazares, também conquistaram adeptos nas estepes.

Um exemplo da normalidade da presença de outras religiões no meio nômade pode ser encontrado na trajetória do Cristianismo Nestoriano no Império Mongol. O primeiro contato acontece através de Toghrul “Wang” Khan, que aparece grafado como “To’oril ‘Ong’ Qan” na tradução História Secreta dos Mongóis traduzida por Igor de Rachelwitz. Assim como Chinggis Khan e Ĵamukha, Yesügei, o pai de Chinggis Khan, e Toghrul haviam sido *andas* antes do assassinato de Yesügei. Mas, enquanto Chinggis e Ĵamukha eram ambos membros da tribo mongol, assim como Yesügei, Toghrul fazia parte e eventualmente se tornou *khan* dos keraítes, outra tribo das estepes da Mongólia do século XII. Em razão da antiga relação com Yesügei, Toghrul foi um grande apoiador de Chinggis em sua jornada para reunir os mongóis dispersados na morte de seu pai. Mas, temendo o crescente poder de Chinggis, Toghrul e Ĵamukha se juntaram para tentar assassiná-lo e colocar Ĵamukha como novo *khan* mongol. Desse rompimento vem a guerra em que os keraítes são conquistados e divididos entre os mongóis que mencionamos anteriormente.

Toghrul, e os keraítes junto dele, eram cristãos nestorianos, já há algumas gerações. O Cristianismo Nestoriano havia se espalhado pela estepe já ao longo do século VIII e podia ser encontrado em diversas tribos nômades em volta dos mongóis no século XIII além dos keraítes, como naimanes, tártaros e önggütes. A presença e prática do cristianismo entre os nômades da estepe de maneira alguma parece ter interferido no modo como eles eram vistos por outros nômades das estepes.²⁶⁰ Em nenhum momento Toghrul é diminuído pelo seu cristianismo ou suas ações contrárias a Chinggis Khan atribuídas a isso. Muito pelo contrário, Toghrul foi, em muitos sentidos e por um bom tempo, um pai adotivo para Temüjin. Posteriormente, em uma aliança com o irmão de Toghrul contra o *khan* dos keraítes, Chinggis Khan casou Tolui, seu filho mais novo, com Sorkhokhtani, sobrinha de Toghrul, também

²⁶⁰ JACKSON, Peter. **The Mongols and The West, 1221-1410**. Nova York: Routledge, 2014. p. 45

nestoriana como o pai e o tio. Ela se tornaria uma das pessoas mais influentes do império entre as décadas de 1230 e 1240, conseguindo colocar dois de seus quatro filhos no trono imperial, com um terceiro fundando a própria dinastia no sudoeste asiático durante a fragmentação política do império, o Ilkhanato da Pérsia. As primeiras gerações de governantes do Ilkhanato também casaram com diversas princesas keraítes e elas tiveram grande influência nas políticas religiosas do reino, com alguns ilkhans inclusive se tornando cristãos sob essa influência.²⁶¹

Por outro lado, o mesmo pragmatismo nômade, aliado ao distanciamento dos centros urbanos e de adoração que controlavam essas religiões e cosmovisões, fez com que, no coração da estepe, elas desenvolvessem suas próprias versões nômades, com versões muito menos rígidas de seus dogmas e convivendo em paz com outras religiões, por vezes nos mesmos indivíduos e com graus muito menores de proselitismo. Os naimanes, por exemplo, também cristãos nestorianos, eram reconhecidos na estepe pelas habilidades mágicas de seus xamãs e, como Paul Ratchnevsky argumenta, “profissão de fé não excluía, contudo, práticas xamanistas.”²⁶²

No dia seguinte *as tropas* foram enviadas adiante e, quando se encontraram, em Köyiten, elas batalharam. Conforme eles empurravam uns aos outros colina abaixo e colina acima, e reformavam suas linhas, aqueles mesmos Buyirūq Qan e Quduqa, sabendo como produzir tempestades por mágica, começaram a conjurá-las, mas a tempestade mágica se reverteu foi justo em cima deles que ela caiu. Incapazes de proceder, eles caíram em ravinas. Dizendo uns aos outros “Nós não somos amados pelos Céus!” eles se dispersaram. (Tradução nossa)²⁶³

Muitas vezes também, a conversão se deu como um desenvolvimento político necessário para os crescentes impérios nômades centralizados, especialmente com súditos sedentários ou uma composição tribal diversa ou já largamente convertida para essas religiões. Nesses casos, o xamanismo concebido para a vida nas estepes não suportava a longo prazo a autoridade de um governante sobre tão vastos territórios e numerosos súditos tão bem quanto religiões monoteístas de aspiração universal em que o monarca é o próprio intermediário da vontade divina ou age em nome dela. Esse foi o caso dos nômades que conquistaram as cidades centro-asiáticas e estepes ocidentais após a conquista árabe e dos turcos Seljúcidas e mongóis Ilkhanidas a partir do início do século XIV que conquistaram o sudoeste asiático.

²⁶¹ KAMIGASHIMA, Victor. *Op Cit*, 2021. p. 83-108.

²⁶² RATCHNEVSKY, Paul. **Genghis Khan: His Life and Legacy**. Traduzido e editado por Thomas Nivison Haining. Oxford: Blackwell, 1991. p. 2.

²⁶³ THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. 60.

3.2.6 Carisma Divino e Governo do Clã

Um governante nômade que continua na estepe, tendo conquistado espaços sedentários ou não, e mesmo convertido às fés abraâmicas, permanece dependente de uma das principais fontes de legitimidade do grande cinturão eurasiático: o Carisma Divino. Carisma, no caso, seria, basicamente, a capacidade de um governante em manter equilibrada a vida em sociedade nas estepes, atendendo as necessidades de diferentes grupos sob seu domínio, resolvendo conflitos e trazendo boa fortuna para seus súditos. A noção do Carisma Divino, o *qut* túrquico, é um fenômeno mais relacionado às estruturas como as grandes confederações e kaghanatos, não parecendo estar presentes em contextos de desagregação sócio-política nas estepes:

Essa ideologia legitimava a aparição e permanência de uma unidade supra-tribal, e era fundamental em arrecadar legitimação entre os líderes e a população nômades e, talvez em um grau menor, entre os povos súditos. Ela funcionava como um fator unificante (apoiado por riqueza gerada por razias, conquista e tributos, além de poder militar bruto) no que era normalmente uma sociedade altamente sedimentária. (Tradução nossa)²⁶⁴

O *qut* era, na verdade, pertencente (ou ordenado pelos céus) ao clã governante, e não apenas ao indivíduo que governava. Na prática, isso possuía uma série de repercussões, especialmente nos processos de sucessão, tendo em vista que não era necessariamente o filho mais velho do governante que o sucedia nem, necessariamente, cabia a ele escolher um sucessor. A sucessão poderia passar os outros filhos mais novos, para um irmão, primo e até tio ao invés do primogênito do governante anterior. No *Yeke Mongyol Ulus*, por exemplo, a sucessão ao trono imperial era determinada por *kurultai*, a assembléia de lideranças tribais internas ao império. Lá, os indivíduos e grupos mais poderosos do império votariam para escolher, dentro do clã imperial, o próximo governante.

Mas esse modelo não era padronizado entre todos os povos nômades e gerou uma série de tradições sucessórias (ou ausência de uma) através da estepe. Não era incomum o modelo diárquico de governo, também com suas respectivas variações. No Primeiro Kaghanato Turco, com a morte de Bumin *Kaghan*, seu filho e seu irmão tornaram-se *kaghans* das alas ocidental e oriental sem significar a divisão política do *kaghanato*: tio e sobrinho governavam a mesma entidade política; ou como no caso *khazar* com um *kaghan* sênior com

²⁶⁴ AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal (Orgs.). *Op Cit*, 2005. p. 6.

funções cerimoniais e ritualísticas e um *kaghan-bäg* responsável pelas tarefas administrativas (e mesmo sua reprodução na corte rus descrita por Faḍlān).

Outro fator influenciado pela ideia do mandato divino ser conferido ao clã imperial, e não ao indivíduo, é a noção da posse conjunta do *ulus*, o apanágio associado à confederação ou império. De acordo com essa noção, todas as pessoas (livres ou escravizadas), animais, riquezas materiais, direitos de coleta tributos e de comandar ou delegar o comando dos exércitos, pertenciam ao clã, e não ao indivíduo. No caso do *Yeke Mongyol Ulus*, com o grande crescimento da família imperial e a necessidade de recompensar os serviços de seguidores externos a ela, Chinggis Khan organizou uma distribuição de apanágios hereditários através da estepe e da Ásia Central, mas reservou a China e o sudoeste asiático como parte dessa posse conjunta.²⁶⁵

Na década de 1250, porém, os filhos de Tolui e Sorkhokhtani pareciam estar iniciando um processo de patrimonialização desses espaços e suas respectivas riquezas, o que iniciou uma série de conflitos entre os netos de Chinggis Khan que resultou em uma guerra civil entre 1260 e 1264 que terminou com a divisão do império em quatro khanatos: na China, o Grão-Khanato Yuan, governado por Khublai, o filho mais velho sobrevivente de Tolui e nominalmente detentor da autoridade imperial, o kaghanato; o Khanato de Chagadai entre as estepes centro-asiáticas e mongóis, governado pelos descendentes de Chagadai, segundo filho de Chinggis Khan; o Ilkhanato da Pérsia, no sudoeste asiático e sul da Ásia Central, governado por Hülegü, o terceiro filho de Tolui; e a Horda Dourada, entre a Ásia Central e o Leste Europeu, governado pelos descendentes de Jochi, o filho mais velho de Chinggis Khan.²⁶⁶

A principal forma que um líder nômade tinha para demonstrar materialmente o seu Carisma Divino, o favor celeste concedido a ele e seu clã, era através da distribuição de riquezas entre seus súditos, como o crescimento ou manutenção do *ulus* ou também na forma de bens de luxo, especialmente de origem externa à estepe, mas também em variadas formas de presentes. Essa distribuição de riquezas para legitimar uma liderança dentro da Cultura Política Nômade é chamada de Economia Política Nômade.

²⁶⁵ JACKSON, Peter. From *Ulus* to Khanate. In: AMITAI, Reuven; MORGAN, David (Orgs.). **The Mongol empire and its legacy**. Leiden ; Boston: Brill, 1999. p.13-37.

²⁶⁶ KAMIGASHIMA, Victor. *Op Cit*, 2021. p. 66-82.

3.2.7 Economia Política Nômade

Sem a formação de um grande império detentor de ostentosos *ulus*, a obtenção dos bens de luxo e riquezas poderia se dar de várias formas: seja como espólios obtidos através de saques e razias, tributos pagos por um inimigo derrotado em troca de paz, presentes dados por outro estado como forma de sinalizar amizade ou desencorajar hostilidades, pagamentos ou recompensas pelo serviço militar como mercenários ou aliados, pelo estabelecimento de relações comerciais com um espaço produtor desses bens ou detentor do caminho para eles, entre outros.

Depois de obtidos, os bens de luxo eram usados como fatores de legitimação e distinção por líderes tribais e seus seguidores. A habilidade de um líder tribal de conquistá-los e dividi-los com fartura entre seus seguidores era uma manifestação de sua aptidão como guerreiro, comandante, negociador político ou comercial, mas também de sua generosidade como líder, todos fatores importantes para demonstrar o *qut*, o carisma e favor divinos do clã governante e do líder. Diversas passagens na História Secreta dos Mongóis são dedicadas a exaltar essas características em Chinggis Khan, traremos algumas delas mais adiante.

Essa busca pelos bens de luxo é central à Cultura Política Nômade e muitas vezes um dos principais motores para os processos de conquista e estabelecimento e manutenção das confederações imperiais nômades. Os bens de luxo, por sua vez, devem ser compreendidos na Cultura Política Nômade mais pelo seu valor político e simbólico que econômico, tendo em vista seu papel no funcionamento das sociedades nômades formando uma verdadeira “Economia Política Nômade”.

Sobre o papel da Economia Política Nômade para as confederações e impérios nômades, Thomas Barfield escreve:

A estabilidade dessa estrutura era mantida através da extração de recursos de fora da estepe para financiar o estado. Saque de razias, direitos comerciais e subsídios eram obtidos para os nômades pelo governo imperial. Apesar dos líderes tribais perderem sua autonomia, em troca eles recebiam benefícios materiais pelo sistema imperial, benefícios que tribos individuais não eram poderosas o suficiente para obterem sozinhas. (Tradução nossa)²⁶⁷

Honeychurch argumenta que essa Economia Política Nômade entre os xiōngnú teria levado ao eventual desenvolvimento da Rota da Seda pela China governada pela dinastia

²⁶⁷ BARFIELD, Thomas J. **The perilous frontier: nomadic empires and China**. Cambridge, Mass: B. Blackwell, 1989. p. 8.

Han.²⁶⁸ A Confederação Xiōngnú surge nas décadas finais do século III a.C., nas estepes ao norte da China, à época dividida entre os Estados Combatentes. Diferente de seus antecessores nas estepes orientais, que alternavam-se entre aterrorizar os reinos do norte e lutar ao lado deles como muito bem-vindos reforços de cavalaria mas o faziam sem maiores graus de centralização e unificação política, os xiōngnú, sob o comando de Modu Chanyu — Chanyu sendo o título imperial xiōngnú — unificaram as estepes da Manchúria à Ásia Central sob uma única autoridade.

Esse processo ocorreu praticamente simultâneo à unificação da China sob a dinastia Qin e sua rápida sucessão pela Han e essa sincronia não se deu sem uma relação entre os dois processos. Tendo esse e outros processos semelhantes em vista e pensando na Economia Política Nômade em uma perspectiva mais longeva, Thomas Barfield defende a existência de ciclos de poder entre a China sedentária e as estepes nômades em que os dois influenciam profundamente uns aos outros na ascensão e queda de seus respectivos impérios e confederações. Barfield apoia-se na queda dos impérios nômades nas estepes como consequência da queda dos impérios sedentários na China, de onde os nômades extraíam os bens de luxo usados internamente para a manutenção de seu império.²⁶⁹

Mais do que simplesmente um processo cíclico, preferimos compreender como vários processos em que, condições semelhantes levaram atores históricos que compartilhavam uma cultura política a agirem de forma semelhante em diferentes momentos. Mas as condições não eram idênticas e os atores não eram os mesmos, de modo que esses processos também tiveram suas singularidades e cada um deles foi único dentro de sua semelhança. Acreditamos que essa perspectiva reconhece em maior medida a agência histórica dos atores envolvidos em detrimento da conferência de uma certa naturalidade teleológica aos processos. Não entraremos em detalhes sobre cada um desses processos, mas os apresentaremos brevemente para fornecer uma perspectiva mais ampla sobre o papel deles na Cultura Política Nômade e contextualizar o processo imperial mongol nela.

Honeychurch contribui para a discussão de Barfield ao realizar uma análise mais direcionada ao caso xiōngnú e fazendo uso da arqueologia para dar mais materialidade à análise. Através de achados arqueológicos, ele demonstra como os xiōngnú, cujas fronteiras estendiam-se da China às cidades da Ásia Central, não redistribuíam esses itens dentro de seu próprio território entre seus súditos, mas também para além dele. Através desse sistema de

²⁶⁸ HONEYCHURCH, William. From Steppe Roads to Silk Roads: Inner Asian Nomads and Early Interregional Exchange. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015. p. 50-78.

²⁶⁹ BARFIELD, Thomas. *Op Cit*, 1989. p. 8-16.

trocas de bens de luxo como recompensas a subordinados ou presentes para outros líderes, os xiōngnú fizeram itens chineses chegarem em grandes quantidades a espaços muito a oeste, como a Ásia Central e até o Afeganistão e vice-versa.²⁷⁰

Honeychurch sumariza sua tese em defesa do reconhecimento da agência e protagonismo nômades nos processos históricos que levaram à formação da Rota da Seda ao argumentar que:

(...) a economia política dos xiongnu não apenas conectou diferentes sistemas de valor, mas graças ao seu exemplo político e uso de certos materiais para representar liderança e *status* político, eles provavelmente ajudaram a criar esses sistemas também. Em outras palavras, o desejo ocidental por materiais e bens orientais foi originalmente cultivado através de um modelo xiongnu de prestígio político simbolizado por esses mesmos bens. (Tradução nossa)²⁷¹

No caso xiōngnú, o principal desses bens de luxo era a seda chinesa, mas outros bens como porcelanas, metais e pedras preciosos, produtos manufaturados de alto valor, entre outros, também estavam inclusos no sistema de trocas e de valorização política. Na outra extremidade da estepe, nas terras citas, os bens de luxo em circulação eram mais associados aos mundos grego e persa, como cerâmicas, vinho e azeite, mas também os mesmos metais e pedras preciosos e produtos manufaturados de alto valor. As peles árticas produzidas pelos caçadores fino-úgricos e comercializadas pelos nômades das estepes khazares e búlgaros do volga, por exemplo, com a posterior entrada dos rus como intermediários em um primeiro momento e os principais agentes posteriormente, também eram uma espécie de bens de luxo cuja circulação e disputa pelo monopólio foram motores de diversos processos históricos.

Nos casos khazar, búlgaro (e até rus em diferentes medidas ao longo do desenvolvimento da presença rus no sistema Ponto-Balto-Cáspio), contudo, o valor econômico desses bens também é importante por seus contextos próprios que discutimos anteriormente e as inclinações comerciais desses reinos, mas o objetivo final também era a manutenção de uma estrutura de poder baseada no Carisma Divino do Clã Imperial. Os kaghanatos Turcos, Uighur, Karakhanida e Mongol também se construíram nos mesmos sistemas pré-estabelecidos pelos xiōngnú.

Apesar da ideologia do Carisma e Mandato Divino serem mais pertinentes a contextos de agregação política em grandes confederações e impérios, esse sistema de valor político da distribuição de riquezas e troca de presentes não se limita aos altos escalões das confederações e nem aos seus contextos imperiais, e se mantém, em menor escala, nas

²⁷⁰ Idem.

²⁷¹ HONEYCHURCH, William. *Op Cit*, 2015. p. 58.

relações interpessoais na estepe. Os exemplos da juventude de Temüjin, enquanto ele ainda estava longe de unificar a estepe, e mesmo de reunir os antigos seguidores de seu pai, já mostram a importância dos presentes e trocas de produtos de alto valor entre indivíduos na estepe.

Ao longo de sua jornada, conforme seu poder e número de seguidores aumentam, as recompensas distribuídas entre eles também crescem proporcionalmente: se em um momento tudo que ele tinha pra selar uma aliança era um manto de pele de zibelina, alguns anos depois ele recompensava seus mais leais seguidores com apanágios formados por milhares de pessoas, animais e carroças, muito mais valiosos economicamente que jóias ou moedas no mundo estepário. Já no episódio do roubo e resgate dos cavalos, Temüjin oferece a Bo'orcu que ficasse com quantos quisesse como recompensa e, mesmo Bo'orcu recusando por vir de uma família com confortáveis condições materiais: “Meu pai se chama Naqu Bayan. Eu sou o único filho de Naqu Bayan. A propriedade de meu pai é abundante para mim.”, a passagem serve para demonstrar a prontidão do futuro imperador mongol em distribuir recompensas mesmo em uma situação de dificuldade e em seu próprio detrimento.

Empoderado pelo sucesso na missão de resgatar os cavalos, Temüjin decide buscar sua prometida noiva, Börte, na tribo onggirate. A família da noiva presenteou Temüjin com um manto preto de pele de zibelina (as mesmas peles de zibelina tão valiosas na outra extremidade das estepes fornecidas pelos povos fino-úgricos para os mercados meridionais). Novamente, Temüjin parte, agora em busca do *anda* de seu pai, Toghrul para buscar seu apoio como pai adotivo e o presenteia com manto de zibelina para selar a aliança:

“como em dias pretéritos você e meu pai se declararam amigos juramentados, você é, de fato, como um pai para mim. Eu me casei e trouxe um dote de casamento para você”. Na sequência, ele lhe entregou o manto preto de zibelina. Ong Khan ficou muito contente, ele disse “Em troca do manto preto de zibelina / eu irei reunir seu povo para você / Seu povo dividido, / Em troca do manto de zibelina, / Eu irei unir para você / Seu povo espalhado. Assim como / O lugar dos rins tem que ser nas costas, / O lugar da boa fé precisa ser no peito. (Tradução nossa)²⁷²

A aliança foi consolidada e durou por mais duas décadas, mas o crescente poder de ambos os chefes tribais eventualmente os jogou um contra o outro quando as dezenas de tribos da mongólia se encontravam concentrada em três confederações: mongóis, keraítes e naimanes, resultando em uma série de embates entre pai e filho adotivos. A História Secreta não nos relata o ritual de juramento de *anda* entre Temüjin e Ĵamukha, mas relata sua renovação em que eles trocam cintos dourados e cavalos valiosos tomados da tribo merkit.

²⁷² THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. 28.

Em vários momentos, quando uma parte das alianças busca o auxílio da outra, ou faz uma fala celebrando a aliança ou mesmo censurando a outra parte após o rompimento, os juramentos narrados pela história são repetidos e quase sempre os presentes trocados também são lembrados.

Como se pôde perceber, nem sempre as trocas realizadas para a obtenção dos bens de luxo internos à estepe se davam de forma amigável e pacífica ou entre entidades políticas igualmente beneficiadas por elas, o mesmo acontecia nas relações externas à estepe. Assim como bens de origem sedentária eram valiosos para os nômades, os cavaleiros das estepes também poderiam fornecer produtos que os povos sedentários não teriam acesso de outra forma ou o teriam com grandes dificuldades. Mas por uma miríade de motivos, essa troca poderia ser cerceada, geralmente pelo lado sedentário como uma forma de pressão política ou para fragilizar o vizinho nômade. Como Beckwith²⁷³ e Scott²⁷⁴ argumentam corroborados por narrativas de época, em geral, as populações nômades eram primariamente interessadas no comércio e, na maior parte dos casos, só recorriam à violência para assegurar esse comércio de alguma forma.

Fontes históricas chinesas, gregas e árabes concordam que os povos da estepe eram, acima de tudo, interessados no comércio. O modo cuidados que centro-eurasiáticos geralmente realizavam suas conquistas é revelador. Eles buscavam evitar o conflito e tentavam fazer as cidades se renderem pacificamente. (...) Isso revela muito claramente que as fontes estavam certas ao menos a esse respeito: conquistas centro-eurasiáticas eram feitas para adquirir rotas ou cidades comerciais. Mas o motivo da aquisição era garantir um território ocupado que pudesse ser taxado para pagar para a infraestrutura sócio-política do governante. Se tudo isso soa exatamente como o que os estados periféricos [às estepes] sedentários estavam fazendo, é porque isso era de fato a mesma coisa. (Tradução nossa)²⁷⁵

Ambos os autores buscam combater a visão dos nômades das estepes como bárbaros violentos e sanguinários colocando suas ações em uma perspectiva mais crítica dos acontecimentos e seus relatos. Essa inclinação comercial para a manutenção da Economia Política Nômade é uma grande demonstração de agência histórica, propositariedade e consciência nas ações dos nômades das estepes. Scott e Beckwith comparam os processos expansionistas e as conquistas de lideranças nômades das estepes com os equivalentes nos espaços e governos sedentários e concluem que, neste sentido, há pouca diferença entre o conquistador da estepe e o monarca hereditário de quem ele tomou o controle daquela cidade: ambos têm como objetivo dominar os recursos produzidos ali ou taxar o comércio que passa

²⁷³ BECKWITH, Christopher. *Op Cit*, 2009. p. 320-355.

²⁷⁴ SCOTT, James. *Op Cit*, 2017. p. 217-252.

²⁷⁵ BECKWITH, Christopher. *Op Cit*, 2009. p. 328-329.

por ali e são frutos de complexos processos históricos e organizações sócio-políticas que os levaram até aquele ponto.

É apontado por ambos os autores também o cuidado frequentemente empregado pelos conquistadores nômades às cidades e rotas comerciais que eles almejavam dominar. Isso pode ser percebido até na sangrenta conquista mongol da Ásia Central, uma campanha de vingança pessoal de Chinggis Khan contra o Shah da Corásmia. Nessa campanha, cidades sob o comando de inimigos pessoais do imperador mongol que não os entregaram foram as vítimas de verdadeiras chacinas, mas os relatos foram propositalmente amplificados, inclusive pelos próprios mongóis que pretendiam desencorajar a resistência nas próximas cidades e conquistá-las sem ou com o mínimo de derramamento de sangue. A estratégia foi repetida em cidades que resistiam e lutavam de volta, mas aquelas que se rendiam sem lutar foram preservadas e recompensadas, assim como seus governantes responsáveis pela capitulação.²⁷⁶

Uma das muitas passagens da História Secreta que celebram a aderência pacífica de outros líderes à causa mongol é quando Chinggis Khan acampou às margens do Lago Baljuna:

Chinggis Khan saiu então e armou acampamento próximo ao lago Baljuna. Quanto ele estava prestes a acampar, ele encontrou ali mesmo os Qorulas de Čo'os Čaqàn. Esses Qorulas se submeteram a ele sem lutar. De Alaquš Digit Quri, dos Önggüt, veio Asan, o Sartaq. (...) Chinggis Khan também estava a dar água para seus animais no mesmo lago Baljuna quando Qasar, deixando para trás sua mulher e os três filhos Yegü, Yisüngge e Tuqu com Ong Khan, partiu com seus companheiros – poucos e desprovidos de tudo menos seus corpos. (...) Chinggis Khan recebeu Qasar e rejubilou-se. (Tradução nossa)²⁷⁷

O emprego de estratégias para aterrorizar, enganar ou desencorajar o inimigo, porém, vinha também de uma necessidade material da vida nas estepes. O modelo econômico e a geografia das estepes não sustentavam populações tão densas e numerosas quanto seus vizinhos agrários. Portando, chefes tribais nômades eram muito pragmáticos em relação às guerras internas e externas, buscando minimizar as perdas humanas pois não dispunham de grandes populações para formar novos exércitos como observamos no mundo sedentário, especialmente nos grandes impérios como o Romano e os Chineses.²⁷⁸

Assim, diversas estratégias dentro e fora do campo de batalha eram empregadas para garantir a sobrevivência dos guerreiros nômades que se encontravam em números largamente

²⁷⁶ JACKSON, Peter. *Op Cit*, 2014 p. 43-44; TURNBULL, Stephen R. **Genghis Khan & the Mongol conquests 1190 - 1400**. Oxford: Osprey, 2004. p. 76-79.

²⁷⁷ THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. 98.

²⁷⁸ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 7-10.

inferiores aos de seus inimigos. A propaganda, negativa (i.e. a estratégia do terror acima) ou positiva (como a representação dos conquistadores como libertadores políticos ou religiosos), era empregada já para evitar o combate e incentivar a submissão pacífica. Em campo, táticas como a falsa retirada e uso de diversas artimanhas para enganar, confundir, dispersar ou concentrar os inimigos como alvos fáceis eram constantemente postas em prática e, quase sempre, com sucesso.

A minimização de baixas do lado adversário também era um objetivo frequente nas guerras nômades, internas e externas, tendo em vista que, quando o objetivo era conquista, o adversário derrotado seria assimilado ao vencedor e se tornaria parte de sua tribo, confederação ou império. Isso é relatado diversas vezes ao longo da História Secreta dos Mongóis ao longo do processo de construção imperial de Chinggis Khan, como no episódio da assimilação dos keraítes, uma das mais poderosas tribos das estepes da Mongólia do século XII:

Eles lutaram por três noites e três dias, mas *nossos homens* mantiveram-se *firmes*, cercando *os Kereyit* que, no terceiro dia estavam exaustos e se renderam. Ong Qan e Senggüm escaparam durante a noite — como *eles o fizeram* não se soube. Um que lutou *por mais tempo que os outros* foi Qadaq Ba’atur dos Ĵirgin. Quando ele veio se render, Qadaq Ba’atur falou “Nós lutamos por três noites e três dias. Eu disse a mim mesmo ‘Como eu poderia deixar meu senhor legítimo ser capturado e morto na diante dos meus olhos?’ (...) Agora, se for para eu ser morto, eu morrerei, mas se Činggis Qa’an me favorecer, eu o servirei”.

(...)

Assim, Činggis Qa’an esmagou e saqueou o povo Kereyit, distribuindo-os por todos os lados. Ele deu a Taqai Ba’atur dos Suldus cem Ĵirgin *em recompensa* por seus serviços. (...)

Quando *os mongóis* subjugaram o povo Kereyit, eles os distribuíram entre si para que ninguém ficasse em falta. (...) Tendo, assim, aniquilado o povo Kereyit, Činggis Qa’an passou aquele inverno em Abĵi’a Kōdeger. (Tradução nossa)²⁷⁹

Qadaq Ba’atur lutou bravamente até que seu senhor pudesse escapar, então se rendeu. Chiggis Khan reconheceu sua braveza, habilidade e lealdade, e o recompensou poupando sua vida e o aceitando sob seu serviço. Na sequência, Chinggis Khan distribuiu entre os seus seguidores os keraítes capturados, de modo que eles passam a fazer parte do povo mongol e dos acampamentos dos respectivos líderes subordinados a quem foram designados. Essa distribuição dos povos conquistados entre os chefes tribais leais como os que se submeteram pacificamente ou o acompanhavam a mais tempo, era uma forma de desencorajar revoltas futuras, pois eles estariam distantes de suas relações anteriores ou ao menos em números reduzidos, largamente excedidos por homens e mulheres leais a Chinggis Khan.²⁸⁰ A

²⁷⁹ THE SECRET. *Op Cit*, 2015. p. 100-103.

²⁸⁰ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 41-42.

distribuição dos keraítes entre os mongóis teria sido a aniquilação do povo keraíte mencionada no documento, pois, efetivamente, os keraítes deixavam de existir como um povo, eram agora todos mongóis.

Na ausência de uma liderança mais centralizada, porém, era muito mais difícil para os nômades sitiarem e tomarem um espaço sedentário como uma cidade ou centro agrícola/artesanal. Da mesma forma, uma confederação imperial como os xiōngnú ou os Kaghanatos Turcos também poderiam apenas não ter interesse em se envolver na administração desses centros e então se voltavam para razias de pequena escala ao longo das fronteiras para exercer pressão para restabelecer relações comerciais, obter alguma vantagem nelas ou alguma vantagem política. Essa violência, ainda assim, não era exclusividade do lado nômade dessas relações e por vezes eram os vizinhos sedentários que avançavam com expedições contra a estepe.

Esse comportamento pode ser observado nas relações árabo-khazar com a manutenção de pequenos saques eventuais após o fim do primeiro período de guerras mais intensas e estabilização das fronteiras. Os rus recém instalados em Kiev lançando seus ataques a Bizâncio apenas para retornar com acordos comerciais favoráveis também o faziam e também continuaram reproduzindo esse comportamento em relação aos vizinhos da estepe e os Búlgaros do Volga. Da mesma forma que a recíproca também era verdadeira e, não raramente, eram os pechenegues ou kipchaks que lançavam ataques relâmpagos contra as cidades ou rotas comerciais rus.

Infelizmente, a documentação favorece o registro de conflitos entre nômades e sedentários, muitas vezes sendo proposital a omissão dessas relações, como argumenta Scott.²⁸¹ Isso também fica evidente na relação dos rus com seu vizinhos pechenegues e cumano-kipchaks nas estepes pânticas, em que raras vezes os contatos amigáveis são reportados sendo estabelecidos mas diversas vezes príncipes rus e kipchaks lutaram lado a lado em diversos fronts. Além disso, a relação comercial entre os pechenegues e os súditos eslavos dos rus já havia sido descrita por Constantino Porfirogênito na *De administrando imperio*, como apontado anteriormente. Portanto, a leitura nas entrelinhas da documentação, colocada em perspectiva no contexto de sua produção e do que era relatado, aponta para o fato de que as relações comerciais e não bélicas eram tão comuns quanto, senão mais, que os embates diretos.

²⁸¹ SCOTT, James C. *Op Cit*, 2017. p. 242.

Quando, de fato, ocorria um processo de conquista e estabelecimento de um domínio nômade sobre espaços sedentários, todo um outro processo de apropriação e adaptação acontecia para consolidar esse novo governo. Esses nômades eram sempre ágeis em selecionar quais elementos seriam mais úteis e fáceis de adaptar para seu novo governo, como língua, sistemas de escrita, títulos régios, incorporação das próprias elites locais no sistema político, entre outros. Isso, eles faziam sem abrir mão de seus valores e práticas nômades nativos: o novo sistema era mais resultado de uma camada adicional no modelo nômade já existente que a formação de um modelo completamente novo. Além disso, os governantes nômades também exerciam grande influência sobre seus súditos sedentários (e nômades de outras afiliações tribais também), de modo que estes muitas vezes acabavam incorporando elementos da tradição nomádica. Nos casos em que uma assimilação total acontecia, ela se dava após várias gerações cada vez mais isoladas da estepe por motivos específicos de cada caso.

A facilidade para a incorporação de elementos específicos sedentários pelos nômades se dava por dois principais motivos: um pragmatismo recorrente em diversas facetas da Cultura Política Nômade, como nas relações comerciais, no xamanismo e na relação de conquista pelo comércio mencionados acima, e por, na maior parte dos casos, os conquistadores nômades já terem uma grande familiaridade com seus novos súditos sedentários e vice-versa em decorrência de relações de longa data que precederam o processo de conquista. Biran argumenta, ainda, que, muitas vezes, o emprego de especialistas de origem sedentária nas confederações e impérios nômades precedia o processo de conquista e facilitava a adaptação quando esse acontecia.

(...) essa amalgamação poderia ser descrita como parte integrante do modo de governança intra-asiático e é consistente com a perspectiva multicultural dos nômades intra-asiáticos. Eles reconheciam as vantagens políticas práticas dessa apropriação seletiva de elementos culturais para a consolidação e legitimação de seu domínio. (...) os nômades não viam essa apropriação como uma ameaça para sua identidade nativa. (...) Os nômades, especialmente quando se tornavam governantes de certas populações e territórios sedentários, frequentemente emprestaram os meios de administração, tecnologias e ideias de seus súditos, assim criando uma cultura estatal única que combinava elementos de sua própria cultura e de seus súditos sedentários. (Tradução nossa)²⁸²

Esse processo de apropriação e adaptação se deu em diferentes medidas através da estepe e dos séculos em várias confederações nômades. O envolvimento cita com os mundos

²⁸² BIRAN, Micha. *Op Cit*, 2015a. p.5. Traduzimos “Inner Asian” como “Intra-asiático” e aqui Biran está se referindo essencialmente aos nômades das estepes, assim como o “modo de governança intra-asiático” pode ser lido como a *Cultura Política Nômade* propriamente dita.

grego e persa já é o primeiro exemplo. Gradualmente, a elite cita se tornou cada vez mais helenizada, começando com a dependência dos bens de luxo de seus vizinhos sedentários, que levou a uma aproximação das cidades gregas na costa do Mar Negro e assimilação dessas cidades pela confederação Cita. Mais alguns séculos depois, com a fragmentação dos domínios citas, algumas dessas cidades passaram a ser governadas por monarcas citas que até tomaram residência dentro de suas muralhas, enquanto outras deviam lealdade e tributos a governantes citas que nomadizavam nos territórios ao seu redor. Do outro lado das fronteiras também, guerreiros citas empregados pelos persas em seus exércitos começaram a se tornar cada vez mais participantes do funcionamento da política interna do império Aquemênida enquanto em Atenas eles serviam como uma espécie de força policial urbana.²⁸³

Na outra extremidade das estepes, mesmo antes da formação do xiōngnú, os nômades já exerciam certa influência sobre seus vizinhos sedentários, inclusive sem os terem conquistado. Durante o Período dos Estados Combatentes, o rei de Zhao, no final do século IV a.C. ordenava que seus súditos aprendessem a viver como os nômades, inclusive adotando suas vestimentas para dominarem as técnicas bélicas nomádicas da cavalaria arqueira e adquirirem essa vantagem sobre seus adversários chineses.²⁸⁴ Os xiōngnú, por sua vez, não passaram por um processo de assimilação da cultura chinesa ou centro-asiática para além da presença dos bens de luxo de seus vizinhos em sua economia política. No final da dinastia, porém, eles se dividiram entre xiōngnú politicamente e a parte sul ficou sob domínio chinês Han, e foi usada pelo governo chinês contra outros grupos nômades que ascenderam com a dissolução da grande confederação.

Novamente, os Kaghanatos Turcos também não passaram por um significativo processo de apropriação e adaptação de elementos culturais sedentários, mas seus sucessores em diversos espaços da estepe o fizeram. Com a dissolução do segundo Kaghanato Turco, várias confederações menores surgiram, como o Kaghanato Uighur no leste e o Kara-khanida no oeste. Os kara-khanidas e karluks se instalaram na Ásia Central, converteram ao Islã e assumiram, com a fragmentação de seus khanatos, o controle de cidades como Samarkand, Bukhara e Talas. Mais ao sul, as diversas tribos túrquicas se espalharam pelo sudoeste asiático e foram unificadas sob a égide Seljúcida passaram por intensos processos de persianização. Correspondentemente, os espaços de antigo domínio político e cultural persa

²⁸³ CUNLIFFE, Barry W. *Op Cit*, 2019. p. 60.

²⁸⁴ EBREY, Patricia Buckley; WALTHALL, Anne; PALAIS, James B. **Pre-modern East Asia: to 1800: a cultural, social, and political history**. Boston: Houghton Mifflin, 2006. p. 24.

da Ásia Central, Planalto Iraniano, Cáucaso Sul e até da Anatólia, também foram turquicizados em diferentes medidas.²⁸⁵

Nas estepes ocidentais, os sucessores irânicos dos Citas muitas vezes se uniram a outras ondas migratórias nômades das estepes ou germânicas, com quem se assimilaram em um processo que ambos os grupos adotaram elementos do outro em praticamente igual medida.

Mas os exemplos mais gritantes desses processos de assimilação são, sem dúvida, os originados nas estepes da Mongólia e da Manchúria a partir do século X. O fim da dinastia Tang, em 907, trouxe a elevação dos khitans, uma tribo nômade das estepes da Manchúria ao status de dinastia imperial chinesa. Já há cerca de um século, os khitans eram uma presença influente, com cada vez mais tribos nômades sob sua autoridade, nas estepes ao norte da China, ora se aliando aos uighures contra a China Tang e por diversas vezes se alinhando aos chineses contra os uighures.

Com a fragilização da dinastia Tang entre o final do século IX e início do X, os khitans rapidamente consolidaram seu domínio nas estepes e se lançaram em uma campanha pelo domínio dos territórios setentrionais da China. No ano de 916, fundaram sua própria dinastia imperial chinesa com o nome Liáo, ou Liáo-Khitans. Liáo é o nome do rio próximo de onde o povo khitan teria se originado e, de acordo com Biran, esse já é um exemplo de elemento cultural chinês ainda na concepção de seu império: a adoção de um topônimo como nome da dinastia.²⁸⁶

Na sequência, os khitans da dinastia Liáo se lançaram a construir um verdadeiro império nômade-sedentário. O império possuía uma administração dual, isto é, uma administração ao norte, voltada para as populações nômades das estepes e das florestas da Mongólia e da Manchúria e ao sul uma administração voltada para as populações sedentárias, em sua maioria chinesas. Cada administração era composta por um sistema legal, funcionários, cargos e estrutura organizativa diferentes, voltados para as respectivas populações que iriam governar. Essas administrações eram exercidas a partir de um sistema de capitais múltiplas, entre as quais a comitiva imperial nomadizava ao longo do ano.²⁸⁷

²⁸⁵ GOLDEN, Peter B. *Op Cit*, 1992. p. 1-38.

²⁸⁶ SINOR, Denis. The Forest Peoples of Manchuria: Kitan and Jurchens. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York: Cambridge University Press, 1990. p. 400-408.

²⁸⁷ BIRAN, Michal. The Mongols and Nomadic Identity: The Case of the Kitans in China. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015b.

Em ambos os casos, em diferentes medidas, foi empregada a burocracia administrativa chinesa. A língua e o sistema de escrita foram alguns dos elementos incorporados pelos khitans na construção da dinastia Liao. A Liáo era governada por um imperador que, ao modelo chinês, era reconhecido como Filho dos Céus, usava títulos régios e chineses e mantinha um nome khitan e um chinês, mas mantinha-se nômade, movendo-se entre as múltiplas capitais e instalando-se em acampamentos em seus arredores. Tamanha foi a integração dos khitans aos costumes e práticas chinesas que a dinastia era internacionalmente como uma legítima dinastia chinesa e seu nome étnico deu origem ao nome *Cathay* e suas variações, pelos quais a China ficou conhecida a partir de então.²⁸⁸

E mesmo assim, a identidade nomádica khitan foi preservada ao longo dos duzentos anos que a dinastia Liáo governou o norte da China. A diferenciação entre chineses han e khitans e outros nômades ainda era evidente na virada do século XI para o XII e, durante as guerras contra a invasão dos jurchen no norte e os ataques da dinastia Song ao sul, a principal força militar da dinastia Liáo ainda eram seus cavaleiros arqueiros nômades. Tanto que, quando o grupo liderado por Yelü Dashi se exilou para o oeste, eles partiram, chegaram e governaram a região, como o Império do Qara Khitai, o fizeram como nômades das estepes tanto quanto como chineses.²⁸⁹

O Qara Khitai é um dos casos mais curiosos de formação desses governos resultantes da amalgamação de elementos sedentários locais à cultura nômade dos conquistadores. Ao invés de uma confederação nômade que se instala em meio a populações sedentárias, o Qara Khitai já possuía como base um império misto entre uma confederação nômade e um império sedentário. O novo governo e sua dinastia, porém, não abandonaram as características de origem chinesa da dinastia Liáo para incorporar os modelos persianizados centro-asiáticos, como fizeram os kara khanidas antes deles e os mongóis depois. O Qara Khitai manteve a língua e o alfabeto, moedas, vestimentas, cargos administrativos e até arquitetura chinesa durante sua estadia no oeste.

Isso foi possível pois a dinastia de Yelü Dashi aproveitou a legitimidade e fama chinesas existentes na região, estabelecidas ao longo do milênio anterior a partir do surgimento da Rota da Seda e das relações entre as dinastias chinesas Han, Tang e mesmo a Liáo com as populações centro-asiáticas. A partir disso, Biran demonstra uma relação muito mais profunda e consolidada entre a China e os espaços além da cadeia de montanhas de Tian

²⁸⁸ BIRAN, Michal. **The empire of the Qara Khitai in Eurasian history: between China and the Islamic World.** Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2005b. p. 93-131.

²⁸⁹ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2005b. p. 93-131.

Shan. Tamanha era essa relação que alguns escritos muçulmanos da época ainda compreendiam a região como parte da China.²⁹⁰

Ainda assim, enquanto houve essa manutenção de características chinesas na organização do Qara Khitai, muitos elementos nômades das estepes também foram reforçados: a burocracia chinesa tomou uma posição secundária dando sua primazia ao modelo mais personalista estepário; o imperador, mesmo mantendo a tradição dinástica chinesa, também assumiu o título turco-mongol de Gürkhan (muito provavelmente criado no próprio Qara-khitai como um neologismo significando grande khan, i.e. *Kaghan*), títulos persianizados, túrquicos e khitans também eram usados para os diversos cargos do governo; assim como as línguas khitan, uighur e persa passaram a ser usadas em conjunto com o chinês na escrita oficial.²⁹¹

Paralelamente, enquanto os khitans exilados construíaam o Qara Khitai na Ásia Central, os jurchens construíaam a dinastia Jurchen-Jīn entre o norte da China e a Manchúria tomados dos khitans. Os jurchen, ainda mais que os khitans, assimilaram-se profundamente à cultura chinesa local, abrindo mão de sua organização social semi-nomádica das florestas da Manchúria e compondo uma verdadeira dinastia chinesa, com direito a vestimentas, uso da língua chinesa ao lado da jurchen com um alfabeto criado para a jurchen baseado no chinês, títulos imperiais, imperadores vivendo nas cidades chinesas e até disputas de legitimidade e reivindicação do mandato celeste chinês com os Song ao sul e o Qara Khitai no oeste. A presença continuada de khitans que não partiram com Yelü Dashi para o oeste foi de grande ajuda no processo de sinicização dos Jurchen, mas também fonte de constantes revoltas contra a nova autoridade. O khitans mantiveram sua identidade durante todo o governo Jurchen-Jīn apesar de tentativas institucionais de dissolvê-la após as revoltas.

Diferente dos khitans, porém, os Jurchen-Jīn não mantiveram uma administração especialmente voltada para as populações nômades nas estepes ao norte, apenas aderiram à tradição chinesa de administrar indiretamente a estepe através do patrocínio de diferentes grupos tribais uns contra os outros de modo a fomentar a dissidência e impedir que grandes ameaças ao seu domínio se formassem. Foi nesse contexto que o *khamag mongol*, a entidade política mongol comandada por três gerações antes de Temüjin se formou nas estepes, e que o próprio Temüjin nasceu e viveu a primeira metade de sua vida. Khabul Khan, bisavô de Temüjin foi quem uniu pela os clãs do povo mongol para combater os Jīn quando estes tentaram estender seu poder para as estepes. Seu sucessor, Ambaghai Khan foi crucificado

²⁹⁰ Ibid. p. 97-102.

²⁹¹ Ibid. p. 103-112.

em Zhongdu, a capital *Jīn* e os dois próximos governantes foram mortos pelos tártaros, Hotula Khan morto lutando contra eles e Yesügei envenenado. Os tártaros, por sua vez, eram os principais favorecidos pelos *Jīn* contra os mongóis e keraítes, mas, nos anos finais da década de 1190, a dinastia sino-manchu formou uma aliança com os keraítes de Toghrul e os mongóis de Temüjin contra os tártaros, cujo poder crescente começava a preocupá-los.²⁹²

3.3 A FORMAÇÃO DO *YEKE MONGGOL ULUS*

Os episódios que transpassam essa cooperação são exemplos finais da Cultura e Economia Políticas Nômades que vão direcionar nossa discussão para a análise específica da presença mongol no Sistema-mundo Ponto-Balto-Cáspio: Tão consolidada era a dinâmica da Economia Política Nômade nas estepes mongóis do século XII que uma das principais formas que os *Jīn* interferiam nos assuntos das tribos era com o envio de presentes na forma de bens de luxo e alimentos, mais que com o apoio militar direto ou indireto. A posse desses presentes já era suficiente para elevar ou derrubar líderes nas estepes. Ratchnevsky argumenta que, após ter sofrido uma derrota nas mãos de Ĵamukha, Temüjin teria se exilado na corte *Jīn* e servido à dinastia chinesa e retornado à estepe com o seu apoio para recuperar sua antiga força e derrotar os tártaros. Toghrul também havia sido afetado negativamente pela derrota de Temüjin e buscou exílio na corte Qara Khitai, obteve lá menor sucesso que seu filho adotivo com a outra força imperial vizinha. Sabendo do sucesso de Temüjin em seu retorno, Toghrul também retornou e juntos reconquistaram suas posições e derrotaram os tártaros. Foi a partir dessa aliança que Toghrul recebeu o título chinês de *wang*, cuja corruptela “Ong” é tratada como seu nome em passagens da História Secreta dos Mongóis, daí o “Ong Qan”, ou “Wang Khan”, ao mesmo tempo, foi dado a Temüjin um título de comando militar, *cha'ut-kuri*, como ele ainda era vassalo de Toghrul, ao menos oficialmente.²⁹³

Na sequência desses eventos, a relação entre Temüjin e Toghrul muda progressivamente, com Temüjin se tornando efetivamente o mais poderoso da relação e Toghrul seu subalterno, ao contrário de como tinha sido a dinâmica anterior em que Temüjin havia sido — e nominalmente ainda era — vassalo de Toghrul. Em determinado momento Toghrul rompe a aliança com Temüjin e se reúne com Ĵamukha que, neste momento, liderava uma coalizão de inimigos derrotados de Temüjin que haviam escapado a assimilação. Temüjin derrota primeiro Toghrul, que foge para os naimanes — antigos inimigos com quem

²⁹² BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2005b. p. 49-65.

²⁹³ RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, p. 49-54.

ele encontrou um inimigo em comum no poderoso filho adotivo — mas foi morto por um guerreiro naiman que não o reconheceu. Com a derrota dos keraítes, os naimanes eram a única grande confederação restante nas estepes além dos mongóis e Ĵamukha foi mais bem sucedido em se juntar a eles contra o inimigo em comum. É deste momento a ameaça feita por Tayang Khan, o governante naiman contra Temüjin em que ele prometia tomar-lhe as aljavas. Temüjin finalmente derrota Tayang Khan, Ĵamukha foge durante a batalha e é capturado e executado posteriormente, o filho de Tayang Khan, Kūchlüg, foge para a corte Qara Khitai, onde desposa a filha do imperador e toma o poder em 1211, enquanto remanescentes de outras tribos rivais como os merkits fugiram para o oeste e se juntaram aos qanglis, a porção mais oriental da confederação kipchak. Temüjin, enfim, obtém sucesso em unificar todos os “povos das tendas com paredes de feltro” e, em 1206 é coroado *khan* de toda a Mongólia. É nesta ocasião que ele toma o título-nome Chinggis Khan, apesar da História Secreta atribuir isso a um momento anterior.²⁹⁴

²⁹⁴ KAMIGASHIMA, Victor. *Op Cit*, 2021. p. 30-46.

4 A FORMAÇÃO DA HORDA DOURADA NA REGIÃO PONTO-BALTO-CÁSPIA

Depois que Jöçi subjugou o Povo da Floresta de Šibir, Kesdim, Bayit, Tuqas, Tenlek, Tö'eles, Tas and Bajigit para o este lado, ele voltou trazendo com ele os comandantes de dezenas de milhares e de milhares dos Kirgisut e os líderes do Povo da Floresta. Ele os fez prestarem homenagem para Činggis Qa'an com presentes de Falcões-gerifaltes, cavalos brancos e zibelinas pretas. (...) “Você, mais velho dos meus filhos, que *acaba de, pela primeira vez sair* de casa sozinho, você foi afortunado. Sem ferir ou causar sofrimento a homem ou cavalo nas terras aonde você foi, você voltou tendo subjugado os bem afortunados Povos da Floresta. Eu darei esses povos para você.”

História Secreta dos Mongóis

Após uma exposição mais pormenorizada sobre a *Cultura Política Nômade*, exemplificada e contextualizada através dos séculos e da Eurásia, podemos retornar para a região Ponto-Balto-Cáspia acompanhando Chinggis Khan e seus generais em suas campanhas ocidentais. Uma das primeiras missões enviadas para oeste das terras natais mongóis após a unificação do império foi atribuída ao primogênito do imperador e, de certo modo, já iniciou a formação de seu *ulus*.

As campanhas subsequentes acabaram por estender esse *ulus* — o apanágio do príncipe imperial em sua concepção nômade das estepes — cada vez mais para dentro da região Ponto-Balto-Cáspia. Ao longo dessas campanhas, vamos encontrar antigos conhecidos da exposição do capítulo 3 e passar por marcos geográficos que discutimos desde o início deste trabalho.

Observaremos, assim, a *Cultura Política Nômade* atuando nas operações que levam à construção da Horda Dourada no centro-oeste asiático, de certa forma, sobre o legado deixado pelos khazares e pelos citas, mas também diretamente influenciada pelos antecessores mais recentes e contemporâneos neste espaço.

4.1 OS PORTÕES PARA O OESTE

Como *khan* de toda a Mongólia, Chinggis Khan se tornou um agente nos altos escalões do cenário internacional eurasiático e ele claramente não desejava mais ser visto como um servo ou vassalo como havia sido de Toghrul e talvez ainda pudesse ser tido como tal pelos Jīn.

A primeira ação de Chinggis Khan nesse cenário internacional foi uma campanha contra o reino sino-tangute de Xī Xià, localizado ao sul da Mongólia e ao oeste do reino Jīn. O reino de Xī Xià dominava o corredor de Hélixī, um caminho relativamente mais acolhedor que o Platô Tibetano ao sul e o Deserto de Gobi ao norte, que liga a China Interior (o território mais tradicionalmente associado ao Reino do Meio desde as dinastias Chin e Han) à Ásia Central, desembocando direto nos vales férteis dos rios Amu Darya e Syr Darya e evitando contornar o Deserto de Gobi pela estepe ainda mais ao norte. O reino de Xī Xià era, essencialmente a chave para o oeste, o caminho por onde passavam muito das Rotas da Seda desde que a dinastia Han a fundou para evitar o xiōngnú e como tal, era um reino riquíssimo, ainda que nominalmente subalterno à dinastia Jīn e perdê-lo seria um grande golpe aos imperadores do norte da China.²⁹⁵

Pouco antes da campanha contra Xī Xià, o governante dos uighures, que no momento deviam lealdade ao Qara Khitai, se submeteu pacífica e aparentemente de iniciativa própria ao imperador mongol, e o khan dos qarluqs seguiu seu exemplo.²⁹⁶ Em 1209, Chinggis Khan liderou pessoalmente a investida mongol contra o reino ao sul. Os mongóis não encontraram grandes dificuldades em campo, apesar da Xī Xià ter se tornado uma potência militar ao longo do século anterior e possuir grandes contingentes de cavalaria arqueira, reformas de Chinggis Khan no exército surtiram efeito nas batalhas. A situação mudou quando os exércitos mongóis, sem maiores objeções, chegaram às muralhas da capital tangute, dando início ao primeiro cerco mongol. O cerco se estendeu até o ano seguinte e, na ausência de máquinas de cerco melhores que aríetes rudimentares, a tomada mongol da capital Xī Xià protagonizou o emblemático episódio em que Chinggis Khan ordenou que um rio fosse desviado contra a cidade. Além de inundar a cidade e danificar as muralhas de terra, o próprio acampamento mongol foi afetado pela mudança no curso do rio, mas logo os tangutes se renderam e pagaram um imenso tributo em camelos, tecido de lã e falcões que seria repetido periodicamente. Chinggis Khan também se casou com a filha do governante tangute e com a promessa de apoio militar no futuro.²⁹⁷

Com os tangutes que poderia representar uma ameaça para uma campanha mongol contra os Jīn neutralizados, Chinggis Khan poderia se voltar contra os velhos inimigos de sua família com o objetivo expresso de vingar Ambaghai Khan. Ratchnevsky reporta de quatro oficiais Jīn e dois khitans que teriam desertado a dinastia Jīn para se juntar às forças mongóis

²⁹⁵ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007, p. 48-49.

²⁹⁶ RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 102-103.

²⁹⁷ MAY, Timothy M. *Op Cit*, 2018. p. 47-48.

nos anos anteriores a essa invasão e foram de grande importância, fornecendo informações e liderando tropas quando Chinggis Khan marchou em 1211 contra seu segundo adversário sedentário.²⁹⁸ Além desses dois oficiais khitans que já o acompanhavam desde antes da unificação das tribos da mongólia, os khitans que continuaram sob o domínio Jīn de maneira geral foram de grande ajuda na conquista mongol, com grandes contingentes se juntando aos novos conquistadores e reforçando suas linhas, assim como na construção de uma administração aos moldes chineses no território conquistado.²⁹⁹

A grande quantidade de indivíduos e grupos que desertaram o império Jīn para se juntar aos novos invasores remete a outro argumento levantado por Scott e Beckwith em suas discussões sobre os “bárbaros”, que eles trazem como “primitivismo secundário” ou “se juntar aos bárbaros”, fazendo uso irônico dos termos pejorativos associados aos povos que eles estudam. Eles argumentam que a fronteira entre a “civilização e a barbárie” era muito mais permeável que as narrativas oficiais dos impérios sedentários deixam transparecer, e na maior parte dos casos envolvia a fuga de indivíduos sedentários para a estepe (ou outros espaços “não-civilizados”, mas nos atentaremos à estepe). Podemos observar esse fenômeno em duas esferas: os indivíduos nos altos escalões das sociedades agrárias que, por situações desfavoráveis em suas respectivas cortes ou sociedades se exilavam entre os nômades, onde eram mais frequentemente que não, bem recebidos e encontravam novas oportunidades de ascensão política dentro dessa sociedade; e nas camadas mais populares das sociedades sedentárias que encontravam no modo de vida nômade condições mais favoráveis de vida mesmo continuando entre os mais pobres dessa nova sociedade.

Ambos os autores defendem que, as muralhas construídas e a vigilância militarizada nas regiões de fronteira dos espaços sedentários civilizados tinham como objetivo, tanto impedir a entrada dos inimigos bárbaros quanto impedir a fuga dos cidadãos produtores das riquezas do estado e pagadores de tributos para fora do alcance estatal. Essa fuga aconteceria pois, Beckwith explica: “a maior parte dos nômades pode ter sido pobre, mas os plebeus (sedentários) eram muito mais pobres e trabalhavam incalculavelmente mais apenas para não morrerem de fome”³⁰⁰ e “nômades eram, em geral, muito mais bem alimentados e viviam vidas muito mais fáceis e longas que os habitantes dos grandes estados agrícolas”.³⁰¹

Observaremos com maior atenção o primeiro caso, como foi o dos oficiais Jīn que se juntaram a Chinggis Khan e, tanto lhe forneceram informações sobre o inimigo quanto o

²⁹⁸ RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 106-107.

²⁹⁹ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 51.

³⁰⁰ BECKWITH, Christian. *Op Cit*, 2009. p. 332.

³⁰¹ *Ibid*, p. 76.

incitaram a atacá-lo. É verdade que a recíproca também pode acontecer e indivíduos influentes na estepe encontrarem refúgio entre os habitantes das cidades de pedra e tijolos, como possivelmente foi o caso do próprio futuro imperador mongol após a derrota para Ĵamukha, mas a balança da quantidade de casos pende demasiadamente para o outro lado, assim como a facilidade da integração à nova sociedade (no nível de atores históricos individuais, pois em boa parte dos casos, esses atores adentravam a sociedade nômade como parte de um processo de contato que poderia resultar na integração dessa sociedade nômade a um modelo sedentário pelo processo de conquista, apropriação e adaptação discutido anteriormente).

Essa relação pode ser encontrada também do outro lado da estepe, nas relações nômades-sedentárias do mundo Ponto-Balto-Cáspio. Um exemplo gritante entre os khazares e bizantinos foi a recepção e incorporação de Justiniano II através do casamento com a irmã do *kaghan* após ter sido deposto e exilado de Bizâncio. Eventualmente, Constantinopla conseguiu convencer o *kaghan* khazar a eliminar o exilado, mas este conseguiu escapar após ser alertado pela nova esposa.³⁰² Séculos depois, a fronteira entre os principados rus e o mundo da estepe à sua volta ficaram tão pouco definidas que, como observamos anteriormente, era frequente que príncipes rus se exilassem entre os pechenegues ou kipchaks para retornarem “com seus polovets” indicando uma posição de liderança naquela sociedade, fora os casamentos dinásticos e toda a relação política implícita pela documentação.

A conquista mongol das terras Jīn levou o restante da vida de Chinggis Khan e os anos iniciais do governo de seu sucessor Ögödei Kaghan, sendo completada com a destruição do reino Jīn em 1234. Mas anos antes, em 1216, Chinggis Khan se retirou da campanha deixando hábeis encarregados que avançaram largamente a redução do inimigo sino-manchu. Nesse momento, os mongóis já haviam obtido grande experiência de cerco contra fortificações, especialmente com o auxílio de especialistas de cerco muçulmanos e chineses que entraram no serviço do *khan* mongol. Também não foi apenas na continuidade da campanha chinesa que Chinggis Khan pôde confiar na habilidade de seus subalternos para realizar as árduas tarefas da expansão e consolidação de seu império.

Em 1207, logo após a unificação, Chinggis Khan já havia encarregado seu filho mais velho, Jochi, de conquistar os povos da floresta nômades e seminômades da Sibéria e caçar remanescentes fugitivos naimanes e merkits entre eles. Tarefa que ele parece ter cumprido com grande êxito, pois foi elogiosamente saudado pelo pai:

³⁰² GOLDEN, Peter. **Khazar Studies: An Historico-philological Inquiry into the Origins of the Khazars.** Budapeste, Akadémiai Kidadó, 1980. p. 60

“Você, mais velho dos meus filhos, que *acaba de, pela primeira vez sair* de casa sozinho, você foi afortunado. Sem ferir ou causar sofrimento a homem ou cavalo nas terras aonde você foi, você voltou tendo subjugado os bem afortunados Povos da Floresta. Eu darei *esses povos para você.*” E assim ele ordenou. (Tradução nossa)³⁰³

Alguns dos povos da floresta, nominalmente, os oirates liderados por Quduqa-Beki, se renderam em paz, inclusive ajudando Jochi no restante da campanha, outros, como os kyrgyzes resistiram, mas foram subjugados sem maiores dificuldades.³⁰⁴ Em algum momento depois de 1209, outra missão foi enviada para procurar os fugitivos merkit entre os qangli/kipchaks, essa, liderada pelo general Sübe’etei, foi a campanha mais distante até então e foi dela o episódio mencionado anteriormente de Chinggis Khan enviando Sübe’etei em uma missão.

A incessante perseguição de Chinggis Khan aos foragidos remanescentes da unificação das tribos da Mongólia era fruto, tanto da ideologia imperial mongol quanto uma forma de impedir que eles voltassem para rivalizar sua autoridade. A mesma ideologia imperial, que ditava que Chinggis Khan e seus descendentes governariam todos “os povos das tendas com paredes de feltro” também colocaria os kipchaks na mira das campanhas mongóis num futuro muito próximo.³⁰⁵ Exceto pela captura e eliminação daqueles que haviam escapado a unificação das tribos da Mongólia, até então não havia indícios de maiores pretensões ocidentais de Chinggis Khan. Por ora, eles ainda poderiam até ser úteis para os interesses mongóis representados na figura de Sübe’etei, mas uma série de eventos que se transpassaram durante as missões mongóis na Ásia Central levariam Chinggis Khan a voltar sua atenção para o oeste.

4.2 O CAMINHO PARA O OESTE

Nos anos que precedem 1218, três missões mongóis parecem ter acontecido para além das Montanhas Altai: Jochi foi novamente enviado para reduzir as tribos siberianas que haviam se rebelado; Sübe’etei foi enviado para capturar e eliminar os merkit exilados entre os qangli/kipchaks; e Jebe foi enviado para caçar o último grande líder tribal da Mongólia do século XII que ainda eludia a mão de ferro do imperador mongol, Küchlüg.

³⁰³ THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. 155.

³⁰⁴ MAY, Timothy. *Op Cit*, 2018. p. 45.

³⁰⁵ HALPERIN, Charles. *Op Cit*, 2000. p. 229-245.

Jochi era o filho mais velho de Chinggis Khan, mas sua verdadeira paternidade é foco de debates desde o século XII até a contemporaneidade. Pouco tempo depois que Temüjin buscou sua prometida Börte para enfim casar com ela, ela foi sequestrada pelos merkit e, depois de resgatada, Jochi nasceu, o que levantou a possibilidade de ela ter sido violentada durante esse tempo e ele ter sido concebido pelos captores e não pelo próprio Temüjin. Independente desse fato e dos questionamentos à paternidade de Jochi durante sua vida, Chinggis Khan parece sempre o ter tratado como seu filho legítimo e posteriores desavenças entre pai e filho de modo algum são prova de um não reconhecimento do imperador ao primogênito.³⁰⁶

O restante da família, especialmente seus irmãos, não parecem ter sido tão certos da paternidade de Jochi e, repetidamente, documentos históricos relatam Chagadai e Ögödei desacreditando sua hereditariedade. As crônicas e registros oficiais normalmente tidos como as fontes mais confiáveis também parecem favorecer a não legitimidade do primogênito mas, é necessário lembrar, elas foram em sua maioria produzidas sob o patrocínio das dinastias de Khublai e Hülegü, que passaram a maior parte de sua existência em guerra ou com relações hostis com os descendentes de Jochi da Horda Dourada. De todo modo, para os propósitos deste estudo, pouco importa a verdadeira paternidade de Jochi, mas sim os desdobramentos da permanência dessa dúvida apesar do reconhecimento por parte do imperador mongol.

Ao longo das campanhas ocidentais mongóis, Chinggis Khan já parece estar buscando incentivar Jochi a construir seu próprio patrimônio, seu próprio *ulus*, no centro oeste eurasiático, onde, de fato, a Horda Dourada surgiria nas décadas seguintes. Inúmeras suposições podem ser feitas a partir disso e muitas podem explicar melhor esse processo, mas não deixava de ser parte da tradição nômade em que o filho mais velho herdava as posses mais distantes do pai e, progressivamente as heranças distribuídas aos irmãos mais novos aproximavam-se da tenda e posses pessoais do pai, que ficariam com o mais novo, mas essas atribuições eram simplesmente sobre os direitos de coletas de riquezas associados aos *ulus*, sem significar uma divisão política: todas continuariam subalternas à autoridade imperial.³⁰⁷ De qualquer forma, nas décadas de 1210 e 1220, Jochi estava constituindo um verdadeiro *ulus* próprio na região e talvez até fazendo acenos de independência a partir do início da década de 1220.

³⁰⁶ MIRGALEYEV, Ilnur. Jochi — The First Ruler of the Ulus. In: MIRGALEEV, I. M.; HAUTALA, Roman (Orgs.). **The Golden Horde in world history**. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017. p. 70.

³⁰⁷ RATCHNEVSY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 140.

Sübe'etei, talvez o mais reconhecido mongol externo à família imperial, foi um dos mais brilhantes comandantes de Chinggis Khan, sua família tinha uma longa relação de serviço com a família do imperador, mas ele parece ter sido de uma origem humilde na estrutura social mongol pré-imperial. Ele entrou no serviço de Temüjin quando tinha cerca de 14 anos e rapidamente elevou-se na cadeia de comando, alcançando o posto de *noyan*,³⁰⁸ e serviu nesse posto por mais de 40 anos. Possivelmente foi ele o verdadeiro estrategista e definitivamente um dos grandes conquistadores por trás do imperador.³⁰⁹

Jebe é outro dos mais emblemáticos generais de Chinggis Khan. Tão habilidoso e ousado estrategista quanto Sübe'etei, havia sido um inimigo do *khan* mongol no passado, ferindo-o gravemente com um tiro de flecha impressionante. Tão impressionante que, depois de se recuperar da quase morte, Chinggis Khan indagou sobre quem tinha feito aquilo, Jebe confessou e ele o recrutou para seu serviço por sua honestidade e habilidade.³¹⁰ Depois disso, rapidamente escalou a hierarquia do comando mongol e tornou-se um dos mais renomados e poderosos *noyat* de Chinggis Khan, em uma patamar semelhante aos de Sübe'etei e Muqali, o comandante responsável pela continuidade da campanha Jīn após a partida do *khan* de volta para a Mongólia.

Esses três personagens protagonizaram os primeiros avanços mongóis para o oeste na caça pelos remanescentes da unificação das estepes orientais por Chinggis Khan.

Sübe'etei perseguiu os merkits pela estepes do leste do atual Cazaquistão, desesperados, os guerreiros merkits abandonaram as famílias para trás para se mover mais rápido, mas o *noyan* ainda assim conseguiu contorná-los com uma força avançada enquanto outra parte de suas forças os alcançavam por trás e as duas forças se enfrentaram. Os merkits enfim se renderam e foram assimilados à força mongol após algumas lideranças serem executadas enquanto Qudu, o principal comandante conseguiu escapar e, enfim, se exilou entre os qangli-kipchaks.³¹¹

Küchlüg, que havia usurpado o poder do Qara Khitai no início da década de 1210, havia se demonstrado um péssimo administrador e diplomata. Quando Jebe marchou contra ele, Küchlüg lidava com uma guerra contra o poderoso xá da Corásmia no sul e uma série de

³⁰⁸ Equivalente a general ou comandante, o mais alto que poderia ser mantido por alguém externo à família imperial no *Yeke Mongyol Ulus*. É ao mesmo tempo um cargo administrativo relativo ao comando de grandes contingentes do exército mongol e suas respectivas famílias. Seu plural é *noyat*.

³⁰⁹ SVERDRUP, Carl Fredrik. **The Mongol conquests: the military operations of Genghis Khan and Sübe'etei**. Solihull, West Midlands, England: Helion & Company Limited, 2017. p. 173-177.

³¹⁰ Outro episódio muito semelhante envolve Ögödei sendo ferido de forma análoga por uma flechada, ambos são narrados de formas praticamente iguais, representando a continuidade de pai para filho como forma de legitimar Ögödei como sucessor ao império. KAMIGASHIMA, Victor. *Op Cit*, 2021. p. 38

³¹¹ SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 181-182.

rebeliões causadas por ele mesmo ao perseguir a população muçulmana do império recém-adquirido — que formava a grande maioria demográfica da região. Jebe perseguiu o príncipe naiman cidade após cidade, sendo recebido como libertador e encontrando pouca, senão nenhuma, resistência. Eventualmente o *noyan* o alcançou e derrotou em fevereiro de 1218, eliminando a última grande liderança nômade dos tempos pré-imperiais e conquistando a totalidade dos remanescentes do Qara Khitai em uma campanha rápida e relativamente benigna e trazendo muitas das cidades da “Rota da Seda” para sob a égide mongol.³¹²

Jochi provavelmente retornava da segunda campanha na Sibéria e se reuniu com Jebe e Sübe’etei quando esses partiam, novamente contra Qudu — o líder merkit ainda vivia, e mesmo não sendo uma ameaça tão grande quanto Küchlüg, precisava ser eliminado. Os três partiram com uma mensagem ordenando que o chefe qangli entregasse os “rebeldes”, mas este se recusou e as duas forças se enfrentaram, com o filho mais velho e os dois melhores estrategistas de Chinggis Khan saindo vitoriosos. Eles retornavam dessa investida quando foram interceptados por uma nova força que marchou do sul contra eles, o xá da Corásmia, Muhammad II e seu filho Jalal al-Din lideravam um exército determinado a enfrentar as forças mongóis que viajavam logo ao norte de seu território.

Nos meses anteriores, Muhammad vinha se preparando para enfrentar o novo vizinho que crescia exponencialmente ao nordeste de seu território. Alguns meses antes, ele havia recebido uma missão diplomática de Chinggis Khan, buscando estabelecer relações amigáveis entre aqueles que se tornavam dois dos maiores impérios da Ásia. Muhammad aceitou a oferta depois de descobrir que os mongóis haviam conquistado muito do norte da China e iniciou os preparativos para a guerra.³¹³ Biran ressalta que, em sua mensagem, Chinggis Khan teria chamado o shah corásmio de “querido filho”, colocando-o em uma posição subalterna e que isso teria o enfurecido e levado aos preparativos.³¹⁴

No mesmo ano de 1218, após receber a resposta pacífica de Muhammad, Chinggis Khan enviou uma grande comitiva comercial para iniciar as relações com o poderoso vizinho. Chegando na cidade de Utrar, contudo, os comerciantes foram executados e seus bens confiscados pelo governador da cidade, Inal-Khan. Não era incomum na política eurasiática usar comerciantes como espiões para obter informações e espalhar propaganda política e, Ratchnevsky explica, o governador teria se ofendido com o comportamento presunçoso de um membro da caravana.³¹⁵ De qualquer forma, o ato foi uma imensa afronta contra um

³¹² SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 182-186.

³¹³ RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 122.

³¹⁴ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 54.

³¹⁵ RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 122-123.

vizinho até então e neutro que demonstrava sinais de buscar estabelecer relações diplomáticas. Chinggis Khan, ainda assim, enviou mais uma missão diplomática exigindo que Inal-Khan fosse entregue a ele para enfrentar a justiça e que os bens fossem devolvidos, creditando a ação a um ato independente de um governador sem o aval de seu senhor. Desta vez foi o próprio Sultão que executou os emissários, de acordo com Ratchnevsky,³¹⁶ ou um dos emissários e enviou os outros dois de volta, não sem humilhá-los raspando suas barbas e cabelos, de acordo com Biran.³¹⁷ Foi logo depois de rejeitar essa terceira tentativa de contato amigável por parte do imperador mongol que o shah da Corásmia marchou para o norte contra a força avançada de Sübe'etei, Jebe e Jochi.

Um olhar mais atento para Inal-khan, para o próprio xá Muhammad II e toda a política interna do Império da Corásmia entre os séculos XII e XIII lançam uma nova luz sobre essa sequência de acontecimentos e comportamentos que poderiam parecer inexplicáveis. Inal-khan era, além de governador de Utrar, tio de Muhammad, irmão de sua mãe, Terken Khatun, a princesa kipchak casada com o governante anterior da Corásmia, Ala al-Din Tekish. Logicamente, Inal-Khan era kipchak como a irmã, não há certeza sobre qual origem tribal dentro da estrutura kipchak eles faziam parte (se eram qanglis ou de alguma outra origem), mas certamente estavam atentos à expansão mongol ao leste e à perseguição que ocorria nas estepes ao norte e possivelmente mantinham relações com aqueles qanglis com quem Qudu havia se exilado após a derrota mais recente para Sübe'etei.³¹⁸

A imensa presença túrquica (majoritariamente kipchak) no reino corásmio datava, ao menos, do último quarto do século XII e dos esforços de Tekish Shah em ampliar seu poderio militar com esses reforços e de onde veio seu casamento com Terken Khatun. Durante o governo de Tekish, indivíduos de diversas origens étnicas nômades passaram a integrar os exércitos corásmios nas mais variadas posições da hierarquia, dos soldados rasos aos mais altos cargos de comando. Com a morte do marido, Terken Khatun se tornou regente do império ao lado do filho já maior de idade. É difícil mensurar o alcance dos poderes dela, mas acredita-se que ela tenha detido tanto, senão mais, controle quanto o novo xá. É de se compreender que todos esses elementos túrquicos (tanto os recém incorporados por Tekish quanto os tradicionais que formavam a elite dominante corásmia que chegaram ao poder durante o regime seljúcida e se persianizaram ao longo dos séculos anteriores) estivessem apreensivos com as conquistas mongóis no leste e seus primeiros movimentos no oeste.

³¹⁶ RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 122-123..

³¹⁷ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 55

³¹⁸ TIMOKHIN, Dmitry. TISHIN, Vladimir. *Op Cit*, 2017. p. 25-35; RATCHNEVSKY, Paul. *Op Cit*, 1990. p. 124.

Foi partindo desse cenário que Muhammad Shah marchou para o norte e interceptou o retorno de Sübe'etei, Jebe e Jochi em abril de 1219. Os comandantes mongóis, distantes de casa, recém saídos de uma batalha e com ordens expressas de não entrar em conflito com o poderoso império centro-asiático buscaram, de fato, evitar uma batalha, inclusive oferecendo todo o saque da campanha como compensação pela presença próxima aos domínios do shah. Mas não houve saída e as duas forças colidiram às margens de um riacho, os dois exércitos lutaram ferozmente até o cair da noite sem um vencedor evidente. Durante a noite, talvez por artimanhas do lado mongol — Sverdrup relata que é creditado a Sübe'etei uma ordem para que cada guerreiro acendesse três fogueiras para dar a impressão da chegada de reforços que teria afugentado o exército inimigo. De qualquer forma, os três comandantes mongóis retornaram para os territórios recém conquistados do Qara Khitai e informaram o imperador do ocorrido, provavelmente em um momento próximo do retorno da resposta da última missão diplomática rejeitada por Muhammad.³¹⁹

4.3 AS CAMPANHAS OCIDENTAIS E A FORMAÇÃO DA HORDA DOURADA

Chinggis Khan chegou na fronteira corásmia nos meses finais de 1219 à frente de um imenso exército mongol (não completo pois a conquista da dinastia Jīn continuava sob o comando do *noyan* Muqali). Antes de partir, porém, o imperador tomou uma série de provisões para a campanha, as duas mais importantes foram: determinou Ögödei como seu sucessor (mesmo que a tradição ditasse que o novo imperador fosse escolhido por um *kurultai*, Chinggis Khan detinha o prestígio de nomear seu sucessor. A escolha ainda precisava ser confirmada por um *kurultai* e, talvez não fosse se o escolhido não fosse aprovado, o que não foi o caso); e buscou se guarnecer de um corpo de especialistas em cerco chineses e muçulmanos dos territórios conquistados.³²⁰

Com a gradual dissolução do Qara Khitai ao longo da última década, Muhammad Shah havia expandido largamente os domínios corásmios pela porção sul da Ásia Central, estendendo-os ao norte até o Syr Darya. Mas o xá estava longe de possuir a influência política e mesmo a confiança em seus governadores e comandantes para armar uma defesa organizada contra a invasão mongol. Pelo contrário, ele fugiu sempre um passo antes que os avanços mongóis se aproximavam, enquanto cada cidade resistia sozinha o extremamente bem organizado e comandado exército mongol. Os mongóis não enfrentaram o bravo xá do

³¹⁹ SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 187-190.

³²⁰ BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 55-56.

poderoso império que executou seus emissários e comerciantes, atacou o filho mais velho e dois dos principais comandantes de Chinggis Khan, ao atravessar o Syr Darya, eles encontraram um punhado de cidades isoladas, mal governadas e que muitas vezes se renderam sem maiores lutas. Também foram reforçados por grandes números de tropas e indivíduos descontentes com o governante da região.³²¹

Assim como na rota da caravana comercial de Chinggis Khan, Utrar, a porta centro-asiática para a Transoxiana na margem norte do Syr Darya, também foi a primeira parada força enviada para vingá-la. A cidade resistiu ferozmente até abril de 1220, e a cidadela fortificada por mais um mês sob o comando de Inal-Khan, que sabia que nenhuma piedade o esperava no fim do cerco. Chinggis Khan deixou Ögödei e Chagadai responsável por esse cerco e avançou para o coração do império, dividindo suas forças em diversas frentes que foram tomando cidade após cidade. Jochi foi novamente enviado para o norte, para impedir que reforços qanglis alcançassem os aliados ao sul. Ainda em 1220, Bukhara e Samarkanda, duas das principais e mais bem defendidas cidades do Império Corásmio caíram. Os dois anos seguintes continuaram com a conquista de cidades e fortalezas, derrubando suas muralhas para que não pudessem virar focos de resistência futura.³²²

4.4 CONTORNANDO O MAR CÁSPIO

Enquanto Chinggis Khan, seus filhos e outros *noyat* reduziam o restante do Império da Corásmia e perseguiram Ala-ad Din, o hábil filho de Muhammad que conseguia organizar alguma forma de resistência nos idos de 1220, Jebe e Sübe'etei ficaram encarregados perseguir o governante corásmio, novamente, cidade após cidade, tomando várias pela força e aceitando a submissão pacífica de tantas outras. Enfrentaram e derrotaram lideranças que se colocaram entre eles e o elusivo shah e foram auxiliados por tantas outras que lhes indicaram o caminho ou aceitaram a autoridade mongol. A perseguição os levou através do platô iraniano até o Iraque, onde descobriram que ele havia sucumbido a alguma enfermidade e morrido em uma ilha no Mar Cáspio. Ao longo do processo, os *noyat* haviam conseguido capturar Terken Khatun e suas riquezas e a enviaram para Chinggis Khan, que a enviou para viver o restante de seus dias como uma prisioneira de honra na Mongólia.³²³

³²¹ MAY, Timothy. *Op Cit*, 2018. p. 60-64.

³²² BIRAN, Michal. *Op Cit*, 2007. p. 56-60.

³²³ SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 191-195.

Jebe e Sübe'etei continuaram a empreitada pelo Cáucaso Sul, fazendo aliados e inimigos ao longo do caminho. Receberam um reforço de guerreiros túrquicos e curdos em Tabriz e venceram uma batalha contra uma força de cavalaria pesada do reino da Geórgia — os inimigos dos mongóis provavelmente reforçados por kipchaks pois eles também mantiveram uma longa relação com o reino cristão ao sul do Cáucaso. Eles mantiveram contato com as forças principais mongóis ao longo de todo o período, mesmo que um único mensageiro precisasse de uma escolta de 300 a 400 cavaleiros, de acordo com Sverdrup. Em meados de 1221, Sübe'etei conseguiu a permissão de Chinggis Khan para circundar o Mar Cáspio e atacar os kipchaks pelo sul, enquanto Jochi avançaria pelo leste.³²⁴

Jebe e Sübe'etei forçaram seu caminho Cáucaso acima, evitaram um exército geórgio reforçado e sedento por vingança e se encontraram às portas da fortaleza de Derbent, aos pés orientais do Cáucaso em uma estreita faixa de terra plana que fica entre a montanha e o Mar Cáspio, foco de tantas contendas entre árabes e khazares séculos antes. Através de outro stratagema do arsenal de Sübe'etei, guerreiros mongóis fizeram seu caminho através da montanha para tomar a fortaleza pelo outro lado, obtendo uma rendição e oferta de comida pelo comandante da guarda. Do outro lado das montanhas, enfrentaram uma força unificada de kipchaks e alanos, alanos estes cristianizados pelos bizantinos alguns séculos antes. Os *noyat* convenceram os kipchaks a desertarem os aliados evocando a cultura comum compartilhada por eles e os subornaram com os espólios das campanhas anteriores para auxiliar o convencimento.³²⁵

Os dois generais emergiram do Cáucaso para as estepes pânticas arrasando toda a resistência kipchak ao longo do caminho, como observado anteriormente, a confederação kipchak estava longe de uma entidade política centralizada e a capacidade organizacional para reagir a um ataque nômade era baixa, especialmente um liderado pelos dois mais bem sucedidos *noyat* de Chinggis Khan. Jebe e Sübe'etei rapidamente sobrepujaram vários grupos kipchaks espalhados pela estepe, lutando até a Crimeia, e afugentando muitos dos adversários derrotados para o norte, onde se refugiaram nas terras rus e convenceram os príncipes rurikdas a lutarem ao seu lado contra os invasores. A coalizão rus-kipchak foi um episódio memorável, menos pela união entre os vizinhos de longa data e rivais intermitentes e mais pela coesão interna de ambos os lados, principalmente entre os príncipes rus, tão fragmentários desde o início do século anterior.³²⁶

³²⁴ Ibid, p. 196-199.

³²⁵ Ibid, p. 200-201.

³²⁶ DIMNIK, Martin. **The dynasty of Chernigov. 1146-1246.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2003. p. 295.

No mesmo ano, **por nossos pecados**, tribos desconhecidas vieram, que ninguém sabe quem são, quem são eles, nem de onde eles vieram, nem qual é a língua deles, nem de que raça eles são, nem qual é a sua fé; mas eles são chamados de tártaros, e outros chamam Taurmen, e outros povo Pecheneg, e outros dizem que eles são aqueles que o Bispo Mefodi de Patmos testemunhou, que eles vieram do deserto de Etrian que fica entre o leste e o norte. Pois, assim Mefodi diz, que **no fim dos tempos, aparecerão aqueles que Gideão espalhou, e eles irão subjugar toda a terra** do leste até o Eufrates, e do Tigre até o Mar Pôntico, exceto a Etiópia. Só Deus sabe quem são e de onde saíram. Homens muito sábios sabem exatamente quem eles são, homens que compreendem os livros; mas nós não sabemos quem são, mas escrevemos sobre eles aqui em nome da memória dos *Knyazes* russos e do infortúnio que lhes veio deles. Pois ouvimos dizer que eles capturaram muitos países, massacraram uma quantidade dos ímpios povos Yas, Obez, Kasog e Polovetsianos, e dispersaram outros, **todos mortos, mortos assim pela ira de Deus e de Sua Mãe Imaculada**, pois aqueles malditos povos Polovetsianos tinham causado muitos males à terra russa. (Tradução e grifos nossos)³²⁷

Assim relata a Crônica de Novgorod, na entrada do ano de 1224, a presença mongol nas estepes ao sul dos domínios rus. Como de costume, os *noyat* de Chinggis Khan enviaram um emissário para Kiev para informar que a guerra não era com eles e ordenar a entrega dos kipchaks refugiados entre eles. Já em campo para juntar suas forças e marchar contra os mongóis, os príncipes rus executaram os mensageiros antes que esses pudessem alcançar seus destinos. Na sequência, eles partiram contra a força mongol e, no final do mês de maio de 1223, as duas forças se colidiram em uma batalha às margens do Rio Kalka, ao norte do Mar de Azov. O enfrentamento foi feroz, mas as táticas mongóis se provaram mais uma vez eficazes, enquanto as dissidências entre os príncipes rus explodiram novamente no calor da batalha, resultando em má comunicação e falta de apoio entre eles. A coalizão foi esmagada, ao menos uma dúzia de príncipes rus foram mortos em batalha ou nas perseguições que se seguiram, bem como o importantes kipchaks que os acompanharam, como o príncipe Yurgi mencionado anteriormente, e Jebe e Sübe'etei ficaram livres para saquear as terras rus meridionais antes de retornarem para o leste para concluir sua missão que já durava três anos.³²⁸

E assim, **por nossos pecados, Deus colocou confusão entre nós**, e um número incontável de pessoas pereceu, e **houve lamentação, choro e tristeza em todas as cidades e aldeias**. Este mal aconteceu no dia 31 de Maio, **no dia de Santo Ereimei**. E os tártaros se voltaram do rio Dnieper, e nós não sabemos de onde eles vieram nem para onde eles voltaram a se esconder; **Só Deus sabe de onde ele os buscou para usá-los contra nós por nossos pecados**. (Tradução e grifos nossos)³²⁹

³²⁷ THE CHRONICLE *Op Cit*, 1914. p. 64.

³²⁸ Para narrativas mais detalhadas da batalha, conferir: SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 203-207; DIMNIK, Martin. *Op Cit*, 2003. p. 295-298; e CHAMBERS, James. **The Devil's Horsemen: The Mongol Invasion of Europe**. Londres: Book Club Associates, 1979. p. 28-30.

³²⁹ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 66.

A passagem dos mongóis pelas terras rus foi breve, mas a profundidade da impressão deixada pode ser notada pelo espaço dedicado na crônica ao episódio: três páginas inteiras, muito maior que a narração de outros anos inteiros. Ainda assim, apesar de tanta dedicação para o episódio, fica claro também o total desconhecimento dos cronistas rus em relação aos invasores com as duas frases que concluem a narração do episódio acima “(...) e nós não sabemos de onde eles vieram nem para onde eles voltaram a se esconder; Só Deus sabe de onde ele os buscou para usá-los contra nós por nossos pecados.”

Ou ao menos a tentativa de representar tamanho desconhecimento, como demonstrado ao longo deste trabalho, a relação entre os governantes rus e os povos nômades das estepes era tão antiga quanto (na verdade até mais) que seu próprio reino. E, mesmo com cristianização e os acenos para os mundos bizantino e latino, esse contato nunca foi cortado, permanecendo até mais presente que esses outros mesmo nas crônicas que buscavam legitimar os príncipes rus como governantes cristãos. Claro, o contato com os mongóis pode ter sido muito diferente da experiência que qualquer rus vivo teria tido com os nômades até então, tendo em vista que o último grande império nômade nos seus arredores, com capacidades para organizar imensas expedições militares, havia sido o Kaghanato Khazar, eliminado há cerca de 300 anos. Mas, ainda assim, a força avançada mongol de Jebe e Sübe’etei era proporcional às que os vizinhos nômades contemporâneos dos rus poderiam levantar contra eles. O grande diferencial muito provavelmente foi a disciplina e organização mongol e as capacidades táticas dos dois comandantes.

Assim, podemos compreender a narrativa apocalíptica da Crônica de Novgorod mais como uma continuidade do que um grande rompimento, como seus autores pretenderam fazer parecer. A estratégia da narrativa de creditar a invasão e a derrota de um povo cristão nas mãos de um pagão à ação divina punitiva contra os pecados daquele povo, de acordo com Charles Halperin, era uma justificativa comum entre cristãos para explicar as derrotas contra os não-cristãos. E os rus não eram exceção: na prática, antes dos mongóis, eles tinham um longo histórico de contato com outros vizinhos nômades de diversas religiões e frequentemente esse contato resultava em embates bélicos em que, por vezes, o lado cristão saía derrotado. A punição divina sempre foi uma das principais formas de racionalizar a derrota do povo que seguia um Deus onipotente contra um inimigo que não o seguia e, com os mongóis, assim como com os kipchaks e pechenegues antes deles, não foi diferente.³³⁰ E assim se deu o primeiro contato direto entre os principados rus e o *Yeke Mongyol Ulus*.

³³⁰ HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 20

4.5 A HORDA DOURADA

Ao longo da campanha centro-asiática, enquanto Jebe e Sübe’etei perseguiram Muhammad Shah, Jochi parece ter tido profundas desavenças com seus irmãos e efetivamente retirado da campanha por seu pai, provavelmente para evitar maiores conflitos entre os filhos e prejudicar a campanha. Chinggis Khan enviou o filho mais velho para o *ulus* que lhe tinha atribuído para terminar de conquistar as tribos kipchaks e consolidar a autoridade mongol na região, tarefa que ele parece ter feito com grande sucesso. Jochi morreu em seu *ulus* em 1227, aparentemente sem ter participado de mais nenhuma das grandes campanhas mongóis. Assim como seu nascimento, sua morte também foi cercada de mistérios e até hoje questiona-se sobre as verdadeiras causas, incluindo teorias que atribuem ao pai um assassinato do primogênito. Chinggis Khan elevou Batu, segundo filho de Jochi, como sucessor no comando do *ulus*.

Seriam mais quase quinze anos até os mongóis retornarem para as terras rus na ofensiva liderada por Batu que se concluiria na fundação do Khanato da Horda Dourada. Ao longo desse tempo, o Império Mongol consolidaria seu domínio na Ásia Central, nas terras em cuja conquista assimilou alguns grupos cumano-kipchaks enquanto expulsou outros para o território rus e outros espaços cristãos, e ainda dariam continuidade à conquista da China. Na década de 1230, Batu Khan daria início a tentativas de subjugar os búlgaros do Volga, que haviam sobrevivido praticamente ilesos às campanhas ocidentais anteriores. Sübe’etei havia tentado atacá-los no retorno das terras rus, mas sofreu uma das poucas derrotas de sua longa carreira nas mãos dos búlgaros do Volga que, possivelmente alertados por kipchaks fugitivos, marcharam em sua direção e o interceptaram com táticas semelhantes às dos próprios mongóis. Novamente, eles se mostravam adversários formidáveis para forças avançadas mongóis distantes das operações dos grandes exércitos e Batu solicitou reforços para Ögödei Kaghan, incluindo o veterano general Sübe’etei, na época já com cerca de 70 anos. O imperador não só enviou Sübe’etei, como dois príncipes de cada linhagem acompanhados de uma imensa força que atacou e dominou a Bulgária do Volga de diversos frentes entre meados de 1236 e o início de 1237. Uma força desse tamanho não tinha como único objetivo os Búlgaros do Volga e logo retomou a marcha para o oeste.³³¹

Desde 1223, nenhuma outra menção aos “tártaros” apareceu na Crônica de Novgorod, até a entrada do ano de 1237:

³³¹ SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 295-300.

Naquele mesmo ano, estrangeiros chamados tártaros vieram em números incontáveis, como gafanhotos, para a terra de Ryazan, e na primeira vinda eles pararam no Rio Nukhla, e o tomaram, e montaram no acampamento lá. E então enviaram seus emissários aos *Knyazes* de Ryazan, **uma feiticeira** e dois homens com ela, **exigindo deles um décimo de tudo: de homens e Knyazes e cavalos-de-tudo um décimo.** (Tradução e grifos nossos)³³²

Novamente, os príncipes russos se opuseram às demandas mongóis, se organizaram e tentaram resistir e novamente foram derrotados. A diferença, dessa vez, foi que os mongóis vieram para ficar, não chegaram como uma força avançada perseguindo fugitivos, e sim como uma força de ocupação demandando tributos. Ao contrário da força de reconhecimento com pequenas dimensões da década anterior, essa era uma campanha em larga escala, liderada pelo veterano comandante e já conhecido dos principados rus, Sübe'etei, e por Batu Khan, a cujo apanágio aquelas terras pertenciam de acordo com as ordens do, agora falecido, Chinggis Khan mongol.³³³

As forças mongóis eram muito mais numerosas, decididas e agora equipadas com o armamento de cerco testado e consagrado nas campanhas orientais contra as grandiosas muralhas na China e Ásia Central e dispendo de uma linha praticamente livre para receber reforços e suprimentos de casa às suas costas.³³⁴ Os exércitos de Sübe'etei e Batu entraram nas terras rus pelo nordeste no inverno de 1237. Como na Corásmia, as forças mongóis encontraram um reino profundamente dividido por desavenças internas e nenhuma resistência unificada foi organizada. As cidades de madeira rus também pouco serviram contra as máquinas de cerco que os mongóis haviam utilizado na Corásmia e na China. A crônica relata a queda de cidade após cidade sob o avanço mongol, ainda durante a presença mongol na região, os príncipes retomaram as hostilidades entre si e voltaram a disputar os tronos das principais cidades enquanto o suposto inimigo comum ainda espreitava nas redondezas.³³⁵

Mas era tarde demais para se opor à ira de Deus, como foi dito antigamente por Deus, a Josué, filho de Num, ao conduzi-los à terra prometida, então ele disse: "antes de vós, enviarei sobre eles perplexidade, trovão, medo e tremor." **Assim também Deus, antes destes homens, tirou de nós a nossa força e pôs em nós perplexidade, trovões, pavor e tremor pelos nossos pecados.** E então **os estrangeiros pagãos** cercaram Ryazan e cercaram-na com uma paliçada. (...) E os

³³² THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 81.

³³³ ALLSEN, Thomas T. **Culture and Conquest in Mongol Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 52-54.

³³⁴ BIRAN, Michal. **Chinggis Khan**. Oxford: Oneworld, 2007. 51-56.

³³⁵ Para maiores detalhes sobre a campanha, as rotas e atuação dos comandantes mongóis e as reações dos principados rus conferir: SVERDRUP, Carl Fredrik. *Op Cit*, 2017. p. 295-308; CHAMBERS, James. *Op Cit*, 1970. p. 70-82; FAVEREAU, Marie. **The Horde: how the Mongols changed the world**. Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2021. 80-85.

tártaros tomaram a cidade em 21 de dezembro, e haviam avançado contra ela no dia 16 do mesmo mês. (Tradução e grifos nossos)³³⁶

A fúria punitiva de Deus novamente é evocada, e como destaca Halperin, o fator religioso da conquista é sempre destacado e privilegiado, quando não construído, na narrativa em detrimento dos elementos políticos da guerra.³³⁷ Seja através dos adjetivos atribuídos aos mongóis, como “pagãos sem deus”, “derramadores de sangue cristão” e até “ismaelitas sem lei” (mesmo que nesse momento os mongóis ainda não tivessem se convertido ao Islã e naquele momento não houvesse nenhum indicador que o fariam no futuro), e em contraste, realçando os valores cristãos da população e dos príncipes rus, ou com a ênfase dada à destruição de igrejas, espaços sagrados e o assassinato de padres e freiras. Além desses, na passagem a seguir, também pode se observar o uso de datas do calendário cristão, no caso, o Domingo da Sexagésima, que marca o penúltimo domingo que precede a Quarta Feira de Cinzas, o que ressalta o sentimento de ataque aos valores cristãos na invasão mongol.

Os tártaros pagãos e sem Deus então, tendo tomado Ryazan, foi para Volodimir, uma série de **derramadores de sangue Cristão**. (...) E os **Ismaelitas Sem Lei** aproximaram-se da cidade e cercaram a cidade poderosamente, e cercaram-a com uma cerca. (...) E foi de manhã *Knyaz* Vsevolod e *Vladyka* Mitrofan viram que a cidade deveria ser tomada, e **entraram na Igreja da Santa Mãe de Deus** e todos **tiveram seu cabelo cortado na ordem monástica e receberam os hábitos**, o *Knyaz* e a *Knyaginya*, sua filha e nora, e bons homens e mulheres, pelo *Vladyka* Mitrofan. E quando **os sem lei** já haviam chegado perto e montado arietes, e **tomaram a cidade e a incendiaram na sexta-feira antes do Domingo da Sexagesima**, o *Knyaz* e *Knyaginya* e o *Vladyka*, vendo que a cidade estava em chamas e que as pessoas já estavam perecendo, algumas pelo fogo e outras pela espada, **refugiaram-se na Igreja da Santa Mãe de Deus e fecharam-se na sacristia. Os pagãos** arrombando as portas, empilharam madeira e **atearam fogo à igreja sagrada; e mataram todos, que assim pereceram, entregando suas almas a Deus**. (...) E **os malditos sem Deus** em seguida, marcharam de Torzhok (...). E quem, irmãos, pais e filhos, vendo isto, **A punição de Deus sobre toda a terra russa, não lamenta? Deus soltou os pagãos sobre nós pelos nossos pecados. Deus traz estrangeiros para a terra em sua ira e, assim, esmagados por eles, eles serão lembrados de Deus**. E qualquer Terra que tenha pecado **Deus castiga com morte ou fome, ou com a aflição dos pagãos** (...). (Tradução e grifos nossos)³³⁸

Os kipchaks parecem não ter estado presente nas primeiras movimentações mongóis no nordeste rus, mas quando comandantes de Sübe’etei e Batu começaram a se deslocar para o sul, especialmente na estepe pôntica, reencontraram os velhos inimigos. Por mais embates que tenham havido, o *modus operandi* nômade ainda ditava mais a incorporação dos elementos derrotados do que sua eliminação total, de modo que grandes contingentes

³³⁶ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 82.

³³⁷ HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 10-20.

³³⁸ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 82-84.

derrotados se juntaram à força invasora com ou sem lutar. Com a grande quantidade de elementos túrquicos anteriormente parte da confederação kipchak incorporados às forças de Batu, seu *ulus* passou por um rápido processo de turquicização, ao ponto de posteriormente ser reconhecido como até chamado, anacronicamente, de “Khanato Kipchak”.³³⁹

Além dos que se renderam e se juntaram aos mongóis, outros grupos kipchaks se refugiaram em reinos vizinhos. O mais notável foi o grupo sob o comando de Köten, que atravessou os Cárpatos e encontrou abrigo na Hungria do rei Bela IV após a conversão do líder ao catolicismo. A presença kipchak no reino húngaro foi conturbada e inúmeros conflitos se iniciaram com hostilidades e desconfianças da nobreza húngara que se revoltou com a presença dos antigos vizinhos no seu lado das montanhas — aparentemente a conversão ao catolicismo e incorporação ao mundo latino era prerrogativa exclusiva do magiares. A situação escalou com a entrada dos mongóis nas terras húngaras em 1241, precisamente sob o pretexto de reaver os fugitivos kipchaks, como tantas vezes antes, pois estes, como nômades das estepes, faziam parte do Mandato Divino de Chinggis Khan. Desconfiada que os kipchaks abrigados entre eles estavam, na verdade, alinhados ao invasor — sentimento provavelmente corroborado pela grande presença kipchak entre as forças mongóis — a população húngara se revoltou e linchou Köten, não só assassinando a única aliança disposta e capaz de enfrentar os mongóis ao lado de seus exércitos, mas também criando um novo inimigo que atravessou o reino arrasando o caminho até encontrar um novo abrigo no Reino Búlgaro ao sul.³⁴⁰

A campanha mongol nas terras rus durou os últimos três anos da década de 1230, mas fora o relato das primeiras ações, em 1237, os “tártaros” só retornam à narrativa da crônica no relato do ano de 1241, quando o príncipe Yaroslav Vsevolodich é convocado por Batu Khan, agora governante da recém fundada Horda Dourada, à sua recém fundada capital, Saray: “Naquele mesmo ano, *Knyaz* Yaroslav Vsevolodich, convocado pelo Tsar tártaro Batu, foi até ele na Horda”.³⁴¹ E apenas isso é dito sobre o caso; a natureza da convocação ou os motivos que levam um príncipe rus, Grão-Príncipe de Vladimir Suzdal inclusive, a responder à convocação de um governante mongol são deixados de lado. A convocação, contudo, teria sido para confirmar a autoridade do príncipe como herdeiro de seu irmão Yuri, morto durante as guerras da conquista mongol, e assim ratificando sua detenção de um dos principais tronos das terras rus, do Grão-Principado de Vladimir Suzdal.³⁴²

³³⁹ FAVEREAU, Marie. *Op Cit*, 2021. p.4; 63-67; HALPERIN, Charles. *Op Cit*, 2000. p. 237.

³⁴⁰ HALPERIN, Charles. *Op Cit*, 2000. p. 233-238; JACKSON, Peter. *Op Cit*, 2014. p. 58-68.

³⁴¹ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 87, Tradução nossa.

³⁴² CHAMBERS, James. *Op Cit*, 1979. p. 70-82.

Após descrever a tomada e destruição de algumas cidades rus, a Crônica de Novgorod não apresenta o que sucedeu ao ataque, a saber, o estabelecimento de um governo mongol acima da autoridade dos príncipes rus. A “Horda” tão mencionada, visitada pelos príncipes rus para cumprirem suas responsabilidades para com o *khan* geralmente significava o acampamento móvel do governante mongol, sua moradia e tanto centro de poder político quanto militar. Mas também poderia se referir a *Saray*, a capital administrativa e econômica fundada por Batu no Baixo Volga, não muito distante de onde os khazares haviam erguido sua capital 500 anos antes e na mesma região em que eles mantiveram diversas cidades comerciais importantes. Também era a mesma região que os citas quase dois mil anos antes fizeram seu centro de poder e tantos outros entre eles e os jochidas.

Enquanto o acampamento móvel era a sede do poder político e simbólico dos *khans* da Horda Dourada, a capital (e as outras cidades sob sua proteção) serviam como sedes administrativas e centros comerciais, por onde as rotas das caravanas passavam e onde os administradores e coletores de tributos viviam e trabalhavam, elas também logo se tornaram importantes centros de produção artesanal. Batu teria fundado a cidade ao retornar da campanha nos territórios latinos, que aconteceu na sequência da conquista dos principados rus, entre 1241 e 1242. A fundação da cidade é uma das várias marcas do início da Horda Dourada, neste momento, ainda como uma entidade interna ao império mongol, submissa ao *kaghan* e ao *Yeke Mongyol Ulus*.³⁴³

Assim, com a omissão de todo esse processo que acontecia à sua volta, a crônica cria a impressão de que os exércitos mongóis apenas saquearam as cidades e se retiraram. O salto lógico e narrativo para um acontecimento como a convocação de um príncipe rus por seu soberano mongol é um exemplo da ideologia do silêncio, demonstrada por Halperin, nos documentos rus sobre o período de dominação mongol.³⁴⁴ De acordo com Halperin, a ideologia do silêncio seria o desenvolvimento, adaptado para a nova realidade, da tradição de atribuir as vitórias e derrotas contra povos não-cristãos ao favor divino, em que evita-se narrar o processo de conquista e governo da Horda Dourada sobre os principados rus. Ainda assim, dada a impossibilidade de relatar os fatos e ignorar por completo o domínio mongol, este acaba aparecendo implícita ou até explicitamente ao longo dos textos. No relato do ano de 1245, por exemplo, o príncipe Mikhail de Chernigov é convocado por Batu Khan “à Horda” e a narrativa deste episódio, além de fornecer muitos detalhes sobre como os mongóis

³⁴³ ZILIVINSKAYA, Emma; VASILYEV, Dmitry. Cities of the Golden Horde. In: MIRGALEEV, Ilnur. M.; HAUTALA, Roman. (EDS.). **The Golden Horde in world history**. English translation ed. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017. p. 630-660.

³⁴⁴ HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 61-74.

eram vistos pelos rus (ou pelo menos sobre como os cronistas desejavam que eles fossem vistos), deixa explícita a relação de soberania de Batu em relação ao *Knyaz* Mikhail.

Mikhail de Chernigov foi um dos sobreviventes da Batalha do Rio Kalka, o confronto resultante da incursão mongol nas terras rus em 1223, além disso, foi com o resultado dessa batalha que ele foi alçado ao trono de Chernigov, substituindo seu tio, Mstislav II Svyatoslavich, morto no combate.³⁴⁵ Mikhail ocupava o trono de Grão-Príncipe de Kiev em 1240, o principal entre os príncipes da Rus Kievana, quando as tropas de Möngke Khan (que viria a se tornar Kaghan em 1251) cercaram a cidade. Após negociações mal sucedidas com o comandante mongol — acredita-se que o príncipe tenha assassinado os emissários mongóis — Mikhail fugiu da cidade com sua família e seus boiardos. Durante a fuga, parte da comitiva foi capturada pelo já mencionado Yaroslav Vsevolodich, rival de Mikhail, entre os capturados estava sua esposa, Elena Romanovna. Mikhail passou os anos seguintes em exílio nos reinos cristãos a oeste como Hungria e Polônia, eventualmente retornando às terras rus mas nunca reavendo a autoridade de outrora. Durante o exílio e depois de seu retorno, Mikhail buscou diversas vezes construir alianças para combater o recém formado khanato mongol, como tentar casar seu filho com os reis que o receberam para garantir seu apoio, mas sem sucesso.³⁴⁶

Yaroslav Vsevolodich havia sido o primeiro príncipe a dirigir-se ao acampamento do recém estabelecido khan mongol para lhe jurar lealdade em 1243, e foi confirmado como Grão Duque de Vladimir e Suzdal e Grão-Príncipe de Kiev, substituindo Mikhail de Chernigov. Este, por sua vez, foi o último entre os principais príncipes rus a fazê-lo, em 1246. Isto se deu, muito provavelmente, por temor das represálias pelo assassinato dos enviados mongóis durante o cerco de Kiev e das tentativas de rebelião posteriores, mas era cada vez mais insustentável continuar a governar Chernigov sem a confirmação oficial mongol tremendo represálias também por isso.³⁴⁷ A passagem a seguir são os principais trechos desse encontro conforme a narrativa novgorodiana:

E Knyaz Mikhail tendo ouvido isso, ele trouxe de volta as pessoas que haviam fugido de todos os lados para terras estranhas, e eles vieram para sua própria terra. E os tártaros começaram a convocá-los com insistência para ir a Baty, dizendo-lhes: **"Não é bom que vocês vivam na terra do Khan e de Baty sem prestar homenagem a eles."** (...) Se alguém viesse lhe prestar reverência, ele não ordenaria que fosse trazido a ele, mas **os bruxos costumavam ser ordenados a trazê-los através do fogo e fazê-los curvar-se a um arbusto e ao fogo;** e tudo o que alguém trouxesse consigo para o Tsar, **os magos costumavam pegar um pouco e jogar no**

³⁴⁵ DIMNIK, Martin. *Op Cit*, 2003. p. 293-297.

³⁴⁶ SVERDRUP, Carl F. *Op Cit*, 2017. p. 306

³⁴⁷ DIMNIK, Martin. *Op Cit*, 2003. p. 366-368.

fogo, e então eles costumavam deixá-los ir diante do Tsar **com os seus presentes**. E muitos Knyazes com seus boiardos passaram pelo fogo, e se curvaram ao arbusto, seus ídolos, e para as glórias deste mundo, **e cada um pediu-lhes poder e eles costumavam dar-lhes** sem questionar, para enganá-los com as glórias deste mundo. E o **reverendíssimo Knyaz Mikhail** estando então em Chernigov, e vendo muitos sendo enganados pelas glórias deste mundo, **Deus enviou a graça e o dom do Espírito Santo sobre ele**; Ele colocou em seu coração para ir diante do Tsar Baty e denunciar sua enganação com a qual ele enganou os cristãos. E ele veio ao seu pai espiritual e disse-lhe dizendo: "Eu gostaria de ir ao Tsar Baty." O seu pai espiritual respondeu-lhe: "muitos tendo ido **fizeram a vontade do Tsar pagão Baty**, enganados pelas glórias deste mundo; (...) E tu, meu filho, Mikhail, se quiseres ir, não faças assim, como os outros; **não passeis pelo fogo; não vos curveis aos seus ídolos, nem comais a sua comida, nem bebais entre os vossos lábios; mas Confessai a fé cristã, porque não é cristão curvar-se a coisa alguma, mas apenas a nosso Senhor Jesus Cristo.** (...) **Se assim o fizerem, sereis novos santos mártires na atual geração para a confirmação dos fiéis.**" (...) E atravessando muitas terras chegaram ao Tsar Baty (...). (Tradução e grifos nossos)³⁴⁸

Neste episódio, notamos a continuidade do mencionado acima sobre o destaque para o fator religioso dos acontecimentos narrados na crônica rus. Serem pagãos ainda é a principal característica que define os "tártaros" e esse se torna o tema central do conflito entre Mikhail de Chernigov e Batu Khan: o príncipe rus recusa-se a praticar os rituais pagãos exigidos pelo governante mongol e aceitos pelos seus pares que o antecederam. Aconselhado por seu padre e acompanhado de seu principal comandante, Mikhail é dramaticamente executado pela recusa, é golpeado até a morte enquanto entoava cantos de martírio cristãos e tornam-se ele próprio e seu comandante mártires para a narrativa novgorodiana.

Para a narrativa rus, a recusa de Mikhail é exclusivamente espiritual, "A ti, Tsar, eu me curvo, pois Deus concedeu a ti a soberania deste mundo, mas às coisas às quais estes curvam-se, eu não me curvarei.", reconhecendo, inclusive, a soberania de Batu sobre aquelas terras. Além desta fala de Mikhail, a convocação do Khan mongol também explicita a autoridade deste sobre os príncipes rus: "não é adequado que vocês vivam nas terras do Khan e de Batu sem jurarem lealdade a eles" aqui é, ainda, reconhecida a autoridade imperial mongol do imperador ou Kaghan, mencionado no texto como khan.

A existência dessas menções explícitas à soberania mongol sobre os rus, contudo, não nega, necessariamente, a Teoria da Ideologia do Silêncio de Halperin: sua análise é desenvolvida a partir de uma miríade de crônicas que se alongam por séculos antes, durante e após o domínio mongol e a própria teoria reconhece a impossibilidade de evitar por completo alusões implícitas ou explícitas a essa realidade ao narrar séculos de história sob tal dominação. Esta passagem em específico, inclusive, é apontada pelo autor.³⁴⁹

³⁴⁸ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 88-89.

³⁴⁹ HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 67

O episódio da execução de Mikhail de Chernigov, ainda, fornece-nos o primeiro relato de fato sobre os mongóis na Crônica de Novgorod, o primeiro momento em que sua cultura, suas tradições, rituais e pensamento sobre o poder são demonstrados no texto, ou ao menos o são feitos através dos olhos dos cronistas novgorodianos.

A crônica destaca a ação dos “bruxos” da corte mongol, que aparentavam ter grande participação nas cerimônias envolvendo o juramento de lealdade dos príncipes rus, coletando parte dos “presentes” e jogando-os ao fogo antes de permitir que fossem entregues ao khan. De acordo com Roman Pochekaev, o caminhar entre os fogos que Mikhail se recusa a fazer seria um ritual para purificar aquele que o fizesse de más intenções contra o khan,³⁵⁰ assim como provavelmente jogar parte dos presentes ao fogo seria uma forma de purificá-los. Os bruxos, por sua vez, provavelmente shamans tengriistas como os que acompanhavam Chinggis Khan nas estepes, aparentam realizar uma espécie de proteção espiritual de Batu.

os bruxos que vieram antes do Tsar [Batu], o Tsar disse-lhes: "como é de acordo com o nosso costume, façam a Knyaz Mikhail, e depois tragam-no diante de mim." (...) E os magos levaram Mikhail e seu Voyevoda Fedor através do fogo. Mikhail disse-lhes: "**Não é Cristão passar pelo fogo e curvar-se aos ídolos, aos quais estes se curvam; tal é a religião cristã, não se curvar a nada nem aos ídolos, mas curvar-se à Trindade: ao Pai, ao Filho e ao Espírito Santo.**" (...) E o Tsar Baty ficou muito zangado, enviou um de seus nobres, seu mordomo chamado Eldega, e disse: "Por que não fizeste nada do meu comando e não te curvaste aos meus deuses? mas a partir deste momento escolhe para ti a vida ou a morte; se fizeres de acordo com o meu mandamento, viverás e receberás todo o teu principado, mas se não passares pelo fogo, nem te curvares ao arbusto e aos ídolos, então morrerás uma morte cruel." Então Mikhail respondeu: "**A ti, Tsar, eu me curvo, já que Deus te concedeu a soberania deste mundo, mas às coisas às quais estes se curvam eu não me curvarei.**" (...) E aqueles que estavam ao lado disseram: "Mikhail, os carrascos estão vindo do Tsar para matá-lo; **curvai-vos e vivereis.**" E Mikhail e Fedor responderam como com uma só boca: "**Nós não vamos nos curvar** e não escutaremos a vocês pelas glórias deste mundo", e começou a cantar: "teus Mártires, Ó Senhor, não te negaram, nem se afastaram dos teus mandamentos, mas sofreram por Tua causa, ó Cristo, e suportaram muitas torturas e receberam coroas perfeitas no céu", e assim por diante. **E então os carrascos, tendo chegado e saltado de seus cavalos, agarraram Mikhail, esticaram-no e segurando seus braços, começaram a golpeá-lo com as mãos sobre o coração,** e atiraram-no de bruços ao chão e acertaram-lhe com os calcanhares. **E quando ele tinha sido dominado um certo homem que tinha sido um cristão e então tornou-se pagão** tendo negado a fé cristã, e tornado-se um transgressor pagão da lei, chamado Doman, **este homem cortou a cabeça do Santo Veliki Knyaz Mikhail e atirou-a para longe.** (Tradução e grifos nossos)³⁵¹

De acordo com Dimnik, o processo de jurar a lealdade a Batu, contudo, não costumava envolver a exigência da adoração dos ídolos adorados pelos mongóis, inclusive

³⁵⁰ POCHEKAEV, Roman. The Law of The Golden Horde. Taxation. Court Etiquette and the Protocol. In: MIRGALEEV, Ilnur. M.; HAUTALA, Roman. (EDS.). **The Golden Horde in world history.** English translation ed. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017. p. 189.

³⁵¹ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p.89-91.

tendo em vista as leis instituídas por Chinggis Khan protegendo a prática de todas as religiões em seus territórios, ainda mais neste caso, uma estatueta do próprio Chinggis Khan era o ídolo adorado no acampamento de de Batu.³⁵² Nem mesmo o caminhar entre os fogos era sempre demandado dos príncipes que iam prestar seu juramento. Assim, Pochekaev teoriza que a imposição dessas demandas não usuais teria sido proposital para que ele as rejeitasse e assim houvesse um pretexto para a execução de Mikhail de Chernigov.³⁵³ A teoria de Pochekaev é corroborada pela já mencionada tradição instituída como lei por Chinggis Khan exigindo que todas as práticas religiosas fossem permitidas dentro de seu império, não devendo ser imposta nenhuma religião sobre outra, contanto que os súditos rezassem em prol do imperador e dos governantes mongóis em seus respectivos credos.³⁵⁴ Além disso, e principalmente por isso, é curioso que, dentre todos os grandes príncipes rus, Mikhail tenha sido o único a se manter fiel aos valores cristãos e recusar tomar parte nestes rituais.

No relato do ano de 1246, apenas duas informações são apresentadas: “*Knyaz* Yaroslav Vselodits morreu na Horda do Khan” e “*Knyaz* Olexander se dirigiu aos tártaros”. No relato de 1250, por sua vez, lê-se apenas “*Knyaz* Olexander retornou da Horda e houve muita alegria em Novgorod.”³⁵⁵ Com a morte de Ögödei Kaghan em 1241, surgiu a necessidade de um *kurultai* para eleger o novo Kaghan. Até que fosse escolhido o novo ocupante do trono imperial, o *Yeke Mongyol Ulus* ficou sob os cuidados de Töregene Khatun, principal esposa do falecido Kaghan. A figura da imperatriz regente é uma das mais polêmicas da história do Império Mongol e suas políticas e métodos foram amplamente questionados por seus contemporâneos e autores posteriores e muitas delas revertidas quando seu filho Güyük ascendeu ao trono. O khan da Horda Dourada foi um grande opositor à regente e sua campanha para coroar o filho, mas por fim ela foi bem sucedida em seu objetivo.³⁵⁶

Batu Khan sabia que não conseguiria impedir a eleição de seu adversário e buscou atrasá-la o máximo que conseguisse. Quando o *kurultai* finalmente aconteceu, o príncipe rus Yaroslav Vselodits encontrava-se como seu representante na capital imperial e foi assassinado envenenado pela imperatriz viúva.³⁵⁷ A imperatriz então convocou os filhos de Yaroslav, Alexander Nevsky, o *Knyaz* Olexander da crônica e seu irmão Andrew, para serem

³⁵² DIMNIK, Martin. *Op Cit*, 2003. p. 370.

³⁵³ POCHKAEV, Roman. *Op Cit*, 2017. p. 189.

³⁵⁴ MAY, Timothy. *Op Cit*, 2018. p. 99-103.

³⁵⁵ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 92-93, Tradução nossa.

³⁵⁶ PRAWDIN, Michael. **The Mongol empire: its rise and legacy**. New Brunswick, N.J: Aldine Transaction, 2006. p. 275-280.

³⁵⁷ CHAMBERS, James. *Op Cit*, 1979. p. 125.

confirmados como herdeiros de seu pai e receberem oficialmente os títulos de Príncipe de Kiev e Grão-Duque de Vladimir Suzdal, respectivamente, em uma tentativa do Kaghan de garantir apoio nas terras de Batu.³⁵⁸

Naquele momento, Kiev encontrava-se ocupada pelas forças de Batu e Alexander Nevsky ocupava o trono de Novgorod, de onde optou por governar Kiev. Além disso, Novgorod se encontrava sob constante ameaça de vizinhos ocidentais, como os Cavaleiros Teutônicos que buscavam expandir os domínios recém conquistados na região após a expulsão da Hungria, e invasores suevos, contra os quais a máquina de guerra de Batu era uma das melhores apostas de proteção. De modo que o príncipe de Novgorod e Kiev manteve-se leal ao khan da Horda Dourada. Seu irmão, Andrew Yaroslavich, por outro lado, não buscou a confirmação mongol da Horda Dourada e, contando com alianças com principados e reinos cristãos como Galícia e Volhynia, Polônia e Hungria, levantou um exército em rebelião contra Batu. Seus aliados ocidentais, contudo, não lhe foram ao encontro e sua rebelião foi rapidamente sufocada por uma expedição enviada por Batu. Andrew fugiu e se exilou em terras suecas e Alexander recebeu o trono do Grão Ducado de Vladimir Suzdal, anteriormente ocupado pelo irmão.³⁵⁹

Sobre este episódio, em 1255, a crônica novgorodiana relata “Àquele momento também, Nevruí veio contra a terra de Suzdal, contra *Knyaz Andrew*; e o *Knyaz Andrew Yaroslavich* fugiu para além mar, para a terra dos *Svei*, e eles o mataram.”³⁶⁰ Nevruí era o comandante mongol que liderou a incursão. É curioso notar a omissão da identidade mongol de Nevruí no relato: o comandante nunca havia sido mencionado e não retornou às linhas da Crônica de Novgorod após este episódio. Também pode-se destacar a ausência do fator religioso no relato da punição de Andrew, tão presente nas narrativas de ambas as campanhas mongóis cerca de trinta e quinze anos antes e ainda muito evidente na execução de Mikhail de Chernigov, menos de dez anos antes. Até as dimensões da destruição de Vladimir Suzdal realizada por Nevruí deixam de ser apresentadas e que, de acordo com Chambers, devastaram novamente a região que ainda se recuperava dos danos da conquista mongol.³⁶¹ Por fim, sobre esta passagem, também vale ressaltar que Andrew viveu mais uma década após a tentativa de rebelião, até mesmo retornando às terras rus e conquistando o perdão mongol.

Não se deve suspeitar, em conta disso, que o fator religioso tenha deixado de ser importante para os cronistas novgorodianos em algum momento entre 1246 e 1255: ao longo

³⁵⁸ Idem. p. 134.

³⁵⁹ Idem.

³⁶⁰ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 93, Tradução nossa.

³⁶¹ CHAMBERS, James. *Op Cit*, 1979. p. 134.,

da narrativa, continuam acontecendo incursões por outros povos pagãos contra os territórios rus, antes e depois do exílio de Andrew Yaroslavich. Os próprios mongóis voltam a ser caracterizados por sua não-cristandade em momentos posteriores.

O relato de 1257 narra a cobrança do *tamga*, que abordaremos na sequência, sobre a cidade de Novgorod:

Notícias malignas vieram da Rússia, que os os tártaros queriam o *tamga* e o dízimo de Novgorod; e o povo ficou agitado o ano inteiro. (...) No mesmo inverno, emissários tártaros vieram com Olexander e Vasili fugiu para Pleskov; e os emissários começaram a solicitar o dízimo e o *tamga* e os homens de Novgorod não concordaram com isso e deram presentes ao *Tsar* e deixaram os emissários irem em paz. (Tradução nossa)³⁶²

Essa é a primeira passagem, em mais de quinze anos de governo mongol, que a coleta de alguma espécie de tributo por parte dos “tártaros” é mencionada na crônica. Em momentos anteriores, como o juramento de lealdade dos príncipes, é mencionada a entrega de presentes ao khan, como os presentes entregues neste caso para os emissários mongóis. Com essa troca de presentes entre lideranças como forma de firmar uma relação política, mesmo no caso de que aquele que entrega o presente esteja realizando ou reafirmando a submissão, podemos remontar à Cultura Política Nômade através até mesmo da Crônica de Novgorod, os príncipes rus não faziam muito diferente de Temüjin quanto este foi até Toghrul buscar seu apoio para reunir os clãs mongóis, menos de cem anos antes.

Os tributos seriam a forma mais institucionalizada de um governo nômade de extrair as riquezas de seus súditos para redistribuí-las através de sua estrutura de poder com a manutenção do governo em mente. De acordo com Favereau, ainda, esses presentes teriam sido entregues na expectativa de escapar da cobrança tributária, mas os agentes mongóis os enxergaram apenas como um adiantamento no pagamento. Ainda segundo essa autora, o “dízimo” mencionado seria a taxa de dez por cento sobre todos os bens, animais e até pessoas.³⁶³ O *tamga*, por sua vez, era o selo colocado nos itens taxados para marcá-los como tal e passou a referir-se também a esses produtos, ou seja, recolher o *tamga* seria recolher esses itens. Originalmente, o *tamga* era o selo e ou símbolo relativo a um clã ou família na cultura nômade das estepes, sendo usado para identificar aquele grupo e demarcar suas posses. Chinggis Khan e seus descendentes chegam a cunhar moedas com seus respectivos

³⁶² THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914, p. 95-96;

³⁶³ FAVEREAU, Marie. *Op Cit*, 2021, p. 131-133.

tamgas.³⁶⁴ Assim, através de presentes ou tributos, os príncipes rus, mais uma vez, eram trazidos para dentro da esfera de influência da Cultura Política Nômade como súditos, não como vizinhos, aliados ou rivais.

Dois anos depois, os mongóis retornaram:

No mesmo Inverno Mikhail Pineschinich veio do país baixo com uma falsa missão, dizendo assim: "se vocês não **enumerarem-se para o tributo** já existe uma força no país baixo." E os homens de Novgorod enumeraram-se para o tributo. **No mesmo Inverno, os malditos tártaros comedores de comida crua**, Berkai e Kasachik, vieram com suas esposas, e muitos outros, **e houve um grande tumulto em Novgorod** e fizeram muito mal na província, tomando contribuições para os malditos tártaros. E os malditos começaram a temer a morte; **disseram a Olexander: "dêem-nos guardas, para que não nos matem. E o Knyaz ordenou** que o Filho do *Posadnik* e todos os filhos dos boiardos os protegessem à noite. Os tártaros disseram: "dêem-nos os seus números para tributo ou fugiremos." **E as pessoas comuns não dariam seus números como tributo (...)** E foi no dia seguinte, **o Knyaz desceu do Gorodishche e os malditos tártaros com ele, (...)** **E os malditos começaram a andar pelas ruas, anotando as casas cristãs** porque, pelos nossos pecados, Deus tirou do deserto animais selvagens para comer a carne dos fortes e beber o sangue dos *Boiardos*. E tendo-os contado para tributo e tomado o tributo, os malditos foram embora, e *Knyaz Olexander* seguiu-os, (...). (Tradução e grifos nossos)³⁶⁵

O retorno mongol não se deu apenas pela cobrança dos tributos devidos dos anos anteriores, mas também teve como objetivo a realização de um censo nas terras rus — o “enumerem-se” do relato — conforme estava sendo realizado em toda a extensão territorial do grande domínio mongol. Neste episódio, a população novgorodiana se rebelou e recusou-se a “se enumerar”, apesar do apoio do príncipe Alexander Nevsky e de seus nobres aos agentes recenseadores mongóis. O levantamento censitário tinha como objetivo estabelecer o tributo cobrado e o número de conscritos para os exércitos mongóis recrutados em cada região.

O inverno era a temporada de guerra tradicional para os mongóis, e não foi diferente nas terras rus: os rios congelados facilitavam a mobilidade dos exércitos e as temperaturas não eram muito diferentes das que eles vivenciavam nas estepes do nordeste asiático. Berke, o Berkai no texto, era o novo khan da Horda Dourada, irmão de Batu, que havia falecido em 1255. Tamanha movimentação militar para as terras rus na temporada de guerra e em tempos de censo era uma mensagem muito clara da seriedade com que a administração mongol tratava seus levantamentos demográficos.

³⁶⁴ NYAMAA, Badarch. *The Coins of Mongol Empire and Clan Tamgha of Khans (XIII-XIV)* Ulaanbaatar, 2005.

³⁶⁵ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 96-97.

Essa recusa por parte da população muito provavelmente se deu na expectativa, como a própria crônica sugere, de evitar as demandas que vinham como resultado do censo. Alexander Nevsky, por outro lado, sabia que a consequência da recusa era muito mais grave do que o preço a ser pago em tributos. Nevsky, como indicam Favereau³⁶⁶ e Halperin,³⁶⁷ vinha sendo o mais leal entre os príncipes rus para com os governantes mongóis e alinhar-se à programática mongol não apenas significava não tê-los como adversários, mas também poder contar com eles como protetores: Nevsky havia feito sua fama com grandes vitórias defendendo Novgorod de incursões suevas e teutônicas vindas do oeste, mas ambas as ameaças ainda eram tangíveis e preocupavam o príncipe.

Assim, Nevsky garantiu a proteção dos agentes censitários e tributários mongóis, que, conforme narra a crônica, desceram do *Gorodische*³⁶⁸ acompanhados do príncipe e seus nobres e puderam contabilizar a população da cidade. Halperin defende que a resistência popular contra o censo tenha tido dimensões menores do que as descritas pela Crônica de Novgorod, que teria exagerado e romantizado o episódio com o objetivo de exaltar a afronta à autoridade mongol exercida pela cidade.³⁶⁹

Nevsky faleceu em 1263, como narra a crônica, retornando do acampamento mongol.

No mesmo ano *Knyaz* Olexander foi até os tártaros; e Berka o manteve, não o deixando voltar para a Rússia; e ele passou o inverno com os tártaros e adoeceu. A.D. 1263. A.M. 6771. *Knyaz* Olexander voltou dos tártaros com a saúde muito ruim, no outono; e ele veio para Gorodets [mosteiro] e foi recebeu o corte de cabelo monástico em novembro, o dia do Santo Apóstolo Filipe; e ele morreu na mesma noite (...).³⁷⁰

A Crônica de Novgorod falha em mencionar o motivo da ida de Nevsky “à Horda”. Em 1262, novamente as cidades russas se rebelaram contra a cobrança de impostos e expulsaram os agentes muçulmanos que realizavam a prática de “tax-farming”.³⁷¹ Nevsky então teria se dirigido ao acampamento de Berke Khan com o objetivo de evitar uma campanha punitiva mongol nas terras rus. O príncipe provavelmente teve sucesso em sua missão, pois não houve represália mongol a tal episódio, que certamente foi uma grave

³⁶⁶ FAVEREAU, Marie. *Op Cit*, 2021. p. 131-133.

³⁶⁷ HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 48-51.

³⁶⁸ A mesma cidadela teoricamente erguida por Rurik no mito fundador rus e talvez ocupada pelos teóricos kaghans rus em tempos anteriores

³⁶⁹ HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 50-51.

³⁷⁰ THE CHRONICLE. *Op Cit*, 1914. p. 98, tradução nossa.

³⁷¹ “Agricultura tributária” em tradução livre, diz respeito à delegação da coleta tributária a agentes terceiros que, por sua vez, pagam um valor fixo ao contratante por esse direito. Uma forma menos burocrática de coleta de impostos.

afronta à autoridade da Horda Dourada. Nevsky adoeceu e veio a falecer na viagem de retorno desta missão.

Há de se destacar, novamente, a omissão do episódio da revolta e expulsão dos coletores de impostos na narrativa, tendo em vista o destaque dado para outro acontecimento semelhante apenas dois anos antes. A crônica descreve um incêndio que destruiu algumas casas na cidade e uma coalizão de príncipes rus liderados por Novgorod atacando e saqueando a cidade de Yurev nos relatos dos anos de 1261 e 1262, mas não há nenhum indício de relação com a expulsão dos “tax-farmers”. A bibliografia sobre o episódio também é escassa, sendo ao máximo mencionado brevemente por poucos autores, como Halperin e pela Enciclopédia Britannica.³⁷²

As primeiras duas décadas do governo mongol sobre os principados rus pintam uma paisagem política muito diferente do restante dos territórios conquistados pelos exércitos mongóis: aqui, a autoridade mongol se deu de modo indireto, os mesmos grupos que estavam no poder antes da conquista permaneceram governando, a saber, os príncipes e grão-príncipes das cidades rus. A diferença é que agora estes estavam sujeitos à autoridade mongol, precisando jurar lealdade ao khan e receber a confirmação de suas funções para governar sob a égide do poderio militar mongol e não às suas sombras.

Novgorod se orgulha de ter sido a única entre as grandes cidades russas a não ser conquistada pelas forças de Batu Khan e Sube’etei e seus sucessores, mas também foi a única entre elas a não resistir aos exércitos mongóis e a primeira a cooperar com os novos governantes. Nos primeiros anos da Horda Dourada, todos aqueles que se rebelaram foram derrotados, enquanto aqueles que cooperaram com a dinastia de Jochi prosperaram. Yaroslav Vsevolodovich e seu filho, Alexander Nevsky, se destacam pelo pragmatismo e objetividade com que encararam e abraçaram o governo mongol: ambos se encontravam no trono novgorodiano quando entraram em contato com o universo político mongol e rapidamente ascenderam à coroa de Vladimir Suzdal, o principal entre os principados rus no Século XIII. Mikhail de Chernigov e Andrew Yaroslavich não tiveram a mesma sorte e, após se rebelarem, perderam suas terras e títulos, com o príncipe de Chernigov acabando morto e executado no dramático episódio narrado pela crônica. Andrew, por outro lado, incentivado por seu irmão, Alexandre Nevsky, retornou posteriormente pedindo perdão e levando generosos presentes de expiação para o khan mongol e foi recompensado.

³⁷² HALPERIN, Charles J. *Op Cit*, 1987. p. 49-50.

Na política externa da Horda Dourada, vale ressaltar a curiosa relação mantida entre os descendentes de Jochi com um poder que surgiu no Egito em meados do século XIII, de certa forma, como consequência dos processos de conquista mongol. Depois da Batalha de Kalka, em 1223, os kipchaks praticamente desaparecem da Crônica de Novgorod, retornando em um episódio em 1235 e desaparecendo novamente por 150 anos para retornarem uma última vez em 1380. Isso se deu mais pela incorporação dos kipchaks ao novo governo mongol, eles agora eram, ao menos para a crônica, tártaros como todos os outros, do que por sua eliminação total, mas uma grande quantidade deles ainda foi expulsa ou se exilou das estepes.

Talvez o maior impacto causado pelos kipchaks em diáspora pela conquista mongol tenha sido sentido no Egito e Levante muçulmanos e nos reinos cruzados da região com a formação do Sultanato Mameluco em 1250. Além de incorporados aos exércitos mongóis, uma grande quantidade de prisioneiros de guerra túrquicos (novamente, de maioria kipchak, tendo em vista a extensão da confederação) foi vendida como escravos guerreiros através de toda a Eurásia e norte da África. No Egito, eles se revoltaram contra a dinastia Aiúbida, fundada por Saladino, e consolidaram seu poder entre as décadas de 1250 e 1260. Os mamelucos eram jovens capturados, a sua maioria nas estepes, e enviados para serem treinados e educados em cortes islâmicas, alforriados ao completar as instruções marciais e intelectuais e incorporados às forças de cavalaria arqueira dos exércitos de seus antigos senhores.³⁷³

Ainda em 1260, os mamelucos derrotariam uma pequena guarnição mongol ilkhanida na batalha de Ain Jalut, marcando o fim das expansões mongóis no ocidente e iniciando uma guerra de sessenta anos entre os Mamelucos do Egito e os mongóis do Ilkhanato da Pérsia. A guarnição liderada pelo *noyan* Kitbuqa foi deixada na região do Levante quando Hülegü, encarregado pelo então *kaghan* Möngke, recuou de seu avanço como de costume ao saber da morte do imperador e irmão. Ainda no mesmo ano, em razão da sucessão ao trono imperial, uma guerra civil entre os dois irmãos ainda vivos de Hülegü, Khubilai e Ariq Boqe explodiu na terra natal mongol, durando quatro anos e deixando o império rachado em quatro unidades políticas independentes ao seu fim: o Khanato da Horda Dourada, o Ilkhanato da Pérsia, o Khanato de Chagadai e o Grão Khanato Yuan. As fissuras que resultaram na guerra civil e repartição do império ao longo dela já vinham se mostrando desde o processo de sucessão de

³⁷³ AMITAI, Reuven. **Mongols and Mamluks: the Mamluk-Īlkhānid War, 1260-1281**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2004. p. 17-18.

Ögödei por seu filho, Güyük e apenas se acentuaram nos anos seguintes e no processo que colocou Möngke no trono depois de Güyük.

Tão latentes quanto as disputas pelo trono eram as querelas em torno dos territórios da China e da Pérsia: anteriormente atribuídos como posse coletiva da família imperial por Chinggis Khan, essas regiões encontravam-se cada vez mais patrimonializadas nas mãos dos filhos de Tolui, Khublai e Hülegü, respectivamente. Durante suas campanhas através do sudoeste asiático até o Levante, Hülegü parece ter se recusado a distribuir os espólios de maneira adequada e até excetuado príncipes da linhagem de Jochi quando questionado. Em razão disso, as tensões entre o Ilkhanato da Pérsia e a Horda Dourada já estavam perto de se deflagrar em conflito aberto quando a guerra explodiu no leste, e não demorou para que os dois khanatos ocidentais também se enfrentassem em sua própria guerra civil.³⁷⁴

Já em 1262, Berke Khan iniciaria uma troca de correspondências com os governantes do Egito buscando uma aliança contra o inimigo compartilhado (e geograficamente) entre eles.³⁷⁵ A aliança nunca se concretizou em uma ação militar conjunta, mas a Horda Dourada e o Sultanato Mameluco manteriam relações diplomáticas amigáveis. De volta à região Ponto-Balto-Cáspia, os kipchaks ainda seriam atores de grande importância no restante da história mongol no ocidente. 110 anos depois da Batalha de Kalka, o viajante muçulmano marroquino Shams ad-Din ibn Baṭṭūṭa, em sua jornada pelo mundo islâmico, faz uma breve passagem pela Horda Dourada em 1333. Ele desembarca do Mar Negro na Crimeia e logo entra a estepe que ele chama de *Dasht-i Qifjaq*, o “Deserto Kipchak” e tem como guias pela região “alguns membros das tribos conhecidos como kipchaks que habitam esse deserto e professam a religião cristã.” ibn Baṭṭūṭa retorna para o sul contornando a costa ocidental do Mar Negro junto da comitiva que levava Bayalūn Khatun, uma das esposas do então governante da Horda Dourada, Üzbek Khan, e filha de Andrónico III Paleólogo, para passar a gravidez com a família na corte imperial bizantina.³⁷⁶

4.6 A CULTURA POLÍTICA NÔMADE EM OPERAÇÃO NA HORDA DOURADA

Ao longo de toda a trajetória que leva da formação do *Yeke Mongyol Ulus*, em 1206 à ascensão da Horda Dourada, como um khanato independente em 1260, podemos observar a

³⁷⁴ KAMIGASHIMA, Victor. *Op Cit*, 2021. p. 74-82.

³⁷⁵ JACKSON, Peter. *Op Cit*, 2014. p. 116-126.

³⁷⁶ IBN-BAṬṬŪṬA, Muḥammad Ibn-‘Abdallāh. **The travels of Ibn Battuta, A.D. 1325-1354.** Volume 2 / Edited by H.A.R. Gibb. London New York: Routledge, 2016. p. 470-504.

Cultura Política Nômade atuando e com ela, a agência histórica mongol e dos outros grupos nômades incorporados no caminho.

Ainda na *História Secreta dos Mongóis*, quando Chinggis Khan envia Jochi em uma missão para subjugar os povos das florestas siberianas, expandindo os domínios imperiais e o *ulus* pessoal de Jochi e seus descendentes. Apesar de significativamente mais florestada que as estepes mais ao sul, a região habitada por esses povos das florestas ainda dispunha de grandes áreas de pastagens que permitiam a alguns grupos uma vida nômade pastoralista ou semi-nômade, com movimentações menos frequentes e em menores distâncias. De todo modo, esses grupos compartilhavam largamente da *Cultura Política Nômade*, em seus sistemas de valores políticos e simbólicos e pragmatismo de modo geral.

Depois que Joči subjugou o Povo da Floresta de Šibir, Kesdim, Bayit, Tuqas, Tenlek, Tö'eles, Tas and Bajigit para o este lado, ele voltou trazendo com ele os comandantes de dezenas de milhares e de milhares dos Kirgisut e os líderes do Povo da Floresta. Ele os fez prestarem homenagem para Činggis Qa'an com presentes de Falcões-gerifaltes, cavalos brancos e zibelinas pretas. (Tradução nossa)³⁷⁷

Assim, quando Jochi marchou em direção ao noroeste, Quduqa Beki, líder da tribo da floresta Oirate, juntou-se a ele pacificamente por reconhecer a legitimidade conquistada por Chinggis Khan dentro desse sistema e os benefícios que tinha a ganhar por esse alinhamento. Quduqa Beki ainda foi de grande importância na submissão pacífica de várias outras tribos da floresta e na conquista pela guerra de outras que não se submeteram. Como recompensa, uma série de casamentos dinásticos foram realizados entre a família imperial mongol e a família de Quduqa Beki, assim como este foi encarregado de importantes postos de comando militar e administração, com todas as riquezas associadas a esses. Os povos das florestas foram de grande importância nesse período formativo mongol, ao longo da duração do império e continuaram sendo focos de disputa nos períodos posteriores do império fragmentado. Para a *Economia Política Nômade*, as florestas siberianas continuaram sendo grandes fornecedoras de ouro e peles de luxo, como as comercializadas pelos rus na outra extremidade da Eurásia setentrional, enquanto para a economia mongol de maneira geral, era uma região produtora de grão relativamente próxima do território central para fornecer a capital de Karakorum depois de erguida.³⁷⁸

Assim, podemos já identificar a *Cultura Política Nômade* e sua *Economia Política Nômade* já presentes no período mais primordial da formação do *ulus* de Jochi internamente

³⁷⁷ THE SECRET, *Op Cit*, 2015. p. 155.

³⁷⁸ MAY, Timothy. The Forest People. In: MAY, Timothy Michael (Org.). **The Mongol empire: a historical encyclopedia**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, an imprint of ABC-CLIO, LLC, 2017a. p. 202-204

ao, também nascente, *Yeke Mongyol Ulus*. Ambos continuarão presentes e intensamente ativos durante o período do governo mongol independente na região Ponto-Balto-Cáspia e em suas relações intra e intersocietárias.

Seguindo geograficamente para o sudoeste e avançando as campanhas mongóis formativas da Horda Dourada em alguns anos, as estepes centro-asiáticas e pôntico-cáspias foram o próximo alvo de expansão e conquista. Na época, e por séculos, estas estepes ficaram devidamente conhecidas como as “Estepes Kipchaks” e, de fato, essa confederação nômade era a maioria a habitá-las e continuou sendo após incorporada à Horda Dourada. Apesar de os principados rus e sua relação com o governo mongol receberem a maior atenção da historiografia voltada para o *ulus* de Jochi, o verdadeiro centro do khanato e território de maior importância, com maiores riquezas, eram as “Estepes Kipchaks”. Os *khans* jochidas ergueram uma série de cidades e patrocinaram o fortalecimento das rotas comerciais terrestres que passavam por elas, enriquecendo imensamente com a passagem das caravanas e colocando em funcionamento um sistema de tributação desse comércio comparável ao dos khazares cinco séculos antes para movimentar a *Economia Política Nômade*.³⁷⁹

Ainda que muitas cidades tenham sido construídas sob ordem direta dos governantes da Horda Dourada, muitas outras foram mantidas de tempos pretéritos, preservadas durante o processo de conquista ou reerguidas logo depois. Emma Zilivinskaya e Dmitry Vasilyev contrastam as narrativas apocalípticas da conquista de territórios como a Ásia Central corásmia e a falta de traços que indiquem grandes destruições no período no registro arqueológico, bem como o fato de que, poucos anos depois das supostas destruições totais, as cidades se encontravam em condições iguais e muitas vezes melhores que as de antes da conquista. Com isso, eles destacam o cuidado dos conquistadores mongóis ao tomar essas cidades, sabendo de sua importância comercial e potencial de gerar riquezas bem como o grande cuidado posterior para reparar os danos da conquista e melhorar as condições, seja com o investimento ou com políticas direcionadas a incentivar o comércio.³⁸⁰

Várias dessas cidades se tornaram verdadeiros polos “industriais” artesanais, produzindo cerâmicas de variadas funções: vasos para muitos usos, tijolos, louças, azulejos decorativos, etc... Uma indústria vidreira também se formou mas, a metalúrgica parece ter sido a de maior sucesso, introduzindo ferro fundido para a Europa e produzindo toda a gama de ferramentas, utensílios para roupas e construção, armas e armaduras, assim como jóias e

³⁷⁹ MAY, Timothy. Kipchak Steppes. In: MAY, Timothy Michael (Org.). **The Mongol empire: a historical encyclopedia**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, an imprint of ABC-CLIO, LLC, 2017b. p. 184-186.

³⁸⁰ ZILIVINSKAYA, Emma; VASILYEV, Dmitry. *Op Cit*, 2017. p. 630-660.

outros itens de luxo e muitos outros. Todos esses abasteciam os mercados das cidades jochidas ao longo das rotas das caravanas, tornando-as ainda mais atrativas para além da proteção estendida sobre todo o caminho.³⁸¹

Em algumas regiões, inclusive, os *khans* jochidas também investiram na agricultura em torno de suas cidades. Regiões como a Bulgária do Volga, a Criméia, a Corásmia e o Cáucaso Norte, que possuíam solos mais férteis e tradições mais sedentárias, providenciaram uma variedade de produtos agrícolas para o restante do reino onde o solo não poderia fornecê-los. Alguns produtos dessas regiões, mais raros e valiosos eram até usados no comércio externo, como as valiosas melancias ressecadas vendidas para a Índia e para a China.³⁸²

Por outro lado, as populações nomádicas nas estepes que não rendiam produção agrícola, eram largamente responsáveis por abastecer as áreas urbanizadas com produtos de origem animal, especialmente carnes para o consumo, além disso, o gado produzido por essas populações também era um grande produto de exportação do *ulus* de Jochi, especialmente os cavalos em enormes quantidades, especiaria de exportação milenar da estepe para os vizinhos sedentários. Leonard Nedashkovsky coleta uma série de relatos sobre as largas dimensões da criação de cavalos no *ulus* de Jochi, como o de Giovanni da Pian del Carpine e ibn Battūta que contam de seus encontros com comerciantes individuais que transportavam vários milhares de cavalos, assim sobre como a cavalaria e a organização das movimentações nomádicas nas pastagens pertinentes (ainda) eram partes importantes da vida social, política e econômica dos súditos nômades da Horda Dourada.³⁸³

Nedashkovsky reporta também a continuidade de outro de nossos velhos conhecidos do capítulo anterior, as caçadas. Assim como em contextos “não-imperiais”, as caçadas permanecem na Horda Dourada como uma complementação da economia pastoralista, fornecendo carne e matérias primas adicionais às dos animais domésticos, mas também fornecendo peles raras e de alto valor agregado como, novamente, a de zibelina, mas de toda uma gama de pequenos e grandes mamíferos das florestas setentrionais. As caçadas como esporte e exercício militar, especialmente as *battue*, também permanecem sob os descendentes de Jochi após a separação dos outros khanatos mongóis. Ainda, de acordo com esse autor, aves de rapina para caça e valiosas peles estavam entre os presentes dados para

³⁸¹ NEDASHKOVSKY, Leonard. Agriculture, Cattle Breeding, Crafts and Trade. In: MIRGALEEV, Ilnur. M.; HAUTALA, Roman. (EDS.). **The Golden Horde in world history**. English translation ed. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017. p. 558-562.

³⁸² NEDASHKOVSKY, Leonard. *Op Cit*, 2017. p. 552

³⁸³ *Ibid.* p. 553-554.

governantes vizinhos, como os ilkhans da Pérsia, os sultões mamelucos do Egito e os imperadores mongóis da China Yuan.³⁸⁴

Também observamos a presença de xamãs tengriistas na corte de Batu Khan nos anos formativos da Horda Dourada, pouco tempo depois, Berke, seu irmão e sucessor não imediato — Batu foi sucedido por seu filho, seu neto e então Berke no intervalo de 1255 a 1257 — converteu-se ao Islã, mas não aplicou maiores mudanças na administração ou promoveu conversões entre seus súditos. Depois dele, outros khans vieram, praticantes de diversas fés, apenas no século seguinte, durante o reinado de Üzbek Khan, que o Islã se tornou a religião oficial do khanato. O teste de andar pelo fogo ressurgiu na lenda da conversão de Üzbek, segundo a qual, um religioso muçulmano teria vencido uma batalha espiritual contra os xamãs mongóis, tolerando muito mais fogo que eles. Ao oficializar o Islã como religião da Horda Dourada, Üzbek Khan encontrou resistência de partes significativas da nobreza mongol e enfrentou com mãos de ferro as rebeliões que se sucederam, punindo severamente aqueles que se opuseram a ele. Na sequência ele empregou políticas contra alguns grupos, como a conversão de igrejas em mesquitas e a expulsão de cristãos de algumas cidades, mas as rescindiu posteriormente, além disso, manteve as isenções tributárias estabelecidas por Chinggis Khan cerca de cem anos antes, apesar da progressiva islamização do khanato.³⁸⁵

No *ulus* Jochida, o “clã imperial” é traduzido para exclusivamente a linhagem de Jochi, mas a noção de que o direito e dever de governar pertencem a esse clã imperial como um todo, e não apenas à linhagem primogênita também permanece. As sucessões não seguiram necessariamente a primogenitura ou mesmo a patrilinearidade, em diversos casos o trono passou de irmão para irmão ou até de sobrinho para tio, ou até tio-avô, como na ascensão de Berke ao khanato.

Por fim, ficou evidente na construção e manutenção da Horda Dourada nas estepes ocidentais e adjacências, a constante operação da *Cultura Política Nômade* em suas diversas facetas: a centralidade da cavalaria e da caça, a postura pragmática e permissiva em relação às variadas religiões de seus súditos e uma “vocaçãõ” comercial motivada pela *Economia Política Nômade* com uma centralização na figura do governante da prerrogativa de distribuir as riquezas entre os súditos, legitimando sua autoridade e confirmando seu favor celeste. Como apontado por Beckwith, o resultado final dos processos de conquista imperial nômicã não diferenciam largamente dos grandes impérios sedentários pré-modernos, no

³⁸⁴ Ibid. p. 554-555.

³⁸⁵ MAY, Timothy. Uzbek Khan. In: MAY, Timothy Michael (Org.). **The Mongol empire: a historical encyclopedia**. Santa Barbara, California: ABC-CLIO, an imprint of ABC-CLIO, LLC, 2017c. p. 53-55.

sentido de se tornar uma superestrutura política com objetivo de centralizar a captação de riquezas na forma de tributos para manter essa estrutura estável e funcionando.³⁸⁶ Nosso argumento, contudo, é que essa similaridade é resultado de processos diferenciados que convergem nesse ponto e, enquanto o lado sedentário, detentor de suas próprias narrativas, já foi ampla e profundamente estudado, o lado nômade das estepes carece de maiores atenções historiográficas, especialmente que busquem a perspectiva própria e agência histórica negadas anteriormente.

³⁸⁶ BECKWITH, Christopher. *Op Cit*, 2006. p. 328-329.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, realizamos uma série de discussões que podem, esperamos, contribuir para o avanço da produção do conhecimento de nosso passado pré-moderno como um todo, mas mais especificamente referente aos processos históricos que envolvem as relações e processos de construção, manutenção e transformação do poder entre sociedades nômades pastoris das estepes e seus vizinhos, aliados e adversários sedentários, no espaço que definimos como região Ponto-Balto-Cáspia. Processos esses, tanto internos a essas sociedades quanto externos, entre elas. Assim, no decorrer da exposição, acreditamos ter identificado e demonstrado com relativo sucesso a presença e atuação da *Cultura Política Nômade*, ou melhor, ela em operação através das ações dos povos nômades em seus respectivos contextos, adaptada às condições que variam através do tempo e do espaço.

Iniciamos o trabalho com uma breve exposição geográfica e conceitual do espaço que buscamos estudar, destacando suas principais características físicas e culturais, como zonas climáticas, elementos da paisagem, “berços civilizacionais”, espaços e modelos de contato ou de isolamento. Observamos, na sequência, como os primeiros contatos intersocietários registrados por documentação escrita se deram na região, entre citas, gregos, persas e populações que não faziam parte diretamente de nenhuma dessas três maiores sociedades mas faziam parte do sistema de relações entre elas.

Em meados do primeiro milênio a.C., os citas se estabeleceram e fundaram uma confederação relativamente mais centralizada e unificada politicamente que seus antecessores estepários, assumindo a região entre a cadeia de montanhas do Cáucaso e o Rio Volga como sede de seu poder: o Cáucaso Norte e o Baixo Volga. Dessa região, lançaram-se em razias pela Ásia Central através das estepes no norte do Mar Cáspio, pela região da Crescente Fértil e até o Egito através do próprio Cáucaso e pela costa do Mar Negro, descendo até a região do Rio Danúbio através das estepes do norte do Mar Negro, o *Pontus* das fontes clássicas que dá o nome às Estepes Pônticas e à região que delimitamos como Ponto-Balto-Cáspia.

Já nesse momento, através dos esforços citas — nômades pastoris das estepes que eram — de construir um sistema de trocas que trazia para dentro de sua entidade política uma série de bens de luxo produzidos por seus vizinhos sedentários, observamos o estabelecimento de relações entre diferentes sociedades e o uso dessas relações para a manutenção interna da estrutura de poder cita, nominalmente, uma *Economia Política Nômade*.

Na segunda etapa, apresentamos e discutimos os agentes históricos que precederam a Horda Dourada na região Ponto-Balto-Cáspia buscando analisar as relações entre eles através da perspectiva dessa *Cultura Política Nômada*.

Contextualizamos o surgimento da sociedade rus a partir da entrada dos viajantes escandinavos com objetivos comerciais em um sistema que havia encontrado um ápice sob o domínio khazar na região. Esse sistema era composto de uma série de relações estabelecidas entre os principais poderes da região centro-oeste eurasiática: o Kaghanato Khazar, o Império Bizantino e o Império Sassânida, logo sucedido pelos califados islâmicos Omíada e Abássida, sequencialmente. As relações estabelecidas eram de cunho comercial, político e militar e incluíam uma miríade de outras entidades políticas e populações que compartilhavam esse espaço com as três entidades imperiais mencionadas. Em momentos de maior estabilidade (política, econômica, climática, etc...), as relações militares se resumiam a razias ou pequenas campanhas militares para resolver disputas, obter vantagens comerciais ou assegurar a dominação ou libertação de uma entidade política de menores dimensões. Em outros momentos, as relações militares poderiam se constituir de guerras totais com o objetivo de dominação, redução ou eliminação completa de uma entidade política adversária, especialmente entre as três maiores. Mas via de regra, o crescimento e principalmente a redução das unidades imperiais se deu muito mais por processos de média ou longa duração histórica que grandes calamidades apocalípticas instantâneas.

Foi nesse sistema significativamente estável que os viajantes escandinavos buscaram se inserir, construindo seu caminho através do Mar Báltico, para dentro do continente no Lago Ladoga, de onde usaram o Rio Volkhov para descer até o Lago Ilmen e alcançar os grandes rios do centro-oeste eurasiático, o Dnieper, Don, Volga e Ural, e todos seus afluentes. Nas áreas mais setentrionais, esses viajantes se instalaram próximos aos grandes lagos para estabelecer relações mais próximas com as populações fino-úgricas das florestas do norte, fornecedoras das mais raras e valiosas peles e cobiçadas em todos os mercados eurasiáticos. Inicialmente eles podem ter se interessado em obter essas peles para fornecê-las aos mercados do Mar do Norte através do Báltico, mas logo encontraram um mercado muito mais valioso, para o qual o do Mar do Norte era periférico. Esse novo mercado era o Ponto-Balto-Cáspio, formado pelo Indo-Mediterrânico composto pelo Império Bizantino e os impérios árabo-persas no sul, com suas rotas marítimas que intermediavam as pontas da Eurásia e as estepes Cáspio-Pônticas no norte, através das quais as ricas caravanas das Rotas da Seda passavam entre leste e oeste.

Os comerciantes escandinavos rapidamente fizeram seu caminho em sentido sul, começando como intermediários que agilizavam o transporte das peles do norte para o sul, para serem distribuídas pelos khazares, e logo se tornaram os principais fornecedores delas para os mercados meridionais a leste e oeste, apenas não monopolizando pela manutenção dos dos Búlgaros do Volga no seu leste, que também forneciam os mercados do centro-leste eurasiático com as suas peles de altíssima qualidade. Ao fim desse processo, com a concentração das relações comerciais no noroeste com aqueles que se tornaram os *rus* e no nordeste com os Búlgaros do Volga, o Kaghanato Khazar perdeu muito de sua força econômica e, conseqüentemente, política e militar. Novamente, era a entrada de riquezas externas que alimentava a manutenção do sistema interno de relações de poder nômades das estepes que gerava e legitimava o governo khazar.

Nesse movimento, que durou cerca de 150 anos entre as primeiras presenças escandinavas no Lago Ladoga até a tomada de Kiev, esses comerciantes assumiram o nome de *rus*, possivelmente aquele pelo qual as populações fínicas os chamavam, e passaram por uma série de processos de formação estatal até sua organização na Rus Kievana. Antes da tomada de Kiev e formação de um reino independente, porém, as entidades políticas *rus* parecem ter existido sob a autoridade khazar e recebido grandes influências de seus suseranos nômades das estepes.

Apontamos fortes indícios da *Cultura Política Nômade* nas relações entre *rus* e khazares, em que os viajantes escandinavos entraram como possíveis súditos, com suas respectivas funções no sistema de relações dominado pelos khazares e receberam suas devidas recompensas por cumprir essas funções. Infelizmente, para esse contexto, a natureza e maiores detalhes dessa relação permanecem no campo da especulação, mas a cultura material e os estudos comparados como os de Golden nos fornecem firmes indicações do caminho a se seguir: eles com certeza atuavam como comerciantes, levando e trazendo mercadorias e pagando seus devidos tributos ao governo khazar e provavelmente também forneceram apoio militar, lutando ao lado de seus senhores e sendo devidamente recompensados também por isso em situações como a tensão com a presença *magyar*.

Na falta de registros históricos próprios de ambos os envolvidos da época, precisamos nos apoiar em relatos externos, em estudos comparativos e em evidências materiais que infelizmente não fornecem maiores detalhes para formularmos teorias de como pode ter sido a verdadeira natureza dessas relações. Um dos principais indícios textuais dessa relação é o reconhecimento desses viajantes — que já se autodenominavam *rus* — da autoridade de um

kaghan como governante, presente em documentações carolíngias, bizantinas e até *rus* posteriores.

Esse uso do título *kaghan* entre os *rus* é origem de polêmicas há, pelo menos, 1200 anos, e os imperadores carolíngios e bizantinos discutiram sobre isso, assim como historiadores continuam debatendo ainda hoje. Neste trabalho, nós tomamos as proposições do historiador e turcólogo renomado Peter B. Golden como as que melhor compreendem e explicam o fenômeno. Como especialista em povos nômades das estepes, Golden já parte de uma posição privilegiada para observar a relação dos viajantes e comerciantes *rus* com o Kaghanato Khazar. Ora, o estudo historiográfico das populações nômades das estepes se dá, majoritariamente a partir da relação destas com suas contrapartidas sedentárias, tendo em vista que ao longo da história, foram raros os casos em que esses nômades deixaram seus próprios registros e narrativas de suas perspectivas e experiências, de modo que precisamos nos voltar para as documentações sedentárias e arqueológicas para analisarmos o passado nômade estepário. Assim, todo historiador das populações nômades das estepes é, de certa forma, um pesquisador das relações intersocietárias e, Golden, como um dos maiores nomes desta área, é apto como poucos para buscar compreender esse (possível) fenômeno.

Golden não só pormenorizou as relações entre *rus* e khazares, como traçou o uso do termo *kaghan* em diferentes instâncias através da Eurásia com as quais esses povos teriam tido contato ou sofrido influência. Assim, ele encontrou uma série de situações semelhantes à relação entre os envolvidos no caso do *kaghan* *rus* e desenvolveu várias teorias que poderiam explicar a presença desse termo entre os *rus* do século IX. A conclusão lógica para a existência de um *kaghan* *rus* seria a existência de um *kaghanato* *rus*, o reino (ou império) governado por um *kaghan*. Mas Golden demonstrou também, e nisso há maior consenso historiográfico, que não seria apropriado chamar essa entidade política governada pelo *kaghan* *rus* de *kaghanato*, pois o título provavelmente representaria uma espécie de subalternidade ao *kaghan* khazar, detentor, de fato, do *kaghanato*. Com isso, conseguimos compreender a formação da sociedade *rus* — que passaria por uma série de entidades políticas — já sob a esfera de influência da *Cultura Política Nômade*, para a qual o título de *kaghan* e o *kaghanato* (tanto como entidade quanto como legitimidade política) era tão importante.

Com o desvio das rotas comerciais que passavam por suas terras para as de seus vizinhos e o conseqüente enfraquecimento do Kaghanato Khazar, novos grupos nômades se instalaram nas estepes Ponto-Cáspias e conquistaram um lugar para si nas redes de relações intersocietárias locais. Os pechenegues foram os primeiros a se instalar ao sul dos domínios

rus, que também se formavam naquele tempo, ambos onde antes reinavam os khazares. Ao leste, os Búlgaros do Volga conquistaram sua independência dos khazares ao se converter para o Islã e se alinharem política e economicamente com o mundo muçulmano centro e sudoeste asiático. Nenhum dos três grupos alcançou a hegemonia total da região como os khazares antes deles, mas o sistema se manteve relativamente estável.

O comportamento dos próprios rus, antes de se consolidarem como uma monarquia agrária sedentária institucionalizada em Kiev, demonstraram um comportamento semelhante ao da *Cultura Política Nômade* com suas razias e ataques buscando estabelecer relações comerciais mais favoráveis e apenas essa possibilidade também valeria um estudo próprio à parte. Apenas no final do trabalho tivemos contato com o livro *Vikings of the Steppe: Scandinavians, Rus', and the Turkic World (c. 750-1050)*³⁸⁷ e não conseguimos incorporá-lo à análise, mas uma breve observação da obra demonstra já um grande sucesso em observar em profundidade e especificamente as relações entre os rus e a estepe.

Assim como no tempo dos khazares, o contato com bizâncio e com o mundo árabe foi constante, mas sempre altamente volátil. Tanto rus quanto pechenegues frequentemente eram lançados uns contra os outros e se alinham a bizâncio para logo depois se unirem contra os imperadores de Constantinopla. O contato comercial também se manteve ao longo das fronteiras entre rus e pechenegues, trocando bens das estepes pelos bens agrário-sedentários e tomando parte nas trocas de longa distância através de trocas internas entre as extremidades da estepe ou parcerias com seus vizinhos sedentários na parte do tempo (maior em quantidade, menor em relatos) em que não haviam grandes conflitos militares.

Os pechenegues gradualmente, foram conquistados ou expulsos pelos kipchaks que se movimentavam do leste em direção às mais ricas e férteis estepes pânticas, eventualmente substituindo por completo os pechenegues naquele espaço. Assim como seus antecessores, os kipchaks não possuíam uma centralização política ou unidade completa sobre sua confederação, apesar de manterem certas identificações e relações em comum que de fato os faziam uma confederação. Diferente deles, os kipchaks conseguiram criar laços muito mais profundos com as várias sociedades sedentárias que os cercavam, de modo que foram mais incorporados que assimilados a esses vizinhos quando da conquista mongol ou mesmo entre os próprios conquistadores mongóis e conseguiram manter e até disseminar sua identidade por mais tempo após a dissolução de sua confederação.

³⁸⁷ KATONA, Csete. *Vikings of the steppe: Scandinavians, Rus', and the Turkic world (c. 750-1050)*. New York: Routledge, 2023.

Depois de observar o contato entre os mundos nômade e sedentário — se é que ainda podemos considerá-los dois mundos separados — na região Ponto-Balto-Cáspia por cerca de cinco séculos, subimos em nossas selas e cavalgamos através do tempo e do longo corredor de planícies cobertas por vegetação rasteira que chamamos de Cinturão de Estepes para as estepes ao norte da China no leste asiático. Ao longo dessa jornada, observamos o surgimento do nomadismo pastoril das estepes, conforme esse ambiente se ressecava no segundo milênio a.C., e o surgimento da *Cultura Política Nômade* conforme essas populações recentemente nomadizadas se organizavam em estruturas políticas cada vez maiores e surgia a necessidade de sistemas de valores e legitimação e ordenação próprios para uma vida tão móvel.

As discussões a respeito de bárbaros e barbarismo realizadas por Scott e Beckwith foram de grande auxílio na desconstrução de preconceitos existentes já na própria documentação e mantidos por gerações de historiadores que dificultavam a identificação da agência histórica nômade. A partir dessas proposições, conseguimos colocar os nômades das estepes e seus vizinhos sedentários no mesmo patamar de partida para a análise, diminuindo os juízos morais tradicionalmente atribuídos a essa comparação. Com isso, conseguimos olhar para os registros escritos de forma mais crítica e encontrar nas entrelinhas das narrativas históricas processos e fenômenos históricos negligenciados por elas.

Os citas, que já havíamos observado antes, e o xiōngnú foram os primeiros maiores expoentes dessa cultura política a serem registrados por escrito por seus vizinhos sedentários e já nessa época, alguns séculos a.C., essas duas confederações tão afastadas geograficamente, apresentavam certa homogeneidade em sua cultura política. A simbologia animal, a cavalaria, as caçadas, a postura em relação às religiões, a noção de um *carisma divino do clã governante* e toda uma *economia política* voltada para legitimar esse carisma foram se institucionalizando como partes centrais desse sistema desenvolvido para reger a vida em sociedade nas estepes. Observamos, especialmente a *Economia Política Nômade* em funcionamento em diversas confederações e impérios nômades, como os citas, o *Xiōngnú*, as dinastias *Liáo* e *Jīn*, o Qara Khitai e, enfim, nas estepes da Mongólia dos séculos XII e XIII, onde essa discussão culminou na formação do *Yeke Mongyol Ulus*.

Ali, discutimos cada um dos elementos da *Cultura Política Nômade* através da *Mongyol-un niyuca tobci'a*, a História Secreta dos Mongóis, enquanto acampamos Temüjin em sua jornada para se tornar Chinggis Khan e a *Cultura Política Nômade* em operação através de uma das únicas fontes escritas produzidas pelos nômades das estepes pré-modernos. Quando o chefe tribal mongol finalmente unificou os povos das estepes

orientais sob sua autoridade, novamente subimos em uma sela e marchamos com ele e seus generais de volta para o oeste.

Cavalgamos com Jochi, Jebe e Sube’etei enquanto o primogênito e os *noyat* de Chinggis Khan caçavam inimigos do imperador exilados os povos das estepes centro-asiáticas e da sibéria, trazendo assim estes também para sob a autoridade mongol e já dando início à construção do que viria a se tornar o *ulus* de Jochi e, eventualmente, a Horda Dourada. Nesse processo, novos inimigos foram formados e o xá da Corásmia trouxe à sua porta toda a fúria mongol. Jebe e Sube’etei perseguiram o elusivo Muhammad II pelo platô iraniano e retornaram pelo caminho longo ao descobrir da morte de seu alvo, atravessando o Cáucaso e explorando as estepes Ponto-Cáspias, iniciando o processo de conquista das populações das estepes ocidentais e avançando mais um passo em direção à Horda Dourada.

Na perseguição ao shah e no caminho de volta, buscamos apontar também a *Cultura Política Nômade* em operação, conforme os generais mongóis tinham contato com uma variedade de diferentes populações, entre elas nômades remanescentes da hegemonia seljúcida na região ou kipchaks chegados mais recentemente ao longo do século XII. Um novo elemento da *Cultura Política Nômade* próprio do processo histórico mongol se fez cada vez mais presente ao longo das campanhas ocidentais mongóis, a Ideologia Imperial Mongol, que pregava que todos os “povos das tendas com paredes de feltro”, leia-se nômades das estepes, eram súditos de Chinggis Khan e deveriam reconhecer sua autoridade. Como no restante da cultura política, e da vida nômade de forma geral, os comandantes mongóis empregaram essa ideologia com cuidado e pragmatismo, exigindo a submissão quando desejavam lutar, mas também invocando a cultura comum compartilhada entre os nômades quando buscavam alianças ou desencorajar a resistência.

Esse primeiro contato ocidental culminou, em 1223, na Batalha de Kalka, quando os dois *noyat* enfrentaram e derrotaram uma coalizão rus-kipchak às margens do Rio Kalka, deixando uma traumática primeira impressão nas crônicas e nas memórias dos príncipes rus. Esse episódio é especialmente importante para nossa análise pois também serve como um exemplo pivotal da continuação e manutenção das relações entre os principados rus e as tribos kipchaks que, como demonstramos ao longo do trabalho, nunca cessaram de fato, apenas passaram a ser silenciadas pelas fontes que buscavam legitimar os príncipes rus como governantes cristãos. Apesar das narrativas atribuírem ao desespero a aliança nômade-sedentária, ela não era rara e nem exclusiva dessa resistência a uma invasão externa. O mais excepcional nesse episódio foi, possivelmente, a união entre os próprios príncipes rus do que com os kipchaks

O gosto amargo de 1223 dificilmente teria passado em 1237 quando os cavaleiros mongóis emergiram das florestas no nordeste rus em uma campanha muito maior com o objetivo de conquistar de fato desta vez. Os kipchaks, profundamente fragilizados pela campanha anterior, que não se espalharam pelos reinos vizinhos, ou foram incorporados pelos conquistadores desde então, ainda permaneceram e se reestabeleceram nas estepes pânticas, apenas para serem, mais uma vez, alvos das investidas mongóis e seguirem esses mesmos destinos, dispersão ou incorporação. A partir dessa segunda invasão, a Horda Dourada começa a se formar de modo oficial, sob o comando de Batu e, especialmente com a fundação da capital Saray no Baixo Volga.

Depois dessa campanha, Batu e seus sucessores já começam a operar de forma quase independente na região, distantes como estavam da autoridade central do império a quase cinco mil quilômetros no coração da Mongólia. Mas até aí, era de se esperar, e fazia parte da governança nômade grandes níveis de delegação da autoridade *de facto* para encarregados em espaços longínquos, desde que a autoridade imperial fosse reconhecida e respeitada e os devidos tributos fossem pagos (como de fato era feito), especialmente como aquela região tinha efetivamente sido designada para os descendentes de Jochi pelo próprio Chinggis Khan. O problema veio quando linhagens específicas buscaram se apoderar de outros patrimônios que haviam sido atribuídos para a posse conjunta da família imperial, rompendo com o “pacto” da *Economia Política Nômade* como havia sido estabelecido para o contexto imperial mongol.

Ao patrimonializar uma posse que devia ser compartilhada com outras linhagens imperiais, um chefe tribal nômade rompe com a tradição estabelecida que aquelas riquezas seriam distribuídas entre toda a família imperial e de onde a ordem interna emanava. Ele muito provavelmente o fez para sustentar a sua própria subdivisão da economia política, a sua própria parte da cadeia hierárquica e forças políticas e militares associadas a ela, talvez com o objetivo de expandir seu poder sobre os outros ou equilibrar um desbalanço existente.

Com as duas guerras civis que resultam dessas tensões, a Horda Dourada (e todos os outros khanatos sucessores do império) de fato emerge como uma entidade política independente e sela as suas próprias estruturas e organizações internas de poder. Como em tantos outros casos que observamos ao longo deste trabalho, essas organizações envolvem populações súditas tanto nômades como os próprios mongóis, quanto sedentárias, e envolvem uma série de adaptações de ambas as partes para a convivência que, se não cumpridas, serão respondidas com a força. No caso rus, observamos os casos de príncipes que se alinharam aos governantes mongóis e príncipes que não se alinharam. No caso kipchak, depois de

incorporados à nova estrutura, observamos a sobrevivência e até certo florescimento sob o governo mongol um século depois da conquista.

Conseguimos, com sucesso, aplicar as reflexões de Christopher Beckwith e James C. Scott na busca pela *Cultura Política Nômade* como proposta por Michal Biran, Peter Golden e Anatoly Khazanov à documentação que tivemos acesso e à bibliografia de apoio que serviu como fonte secundária no difícil acesso a mais fontes primárias. As fontes externas à estepe continuam sendo um desafio e necessitam maior atenção para identificarmos perspectivas nômades omitidas entre as narrativas sedentárias. Algumas, como o *De administrando imperio*, com seu objetivo mais prático como um manual de governança, fornecem perspectivas mais diretas e “realistas” sobre a natureza das relações entre e com os povos nômades, como apontar quais povos comercializavam quais bens com que outros grupos ou como explorar as rivalidades internas de determinada tribo nômade ou usá-la contra outra tribo para os ganhos políticos bizantinos. Ainda assim, essa fonte não nos fornece a perspectiva própria dos grupos nômades mencionados e precisamos nos apoiar em um estudo comparativo com outras fontes e outros suportes documentais, amplificado pela bibliografia especializada para darmos voz para essas populações. Outras fontes, como as crônicas e correspondências rus e imperiais (carolíngias e bizantinas), são ainda mais distantes da perspectiva própria nômade das estepes, ao possuírem um teor de narrativas oficiais que discursam sobre um adversário.

Desse desafio imposto pela documentação surge a necessidade de um estudo comparativo que traz tantas documentações e recortes temporais e geográficos. Na ausência — quase — total de narrativas próprias nômades, precisamos construir um modelo esquemático a partir de um quebra-cabeça construído de pequenos relatos e relances para buscar sua agência histórica em documentos que não necessariamente a transmitem de forma direta. A *Cultura Política Nômade*, portanto, surge como uma ferramenta para examinar atuação histórica nômade de uma forma mais crítica e cuidadosa, atenta para possíveis omissões ou deturpações das narrativas.

Ao longo deste trabalho, buscamos, claro, conceder protagonismo e identificar agências históricas aos povos nômades das estepes como um todo. Acabamos, porém, mais do que gostaríamos, projetando esse protagonismo e agências a figuras individuais, como Chinggis Khan, Jochi, Sube’etei ou Batu, especialmente no caso dos processos mongóis dos séculos XII e XIII. Isso já fica como reflexão para trabalhos futuros, buscar focar a análise mais nos processos e nas populações, mas também compreendemos as limitações que

tivemos neste trabalho, especialmente em acesso à documentação que, no caso, tem focos muito mais personalistas.

Diferentes narrativas vão colocar Jochi, Batu, Berke ou até Sube'etei como fundadores do *Jochi ulus* ou da Horda Dourada propriamente dita, mas é mais importante compreender o processo e observar as diferentes forças envolvidas: indivíduos, entidades políticas, fatores econômicos, relações comerciais, diplomáticas, religiões, pressões climáticas e geográficas, etc... Como solução, enfim, buscamos colocar a *Cultura Política Nômade* também como protagonista da narrativa, compreendendo-a como um fenômeno histórico que atravessa diversos contextos e processos históricos, adaptando-se às diversas condições políticas e sociais dos respectivos espaços e momentos que ele acontece e, através dela, podemos identificar a agência histórica das populações e sociedades nômades no tempo e no espaço.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Fontes Primárias:

CHRONICON Salernitanum: A Critical Edition with Studies on Literary and Historical Sources and on Language. Estocolmo: Acta Universitatis Stockholmiensis, Studia Latina 3. 1956.

CONSTANTINE; MORAVCSIK, Gyula. **De administrando imperio**. New, rev. ed. Washington, D.C: Dumbarton Oaks Center for Byzantine Studies, 1967.

CROSS, Samuel Hazzard. SHERBOWITZ-WETZOR, Olgerd P. **The Russian Primary Chronicle: Laurentian Text**. Cambridge: The Mediaeval Academy of America, 1953.

IBN-BATŪTA, Muḥammad Ibn-‘Abdallāh. **The travels of Ibn Battuta, A.D. 1325-1354**. Volume 2 / Edited by H.A.R. Gibb. London New York: Routledge, 2016.

IBN FADLĀN, Aḥmad; MONTGOMERY, James E.; KENNEDY, Philip F.; et al. **Mission to the Volga**. New York: New York University Press, 2017.

MANGO, Cyril. **The Homilies of Photius, Patriarch of Constantinople: English Translation, Introduction and Commentary**. Cambridge, Massachusetts: Harbard University Press, 1958.

THE ANNALS of St-Bertin: Ninth-Century Histories, Volume I. Trad. Janet Nelson. Manchester: Manchester University Press. 2013

THE CHRONICLE of Novgorod, 1016-1471. Traduzida do russo para o inglês por Robert Michell e Nevill Forbes, com a introdução por Charles Raymond Beazley e uma apresentação do texto por Alexei Alexandrovich Shakhmatov. Londres: Offices of the Society, 1914.

THE SECRET History of the Mongols: A Mongolian Epic Chronicle of the Thirteenth Century. Tradução para o inglês de Igor de Rachewiltz, Versão Resumida por John C. Street, University of Wisconsin, 2015.

WAITZ, Recensuit G. **Annales Bertiniani**. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniah, 1883.

Bibliografia:

ABAZOV, Rafis. **The Palgrave concise historical atlas of Central Asia**. New York Palgrave Macmillan, 2008.

ABU-LUGHOD, Janet. **Before European Hegemony: The World System A.D. 1250-1350**. Nova York: Oxford University Press, 1989.

ALLSEN, Thomas T. **Culture and Conquest in Mongol Eurasia**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001

ALLSEN, Thomas T. **The royal hunt in Eurasian history**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 2006.

AMITAI, Reuven. **Mongols and Mamluks: the Mamluk-Īlkhānid War, 1260-1281.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2004.

AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal (Orgs.). **Mongols, Turks, and others: Eurasian nomads and the sedentary world.** Leiden ; Boston: Brill, 2005.

BARFIELD, Thomas J. **The perilous frontier: nomadic empires and China.** Cambridge, Mass: B. Blackwell, 1989.

BECKWITH, Cristopher I. **Empires of the Silk Road: A History of Central Asia from the Bronze Age to the Present.** Princeton: Princeton University Press, 2009.

BECKWITH, Christopher I. **The Scythian empire: Central Eurasia and the birth of the classical age from Persia to China.** Princeton: Princeton University Press, 2022.

BELL, Andrew. The Last of the Iranians. In: BELL, Andrew (Org.). **The role of migration in the history of the Eurasian steppe: sedentary civilization vs. “Barbarian” and Nomad.** 1. publ. Basingstoke: Macmillan, 2000.

BIRAN, Michal. **The empire of the Qara Khitai in Eurasian history: between China and the Islamic World.** Cambridge, UK ; New York: Cambridge University Press, 2005b.

BIRAN, Michal. **Chinggis Khan.** Oxford: Oneworld, 2007.

BIRAN, Michal. Introduction: Nomadic Culture. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors.** Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015a.

BIRAN, Michal. The Mongols and Nomadic Identity: The Case of the Kitans in China. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors.** Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015b.

BREGEL, Yuri. **An historical atlas of Central Asia.** Leiden ; Boston: Brill, 2003.

BROOK, Kevin A. *Op Cit*, 2006. p. 153-154; NOONAN, Thomas S. The Khazar Qaghanate and its Impact on the Early Rus' State. In: KHAZANOV, Anatoly M.; WINK, André. **Nomads in the Sedentary World.** Cornwall: Curzon Press, 2001.

BROOK, Kevin Alan. **The Jews of Khazaria.** 2nd ed. Lanham, Md: Rowman & Littlefield, 2006.

CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. Conceptualizing Core/Periphery Hierarchies. In: CHASE-DUNN, Christopher & HALL, Thomas D. (orgs.). **Core/Periphery Relations in Precapitalist Worlds.** Londres: Routledge, 1991.

BUELL, Paul D. **The A to Z of the Mongol World.** Empire-Rowman and Littlefield Publishing Group_Scarecrow Press, 2003.

CHAMBERS, James. **The Devil's Horsemen: The Mongol Invasion of Europe.** Londres: Book Club Associates, 1979.

CUNLIFFE, Barry W. **The Scythians: Nomad Warriors of the Steppe.** First edition. Oxford: Oxford University Press, 2019.

DIMNIK, Martin. **The dynasty of Chernigov. 1146-1246.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2003.

DIMNIK, Martin. The Rus' Principalities (1125-1246) *In*: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006.

DOLUKHANOV, Pavel Markovich. **The early Slavs: Eastern Europe from the initial settlement to the Kievan Rus.** London ; New York: Longman, 1996.

DUCZKO, Wladyslaw. **Viking Rus: studies on the presence of Scandinavians in Eastern Europe.** Leiden ; Boston: Brill, 2004.

EBREY, Patricia Buckley; WALTHALL, Anne; PALAIS, James B. **Pre-modern East Asia: to 1800: a cultural, social, and political history.** Boston: Houghton Mifflin, 2006.

ENGEL, Pál. **The Realm of St. Stephen, a History of Medieval Hungary 895-1526.** Londres: I.B. Tauris, 2001.

FAVEREAU, Marie. **The Horde: how the Mongols changed the world.** Cambridge, Massachusetts: The Belknap Press of Harvard University Press, 2021.

FRANKLIN, Simon; SHEPARD, Jonathan. **The emergence of Rus, 750-1200.** London ; New York: Longman, 1996.

FRANKLIN, Simon. Kievan Rus' (1015–1125). *In*: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia.** Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006.

GOLDEN, Peter. **Khazar Studies: An Historico-philological Inquiry into the Origins of the Khazars.** Budapest, Akadémiai Kiadó, 1980.

GOLDEN, Peter B. The Peoples of the Russian Forest Belt. *In*: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia.** Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1990.

GOLDEN, Peter B. **An Introduction to the History of the Turkic Peoples: Ethnogenesis and State-Formation in Medieval and Early Modern Eurasia and the Middle East.** Otto Harrassowitz, Wiesbaden, 1992.

GOLDEN, Peter B. **Nomads and their neighbours in the Russian steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs.** Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003a.

GOLDEN, Peter. The Question of the Rus' Qağanate. *In*: GOLDEN, Peter B. **Nomads and their neighbours in the Russian steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs.** Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003b.

GOLDEN, Peter B. The *Černii Klobouci*. In: GOLDEN, Peter B. **Nomads and their neighbours in the Russian steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs**. Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003c.

GOLDEN, Peter B. Imperial Ideology and the Sources of Political Unity Amongst the Pre-Činggisid Nomads of Western Eurasia. In: GOLDEN, Peter B. **Nomads and Their Neighbours in the Russian Steppe: Turks, Khazars and Qipchaqs**. Aldershot, Hampshire ; Burlington, VT: Ashgate/Variorum, 2003d.

GOLDEN, Peter. The Conversion of the Khazars to Judaism. In: GOLDEN, Peter B.; BEN-SHAMMAI, Haggai; RÓNA-TAS, András; et al (Orgs.). **The world of the Khazars: new perspectives**. Leiden ; Boston: Brill, 2007a.

GOLDEN, Peter B. **Central Asia in world history**. New York: Oxford University Press, 2011.

GROUSSET, René. GROUSSET, René. **The Empire of the Steppes: A History of Central Asia**. Traduzido para o inglês por Naomi Walford. New Brunswick: Rutgers University Press, 1970.

HALPERIN, Charles J. **Russia and the Golden Horde: the Mongol impact on medieval Russian history**. Bloomington: Indiana University Press, 1987.

HALPERIN, Charles J. The Kipchak connection: the Ilkhans, the Mamluks and Ayn Jalut. **Bulletin of the School of Oriental and African Studies**, v. 63, n. 2, p. 229–245, 2000.

HANAK, Walter K. **The nature and the image of princely power in Kievan Rus', 980-1054: a study of sources**. Leiden ; Boston: Brill, 2014.

HARL, Kenneth W. **Empires of the steppes: the nomadic tribes who shaped civilization**. London Oxford New York New Delhi Sydney: Bloomsbury, 2023.

HODGSON, Marshall G. S. **The venture of Islam. 3: The gunpowder empires and modern times**. Paperb. ed., 14. pr. Chicago, Ill: Univ. of Chicago Press, 2015.

HONEYCHURCH, William. From Steppe Roads to Silk Roads: Inner Asian Nomads and Early Interregional Exchange. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015.

HUPCHICK, Dennis P.; COX, Harold E. **The Palgrave concise historical atlas of Eastern Europe**. New York: Palgrave, 2001.

HUPCHICK, Dennis P. **The Bulgarian-Byzantine wars for early medieval Balkan hegemony**. New York, NY: Springer Berlin Heidelberg, 2017.

IANIN, V. L. Medieval Novgorod. In: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006. p. 189-194.

JACKSON, Peter. From *Ulus* to Khanate. In: AMITAI, Reuven; MORGAN, David (Orgs.). **The Mongol empire and its legacy**. Leiden ; Boston: Brill, 1999.

JACKSON, Peter. **The Mongols and The West, 1221-1410**. Nova York: Routledge, 2014.

KAMIGASHIMA, Victor Gava. **Continuidade no Colapso: O Império Mongol e o Ilkhanato da Pérsia entre os Séculos XIII e XIV**. Orientador: Otávio Luiz Vieira Pinto. 2021. 119 pgs. TCC — História, Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, Curitiba; 2021.

KHAZANOV, Anatoly M. The Scythians and Their Neighbours. In: AMITAI, Reuven; BIRAN, Michal. (Org.). **Nomads as agents of cultural change: the Mongols and their Eurasian predecessors**. Honolulu: University of Hawai'i Press, 2015.

KHAZANOV, Anatoly M. **Nomads and the outside world**. 2nd ed. Madison: University of Wisconsin Press, 1994.

KOESTLER, Arthur. **The thirteenth tribe: the Khazar empire and its heritage**. 1st American ed. New York: Random House, 1976.

KREUTZ, Barbara M. **Before the Normans: Southern Italy in the ninth and tenth centuries**. 1. paperback printing. Philadelphia, Pa: Univ. of Pennsylvania Press, 1996.

LANE, George. **Daily life in the Mongol empire**. Westport, Conn: Greenwood Press, 2006

LEWIS, Martin W.; WIGEN, Kären. **The myth of continents: a critique of metageography**. Berkeley: University of California Press, 1997.

MAGOCSI, Paul R.; MATTHEWS, Geoffrey J. **Historical atlas of East Central Europe**. Seattle: University of Washington Press, 1998.

MARTINMNSSON. **Medieval trade networks**. 2018. Disponível em: <https://imgur.com/MsXaOdV>. Acesso em Julho de 2023.

MAY, Timothy Michael. **Culture and customs of Mongolia**. Westport, Conn Greenwood Press, 2009.

MAY, Timothy. **The Mongol Empire**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2018.

MCNEILL, William. The Steppe. In: **Encyclopaedia Britannica**. Disponível em: <https://www.britannica.com/place/the-Steppe>>. Acesso em setembro de 2023.

MELYUKOVA, Anna I. The Scythians and Sarmatians. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire]; New York: Cambridge University Press, 1990.

MELYUKOVA, Anna I. Scythians of Southeastern Europe. In: DAVIS-KIMBALL, Jeannine; BASHILOV, V. A.; ĪABLONSKIĪ, L. T. (Orgs.). **Nomads of the Eurasian steppes in the early Iron Age**. Berkeley, CA: Zinat Press, 1995.

MIRGALEYEV, Ilnur. Jochi — The First Ruler of the Ulus. In: MIRGALEEV, I M.; HAUTALA, Roman (Orgs.). **The Golden Horde in world history**. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017.

MÜHLE, Eduard. **Slavs in the Middle Ages between idea and reality**. Leiden ; Boston: Brill, 2023.

NOONAN, Thomas S. Some Observations on the Economy of the Khazar Khaganate. In: GOLDEN, Peter B.; BEN-SHAMMAI, Haggai; RÓNA-TAS, András; et al (Orgs.). **The world of the Khazars: new perspectives**. Leiden ; Boston: Brill, 2007.

NYAMAA, Badarch. **The Coins of Mongol Empire and Clan Tamgha of Khans (XIII-XIV)** Ulaanbaatar, 2005.

OSTROWSKI, Donald. The Return of the Rhos. **Canadian-American Slavic Studies**, v. 52, n. 2–3. p. 290–311, 2018.

PAROŃ, Aleksander; ANESSI, Thomas. **The Pechenegs: nomads in the political and cultural landscape of Medieval Europe**. Leiden ; Boston: Brill, 2021.

PETRENKO, Vladimir G. Scythian Culture in the North Caucasus. In: DAVIS-KIMBALL, Jeannine; BASHILOV, V. A.; ĪABLONSKIĪ, L. T. (Orgs.). **Nomads of the Eurasian steppes in the early Iron Age**. Berkeley, CA: Zinat Press, 1995.

PETRUKHIN, Vladimir J. Khazaria and Rus': An Examination of Their Historical Relations. In: GOLDEN, Peter B.; BEN-SHAMMAI, Haggai; RÓNA-TAS, András; et al (Orgs.). **The world of the Khazars: new perspectives**. Leiden ; Boston: Brill, 2007.

POCHEKAEV, Roman. The Law of The Golden Horde. Taxation. Court Etiquette and the Protocol. In: MIRGALEEV, Ilnur. M.; HAUTALA, Roman. (EDS.). **The Golden Horde in world history**. English translation ed. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017.

PRAWDIN, Michael. **The Mongol empire: its rise and legacy**. New Brunswick, N.J: Aldine Transaction, 2006.

PRITSAK, Omeljan. **The origin of Rus'**. Cambridge, Mass: Distributed by Harvard University Press for the Harvard Ukrainian Research Institute, 1981.

RATCHNEVSKY, Paul. **Genghis Khan: His Life and Legacy**. Traduzido e editado por Thomas Nivison Haining. Oxford: Blackwell, 1991.

RAFFENSPERGER, Christian; OSTROWSKI, Donald G. The ruling families of Rus clan, family and kingdom. London: Reaktion Books, 2023.

RÓNA-TAS, András. **Hungarians and Europe in the early Middle Ages: an introduction to early Hungarian history**. Budapest ; New York: Central European University Press, 1999.

SCOTT, James C. **Against the Grain: A Deep History of the Earliest States**. New Haven e Londres: Yale University Press, 2017.

SHEPARD, Jonathan. The Origins of Rus' (c. 900-1015) In: PERRIE, Maureen (Org.). **The Cambridge history of Russia**. Cambridge ; New York: Cambridge University Press, 2006.

SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York: Cambridge University Press, 1990a.

SINOR, Denis. The Establishment and Dissolution of the Türk Empire. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York: Cambridge University Press, 1990b.

SINOR, Denis. The Forest Peoples of Machuria: Kitan and Jurchens. In: SINOR, Denis (Org.). **The Cambridge history of early Inner Asia**. Cambridge [Cambridgeshire] ; New York: Cambridge University Press, 1990c.

SKAFF, Jonathan K. **Sui-Tang China and Its Turko-Mongols Neighbours: Culture, Power and Connections 580-800**. Nova York: Oxford University Press, 2012.

SVERDRUP, Carl Fredrik. **The Mongol conquests: the military operations of Genghis Khan and Sübe'etei**. Solihull, West Midlands, England: Helion & Company Limited, 2017.

THE TIMES Atlas of The World. Houghton Mifflin Company, Boston. 1958.

TIMOKHIN, Dmitry. TISHIN, Vladimir. Khwarezm, the Eastern Kipchaks and Volga Bulgaria in the Late 12–early 13th Centuries. In: MIRGALEEV, I M.; HAUTALA, Roman (Orgs.). **The Golden Horde in world history**. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017.

TURNBULL, Stephen R. **Genghis Khan & the Mongol conquests 1190 - 1400**. Oxford: Osprey, 2004.

WENDELKEN, Rebecca W. Horses and Gold: The Scythians of the Eurasian Steppes. In: BELL, Andrew (Org.). **The role of migration in the history of the Eurasian steppe: sedentary civilization vs. "Barbarian" and Nomad**. 1. publ. Basingstoke: Macmillan, 2000.

ZILIVINSKAYA, Emma; VASILYEV, Dmitry. Cities of the Golden Horde. In: MIRGALEEV, Ilnur. M.; HAUTALA, Roman. (EDS.). **The Golden Horde in world history**. English translation ed. Kazan: Sh. Marjani Institute of History of the Tatarstan Academy of Sciences, 2017.